

**FERNANDA MACHAIN SILVA TANNÚS**

**CORPO CRIANÇA QUE DANÇA,  
CORPOREIDADE QUE VIVE**

**UBERABA**

**2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FERNANDA MACHAIN SILVA TANNÚS**

**CORPO CRIANÇA QUE DANÇA,  
CORPOREIDADE QUE VIVE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, Área de concentração: Educação Física, Esporte e Saúde (Linha de Pesquisa 1: Teorias sobre corpo em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção de título de mestre.

**Orientador:** Dr. Wagner Wey Moreira

UBERABA

2018

T173c Tannús, Fernanda Machain Silva  
Corpo criança que dança, corporeidade que vive / Fernanda Machain  
Silva Tannús. -- 2018.  
247 f. : il., fig.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade Federal  
do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018

Orientador: Prof. Dr. Dr. Wagner Wey Moreira

1. Dança. 2. Dança para crianças. 3. Educação pelo movimento. 4. E-  
ducação física para crianças. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade  
Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 793.3



**FERNANDA MACHAIN SILVA TANNÚS**

**CORPO CRIANÇA QUE DANÇA,  
CORPOREIDADE QUE VIVE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, Área de concentração: Educação Física, Esporte e Saúde (Linha de Pesquisa 1: Teorias sobre corpo em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**Orientador:** Dr. Wagner Wey Moreira

Aprovada em 22 de fevereiro de 2018

Banca Examinadora

---

Dr. Wagner Wey Moreira – Orientador  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

---

Dr. João Luiz da Costa Barros  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

Dr. Luiz Antônio Silva Campos  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Dedico a todos aqueles que amam a dança e acreditam nas suas infinitas belezas, em especial aos amigos do coração que a dança me deu e a minha família que sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, força maior de toda a existencialidade. Por ele eu existo, a ele devo a minha vida. Acredito que tudo tem a sua hora e o seu motivo de existir, se hoje estou finalizando mais uma etapa da vida, a entrega de minha dissertação, é porque me foi permitido viver este momento. Obrigada por me acompanhar em cada passo e por me proporcionar todas essas vivências.

Ao meu amor maior, minha razão de existir, **Eliete Machain Silva Tannús** e **Anísio Vieira Tannús Filho**. Obrigada por vocês serem quem são, por terem me ensinado o valor à vida, por estarem sempre presentes acompanhando cada passo de alegria e dificuldade, por tudo que fizeram e ainda fazem por mim. Sem vocês nada disso seria possível. Às minhas irmãs, **Laila Machain Silva Tannús** e **Mariana Machain Novais Tannús**, por me ensinarem o significado do amor fraterno e do companheirismo, por me proporcionar os inúmeros momentos de alegrias e divertimento vividos nas brincadeiras de infância, e por me aturar nas horas difíceis. A vocês quatro todo o meu amor e gratidão!

Ao meu orientador **Wagner Wey Moreira**, pela inspiração diária, pelo exemplo de vida, pela paciência e pela oportunidade de poder compartilhar de seus ensinamentos que vão muito além do fazer ciência. Obrigada pelas suas orientações e “puxões de orelha”. Obrigada por ser tão sensível e humano, e por transmitir isso as pessoas que cruzam o seu caminho. A você todo o meu respeito e eterna admiração.

À minha grande **família de sangue**, pelo incentivo e as palavras de encorajamento, pela ajuda e constante interesse na pesquisa e por todos os meus projetos. Obrigada por torcerem sempre pelas minhas conquistas e por serem um porto seguro, no qual tenho a certeza que posso contar.

À minha **segunda “família”**, aos meus amigos do coração, os “*amores*” que a dança me deu. Só nós sabemos o significado que essa palavra “família” possui para nossa amizade, pois muito mais do que dançar, dividir o palco, dividimos a vida. Obrigada pelos inúmeros e maravilhosos momentos que passamos juntos, por toda a cumplicidade e parceira. Há um pouquinho de cada um nesta pesquisa.

Aos **professores e amigos de faculdade e de mestrado**, que auxiliaram constantemente no meu crescimento profissional e pessoal, dividindo suas vitórias e angústias. Em especial a **Mirelly** por compartilhar das mesmas afinidades e anseios em proporcionar a dança e a Educação Física, novos conhecimentos, e a **Giovana** que é um

presente dado pela UFTM no qual levo comigo para a vida. Obrigada por estarem presentes em momentos tão importantes da minha vida.

Aos **professores e colegas do grupo de estudo NUCORPO**, que me acolheram e auxiliaram sempre que possível. Obrigada pela amizade, por tornar a nossa quarta-feira tão especial. Obrigada pelas trocas de experiências, pelos ensinamentos e correções que muito contribuíram para a minha evolução profissional e da pesquisa.

Às **instituições de ensino** que permitiram a realização do estudo, que abriram as portas, me acolheram e se prontificaram a me auxiliar no que precisar. Aos **professores de dança** que aceitaram a observação de suas aulas, que se dispuseram a auxiliar e participar do que precisar. Obrigada pelo respeito à criança e pela busca de um ensino mais sensível e humano através da dança.

À **banca examinadora**, por aceitarem fazer parte de minha banca, por disponibilizar um tempo de seu dia a dia para trocar conhecimentos, por mostrarem na minha qualificação novos caminhos e sentidos para a finalização desta dissertação e pela responsabilidade e sensibilidade com que leram essas páginas.

À **CAPES** pela contribuição significativa para a realização desta pesquisa.

*“Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas não vai só, nem nos deixa só; leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo.” (Antoine De Saint Exupery).*

*“De tudo ficaram três coisas...  
A certeza de que estamos começando...  
A certeza de que é preciso continuar...  
A certeza de que podemos ser interrompidos  
antes de terminar...  
Fazemos da interrupção um caminho novo...  
Da queda, um passo de dança...  
Do medo, uma escada...  
Do sonho, uma ponte...  
Da procura, um encontro.”*

***Fernando Sabino***

## RESUMO

A dança é uma arte derivada da própria vida, um modo de existência, uma das mais antigas artes e conhecimento atrelado historicamente à Educação Física que permanece até os dias atuais se reinventando e atuando na educação, na terapia, no lazer, no rendimento e na arte. O corpo que dança é um corpo construído, trabalhado, elaborado, sentido, significado e expressivo, que vive e experimenta o movimento em um espaço e tempo únicos. Quando este corpo dança se relaciona com o seu próprio mundo e o ambiente ao seu redor criando conexões que mediante a utilização de movimentos e gestos, adequados a ritmos sentidos e ligados as suas experiências, constroem a sua corporeidade. A corporeidade possui um papel importante na educação através da dança, pois atribuí a ela o caráter de formação integral do corpo criança, permitindo que a criança viva corporalmente o movimento de forma crítica e sensível. O objetivo desta pesquisa foi de investigar se o corpo criança que dança vivencia a corporeidade e como ela se explicita nas diferentes instituições de ensino de dança formal e não-formal na cidade de Uberaba-MG. O presente estudo é de caráter descritivo com abordagem qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio da observação e a utilização de um diário de campo, as anotações foram analisadas através da análise qualitativa do fenômeno situado. A construção dos resultados originou-se dos três momentos da técnica de pesquisa, a descrição, a redução e a compreensão e foram organizados nas questões sobre: as interações aluno/professor - no qual ficou presente a relação de trocas entre alunos e professor, assim como também o aparecimento da cópia e da imitação por parte dos alunos; as relações entre o espaço, elementos da dança e o corpo criança - o espaço interferiu de forma presente nas manifestações das crianças, assim como também a vestimenta e a música; a expressividade nos gestos e movimentos dançados e brincados - o movimento apresentou um fator primordial manifestado pelas crianças para se comunicarem durante a dança ou não, a corporeidade e o corpo criança que dança - as crianças se transcendem durante as aulas de dança, são a corporeidade viva expressa nas suas individualidades, nas suas brincadeiras e no seu ato de dançar, nas histórias de vida, nas diferenças, dentre outros. Analisar as aulas de dança sob a ótica da criança permitiu olhar para o fenômeno sobre sua perspectiva, desnudando e compreendendo-o tal como a criança o concebe, por isso as manifestações foram tão ricas de sentidos e corresponderam com os pressupostos do corpo na dança. A corporeidade esteve presente, nos sorrisos, nas participações, nos questionamentos, nos movimentos dançados e nos gestos, não apresentando muitas diferenças entre as instituições de ensino, exceto para as relações aluno/professor e espaço físico. Amplas são as relações, discussões e possibilidades do corpo criança em contato com a dança. Ricas são as manifestações sobre o fenômeno que se transforma, recria e ressignifica a todo o momento.

**Palavras-chave:** Dança. Corpo Criança. Educação. Corporeidade.

## ABSTRACT

Dance is an art that comes from life itself, a way of existence, one of the oldest arts and knowledge historically linked to Physical Education that remains until the current days, reinventing and acting in education, therapy, leisure, performance and art. The dancing body is a built, worked, elaborated, meaningful and expressive body which lives and experiences the movement in a unique space and time. When this body dances, it relates to its own world and the environment around it, creating connections that through the use of movements and gestures, suitable to the rhythms felt and linked to their experiences, they build its corporeality. Corporeity has an important role in education through the dance, because it is attributed to it the character of the child's body integral formation, providing that the child feels the movement bodily in a critical and sensitive way. The objective of this research was to investigate whether the child's body that dances experiences the corporeality and how it is made explicit in the different formal and non-formal dance teaching institutions in the city of Uberaba-MG. The present study has a descriptive character with a qualitative approach. The data collection was made through the observation and the use of a field journal, and the notes were analyzed via qualitative analysis of the phenomena situated. The results construction was originated from the three moments of the research technique, the description, reduction and understanding, and they were organized in questions on: student/teacher interactions – in which the relation between students and teacher, as well as the students in imitation of the teacher; the relations between space, dance elements and the child's body – space has interfered in the children's manifestations, and it also established the characteristics of the classes and the students, as well as clothing and music; expressiveness in gestures and movements danced and played – a primordial factor was presented over the movement, manifested by the children in order to communicate during the dance or not; the corporeality and the child's body that dances – the children transcends themselves during the dance classes, they are the alive corporeity expressed in their individualities, games, act of dancing, stories of life, differences, among other things. Analyzing the dance classes from the child's perspective allowed looking at the phenomenon about its point of view, going deeper as the child conceives it, therefore the manifestations were so rich of meanings and they corresponded the premises of the body in the dance. The corporeity was present in the kids' smiles, participations, questionings, danced movements and gestures and it did not show many differences among the educational institutions, except towards student/teacher relations and physical space. The relations, discussions and possibilities of the child's body in contact with dance are wide. The manifestations about the phenomenon that transforms, recreates and resignifies in every moment are rich.

**Keywords:** Dance, Child's body, Education, Corporeity.

## LISTA DE QUADROS

### Quadro

1 Matriz Nomotética.....	137
--------------------------	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 DANÇA E CORPO.....</b>	<b>18</b>
2.1 A DANÇA COMO OBRA DA VIDA: NAS “ASAS” DO SER ONTOLÓGICO .....	18
2.2 DAS UTOPIAS DE UM CORPO QUE DANÇA.....	23
<b>2.2.1 Do movimento, do gesto e da expressão.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.2 Da carne do corpo à carne do mundo: o corpo estesiológico se fazendo dança .....</b>	<b>39</b>
<b>3 O CORPO CRIANÇA NA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA DANÇA .....</b>	<b>43</b>
3.1 O CORPO CRIANÇA QUE DANÇA: PRESENTIDADE VIVA.....	46
3.2 O ENSINO DA DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE: NO COMPASSO DAS INTERAÇÕES .....	51
3.3 A ARTE DO MOVIMENTO DE RUDOLF VON LABAN: DANÇA EDUCATIVA E/OU EDUCAÇÃO NA DANÇA.....	58
3.4 PARA QUE A DANÇA TENHA SENTIDOS E SIGNIFICADOS PARA O CORPO CRIANÇA, QUAIS ENTENDIMENTOS SÃO PRECISO CONCEBER? ISABEL MARQUES NO DESVELAR DAS INTERAÇÕES .....	65
<b>4 ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO .....</b>	<b>74</b>
4.1 O CORPO CRIANÇA QUE DANÇA SE DESVELA NOS PALCOS DA VIDA: COMPREENDENDO A PESQUISA .....	75
4.2 AS DESCRIÇÕES: O ENCONTRO COM O FENÔMENO.....	77
4.3 COLOCANDO O FENÔMENO EM EVIDÊNCIA: A REDUÇÃO .....	78
<b>4.3.1 Análises Ideográficas.....</b>	<b>78</b>
<b>4.3.2 Análise Nomotética.....</b>	<b>137</b>
4.4 CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.....	139
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>241</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que vai se aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que esse livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas, chama-se alegria. (LISPECTOR, 2009, p. 5)*

O processo de iniciar, de dar vida a algo, não se apresenta como uma tarefa simples. O corpo primeiro se inquieta, busca conhecimentos, escolhe caminhos, se espanta diante da possibilidade de começar, então surge um estímulo, uma energia que nos obriga a dar um primeiro passo, a enfrentar com coragem o desconhecido. Eis que a partir de um impulso, o corpo ganha força, ganha vida, se energiza, se sente à vontade para trilhar o caminho, para enfrentar as adversidades. O sentimento de coragem, satisfação, alegria, se apossa desse corpo. É assim que os processos de início se comportam em nossas vidas. Como seres moventes que somos, sentimos a necessidade de estar sempre em busca de algo, sempre começando algo, nos reinventando. A “roda da vida” gira. Esse movimento é essencial para a nossa existência.

É assim que me sinto neste momento. Como começar? Por onde começar? Olho para a tela do computador, penso nos discursos do meu projeto de pesquisa, relembro as estradas que percorri até aqui, então, surge em minha mente, em minha retina, um só nome que expressa praticamente todas as minhas conquistas profissionais e pessoais, artista principal deste estudo: a Dança.

Não há por outro caminho em que eu deveria iniciar este discurso, senão pelo momento em que a dança entrou em minha vida, em que ela me escolheu e eu deixei ser escolhida. Gosto de pensar que sou uma pessoa de sorte, pois as paixões que me movem quase sempre me encontraram perdida nas trilhas da vida, atribuindo-me um novo sentido de ser, moldando o meu corpo, o meu mundo. Com a dança foi assim, e com a Educação Física também.

Filha de pais de classe média baixa, moradora de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, não tive muitas oportunidades de ingressar no ensino da dança ou de outras manifestações artísticas, pelas quais sempre tive muito apreço. Seja por falta de condições financeiras ou de locais de ensino e de professores. A dança só existia nas academias de

musculação, não havia nenhuma escola especializada e esta não fazia parte da grade curricular ou extracurricular das escolas.

Entretanto, mesmo sem estar matriculada em alguma turma de dança, os movimentos expressivos, os gestos, a sensibilidade em me expressar de maneira artística fizeram parte de minha infância. A dança já era presente em meu corpo e eu nem me dava conta. Ela se manifestava nas brincadeiras de criança, nas quais me caracterizava, encarnava personagens, realizava shows, entrevistava as pessoas, nelas eu podia ser o que quisesse, inclusive ser bailarina. O movimento sempre esteve latente em meu corpo, expressava-me por ele, em relação ao meu ambiente, aos outros e/ou comigo mesma. Não era preciso estar com alguém para que a magia acontecesse.

A dança de Garaudy, como representação da vida, já se manifestava em meu mundo. Porém, só comecei meus estudos na dança, mais especificamente no *ballet* clássico, quando era adolescente. Por convite de uma amiga, fui assistir uma aula dela em um centro educacional da prefeitura da minha cidade. Foi “paixão à primeira vista”, não pude deixar de retornar outras vezes para experimentar e vivenciar aquilo que se desenrolava tão magicamente em minha frente. Como disse anteriormente, a dança me escolheu, e não houve época nem maneira melhor de ela me encontrar, senão aquela. Hoje sei disso.

A partir de então, a dança, o fazer dança não saiu mais da minha vida. Por ela conheci lugares, aprendi a ser menos tímida, me conheci, me reinventei, fui inúmeras versões de mim mesma. Tive experiências com a docência, com a direção de espetáculos, experiências que suscitaram a afinidade e a paixão que atualmente tenho por ensinar crianças a dançar. Sempre dei aula para crianças, desde que aprendi e senti autonomia para isso. Fui uma aluna melhor, mais consciente, concentrada, sensível. Por causa da dança, saí da minha cidade, morei em outros locais, tive diversas experiências, aprendi, amadureci, decidi cursar um Ensino Superior, construí uma versão melhor de mim mesma.

Como nada na vida é por acaso, encontros foram proporcionados por intermédio da dança, o mais importante deles foi com a Educação Física. Este é o segundo momento em que fui salva, escolhida. A Educação Física apareceu em uma época da minha vida em que o fazer dançar já não era mais suficiente, era preciso mais, tinha que me reinventar para poder crescer, ser alguém profissionalmente sem ter que abandonar a dança.

Foi quando comecei a dar ouvidos aos que estavam próximos a mim. Cursar Educação Física nunca foi minha primeira opção, mas acabou sendo a melhor decisão. Fazer um curso superior em Educação Física me abriu os horizontes para tudo que poderia ser feito além da dança. Vivia tanto em função desta que não me permitia viver outras experiências com o meu

corpo; moldei-o de tal maneira que experienciar as práticas esportivas não foi tarefa fácil para mim.

Mas obstáculos são importantes para crescermos e evoluirmos. Assim, ao longo dos quatro anos de graduação eu venci, perdi, caí, me levantei, lutei pelos meus ideais. Permiti-me experimentar os diversos elementos que a universidade possibilitava. Passei pelas práticas profissionais da extensão, dos estágios, participei dos incentivos à docência, sendo monitora e fazendo duas iniciações científicas. A Educação Física me mudou em termos críticos de reflexão do conhecimento da sociedade, do uso do corpo nas ações contemporâneas dentro e fora da área, como também das belezas das práticas esportivas e das inúmeras possibilidades que estas possuem na construção de nosso ser social e pessoal.

A dança durante esse período não esteve presente nos meus afazeres dentro da universidade, com exceção do curso de extensão em dança, do qual fui monitora. Ela não foi o motivo e nem o combustível para as minhas ações. Fato curioso, pois nem mesmo eu sei o porquê de ter sido assim, talvez pela minha disciplina em dança ter sido tão incipiente em termos de conteúdo e práticas extras dentro do curso. Acredito que por não ter encontrado um campo cultivado para a dança na universidade, contentei-me em vivê-la fora dela, nas academias de dança e nas escolas, como professora e bailarina. Isso não foi ruim, pois me permitiu cumprir meu desejo, minha avidez por consumir e conhecer coisas diferentes.

E foi nessas vivências que a ideia de fazer mestrado, presente desde o início da graduação, ganhou força e se materializou. As disciplinas que abordavam a corporeidade, a beleza do corpo sensível e a participação no grupo de estudos NUCORPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento) suscitaram o meu desejo por trazer para a dança as discussões e questionamentos sobre o corpo, especificamente o corpo que dança.

Com base nas leituras e nos estudos sobre o corpo e sobre a área Dança, percebi que a minha prática na dança não possuía fundamentação teórica nem referências que respondessem os “por quê?” e os “como?” as manifestações aconteciam. Durante todo o meu dançar eu respondi aos estímulos a mim impostos, reproduzi movimentos que muitas vezes não significavam nada para mim. Não me questioneei sobre como a dança surgiu, como ela se manifestava em meu corpo: apenas preoquepei-me com a técnica, com a repetição a fim de se chegar à perfeição, que muitas vezes me machucava física e emocionalmente. Especializei-me cedo demais, não permiti meu corpo viver, experimentar todas as nuances de movimentos, gestos e expressões que a ele eram possíveis. Moldei-o em uma modalidade de dança durante

muito tempo. Após anos de prática é que comecei a desconstruí-lo e recriá-lo com outras formas de movimentos e estilos de dança.

Vivi em constante dualidade: por um lado sentia toda a latência que a dança possuía dentro do meu corpo, como uma extensão de mim mesma, o que fazia sentido de ser e estar no mundo. Mas, por outro lado, o medo era constante, medo de não conseguir me enquadrar dentro dos padrões impostos, medo de deixar me levar pela dança, de expressar o meu ritmo e a minha essência.

Apesar desse despertar de consciência, acredito que o processo não foi de todo ruim, pois durante essas práticas levei meu corpo a lugares inéditos e cheios de significado, a espaços onde poderia me movimentar livremente, transcender, onde existiam intencionalidades e regras, mas sem julgamentos, quando os sentidos poderiam e deveriam ganhar forma e vida.

Devido a essa iniciação eu conheci, saboreei, criei, construí a minha identidade, o meu corpo, a minha vida. É por ela também que chego a este momento presente, a minha dissertação de mestrado. Na busca de sanar as deficiências apresentadas na minha teoria em dança e relacioná-las a toda experiência e práticas vividas, compreendendo como uma se desenvolve na outra, é que eu pretendo seguir.

A partir deste despertar, lacunas foram expostas e são nessas que a pesquisa se fundamenta, ganha sentido e propósito. A primeira delas se baseia na individualidade do ser humano. Cada corpo é concebido, se expressa, se manifesta, se relaciona de maneiras diferentes; os sentidos e as ações serão distintos de corpo para corpo em qualquer parte de nossa existência. A dança é gesto, é movimento, é consciência corpórea, reside na existencialidade. Cada pessoa terá o seu código de sentidos e significados quando em contato com o movimento dançante. Assim a dança se manifesta em diversas intensidades, sendo um ato prazeroso para uns e dispendioso para outros. Então, como a dança se manifesta nos corpos dançantes?

A segunda lacuna busca entender os possíveis porquês dessas manifestações. Diversos são os fatores que compõem o fenômeno e a maneira como a dança é ensinada, experienciada e vivida. Assim, com suporte da fenomenologia, busco fazer apontamentos sobre o contexto deste fenômeno situado no corpo dançante, especificamente no corpo criança, abordando a corporeidade, o movimento e a expressividade.

Sustento-me em uma análise com abordagem fenomenológica para compreender e preencher as lacunas existentes e por acreditar que as experiências vividas na existencialidade do corpo criança que dança são meios fundamentais de entender o fenômeno estudado. A

fenomenologia abarca essas experiências e as interpreta com base em suas construções teóricas.

Concentro-me na criança por considerar toda a importância que ela possui no desenvolvimento da dança e do próprio mundo em que vivemos. Na dança é a criança que sustenta a esperança de um maior reconhecimento dentro das representações artísticas, de um ensino de maior qualidade, de um sentir e viver plenos por meio do ato de dançar.

Se a criança aprende pelo corpo, buscando vivenciar os sentidos amplos e complexos que o próprio ato propicia, ao invés de só executar sequências de movimentos de uma coreografia, certamente será um adulto mais consciente, sensível e crítico de seu eu e de suas relações com o mundo.

A educação através da dança possui um papel importante na construção e desenvolvimento desse corpo criança que dança e do ser humano pleno, consciente de si, de seu corpo, dos seus movimentos e gestos, da sua existência enquanto ser ativo dentro de uma comunidade, a qual precisa de relações saudáveis, afetuosas e sensíveis para a construção de um mundo humanizado.

O ensino da dança, seja, nas escolas de ensino formal ou nas academias especializadas, nos clubes, nas ONGs e nos projetos sociais, pode exercer um papel importante na ampliação das possibilidades e formas de compreensão do corpo em relação com o seu imaginário, com o das outras pessoas e com o mundo em que vivemos.

Levando em conta as relações existentes nos diferentes processos de ensino, como a criança explicita sua corporeidade durante o ato de dançar nas diferentes instituições de ensino?

Em busca de respostas, esta dissertação tem por objetivo investigar se o corpo criança que dança vivencia a corporeidade e como ela se explicita nas diferentes instituições de ensino de dança formal e não-formal na cidade de Uberaba-MG. Como estratégias de percurso busco: compreender as relações entre as concepções de corpo criança, educação e dança; refletir sobre a abordagem da corporeidade e suas implicações no ato da criança dançar; identificar os possíveis sentidos de corpo na dança apresentados pelas crianças e relacioná-los à corporeidade; apontar as possíveis contribuições dos conhecimentos expostos para a ação de professores de dança nas escolas e nas academias.

Organizando os referenciais teóricos e metodológicos propostos, divido este estudo em três seções: “Dança e Corpo”, “O corpo criança na educação através da dança” e “Análise qualitativa do fenômeno situado”.

A primeira seção “Dança e Corpo” discute o corpo que dança em todas as suas manifestações, explicitando e exemplificando o movimento, os gestos, as expressões e a estesia desse corpo, sob a ótica da corporeidade e da fenomenologia, aproximando as concepções do filósofo Merleau-Ponty à fala dos estudiosos da área. A segunda seção, “O corpo criança na educação através da dança”, aborda o corpo que dança nos processos educacionais, apresentando o ensino da dança nas suas diversas formas e possibilidades, tomando como ator principal o corpo criança que dança e as suas infinitas relações. A terceira seção, “Análise qualitativa do fenômeno situado”, compreende os procedimentos da pesquisa de campo, como a escolha do local e dos participantes da pesquisa, os métodos e análises escolhidos, descrevendo e explicitando cada parte do processo.

Há muito de mim em todos os cantos desta pesquisa. Por esse motivo, ela diz respeito a uma realidade que foi analisada, estudada e concebida a partir de minhas observações sobre o fenômeno. Portanto, quem as ler, considere que é um pedaço meu que foi deixado para instigar novas pesquisas sobre o assunto, para informar, para emocionar, desagradar, para fortalecer a área que é tão carente de estudos sobre dança e sobre o corpo.

## 2 DANÇA E CORPO

### *Dança e a alma*

*A dança? Não é movimento, súbito gesto musical.  
É concentração, num momento, da humana graça  
natural.*

*No solo não, no éter pairamos, nele amaríamos ficar.  
A dança – não vento nos ramos: seiva, força, perene  
estar. Um estar entre céu e chão, novo domínio  
conquistado, onde busque nossa paixão libertar-se  
por todo lado...*

*Onde a alma possa descrever suas mais divinas  
parábolas sem fugir à forma do ser, por sobre o  
mistério das fábulas.*

*Carlos Drummond Andrade (Itariba, 31/10/1902 –  
Rio de Janeiro, 17/8/1987)*

Falar sobre dança implica falar sobre corpo. É o corpo que dá vida a dança, é por ele que ela se manifesta, se constrói, pois, a dança toma o corpo como ator principal, instrumento responsável por criar conexões com o ambiente e o íntimo de cada um. O corpo que dança é um corpo construído, trabalhado, elaborado, sentido, significado e expressivo.

Nesta seção, vou discutir a dança e desnudar esse corpo dançante à luz da corporeidade, apresentando as relações construídas por ele nas ações características da dança, como o movimento, o gesto e a expressividade.

### 2.1 A DANÇA COMO OBRA DA VIDA: NAS “ASAS” DO SER ONTOLÓGICO

A dança é uma das mais antigas artes e também um conhecimento atrelado historicamente à Educação Física que permanece até os dias atuais se reinventando e atuando em diversos campos, como a arte, a educação, a terapia, o lazer, o rendimento. Desde os mais remotos tempos o homem exprime e representa seus sentimentos mais íntimos através de expressões corporais ritmadas caracterizadas por meio da dança (NANNI, 2003).

Até mesmo antes de falar o homem já dançava. A dança foi uma prática corporal que nasceu junto a ele, para auxiliá-lo a firmar-se como membro de sua comunidade. Foi provavelmente, sua primeira manifestação social.

Em todas as línguas europeias a palavra dança (*danza, dance, tanz*) deriva da raiz *tan*, que significa, em sânscrito, “tensão”. “Dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses” (GARAUDY, 1980, p. 14).

A dança é um modo de existência, é uma arte derivada da própria vida, originada da ação do corpo humano transposta em um mundo, em uma espécie distinta de espaço-tempo, que não é o mesmo da vida prática. Ela se opõe aos traços da nossa ação no mundo prático, no qual a necessidade e os impulsos de satisfazê-la são motivos de transformações e progressos.

Não há registros datados de quando a dança se originou, justamente por ela estar vinculada à própria história do homem. Dançava-se em culto aos deuses, para a caça, como forma de pedidos e agradecimentos, comunicação, festividades, entre outros motivos. Segundo Garaudy (1980, p. 13) a dança foi para os povos, em todos os tempos, “[...] a expressão através de movimentos do corpo organizados em sequências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica”. Já Nanni (2003, p. 99) nos lembra que “O primitivo, quando dança, trabalha seu corpo, brinca, fala, reza”.

A natureza materializa a dança no amor, no enriquecimento da vida, quando se experimenta o fascínio pelo mar, pelo fogo, pelas nuvens, na dança nupcial das libélulas e de outros insetos. O deus Shiva construiu o mundo dançando, exprimindo as cinco atividades divinas (a criação contínua do mundo, a manutenção do universo, a destruição para o nascimento de novas realizações, a reencarnação e a salvação) (GARAUDY, 1980). A deusa da dança e da música Hat Hor e Ápis o “touro sagrado” do antigo Egito, eram adorados com movimentos e danças sacras. Na Bíblia, a corte do Rei Salomão e a dança das tochas nas festas dos tabernáculos também são exemplos da dança presente na construção da história da humanidade (DINIZ, 2008).

Além do jogo, da celebração, da participação e do espetáculo, a dança estabelece relação entre o homem e a natureza, fazendo-se presente na magia, na religião, no trabalho, na festa, no amor e na morte, sendo parte ativa do movimento cósmico. “A dança opera essa metamorfose: transformando os ritmos da natureza e os ritmos biológicos em ritmos voluntários, ela humaniza a natureza e dá poder para dominá-la” (GARAUDY, 1980, p. 19).

À parte dessa relação com a natureza, ela é também realização com a comunidade viva dos homens, local onde estes se comunicaram, transcenderam e se afirmaram como membros, por meio do canto, da dança e do trabalho. O debulhar dos trigos, a pisa da uva, os ritmos elementares dos gestos do trabalho (iambo, troqueu, dáctilo, entre outros), o içar das velas dos marinheiros, as danças de guerra, a arte africana, são exemplos da relação da vida do homem em comunidade com a dança e suas significações (GARAUDY, 1980).

“A dança torna o deus presente e o homem potente”. “A Dança exprime a coesão e o poder transcendente da comunidade. Por isso revela a grandeza ou declínio de uma civilização” (GARAUDY, 1980, p. 20). Ela é ao mesmo tempo, conhecimento, arte e religião.

A dança construiu sua própria história, tomando diferentes caminhos e adquirindo novas formas, passos, movimentos, ritmos e sentidos estéticos, de acordo com as necessidades de cada época (NANNI, 2003).

Na Antiguidade, foi agente ativo na vida do ser humano, estando presente em movimentos de caça para a sobrevivência e de rituais sagrados presentes nas danças e nos movimentos convulsivos, como os pedidos aos deuses para algo maior, como a vitória nas guerras, ou a comemoração pela chuva, por exemplo. Quando o homem vence o estado primitivo, selvagem, constrói outro padrão de vida, participando da construção, manutenção e características da vida em comunidade, possuindo papel importante na ascensão e declínio de diversas sociedades. A dança e os movimentos ritmados são marcados por pancadas e gritos, e se fazem em sua maioria nas organizações de trabalho, para a sobrevivência comum, como a caça, a trituração de raízes, a construção de moradias (DINIZ, 2008).

Para Bourcier (2001), a dança na Grécia era de essência religiosa e representava um dom dos imortais, um meio de comunicar com os deuses e honrá-los nas celebrações. Era considerada divina porque proporcionava alegria, palavra derivada de um jogo etimológico que os gregos adoravam: *choros* derivaria de *chora*, que significa alegria. A dança esteve presente também nas representações e movimentos harmônicos dos discursos, dos gestos e da mímica antiga. O grande filósofo grego Sócrates considerou a dança como uma atividade importante, assim como a ginástica, na formação do cidadão completo, pois ela é capaz de dar ao corpo proporções corretas, uma boa saúde e uma excelente capacidade de reflexão estética e filosófica.

A dança em Roma não foi uma expressão artística significativa na vida em sociedade, uma vez que o modo de viver dos romanos pautado na concepção racionalista e intelectualizada produzia certa dificuldade em se trabalhar com a imaginação e o êxtase. Assim, a dança dificilmente se vinculou ao teatro e à religião, sendo até mesmo desprezada e considerada antítese do espírito conquistador dos cidadãos. Esse quadro começou a ser revertido quando a cultura grega penetrou aos poucos a vida em Roma. As danças etruscas e gregas passam a ser conhecidas e praticadas em celebrações aos deuses da guerra (Marte) e em comemoração às colheitas. A dança passou a ser importante na vida pública e moda entre as famílias romanas e sobreviveu de maneira mais representativa na pantomima, nas danças bacanais (em comemoração ao deus Baco), nas danças lupéricas (comemoração ao fauno Luperco) e nas danças saturnálias (representa as danças agrícolas) (CAMINADA, 1999).

Com o aumento da pressão e influência da igreja nos assuntos políticos e sociais, aos poucos a pantomima entra em decadência e a dança perde sua força e representatividade. A

partir de 313 d.c., começou a ser proibida a dança nas dioceses, sendo esta abominada por Agostinho por representar uma ligação com o diabo, onde os bailarinos ao dançarem, realizarem movimentos de saltos, se encontravam mais próximos do inferno. Durante todo período da Idade Média, que se estendeu entre os séculos V e XV, a dança enfrentou pressões e restrições, porém não deixou de existir por completo, sendo representada nos países europeus, em especial na cultura nórdica, nas cerimônias fúnebres e de fertilidade, nas festas circenses, nos espetáculos pagãos e nas danças profanas (CAMINADA, 1999).

Somente no Renascimento a dança volta a ser liberada e a florescer em detrimento de uma nova visão em relação ao dualismo cristão e aos valores mundanos da vida e do corpo. Na era renascentista as artes, que até então estavam sob o domínio da igreja, passam a ser símbolo de riqueza e poder apresentado pelos grandes impérios. Um exemplo disso é o nascimento do *ballet* na Itália do século XV, presente nas danças de corte e de divertimento dos aristocratas (DINIZ, 2008).

Assim a dança se fez e faz presente na cultura corporal humana até os dias atuais, reinventando-se sempre em consonância com a sociedade e a época em que existe, possuindo significados e finalidades únicas.

A dança sobrevive nos corpos de qualquer pessoa, classe social e idade e é nessa intenção que não se pode prender a dança a significados e áreas preestabelecidas, já que a dança pode ser encontrada em qualquer lugar, até mesmo como forma normal de movimentos do nosso próprio corpo, que dão gestos, ritmos e expressões, tanto para os quem têm o dom da dança ou não, obedecendo à intensidade de sua manifestação. (SOUZA, 2012, p. 47)

Pensar a dança não deve ser algo banal, mas sim levar em conta toda a complexidade de seu campo cultural, dessa cultura produzida por corpos que contribuíram para a formação das inúmeras possibilidades de dança que conhecemos hoje (a dança que se apresentou/apresenta nas reflexões estéticas, técnicas, educacionais, terapêuticas etc.) e da cultura que influencia o viver do corpo, que possui comunicação e envolve valores.

Ao abordar a dança através do olhar fenomenológico, Marques (2012, p. 46) afirma que ela deve ser tratada como um fenômeno artístico cultural pautada na experiência corporal vivida. É “[...] necessário considerar que dançar é a arte do corpo próprio em movimento e, antes de situá-lo dentro dos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, entre outros, deve-se considerar que ela é, indiscutivelmente, experiência corporal no mundo”.

Os movimentos dançados do qual a dança se apropria são muito mais que uma simples execução de repertórios: eles transcendem, contam histórias, se comunicam, ultrapassam o

tempo, preenchem o espaço e se enchem de significado. Compreender esses movimentos e respeitar as suas relações com o corpo implica dominar o código cultural em que se inserem, sendo por isso inviável conceituar a dança, enquadrá-la em apenas palavras e gestos (SIQUEIRA, 2006).

Esse corpo que se põe a experimentar o movimento em um espaço e tempo únicos, que traduz sentimentos, anseios e expectativas originadas nas experiências humanas, é o corpo dançante, que para Dantas (1999) compreende:

[...] um deslocamento, uma transformação e identifica-se com impulso corporal, com a capacidade de projeção do corpo no tempo e no espaço. Um corpo ao dançar, entrega-se ao ímpeto do movimento, deixando-se deslocar e transformar. Ele atravessa o espaço, joga com o tempo, brinca com as forças e leis físicas, diverte-se com seu peso, provoca dinâmicas inusitadas. Mas para que haja o movimento é preciso também haver o não movimento, a quietude, o silêncio do corpo dançante. (DANTAS, 1999, p. 28)

Viver o movimento é fundamental para quem dança, seja na mobilidade ou na quietude, com deslocamento ou não. Quando a bailarina o vive, se torna capaz de sentir com maior intensidade o seu corpo e as pulsões originárias da vida, tudo se completa. “[...] dança é movimento porque é corpo. E mesmo que este corpo não seja um ser em deslocação por diferentes lugares, ele está inevitavelmente em movimento, pois o movimento é condição da sua existência” (TÉRCIO, 2006, p. 3).

Estabelecer relações entre o corpo e a dança é de suma importância para entendermos em sua magnitude o fenômeno cultural. Sendo assim, o corpo que dança é espaço, território e transcende o sujeito, aproximando-o das fatalidades do ambiente. Esta aproximação entrelaçada com as vivências e experiências desse corpo promovem o produto cultural utilizado no ato de dançar, promovendo com o passar dos tempos um arranjo de conhecimentos, em sua maioria amparados pela capacidade motriz humana.

Durante a dança o corpo entra em contato com um infinito número de informações que lhe fazem refletir sobre ele mesmo e o ambiente que o rodeia. Independentemente da idade, crianças, adultos e idosos, mediante a utilização de movimentos e gestos, adequados a ritmos sentidos pelas experiências do corpo, constroem a sua corporeidade.

A corporeidade incide em vida, “[...] em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo” (MOREIRA; NÓBREGA, 2008, p. 357).

Sou um corpo, um corpo que habita o espaço e o tempo e que realiza a existência através do movimento. Nessa relação com o mundo, conheço: apreendo o mundo, percebendo os sentidos e atribuindo significados. Todo conhecimento objetivo repousa nesse mundo pré-objetivo, de natureza sensível que precisa ser despertado, pois é ele o lugar onde se encontra a originalidade do sujeito e o ponto de referência as suas ações. (NÓBREGA, 2004, p. 72)

É nessa constante relação entre corpo, mundo, consciência, movimento, que a dança acontece. A beleza reside em quando os unimos em uma só totalidade. Danço com o corpo em movimento, que sente e é sentido, presença e consciência corpórea existentes em gestos expressivos, falados, falantes, dançados, carregados de experiências, significados e intencionalidades. Danço a vida, sou dança.

Até o momento, o discurso se pautou nas origens da dança e suas formas de expressão. Vi que esta é originada em uma experiência de vida, sendo materializada por meio dos gestos e movimentos carregados de intencionalidades e significados, de acordo com o tempo e o local em que o corpo dançante está inserido.

Entendo que o corpo é o instrumento único da existência no mundo e que na dança isso não é diferente. Relaciono-me com o mundo, com os objetos, com outros corpos e comigo mesmo. Estas relações me constroem enquanto ser humano, ser dançante, pois todo humano é dotado de ritmo, de sentido, capaz de expressar por meio dos gestos, dos movimentos, seus anseios e desejos.

Se toda dança é experiência de vida, se é movimento, é gesto, qualquer movimento executado com uma intencionalidade, que possui um significado, é considerado uma dança? O corpo que dança percebe os sentidos e constrói significados de forma diferente de quem não dança?

## 2.2 DAS UTOPIAS DE UM CORPO QUE DANÇA

Para responder aos questionamentos anteriores, busco, nesta parte do texto, tecer uma discussão a respeito do corpo vivo. Desfaço as amarras que a ele foram e são impostas, os dualismos, as fragmentações, os controles, a virtualização do corpo, apresentando uma existência pautada nas suas relações, vivida pela sua sensibilidade e beleza.

Utilizo a dança como um meio que permite o corpo viver a corporeidade, transformando até os mais embrutecidos em seres carregados de estesia. O corpo aqui em discussão não é apenas mais um corpo na multidão, mas sim o corpo que dança. Aquele corpo transcendental, que parece ter asas, que brinca com o tempo e o espaço, que exprime sua

existência das mais variadas formas e maneiras, corpo cultural, histórico, que traz o movimento dançante como forma de expressão, de dizer o não dito.

Esse corpo existe? Não será uma utopia considerar toda essa beleza? Sim, ele existe e se encontra dentro de cada ser humano, sendo manifestado em diversas intensidades. Paul Valery apud Feitosa (2011) não teve dúvida dessa existência quando viu pela primeira vez uma bailarina dançar. O filósofo afirmou:

Parece-lhe que a pessoa que dança se fecha, de alguma maneira, em uma duração que ela mesmo engendra, uma duração toda feita de energia imediata, feita de nada que possa efetivamente durar. Ela é o instável, ela propicia o instável, exige o impossível, abusa do improvável, e, por força de seu esforço para negar o estado normal das coisas, ela cria a ideia na mente de um outro estado, uma condição excepcional – um estado que é apenas ação, uma permanência que se constituiria e se consolidaria através de uma produção incessante de atividade, comparável a pose vibrante de uma abelha ou borboleta na frente do cálice de flores que ela explora, e que permanece, no comando da potência motriz, quase imóvel, apoiada pela batida incrivelmente rápida de suas asas. (FEITOSA, 2011, p. 08)

Ficou fascinado pelo corpo da bailarina que se locomovia em um espaço-tempo únicos, ignorando todo o resto, sem nada saber a respeito de tudo que a rodeava, de tão profunda a sua entrega para a dança. Quando o corpo se põe a dançar ele se transporta, ele se encontra em um outro espaço, “[...] não mais aquele que se pinta diante de nossos olhares, mas aquele que ela tece através de seus passos e constrói por seus gestos” (FEITOSA, 2011, p. 10).

A dança tem essa capacidade de transpor barreiras, de transportar o ser para as mais altas paragens, nas quais as relações corpo e mundo, corpo e sujeito, corpo e interior, se fazem presentes nas suas mais belas formas, se sentidas e significadas. Se a dança é capaz de relacionar o corpo na sua unidade, se é experiência de vida, a própria vida, todos podem dançar, podem sentir essa liberdade de transcender, de conhecer e de se transportar para os mais infinitos lugares e tempos.

Os movimentos que envolvem essas possibilidades de relações possuem características que lhes denominam *movimento dançado* e não simplesmente *deslocamentos funcionais*. O ser humano é dotado de um ritmo interno que o induz a se comunicar e se relacionar pelo movimento. Embora a dança possa transformar movimentos do cotidiano em dança, em fazer artístico, nem sempre esses movimentos automáticos de nosso dia a dia podem ser considerados dança.

Em busca de discutir as singularidades dos movimentos na dança, vou adentrar os meandros dessas sutilezas e compreendê-los à luz da fenomenologia. Trago como suporte teórico a filosofia de Merleau-Ponty sobre os olhares de diversos autores, como Terezinha Petrúcia da Nóbrega, Sílvio Gallo, Wagner Wey Moreira, Elenor Kunz e outros. Já buscando relação direta com a dança, aproprio-me de Mônica Dantas, Rudolf Von Laban, Roger Garaudy, Dionísia Nanni, Márcia Strazzacappa entre outros.

Primeiramente, compreender as noções de corporeidade é de fundamental importância, pois esta é o pano de fundo de toda a discussão do presente estudo. Nóbrega (2010a, p. 18) atesta que nos dicionários da língua portuguesa o termo aparece como sinônimo de corporalidade e “[...] designa tudo que é relativo ao corpóreo”. Percebe-se que a corporeidade como sinônimo de corporalidade possui um forte caráter de oposição entre corpo e alma, uma vez que o corpóreo só se refere à existência física, material, palpável, sendo antônimo de espiritual, já que este designa o incorpóreo, místico, relacionado ao princípio animador vital dos organismos.

Esses dualismos impregnaram e ainda impregnam os processos da ciência, principalmente das ciências biológicas. As fragmentações entre corpo e mente, empírico e científico, subjetivo e objetivo, sujeito e sociedade, perfizeram a ciência por um longo período da história, promovendo ao corpo as capacidades da instrumentalização, casa das imperfeições, das paixões, de tudo o que não tem importância à luz da razão e do desenvolvimento do intelecto (GALLO, 2006).

Esse pensamento, que impulsionou o conhecimento e foi, até aproximadamente o século XIX / início do século XX, a única forma de conceber a ciência, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento e crescimento do conhecimento técnico-científico que concebemos hoje, desempenhando importante papel nos estudos das ciências médicas e das ciências naturais (Física, Química e Matemática). Se por um lado o dualismo impulsionou o desenvolvimento, por outro espalhou o cárcere, a reprodução e o controle do corpo, afastando o ser humano da sua totalidade, da sua humanidade (CAPRA, 2012).

Apesar de as ciências sociais irem pelo caminho contrário, concebendo ao corpo a sua totalidade, pregando uma ciência que não se afasta do humano e do entorno que o rodeia, que considera a relação do corpo com seu ambiente, atualmente muito ainda se vê dos dualismos presentes na educação, nas concepções de corpo e vida, nas relações afetivas e sociais. A racionalização produzida por esta forma de olhar o corpo na ótica cartesiana se torna um problema, até mesmo para os estudos antropológicos e fenomenológicos.

Nosso conhecimento sobre o corpo tem sofrido, ao longo do tempo, de um grave problema, que é o da racionalização, pois as doutrinas sobre o fenômeno corpo têm obedecido ao modelo mecanicista e determinista. Transformamos aquela que deveria ser a melhor proteção contra o erro ou a ilusão, a racionalidade, em racionalização, pois enquanto aquela é aberta e dialoga com o real, esta é fechada e ignora os seres, a subjetividade, a afetividade. (MOREIRA, 2008, p. 91 e 92)

Em busca de reverter o caminho que a ciência vem dando ao corpo, de preencher as lacunas criadas e de responder aos questionamentos daqueles que vão ao encontro da maneira sensível de conceber o corpo sujeito, afastando-o de qualquer tipo de dualismo, é que o pensamento complexo e a corporeidade aparecem. Essa nova forma de compreender a relação do sujeito/conhecimento científico se torna indispensável no desenvolvimento da humanidade, principalmente no século XXI. A concepção fenomenológica do corpo aparece para superar a visão cartesiana do corpo-máquina e do conhecimento da realidade sob a ótica da lógica racionalista.

Os estudos fenomenológicos trazem ao conhecimento científico a consideração de existência do ser humano, não discriminando as relações que o corpo estabelece consigo próprio, com o outro e com o mundo. A corporeidade que incide em vida se tornou assunto de diversos estudos, incentivando (tentando formular) o que Nóbrega (2010a) denominou “uma possível teoria da corporeidade”. Essa teoria, quando totalmente formulada, viabilizará à luz dos seus componentes e ensinamentos, o entendimento da essência da natureza dos corpos, bem como o termo *corporeitatis* que designa a capacidade do corpo de ser orgânico. Seus ensinamentos permitirão a presença de uma dimensão ontológica do homem como ser no mundo, uma forma de existir, pois a corporeidade não pode ser codificada, enquadrada em conceitos: ela é a própria forma de ser/estar no mundo. É a “Corporeidade vivida, em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo” (MOREIRA et al., 2006, p. 139). Uma possível teoria da corporeidade deve:

[...] estar atenta para a multiplicidade de sentidos dos saberes do corpo, buscando não reduzir o fenômeno a categorias simplificadoras, mas permitir diferentes olhares, diferentes aproximações e abordagens, primando pelo diálogo, pela comunicação entre os elementos que configuram esse universo multifacetado. (NÓBREGA, 2010a, p. 36)

O universo da corporeidade é incerto e poético, é paradoxal e polimorfo, “Um universo de imagens, cores, formas, sons, movimento, comunicações e expressão que

embaralha o pensamento e as ideias que querem racionalizar, ordenar logicamente em esquemas simplificadores” (NÓBREGA, 2010a, p. 42 e 43). A corporeidade não se simplifica, não se desfaz em um único conceito, ela é o próprio espelho da vida, e não há como falar de existência que não seja vivendo, experimentando, saboreando as suas belezas nas suas formas mais complexas.

O corpo vive e existe no mundo por ele mesmo, pelas suas relações. Ao tentar racionalizar esse corpo, atribuir o pensar como forma substancial dele, possivelmente negar-se-á sua própria existência. Pois este é um ser unitário e não dual, no qual habita espaço, tempo, ritmo e outras dimensões com as quais realizam sua existência. É um sujeito sensível que faz história e cultura ao mesmo tempo em que a modifica. É um ser que estabelece a todo tempo relação com o mundo, apreendendo, percebendo sentidos e atribuindo significados às suas experiências.

Trago essas compreensões acerca da corporeidade porque não há outra possibilidade de pensarmos sobre a dança, sobre o corpo que dança. Se dançar é uma arte derivada da vida e a corporeidade é a própria vida, como percorrer outro caminho que não seja pela existência do corpo?

Durante esse caminho, imprevistos acontecem, a dúvida surge, coisas ficam inacabadas, novas ideias impulsionam novas caminhadas, assim é a vida. A corporeidade não busca trazer fórmulas mágicas, seria inocência acreditar que a concebendo assim chegaríamos à resolução de todos os nossos problemas ou lacunas expostas pela ciência. Ela “[...] não é um conceito, é um estilo de vida na busca de superação [...]”, da necessidade de sermos cada vez melhores, de aceitarmos nossas imperfeições de seres inacabados, vivendo em constante evolução. É a arte de viver, de saber viver (MOREIRA; SIMÕES, 2010, p. 75).

Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida; olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes a outras no sentido de tonar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber. (MOREIRA; SIMÕES, 2010, p.73)

A discussão segue e se entrelaça pelas peculiaridades do corpo, do corpo que dança, na sua experiência com o mundo, com o outro e consigo mesmo, como ele transcende pelo ato de

dançar, quais os caminhos e formas que lhe são atribuídos durante a dança, e como esta se torna linguagem e expressão, meio de comunicação desse corpo no mundo.

Busco relacionar alguns assuntos abordados, principalmente na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, com base nos estudos das autoras Terezinha Petrúcia de Nóbrega e Mônica Fagundes Dantas, pois estas, assim como a presente pesquisa, buscaram compreender a dança sob o olhar fenomenológico do corpo. Não me encerro apenas nessas autoras, mas as cito com maior frequência. As relações de corpo e movimento, gesto, expressão, estesia e carne serão discutidas ao longo do texto, sempre as relacionando com o corpo que dança.

### **2.2.1 Do movimento, do gesto e da expressão**

O ser humano amiúde buscou compreender os significados de sua existência, primeiro sentindo e depois conhecendo. Como os sentidos estão ligados aos movimentos, sejam os movimentos do tato, do olfato, da visão, do paladar, isto é, aqueles essenciais à vida, pode-se dizer que os movimentos são os primeiros momentos da experiência humana, quando o bebê que ao nascer dá o seu primeiro sopro de vida, emitindo sons oriundos dos movimentos de suas cordas vocais; quando a criança que ao conhecer as coisas tateia os objetos, pessoas, tendo uma primeira experimentação do seu ambiente, do mundo à sua volta.

Inúmeros são os exemplos de como o movimento permeia o nosso existir, sendo papel fundamental no progresso e evolução do ser ontológico. Dantas (1996, p. 128) reforça essa afirmação ao defender que o movimento é “[...] a própria experiência do mundo, que não suprime a diversidade radical da existência, mas a unifica, não sob uma denominação de um ‘eu penso’, mas orientando-as para uma unidade intersensorial de um ‘mundo’”.

Por meio do movimento nos estabelecemos enquanto seres humanos dotados de intencionalidade e sensibilidade. Por ele nos comunicamos, nos instauramos como seres sociais e culturais. O movimento está ligado intrinsecamente ao nosso corpo, à nossa carne, por isso ele é capaz também de ditar os nossos ritmos internos e externos, pois através do ritmo ele consegue se explicitar, ganhar forma e significado.

O ritmo é natural a todo ser humano, por ele sentimos e percebemos os movimentos ao nosso redor, assim como criamos os nossos próprios movimentos (LABAN, 1978). Cada corpo possui um ritmo, como as batidas do nosso coração, cadenciadas para coincidir com a entrada e saída do sangue venoso e arterial nos momentos corretos, como as passadas dos pés durante a marcha e as batucadas dos tambores dos nativos africanos.

A dança apresenta exemplos claros de ações ritmadas que estabelecem uma lógica e relações diferentes dos ritmos experimentados cotidianamente, ela transforma o movimento, ao mesmo tempo em que é transformado por ele.

As mudanças de direção e as paradas; as alternâncias de níveis, as transferências de peso e as torções do corpo; os movimentos grandiosos e os gestos insinuados; tudo produz dinâmica e variação rítmica. Tudo dispõe o corpo a dançar: a pausa é o cessar do movimento no corpo, é o corpo recolhendo os movimentos e as alterações dinâmicas são alterações na dinâmica muscular. Os ritmos estabelecidos pelo movimento tornam-se musicais, ou seja, tornam visível uma musicalidade intrínseca ao corpo que dança, que não está, necessariamente relacional a um acompanhamento musical. (DANTAS, 1996, p. 115)

Uma característica importante da capacidade motriz humana é a possibilidade de se movimentar com intencionalidade, o que distingue os movimentos reflexos do nosso corpo dos movimentos cotidianos de trabalho e comunicação. É devido a essa intenção que o movimento ganha objetivo, sentido de ser, significado, ultrapassando a mera concepção de um ato mecânico, para ser “gesto expressivo de um sujeito que busca se comunicar com o mundo” (SURDI, 2008, p. 79). Ele se torna parte integrante da totalidade do ser humano, capacitando-o a se relacionar com as pessoas e o mundo, estabelecendo um sistema de trocas entre o sujeito e o meio ambiente. “O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso” (LABAN, 1978, p. 19). Ele atravessa a rua em busca de chegar a algum lugar que lhe é importante, corre para fugir de algo, chegar mais rápido ou se exercitar, abraça uma pessoa para demonstrar carinho ou buscar amparo para as suas angústias.

Se esse movimento é de toda intenção sua manifestação pode acontecer nas mais diversas formas e ritmos, desnudando a atitude da pessoa que se move em uma determinada situação. Laban (1978) apresenta um estudo minucioso do movimento humano com base no teatro, na mímica e na dança. O autor utiliza dos esforços (atitude interior-pulsão) para explicar as intencionalidades do movimento aplicado dentro e fora da arte. Para ele o homem muito aprendeu com os movimentos dos animais, sendo o único ser capaz de imitar as qualidades de esforços de diversos deles, assimilar e desenvolver qualidades novas e únicas.

Uma das vertentes do Yoga que se utiliza de posições de animais para trabalhar a coordenação, força, flexibilidade, equilíbrio, respiração, é um exemplo dessa capacidade. Essa propriedade é possível devido à “[...] a capacidade que o homem tem de compreender a

natureza das qualidades e de reconhecer os ritmos e as estruturas de suas sequências” (LABAN, 1978, p. 38).

Cito esse autor, pois os esforços nada mais são do que o sentimento ou atitude interna que gera o movimento, ou seja, atitudes que promovem intencionalidade, motivo de existência do movimento em determinado momento e espaço. Estes esforços estão em constante evolução e sujeitos a modificações e atribuições. Sendo assim, ele nunca é completamente formado, possuindo um caráter de inacabamento por natureza.

Assim é o movimento na dança, matéria prima configurada, efêmera, transitória, em constante modificação, capaz de se constituir no corpo e em seguida se desfazer com a mesma rapidez com que apareceu. Expresso no corpo dançante, o movimento tem essa capacidade de se criar e recriar a todo instante, pois o ritmo é intencional, uma escolha do bailarino, o qual, utilizando das tensões, “[...] estabelece uma alternância ante movimentos, em que o fim de um movimento já anuncia o início de outro” (DANTAS, 1996, p. 25). Ele nunca se esgota, pois, o movimento seguinte só existe como consequência do anterior, é um ciclo de infinitas possibilidades.

O movimento dá à dança realidade e visibilidade por meio dos pensamentos e emoções expressos em uma forma puramente visual. Ele é a escrita da dança, traço que deixa marcas, que conta história e faz história, ato culturalmente marcado. O corpo como instrumento dessa escrita desenha no ar aquilo que se quer dizer, as implicações mentais, emocionais e físicas de um ser ontológico em constante transitoriedade. Mas também pode figurar aquilo que se recolhe, a quietude, a lentidão a imobilidade do corpo que é marcado por seu lugar no mundo (DANTAS, 1997).

Quando nos movimentamos, uma circularidade entre os acontecimentos do próprio corpo e do meio ambiente acontece, promovendo uma nova interpretação desses acontecimentos. A partir dessa interpretação, os movimentos são recriados, novos são os sentidos e as significações, favorecendo que todo esse processo promova uma aprendizagem. Na dança essa aprendizagem é permanente nos processos criativos e no ato de dançar, porque o movimento dançante não é “somente demonstração de gestos corporais e a perfeição de seus desenhos, mas é também uma força de retenção, é um traço que atravessa e sustenta a unidade de um gesto” (DANTAS, 1997, p. 52).

Repondo aqui dois dos questionamentos feitos anteriormente no texto. Se a dança é movimento, é gesto, qualquer movimento executado com uma intencionalidade, que possui um significado, é considerado uma dança? Não, não podemos dizer que qualquer movimento do cotidiano de um corpo possa ser uma dança, embora a dança possa se apropriar de todos os

movimentos humanos para se comunicar, desde um simples piscar de olhos, até um salto complexo realizado para transpor algo. O que acontece é que o corpo atribui intencionalidades, sentidos e caminhos próprios, que muitas vezes podem possuir significado, dizer algo, como também podem não fazer sentido algum e ser apenas um movimentar-se por movimentar.

Caminho também para responder a segunda questão, O corpo que dança percebe os sentidos e constrói significados de forma diferente de quem não dança? Sim, ele possui essa capacidade de reinventar, criar movimentos inusitados para construir significados que não são sentidos em nosso cotidiano, que só um corpo que dança pode perceber. Contudo, é certo considerar que por esse corpo possuir características distintas do corpo cotidiano, “comum”, ele pode ser muitas vezes considerado e visto por aqueles que não o compreendem como separado desse corpo cotidiano. Mas sabe-se que esta recíproca não é verdadeira, pois é impossível pensarmos em um corpo à parte, separado do quiasma corpo e mundo. O que acontece é que a dança consegue transformar esse corpo, somando a ele novas roupagens, novas capacidades de se movimentar, expressar, perceber a si próprio, as coisas e o mundo, com um outro olhar. Esta é a mágica que a dança exerce, sua beleza reside nessa capacidade.

Trebels reafirma a importância da relação do ser humano e o mundo descrita anteriormente:

A estrutura relacional entre ser humano e mundo, vista por meio de um diálogo, realiza-se na forma de um jogo de perguntas e respostas. Na ação de movimento o mundo e as coisas são questionados pelo sujeito/ator do movimento que, por sua vez, responde ao mundo com sua presença. Movimentar-se significa também se relacionar intencionalmente com o mundo, ou seja, estar relacionado internamente a ele. (TREBELS, 2003, p. 260)

Esse diálogo instituído em processos cotidianos de educação e socialização constrói, elabora e trabalha o corpo que dança.

[...] quem dança se configura, transforma o seu próprio corpo, se molda e se remodela, se reconfigura: quando a dança se manifesta no corpo, a todo o instante, reconfigura e transforma esse corpo, multiplicando-o, diversificando-o, tornando-o vários corpos que se sucedem. (DANTAS, 1996, p. 37)

O corpo que dança é construído em sua vida cotidiana e em processos de socialização, de educação e de transgressão, sendo elaborado por meio de diferentes experiências e práticas

do movimento, e trabalhado por técnicas de dança que imprimem características de tradições únicas de movimento (DANTAS, 1999).

A técnica, do grego *techne* (ofício, habilidade, arte) é muito utilizada na dança para organizar os gestos, os passos, os movimentos realizados segundo as intenções de quem dança. O que descrevi anteriormente a respeito das transformações do corpo que dança, na sua maioria das vezes, só se torna possível devido à aplicação de técnicas de movimentos corporais que darão sustentação para esse corpo se movimentar nos mais variados espaços, tempos e épocas.

A beleza, a fluidez, o etéreo, o impossível da dança acontece graças a um dos maiores objetivos das técnicas em dança, que é naturalizar os movimentos, utilizar de um movimento não natural *a priori* e transformá-lo em algo fácil, orgânico ao indivíduo, passando assim a “[...] pertencer a seu repertório de movimentos, passa a fazer parte do seu modo de ser corpo. Mais do que disfarçar o esforço, é necessário incorporá-lo e torná-lo dança” (DANTAS, 1997, p. 56).

A técnica pode-se figurar de duas maneiras totalmente opostas, produzindo efeitos positivos e negativos. Em seu sentido nato, ela aparece para auxiliar a organizar os movimentos segundo as intenções de quem dança, ou, no caso do coreógrafo, de quem o idealiza. É uma maneira de se organizar corporalmente e de compreender as manifestações expressivas aprendidas e nascidas em cada corpo, ressignificando-se em suas particularidades, sendo possivelmente atualizadas em significações sensíveis e simbólicas (MARQUES et al., 2017). Nos processos coreográficos e/ou de ensino-aprendizagem em dança, a técnica é de fundamental importância. No entanto, se for concebida como forma de promover o alto rendimento a qualquer custo, desprezando o fator humano, preconizando só o movimento na busca de uma perfeição inatingível, ela perde completamente o motivo de ser.

Nessa perspectiva, a técnica é regida pela racionalidade instrumental, aproximando-se do modelo de organização da ciência moderna. Quando aplicada à dança, exerce o controle dos movimentos e sua eficiência, sendo sua compreensão “[...] direcionada a um meio para se chegar a um determinado fim, um modo de controle do saber fazer em detrimento de uma obra final” (MARQUES et al., 2017, p. 865).

Em muitas academias especializadas de dança, atualmente se pode notar essa característica de técnica, principalmente em época de apresentações, quando os ensaios das coreografias se intensificam. Esses ensaios têm como foco a repetição dos movimentos até a exaustão e seu controle, em busca de chegar a um fim que é apresentar a coreografia da maneira mais perfeita possível, sem erros nem deslizes. O foco está no treinamento, na

superação de rendimentos e na aquisição de competências motoras. É importante considerar que não se deve negar a existência da técnica instrumental, pois ela foi e é importante para muitas atividades na sociedade contemporânea, mas que também existem outras maneiras de entendê-la quando a abordagem se refere às manifestações corporais, artísticas e culturais.

Diante dessas concepções, escolho apresentar a técnica em seu primeiro sentido. Bento traduz o termo com sensibilidade e beleza, interessantes de tomar nota:

A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas a eficácia, transporta a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética fica deficitária e manca. Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos. Nem no corpo, nem na alma. (BENTO, 2006, p.157)

A técnica, nesta visão, habilita o corpo a ser uma expressão unitária dançante:

[...] corpo imponderável, leve, diáfano, disfarçar qualquer esforço humano quando realizar movimentos cada vez mais complexos, tornando o bailarino uma criatura especial, que reflete os valores de uma nobreza ímpar eram alguns dos objetivos do balé, estruturados, no corpo, através das técnicas extra-cotidianas” (DANTAS 1997, p. 56).

As técnicas cotidianas (caminhar, saltar, comer, dormir etc.) são consideradas normais por muitas culturas, pois não necessitam de um ensino formal, ocorrem a partir de um núcleo social mínimo, todos estão em condições apropriadas para realizá-las. Já as técnicas extra-cotidianas quase sempre necessitam de um ensino formal e estão ligadas a funções específicas, utilizadas por diversos componentes da sociedade, como atores, dançarinos, oradores, entre outros (DANTAS, 1996).

O corpo que dança é presença datada e localizada, encarnada no mundo. As técnicas corporais devem considerar as experiências vividas pelo indivíduo em sociedade e seus entrelaçamentos, pois ela pode partir de um momento individual, tornando-se coletivo, assim como partir do coletivo e se tornar algo significativo individualmente. Esses processos de circularidade são características comuns de grupos sociais e dizem muito sobre os costumes e as maneiras de se perceber o meio ambiente. “As técnicas corporais são, portanto,

características de determinados grupos sociais e são transmitidas através da educação, da imitação, da convivência, da tradição” (DANTAS, 1997, p. 54).

Mesmo diante de toda importância destinada à técnica, as imprevisibilidades das relações do corpo imbricado no mundo são interessantes, porque o corpo dançante é muito mais que somente uma modificação da matéria, é um ser e estar no mundo, é vida, por isso haverá sempre uma distância entre o que foi previsto para acontecer e o que realmente é vivido. É o humano, o sensível se fazendo presença, é o corpo atuando no mundo (NÓBREGA, 2004).

Essas relações do ser e suas experiências na dança e no mundo permitem o corpo viver sua corporeidade em plenitude. Mesmo com a presença da técnica nos processos dançantes ou não, a corporeidade incide, se faz presença. Porque viver a corporeidade é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo, e neste caminho buscar a transcendência em todas as suas formas e possibilidades. É exercer os seus compromissos com a existencialidade, tendo liberdade para pensar e agir, consciente dos limites destes, é fazer história e a cultura, é cativar e se deixar ser cativado pelos outros, pelas coisas e pelo mundo (MOREIRA; SIMÕES, 2010).

Neste caminho sigo presente, consciente de que não há outra forma de conceber a plenitude da dança, senão pelo corpo, pelo sujeito sensível, pela corporeidade. Trago agora o gesto como componente integrante do movimento, da linguagem do ser ontológico.

A palavra gesto significa “atitude”, “uma forma de proceder” ou “um movimento expressivo”. Originária do latim, *gestu*, é para François Delsarte agente direto do coração; para Isadora Duncan expressão do seu ser, a sua arte. Grunennaldt et al. (2012) acredita que ele seja um movimento criativo com inúmeras possibilidades de vivências.

Realmente o gesto é tudo o que foi dito, componente direto do movimento, tornando-o significativo, de caráter expressivo, é ponto sensível sobre o mundo da comunicação e da expressão. Pode constituir intenções, exigências, expectativas, sentimentos, desejos. Distingue-se do movimento justamente por isso, ele sempre expressará algo. Com o movimento muitas vezes isso não acontece, como por exemplo, os movimentos involuntários de nosso corpo, que não possuem um motivo de ser, além de nossa manutenção à vida.

A dança se utiliza bem do componente expressivo do gesto:

Uma das especificidades do gesto em dança, está, pois no fato de que os movimentos transformados em gestos de dança adquirem características extraordinárias, pois os fatores espaciais, temporais, rítmicos, dinâmicos e o próprio modo de movimentação do corpo tornam-se diferentes: exigem-se

novas posturas, novas atitudes corporais para que os movimento usuais se tornem dança. Ex: da caminhada. (DANTAS, 1996, p. 21)

Nosso corpo utiliza do gestual, como a postura, o olhar, a voz, para se expressar e comunicar com outros corpos. Na dança, essas comunicações acontecem muito no palco, quando bailarinos que partilham de um mesmo trabalho coreográfico conversam com seus corpos, trocam energias, intenções, dúvidas, com o olhar e gestos faciais, uma vez que não podem conversar e nem parar de dançar para isso. O corpo e o gesto são conhecimentos sensíveis, potencializadores da subjetividade, processos perceptivos e reflexivos, compreendidos em relação à luz do outro (GRUNENALDT et al., 2012).

Para Nóbrega (2016), Merleau-Ponty demonstra com sensibilidade a relação gestual do corpo e seus significados para o outro. Nas análises das obras de Cézanne, o filósofo se encanta pelo gestual do pintor e pela arte. Acredita que a multiplicidade, linguagem e visibilidade do ser é dada por uma experiência carnal, e que por isso, quando o pintor oferece seu corpo ao mundo, ele transforma o mundo em pintura.

O gesto do artista transborda suas sensações, sentimentos, e as transforma em pintura, oferecendo um mundo completamente expressivo que nos convida a sentir as metamorfoses sofridas por essa corporeidade. “O olhar nos conduz ao interior da cena, a partir de então, estamos todos lá, onde as sensações percorrem nosso corpo”. Essas leituras são possíveis porque o corpo é, ao mesmo tempo, vidente e visível (NÓBREGA, 2015, p. 118).

O artista, seja o pintor - o dançarino - o ator, possui em seu mundo interno sentimentos e sensações que se exteriorizam através do gesto e do movimento, tornando-os algo concreto, real, que possa ser partilhado com os que apreciam sua obra. Essa relação interminável de artista e espectador reforça a estesia, a comunicação sensível existente entre os corpos e o mundo (NÓBREGA, 2015).

Na dança, os gestos “[...] permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções (DANTAS, 1996, p. 23). Durante a dança, o corpo que atribuiu um significado ao que está dançando deixa transparecer seus sentimentos, suas emoções, através dos gestos que ganham vida nas sequências de movimentos realizadas em uma coreografia ou um momento poético pautado na improvisação. Isso tudo pode acontecer sem que necessariamente os gestos tenham que contar uma história. “Assim, dançar é escolher o corpo e o movimento como campo de relação com o mundo, como expressão, como encantamento, como poética da vida em sua efemeridade” (NÓBREGA, 2015, p. 204).

Marta Grahan e Doris Humphrey foram duas personalidades da dança moderna que modificaram a maneira como o corpo concebia seus movimentos na dança, moldados até então, em sua maioria, pelo ensino do *ballet* clássico. Elas estudaram os movimentos e o gestual com afinco. Marta Grahan acreditava que “nossos gestos não são somente um reflexo ou um eco passivo de uma solicitação exterior, pois todo movimento de dança procede do centro do corpo para a periferia, unificando o ser e impedindo-o de se dispersar” (GARAUDY, 1980, p. 101).

Para Doris Humphrey, nossos gestos podem ser divididos em quatro categorias, das quais todas a dança fez e faz uso, com maior intensidade na última: gestos sociais – expressam as relações entre os homens, como o apertar de mãos, por exemplo; gestos funcionais – gestos do trabalho, expressam a relação homem com homem e com a natureza, presentes por exemplo no cortar de uma árvore; gestos rituais – expressam a relação do homem com as forças sobrenaturais, com a religião, representados no gesto de levantar as mãos para o alto ou juntá-las em oração; gestos emocionais – expressam os nossos sentimentos e são gerados espontaneamente, como colocar a mão no peito para expressar uma angústia (GARAUDY, 1980).

Os nossos gestos, palavras e movimentos são veículos utilizados pelo corpo para perceber, comunicar, ser no mundo, eles dão voz ao nosso íntimo que expressa o que realmente somos. Se o movimento possui essa característica por si só já é expressivo. É nessa relação que a expressão se constrói, ela é uma conscientização de si mesmo, das posturas, atitudes, gestos, ações cotidianas, que possui necessidade de exprimir, criar, comunicar, compartilhar, interagir na sociedade em que vive. As crianças pulam de alegria, se sacodem de euforia, batem os pés de ódio ou rejeição a algo, os adultos abraçam quando se sentem felizes ou tristes (GRUNENALDT et al., 2012).

A forma como nos expressamos, diante das mais variadas situações, nos diz quem somos, pois ela se realiza através do nosso corpo, revelando “[...] o sentido de nossas experiências como expressão pura, como manifestação de um interior no exterior” (GRUNENALDT et al., 2012, p. 386). Ela é a operação da intencionalidade, pois as intenções surgem de onde a expressão se origina, podendo ser direcionada para a forma em que se mostra. É uma forma real e espontânea de viver, porque o homem vive o corpo e o mundo, como uma unidade inseparável, não havendo distinção entre a expressão e o expresso.

Firmo-me na arte, novamente, como potencializadora do gesto expressivo, portadora de uma carga expressiva significativa, capaz de produzir, criar, viver, transportar, reinventar as mais diversas manifestações carregadas de expressão. Marques et al. (2013) afirmam que os

seres humanos são os únicos que possuem esse poder dentro das artes, sendo capaz de tornar as manifestações artísticas sempre expressivas novamente, estabelecendo um ciclo que nunca se esgota.

Na dança, esse ciclo se constitui fortemente, pois a expressão no seu sentido humano, único e múltiplo, inventa e se reinventa, constrói e se reconstrói com o próprio corpo a todo momento, envolvidos em suas experiências diretas com o mundo. “[...] ao dançar, o sujeito não pretende explicar, nem analisar, nem objetivar nada, e essa experiência com seus movimentos dançantes é inexplicável pelas palavras; apenas se poderia ‘descrever’ tal vivência através do próprio ato expressivo de dançar” (MARQUES et al., 2013, p. 251).

Dantas apresenta a realidade do corpo que dança e nos mostra como ela está imbrincada na vivência do corpo e no ato de dançar, revelando a sua intensidade e importância no mundo vivo deste corpo.

Realidade do corpo, pois a dança estrutura-se neste corpo: se ela é veículo de libertação do corpo, como quer Sachs (1944), ela também molda, conforma, transforma e disciplina este mesmo corpo quando nele se faz presente. Por outro lado, o corpo que dança não é uma imitação, ele não figura um personagem ou uma singularidade: ele é o emblema do puro surgimento, é aparecimento, manifestação do movimento, no instante mesmo em que este movimento se institui. Ao mesmo tempo, o corpo que dança não exprime alguma interioridade, ele é toda superfície: o que se busca nele pode encontrar-se a partir de sua presença real, corpórea, material e a partir dos movimentos que dele surgem. Este corpo é, também, intensidade, visto que é o centro de onde partem e para onde refluem os movimentos. (DANTAS, 1996, p. 32)

A consciência corpórea que nasce da experiência da relação entre a dança e o corpo sujeito, e a realidade a ele atribuída, se aproxima dos próprios pressupostos fenomenológicos. Essa realidade se estrutura no corpo de quem dança e ocorre tanto na ação da totalidade do movimento dançado quanto na criação de um novo movimento expressivo, uma nova expressão.

A relação estabelecida entre o corpo que dança e o mundo promove uma comunicação de fruição entre quem dança e quem aprecia, conectando estes corpos às experiências artísticas e estéticas. A dança tem esse potencial de abrir possibilidades de experiências estéticas que a destituem de qualquer finalidade, de um objetivo a ser atingido fora da dança. O corpo que dança encontra tempos e espaços para serem vivenciados em sua integridade de ser e estar de forma presente. Um desses espaços é o palco, e o tempo, a duração da coreografia ou da peça de dança. Quando o corpo dança na presença de um corpo e para

outros corpos estabelece relações mútuas de trocas de sentimentos, “[...] ao dançar ele próprio sentirá novas sensações, impressões, emoções que o acompanharão no momento dançante, no qual as significações e os sentidos se irão tecendo e atualizando-se nas novas experiências [...]” (MARQUES et al., 2013, 260).

Trago uma experiência individual (íntima) vivida na dança, quando fui bailarina de uma obra de dança contemporânea. Opto por essa vivência pois nela estão envolvidos todos os componentes aqui discutidos, e por ser possível observar que tudo é concebido de uma forma complexa, unida, e que toda a experiência se deu pelo corpo em comunicação com o ambiente, com os sentidos internos e com o outro. A partir dos estudos, quando incorporados, compreendo o poder da dança enquanto manifestação artística e existência.

Esta cena se passa durante a reprodução de uma coreografia, criada para um grupo de bailarinos específicos e reinterpretada mais tarde por outro grupo de bailarinos, ou seja, outros corpos. Encontrava-me entre esses novos bailarinos. A coreografia era contemporânea e abordava os costumes da cultura oriental, especificamente islâmica. Elementos como as mecas, as orações, os romances proibidos, a repressão sofrida pelas mulheres, estavam presentes e deveriam ser incorporados nos movimentos dos bailarinos. Estes tinham que perceber esses elementos, incorporá-los ao seu íntimo e através da relação desses dois presentes (o da coreografia e o do corpo) deveriam surgir os movimentos que expressassem os sentidos e significados pedidos.

Uma revolução se fez presente nesse momento, me vi em muitas situações sensíveis, de comunhão, de intenção, de criação, de comunicação, de novas vivências. Nesse único momento, estabeleci contato e troca com os outros corpos, dos bailarinos; com o corpo do coreógrafo; com o ambiente em que me encontrava, no caso, a sala de dança; com o mundo, por meio da cultura e história apresentada; e comigo mesmo, o mais forte dos contatos. Aqui a corporeidade viva aconteceu, pois nela “[...] o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo” (MOREIRA et al., 2006, p. 139).

Essa corporeidade na dança também permitiu me expressar, expressar os sentimentos estimulados pela história contada, transformando-os em gesto, em movimentos carregados de significado. Movimentos organizados por uma forma, uma técnica, em um espaço e tempo, com teor estético belíssimo que chegaram ao espectador, estabelecendo a relação de fruição entre quem dança e quem aprecia. Pude assim perceber o meu corpo, senti-lo, transformá-lo, transportá-lo, recriá-lo, transcendê-lo, vivê-lo. Pude dançar, ser a própria dança.

### 2.2.2 Da carne do corpo à carne do mundo: o corpo estesiológico se fazendo dança

Neste próximo item, arrisco-me nas planícies de um corpo sensível, um corpo repleto de afetos, que busca significações mergulhando no sensível da relação existente entre as coisas e o mundo. Apresento de forma concisa as relações da estesia e do corpo carne na dança, por acreditar que estes são importantes para entender o contexto dela, em termo do sensível e da criação e também por completar a discussão iniciada no começo do capítulo.

Assim Nóbrega apresenta:

Não estamos sozinhos neste mundo, nem apenas entre homens (o outro, os animais, o coletivo, o inconsciente). Há um abalo de uma razão absoluta, clara e evidente. Merleau-Ponty (2002) quer, como Jean Paulham, atingir o espaço sensível do coração, aquele onde estamos situados e que é heterogêneo, tendo relação com nossas particularidades corporais, nossos desejos, preferências, memória. É preciso, então, questionar o dogmatismo, a coerência do mundo, do pensamento do homem adulto, civilizado. Somos convidados, amorosamente, a reexaminar, sem complacência, a redescobrir toda espécie de fantasma, devaneios, fenômenos obscuros onipotentes em nossa vida particular e pública. Somos motivados a buscar as lacunas nas quais se insinuam a poesia e a criação, o sentimento e a expressão não como julgamento transcendental, juízo ou crítica de valor estético ou moral, mas como transformação de si e de nossas relações com o outro e com o mundo. A noção de estesiologia como conhecimento do corpo e de suas sensações desperta nossos potenciais de transformação, de invenção, de criação da vida, afecções do corpo e partilhas sociais por meio da linguagem, da comunicação e da expressão. (NÓBREGA, 2015, p. 101)

Estesiologia é um termo apresentado na citação e remete à ideia de uma ciência dos sentidos, dos sentidos que a “[...] sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa dialética existencial que move um corpo humano em direção ao outro” (NÓBREGA, 2010a, p. 95). A estesia é uma capacidade de sentir e atribuir sentidos aos acontecimentos, possibilitando compreender a experiência vivida em suas mais variadas significações, em comunhão com o meio e os outros.

Um corpo pautado na estesiologia (corpo estesiológico) é um corpo que tem sentidos, que deseja, que se expressa na sensorialidade, que celebra a ontologia do ser bruto, fonte de sensações, que se move, tem necessidade e deseja a motricidade (NÓBREGA, 2016). Um corpo sensível que toca é tocado pelas experiências vividas, que caminha para e junto ao outro, que vive em comunhão com o seu interior e exterior, que anseia pela vida na sua complexidade, nas suas belezas.

Na dança esse corpo estesiológico se completa, pois ela o desnuda, o mostra no tempo e no espaço, revela-o em suas pulsões, seus afetos, comunicando-o diretamente com a carne “[...] para além das interdições gestuais [...]” (NÓBREGA, 2015, p. 120). Ela amplia as percepções e significações sobre ele ao lançar sobre o mesmo um o olhar sensível durante o processo de expressão e criação de suas danças. Esses processos permitem a vivência completa da corporeidade na sua forma de presença, de profundidade, de experiência estética e sensível do movimento, por isso concebê-lo é muito importante na dança enquanto fazer artístico.

Para Nóbrega (2010, p. 90), a sensibilidade estética é um desdobramento da análise da percepção de Merleau-Ponty, “[...] considerando os aspectos do corpo, do movimento e do sensível, como configuração da corporeidade e da percepção como instrumento de apreensão (interpretação) e criação dessa linguagem [...]”.

Na dança, o corpo se torna representação viva dessa sensibilidade estética, por meio da utilização do espaço e do tempo, da construção das formas realizadas nos processos coreográficos, da apreciação da obra, da relação entre quem dança e quem aprecia, e das trocas marcadas pela linguagem sensível, dos gestos, dos silêncios, dos sentimentos, pensamentos e falas.

Nessa ontologia sensível, a visibilidade dá-se a ver entre a carne do meu corpo, através do olhar, e a carne do mundo. Trata-se de um processo de criação de sentidos que, ao recusar os determinismos, permite ver, ver de outra maneira; e, no ato de olhar, convoca a profundar-se na criação de sentidos instituídos. (NÓBREGA b, 2010, p. 91)

Ainda em Nóbrega:

O sensível é presença revelada e, saberes enraizados no corpo, como o das artes e o do mito. [...] O corpo e a experiências de movimentos fundam a linguagem sensível, que é plástica, poética, configurando a possibilidade de uma nova compreensão do ser humano e do conhecimento. (NÓBREGA, 2010a, p. 89)

Para buscar compreender a fenomenologia do corpo, Nóbrega (2010a, p. 66 e 67) afirma que Merleau-Ponty denominou esse corpo como sendo um corpo carne, carne do próprio corpo e carne do mundo. O termo “carne” aqui se apresenta como elemento do ser, o ser humano uno, complexo em suas estruturas. A “noção carne refere-se à natureza humana, à essência entre a matéria, a mente e o espírito, compreendendo essa relação dentro da reversibilidade, revelando a maleabilidade do humano, sua flexibilidade e abrangência”

Para o filósofo, nos instalamos na carne, ela é o ser bruto, ser sensível. A partir do momento em que nascemos já somos carne do corpo, e também carne do mundo, pois essa relação está presente durante toda a nossa vida. Esse quiasma permite ver que a carne do corpo nos faz compreender a carne do mundo e que a partir desse entrelaçamento o meu corpo também se constrói da corporeidade de outros corpos espalhados pelo mundo (NÓBREGA, 2016). As interações são constantes e refletem o existir, sendo puramente sinérgicas, entre o visível e o sensível, o vidente e o visível.

As representações artísticas são excelentes exemplos deste corpo carne (corpo estesiológico), pois elas habitam o sensível, criam e pensam o mundo “[...] a partir do contato com o espaço, o tempo, a presença e a animação do corpo através do movimento que transforma o mundo em obra de pensamento, obra de linguagem, obra de arte” (NÓBREGA, 2015, p. 98).

Na dança, essas representações, se mostram no corpo em movimento:

A dança é uma experiência do corpo em movimento. Porque há pregnância, porque há entrelaçamento entre corpo e o mundo, entre a carne do corpo e a carne do mundo, que a dança pode ser uma experiência que consiste em dar carne a memória. Dar carne é mais do que simplesmente materializar. É inserir o movimento na textura do mundo. [...] Dançar, como já se viu, é dar carne à sensação através dos movimentos. É também, dar carne aos sentimentos, ao que só pode ser sensível e assimilável, mas não traduzível, modulando-os nos corpos. Tornando visível, no corpo, a sensibilidade. (DANTAS, 1999, p. 115)

O pintor vive em fascinação, seus traços, seus gestos, suas ações se confundem com o mundo que ele vê e percebe. Os atores que representaram *Os acrobatas*, de Vinícius de Moraes, materializaram na palavra pulsante de sua voz e de seu corpo os sentidos que nos mobilizam diante da cena. Os artistas de circo, no caso o acrobata, realiza peripécias com seu corpo, fazendo suas partes se misturarem umas às outras, nos remetendo a uma cartografia sensível do corpo. A ginasta Maria Petrova, ao realizar sua composição de ginástica rítmica, ultrapassa os códigos de pontuação; os movimentos retos das especificações do código ganham vida ao brincar com seu corpo, desafiar o espaço e o tempo. Ela atravessa fronteiras entre a arte, o esporte e a ciência. A bailarina que ao se transformar em cisne no *ballet O Lago dos Cisnes* transforma seu corpo, criando asas no lugar de seus braços, produzindo novos códigos de movimento, que realmente nos fazem acreditar que são aves dançando e não pessoas. Todos esses exemplos citados me transportam para dentro da obra, a arte tem essa

magia, esse poder. Isso só é possível por causa da estesia do corpo, que aproxima a natureza do indizível, criando uma forte relação entre o corpo e o mundo.

O desejo de construir esse corpo estesiológico, esse corpo sensível, é o de transformar a forma como o vejo, como o concebo, como o trago para a minha vida. Talvez esse corpo possa animar, movimentar, transformar as estruturas corporais e espirituais, bem como o que o rodeia, os diversos ambientes e as estruturas sociais (os espaços educativos, os currículos etc). Que as vivências corporais, seja na dança ou não, se façam de maneiras sensíveis e unificadoras, permitindo diferentes aproximações, pontos de vista, trajetórias, novos investimentos pautados na sensorialidade. Que a dança possa existir nos corpos de todos aqueles que amam a vida, pois ela é:

[...] experiência do corpo em movimento; é expressão da motricidade humana. É manifestação artística, que se realiza no corpo, transformando os movimentos do corpo em arte. É experiência estética que se oferece à vivência e à fruição.

A dança envolve uma sensibilidade coletiva – um sentir em comum – porque prescinde, em nenhum momento, do outro. Ao contrário, precisa do outro – seja como parceiro ou como espectador – para se realizar em sua plenitude. A dança brinca, através dos movimentos, no corpo que dança. E brinca, também, no corpo, de quem assiste, estabelecendo uma relação pautada, principalmente, pela sensibilidade.

A dança só se realiza plenamente nesse jogo: alguém transforma seu corpo, através de movimentos e gestos, em paisagens artísticas que se deixam reconhecer por outros corpos. (DANTAS, 1999, p. 120)

A seção apresentou a dança como expressão humana, vinculada à existência do homem em todos os seus campos, entendida como representação da própria vida, vista pelos gestos e movimentos expressivos que adquirem formas moldadas no tempo e no espaço da existência, constituindo-se agente potencializador da corporeidade viva. Analisada também, ela foi categorizada como arte, como fazer artístico pautado na sensibilidade estética.

O caminho que continua a ser trilhado envereda pela educação na dança, na importância que esta possui na construção da identidade do ser e pelo corpo da criança, sujeito afetado na maioria dos processos educacionais.

### 3 O CORPO CRIANÇA NA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA DANÇA

*E agora eu me perguntaria sobre o discurso que tem  
fluído de nossas práticas educativas, do jardim-da-  
infância às pós-graduações... Que amores têm sido  
inflamados? Que ausências têm sido choradas e  
celebradas? Que horizontes utópicos têm sido  
propostos?  
(Rubem Alves)*

A abordagem desta seção busca compreender as manifestações corporais das crianças que dançam em diferentes tipos de instituições, traçando um paralelo entre elas, demonstrando suas diferenças e singularidades, apontando a importância do ensino da dança no desenvolvimento integral da criança e suas propostas e estratégias.

A dança aqui não deixa de possuir caráter artístico nem sensibilidade estética para ser apenas um aparato educacional ou meio para adquirir algo concernente à educação. É tratada como um conhecimento, uma arte, uma linguagem, que por um longo período não foi considerada uma área do conhecimento, mas apenas o simples fazer, uma atividade a ser ensinada nas instituições como divertimento, relaxamento, uma ferramenta de auto expressão baseada em um fazer sem concepções e discussões sobre os seus porquês.

Ana Mae Barbosa, pioneira em propostas educacionais no Brasil em relação ao ensino de Artes, a partir de 1980 reorganiza o pensamento pedagógico da época e levanta a bandeira de que a Arte e suas manifestações (dança, música, artes visuais e teatro) são conhecimentos e não “gritos da alma”; que o conhecimento desta deve estar inserido na proposta entre o fazer (como exemplo o dançar), a apreciação e a contextualização em dança (MARQUES, 2012).

Embora essa iniciativa tenha mudado a maneira como, principalmente a escola, enxerga a arte, aceitando-a como uma área do conhecimento a ser ensinada dentro do currículo, muito ainda precisa ser modificado. O ensino da dança hoje, por vezes incomunicável e distante em relação às escolas de dança e o ensino formal, se encontra preso aos tradicionalismos que voltam a ter força dentro das escolas especializadas e ganham reforço nas escolas de ensino formal (MARQUES, 2008).

O virtuosismo, o desempenho, o espetáculo, o aprimoramento técnico e outros fatores ainda perfazem a ideia de únicas possibilidades de ensino da dança, mais preconizados nas escolas de dança. Enquanto o espontaneísmo, a auto expressão, a auto liberação de sentimentos, mais valorizados dentro do ensino formal, se tornam preocupantes à medida em que a dança passa a ser concebida como um “deixar fazer”, sem contexto, sem significados,

sem integração e articulação com seus próprios conhecimentos e a realidade sócio-político-cultural.

A vivência artística, o dançar promove inúmeras experiências do corpo que dança com o meio em que ele se encontra. Essas experiências se tornam construtivas e transformadoras à medida em que a relação construída com o corpo o faz perceber de forma crítica a si mesmo, ao outro e ao mundo.

É com esta formação do ser integral que a educação na dança se preocupa. Ela não deve ser uma reprodução de técnicas estéticas e nem um fazer da improvisação sem finalidade alguma. É preciso que haja comunicação com os corpos dos alunos e que o conhecimento específico da dança seja articulado aos processos atuais e a sociedade em que estes se inserem. A dança deve promover ao sujeito meios de se relacionar corporalmente ao ambiente disponível, de forma crítica e sensível (ACCIOLY, 2010).

Essas relações atribuem à dança o caráter de linguagem e são importantes para se compreender que esta não é um espelho, cópia da sociedade, mas sim uma forma de ação sobre ela. A Fenomenologia, como ciência, busca compreender as relações das experiências do corpo sujeito em comunicação com os outros corpos e com o mundo, nos diversos contextos que abrangem a existência humana. Adotar uma atitude fenomenológica se torna imprescindível quando se busca compreender o fenômeno *dança* em todas as suas interações. Conceber uma educação em dança que não seja pelo corpo, que não respeite a necessidade inerente que este possui de ir em direção ao outro, de construir significados, de se sentir corpo, vai contra os pressupostos da própria Fenomenologia e nega a humanidade a este corpo.

Piccini e Saraiva contribuem com esta afirmação ao afirmarem que:

[...] a dança abarca essa possibilidade de desvelar a “corporeidade expressiva em direção ao outro”, pois entendemos que à medida que o (a) aluno (a) começa a sentir e significar o seu corpo por meio do movimento, passa a perceber se e perceber “o outro”, promovendo um contato afetivo e humanizado. (PICCINI; SARAIVA, 2012, p. 734)

As interações fazem parte do contexto humano, as quais os homens se esforçam para construir, para fazer parte, se sentir humanos coletivamente e individualmente. Até mesmo inconscientemente vamos ao encontro das relações. Para Ahlert (2011), a educação se fundamenta na socialização e este encontro é essencial ao processo de humanização. É um instrumento que está a serviço de todos os seres e que serve tanto para a manutenção, quanto para a transformação social, sendo um “que-fazer” humano, uma forma do ser humano

entender, adaptar, transformar e significar o seu mundo. Todos os seres humanos fazem educação, a partir do momento em que eles nascem.

Os povos, ao longo da história, foram construindo e se consolidando através do processo de interação entre educadores e educandos, se moldando de acordo com a sociedade de cada lugar e época. As complexidades presentes nessas relações promoveram diversas concepções sobre a educação e a institucionalização é uma delas. Devido a essa complexidade, os procedimentos educacionais tiveram que se apoiar em sistemas de difusão; com isso foi inevitável o aparecimento das instituições de ensino. Essas instituições foram divididas conforme sua funcionalidade, na qual a educação era chamada de formal – base racional e empirista, e informal – não era controlada pelo estado, difundida por práticas sociais particulares. Com essa repartição, uma adquiriu um caráter racional, a escola por exemplo e a outra um caráter mais livre e afetivo, como as academias de dança (INFORSATO, 2006).

A educação possui vínculo direto com a sociedade e o indivíduo, sendo impossível concebê-la de forma separada, pois é nessas relações saboreadas pelo corpo que se constroem as experiências vividas. Ela precisa estar ligada à existência para possuir sentido e significado. O ser humano não é um coadjuvante no processo educativo e sim o ator principal, que se conecta com o cenário e os parceiros de elenco.

Silva et al. concluem o pensamento:

Corporeidade, enquanto preocupação do processo educativo, destina-se a compreender o fenômeno humano, pois suas atenções estão voltadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura. Para essa aprendizagem, não é possível reduzir a estrutura do fenômeno humano a nenhum de seus elementos. Há que se utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica. (SILVA et al., 2016, p. 190)

É nesse pensamento que o ensino da dança deve se ater, independente do ambiente em que ela se apresente, pois assim ela se torna “capaz de superar a excessiva racionalização e repetição dos atos motores [...]”, possibilitando a “[...] percepção e uma nova significação do movimento, sem pré-conceitos ou estereótipos do movimento” (PICCINI; SARAIVA, 2012, p. 733).

A dança é uma forte aliada da educação, pois é capaz de integrar o conhecimento intelectual à livre expressão humana, diferente de outras práticas pedagógicas ensinadas dentro do ambiente escolar, como o ensino de matemática e de português, no qual a racionalização sobrepõe a livre expressão (SCARPATO, 2001). Ao dançar, a sensação de

alegria se estabelece; com isso o universo pedagógico tem muito que se encontrar na dança, pois esta possui uma importante ligação com o desenvolvimento do aluno. O aluno que dança encontra maior facilidade na sua aprendizagem e construção do conhecimento, assim como de suas habilidades básicas e dos padrões fundamentais do movimento (LAUAR, 2014).

A dança não é um privilégio de alguns, mas um meio a ser utilizado por todos, alunos e professores, pois oferece o desenvolvimento de capacidades que facilitam a consciência corporal enquanto sujeito transformador do tempo e do espaço.

Mais uma vez, trago a dança envolta em uma magia, responsável pelas mais belas realizações, impossíveis em quase sua maioria para aqueles que não a sentem com o coração, não a olham com cuidado e sensibilidade, mas reais, palpáveis, para todos aqueles que a respeitam, que a vivem, que a englobam nas suas experiências de vida.

Não pretendo parecer ingênua, deixar entender que não existem problemas, que a dança é a solução de todos os males que infectam a educação. Longe disso, tenho real entendimento de tudo que rodeia esse emaranhado, esse complexo que é o ato de viver, de viver em sociedade, de ser corpo sujeito responsável pelas relações que o compõem. Todavia, decido seguir por outro caminho, não pretendo apontar os problemas que desorientam nossos processos educacionais e nossa sociedade, mas sim discutir possíveis alternativas que tratam o corpo sujeito na educação e mostrar que não precisamos continuar onde estamos, pois a evolução e a mudança são necessárias.

Trago a dança como um possível caminho, assim como as outras expressões artísticas (teatro, música, artes visuais), capaz de se aliar à educação e às suas inúmeras práticas pedagógicas na busca do desenvolvimento do ser humano pleno. Mas antes de adentrar este assunto, apenas como forma de compreensão, discuto o ser criança sob a abordagem fenomenológica, do corpo sujeito, corpo vivo.

### 3.1 O CORPO CRIANÇA QUE DANÇA: PRESENTIDADE VIVA

Durante muitos anos as discussões sobre a infância foram relegadas dentro das unidades de ensino; pouca atenção ainda era dada a essa parte de nossa existência, devido à sua própria construção histórica e social.

Papalia, Olds e Feldman (2010) acreditam que o estudo científico voltado para o desenvolvimento da criança teve início apenas no final do século XIX, quando não foi mais possível ignorar e suportar suas diferenças em relação ao mundo do adulto. Esse campo de

estudo está voltado para todos os processos de mudança e estabilidade ocorridos desde a concepção até a adolescência.

As concepções de infância foram construídas ao longo dos tempos em consonância com as relações estabelecidas entre a criança, a sociedade, a cultura e os adultos. Bernartt (2009, p. 4226) afirma que “[...] a criança como indivíduo percorreu a história da humanidade recebendo diferentes tratamentos em função das diferentes relações que foram estabelecendo”. Assim, o significado da criança foi concebido pela representação que o adulto deu a ela em suas relações ao longo dos tempos. Por isso as discussões acerca do tema muito se modificaram e ainda continuam se modificando.

A sociedade, via de regra, desprezava a criança e principalmente o adolescente, sendo considerada a infância o período mais frágil da existência. No entanto, mesmo sendo delicados os processos caracterizados nos primeiros anos de vida, mal a criança adquiria um crescimento e desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, partilhando de seus trabalhos, de seus jogos, de seu mundo.

De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto, nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos à educação foi garantida pela aprendizagem, graças a convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. (ARIÈS, 1981, p. 03)

Mesmo diante de críticas apresentadas às suas afirmações, Ariès (1981) não deixou de questionar a maneira como eram concebidas as relações entre adulto, criança, família e sociedade, o que nos faz acreditar mais ainda na importância delas quando o contexto é o desenvolvimento humano.

Essas ideias convergem em parte com a própria visão que Merleau-Ponty (2006) atribui à criança. O filósofo a compreende como um ser polímorfo, com capacidade de união de todas as impressões de seu mundo e do mundo em que vive. A criança é diferente não por ter uma mentalidade de criança, mas por não ter um pensamento categorial, igual ao dos adultos (BARRETO, 2014). A criança só consegue se constituir enquanto ser e transformar o

espaço circundante quando se compreender que ela não surge em um mundo novo, mas é a novidade inserida no mundo antigo, capaz de recriá-lo, transformá-lo em um lugar melhor.

Concordo com Barreto (2014, p. 24) ao defender uma concepção em que não exista distinção “[...] entre crianças e adultos, mas sim uma compreensão de suas singularidades enquanto criança, e não sua desqualificação pela não ‘maturidade’”.

É preciso evitar toda concepção rígida sobre a criança, e compreendê-la sobre sua singularidade, pertencente a uma família, classe social, econômica e cultural, bem como a um momento histórico. Tratar a criança sem considerar as diferentes convicções de vida e desigualdade social existente entre as populações é dissimular a significação social da criança. Sempre que se compara, toma-se como referência algo que não é desta ou daquela criança, e sim de um padrão. Falar, por exemplo, sobre “o mundo da criança” é tomar como referência um mundo que se afasta da experiência da criança, generalizando aquilo que é único. (BARRETO, 2014, p. 24)

O corpo da criança e o corpo do adulto se constituem de um mesmo lugar com formas diferentes de ser e estar no mundo, de percebê-lo. Assim é importante definir o mundo adulto e o mundo da criança, sem afirmar que são mundo paralelos, mas sim formas paralelas de perceber as relações estabelecidas neste meio de coisas e pessoas. Neste mundo, o corpo criança continuará se expressando pelo movimento, pelos gestos expressivos, sendo estesiológico, ganhando percepções, sentidos e significados compatíveis com a sua realidade.

O adulto possui um importante papel na constituição dos saberes atribuídos ao corpo da criança ao longo de suas vivências na infância, sendo um meio intermediador e facilitador das experiências. Entretanto é preciso entender que o adulto deve apenas ser um estimulador, mas é a criança que deve viver e experienciar pelo seu próprio corpo, assim o adulto não pode “[...] interferir incisivamente na forma de ser estar no mundo particular da criança, mas observá-la e quando necessário intervir” (BURCKARDT et al, 2015, p. 13).

Sustento-me nas ideias de Merleau-Ponty (2006) sobre a criança por acreditar que ele se aproxima do ideal sensível e humano sobre esse ser tão especial. Não é coerente e nem humano compreender todas as belezas dessa etapa de nossas vidas por meio de estágios e de faixas etárias criadas sob o olhar do adulto sobre a criança. As crianças devem ser respeitadas e vistas por elas mesmas, sendo compreendidas por seu próprio ponto de vista e não dos adultos. Não se podem conceber valores preestabelecidos, nem tentar encaixar a infância dentro de estágios sucessivos, sem antes conhecer a real situação em que ela vive, assim como suas possibilidades e manifestações expressivas (REIS, 2016).

Para Merleau Ponty (2006) não existe uma natureza infantil; conceber as discussões sobre a criança em uma natureza infantil *a priori* foi um dos maiores erros cometidos pela psicologia clássica. A ciência humana acerca da vida infantil se faz na recusa das dicotomias e na compreensão do polimorfismo da criança que permite a ela a coexistência de suas possibilidades, e reintegração ao meio social e histórico no qual ela vive, reage e transforma, “[...] a criança não é nem um ‘outro’ absoluto, nem ‘o mesmo’ que nós” (MACHADO, 2010, p. 19).

A criança se relaciona com as outras pessoas e com o mundo através de seu próprio mundo, pois ela vive acreditando em um lugar acessível a todos aqueles que a circundam. A criança não tem consciência de si mesma, e nem dos outros, como subjetividades privadas, ela não sabe que nós todos e ela mesma estamos limitados a uma única forma de ver o mundo. Por isso o processo de criação é tão inerente a essa fase da vida. Para ela o mundo é ainda o lugar vago onde acontecem todas as experiências. Só por volta dos 12 anos é que a criança encontra a verdade das coisas no realismo; com isso “[...] ela se descobriria ao mesmo tempo como consciência sensível e como consciência intelectual, como ponto de vista sobre o mundo e como chamada a ultrapassar este ponto de vista, a construir uma objetividade no nível do juízo” (DIAS, 2006, p. 968).

Merleau-Ponty (2006) dedica um lugar especial ao corpo da criança, responsável por sua ligação com o mundo e com os outros corpos, por meio de suas intencionalidades repletas de expressões e significados. A criança é um ser indivisível, único. “A criança não representa o mundo; ela o vive”, com todas suas complexidades (REIS, 2016, p. 51). Por isso é essencial ao adulto compreender e respeitar o universo infantil, positivando suas experiências, cuidando, oportunizando situações ricas em linguagens expressivas e diversas, com brincadeiras, contações de histórias, movimentos dançados e outras experiências.

Ao trazer as concepções do corpo criança de Merleau-Ponty, Dias (2006) buscou resumir algumas características que para ele são relevantes na obra do filósofo. O autor compreende que é válido considerar que:

a) Não é correto reduzir a criança a uma mentalidade infantil, impedindo-a de ser participante ativa da vida humana. A criança é participante ativa da sociedade e de seu próprio mundo; por meio de seu corpo ela constrói relações diretas com o meio, possuindo importante participação em diversos processos, não como um ser indefeso, mas como um ser rico em suas complexidades e belezas.

b) O adulto não deve ser retirado da educação das crianças; pelo contrário, ele precisa estar presente para nortear e ajudar a criança a se descobrir, se desenvolver. A educação

precisa ter uma consistente relação entre o educando e o educador, pois se for deixado à criança o papel de se educar por suas próprias forças, ela não se encontrará e não conseguirá sozinha se fazer no mundo. Esta educação certamente não será melhor que a autoritária.

c) Reintegrar a criança da maneira que a concebemos no todo social e histórico no qual ela se apresenta. Esse processo de reintegração permitirá à criança viver conflitos e experiências que antecipam seus poderes físicos e mentais, auxiliando na sua formação enquanto corpo sujeito.

d) A relação entre a criança e o adulto é pautada na identificação. A criança se identifica e se vê nas ações dos adultos, principalmente na de seus pais, e se molda de acordo com as relações estabelecidas entre eles. É por isso que muito se fala que os pais precisam ter cuidado ao se comportar diante de seus filhos, pois eles se espelham em suas atitudes, e a partir dessa dinâmica de identificação a criança desenvolve sua conduta infantil.

e) A criança possui uma maneira própria de entrar na herança cultural. Como foi afirmado anteriormente, ela estabelece redes de identificação entre os adultos, assim elas conseguem aprender imitando seus gestos, seus modos de falar e pensar. A capacidade de imitar é inerente à criança. No início de seu desenvolvimento, imitar gestos e ações dos adultos é natural para a construção do seu conhecimento. Desta forma, as crianças entram na herança cultural por meio de sua inteligência e por suas relações imitativas do ser adulto.

A infância é o período mais significativo na vida do ser humano, no qual o desenvolvimento humano acontece de forma plena e harmoniosa, onde as especificidades existentes na infância não constituem uma falha ou falta de clareza, mas sim uma característica de ser inacabado, em processo de se tornar completo, com o privilégio de se reinventar e reconstruir sempre que possível. A magia de ser criança reside nessa capacidade.

A criança, para Godoy (2010, p. 49), entra em contato com o mundo por meio de suas sensibilidades, sendo a linguagem corporal a primeira de suas manifestações de comunicação. Ao dominar os códigos e símbolos de seu universo, a criança desenvolve um repertório de movimentos e gestos corporais que irão permitir lidar melhor com seus sentimentos (tristezas, alegrias, angústias, satisfações etc.). A dança como parte desse universo expressivo viabiliza a experimentação e apreciação estética do movimento humano; assim, para o mesmo autor, “Ao dançar, a criança se expressa criativamente, e isto amplia suas possibilidades de interação com o mundo. Dançar, então, pode significar uma maneira prazerosa de conhecer o corpo e comunicar-se por meio dele”.

A dança permite ao corpo da criança vivenciar infinitas manifestações de ordem afetiva, social, criativa, entre outras as quais auxiliam no processo de construção da sua

identidade pessoal e no modo como ele enfrenta a vida. A criança que dança se torna um adulto mais consciente de seu próprio corpo, de suas possibilidades, mais sensível na percepção das coisas que o rodeia, se expressa de forma mais livre e segura, pois compreende e respeita seu corpo.

### 3.2 O ENSINO DA DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE: NO COMPASSO DAS INTERAÇÕES

Quando menciono o ensino na dança, logo me vem o questionamento de qual dança estou falando? A dança ensinada nas escolas, as danças livres, as danças das academias, a dança espetáculo? Quais as características dessas danças?

Se perguntar para alguém, seja adulto, adolescente ou criança o que é dança para eles, vê-se que o questionamento não é só meu. Certamente as repostas serão atribuídas ao contexto em que as pessoas estão inseridas, assim como as idades. E nunca serão referentes a um único conceito. Para uns o sinônimo de dança é o *ballet* clássico, para outros as danças populares como funk, o axé, as danças de salão.

Quando os pais veem seus filhos se movimentando ao som de uma música, logo dirão que eles estão dançando e os matricularão em uma escola de dança, onde certamente irão aprender as técnicas e conceitos do *ballet* clássico, *jazz dance*, contemporâneo. Se o professor vê seu aluno se movimentando na sala de aula, provavelmente dirá para se sentar, ou, se durante a dança de comemoração de alguma data festiva, este não fizer o que foi treinado, dirá que está errado. Mas então que dança é esta que está sendo ensinada nas instituições? O que é dança para esses pais e professores? Para que ela é ensinada?

Marques (2012, p. 17) ao realizar uma pesquisa sobre o que é dança com seus alunos da educação infantil, encontrou respostas as mais variadas possíveis, como “dança é quando tem música”, “dança é quando meus pais saem para forró”, “dança é *funk*”. A autora chama a atenção para a importância de se discutir isso com as crianças e de se começar um trabalho compreendendo esses significados, seja nas escolas formais, seja nas escolas especializadas, mesmo que a aula seja de um estilo específico. Sempre é interessante conhecer qual a representatividade e sentido que essas significações possuem na vida do aluno, e se ele as enxerga como dança ou não.

A dança como expressão e a dança como forma são os grandes grupos criados pela autora baseados nas respostas das crianças. Para ela, no primeiro grupo estariam as respostas

que dizem respeito aos sentimentos, percepções e sensações da dança, e no segundo as referências externas, vindas da mídia e das experiências de vida de cada criança.

Adentro nessas especificações pois, ao falar de ensino, temos que estar cientes de qual fenômeno se está relacionando a esse ensino, de qual época e em que lugar ele se desenvolve, em qual instituição ele acontece, quais são suas características. Quando abordo o ensino da dança na contemporaneidade, preciso compreender como a dança se processa dentro dos ambientes discutidos e que essa dança dependendo do local e da finalidade pode ser entendida e desenvolvida de maneiras distintas.

Ao comparar a dança na escola formal e a dança nas escolas especializadas, encontra-se um exemplo vivo disso. O ensino nas escolas especializadas está muito mais preocupado com a performance de seus alunos em um determinado estilo de dança, do que no processo educacional. A dança é trabalhada como arte, como um fazer artístico pautado na educação estética. Já nas escolas formais, por vezes é desenvolvida como um aparato da educação, principalmente da educação infantil, e quando não, é ligada à dança criativa, que detém a sua preocupação na auto expressão dos alunos. Ambas promovem a educação dos corpos dos alunos, mas por vias e finalidades distintas. Nenhuma está errada, mas por que então não podemos falar da educação estética, da dança arte dentro das escolas formais, e da criatividade e auto expressão dentro das escolas especializadas?

Essas fragmentações por vezes provocam embates e confusões quando levadas à discussão por alunos e professores por todo o mundo, o que acaba por distanciar cada vez mais essas duas realidades, ficando cada qual à mercê de seus sistemas de ensino estruturados, em sua maioria, no tradicionalismo, enciclopedismo, virtuosismo, tecnicismo, desenvolvidos no século XX, cabendo à dança hoje uma repetição desses métodos de ensino (MARQUES, 2008).

Essa realidade muito se sustenta na formação dos profissionais habilitados a trabalhar com a dança, seja nos cursos de graduação em bacharelado ou em licenciatura, e/ou nos cursos técnicos que habilitam bailarinos e dançarinos a lecionarem. A formação em dança por muito tempo foi sustentada pelas escolas de dança que ofereciam cursos com certificação sobre seus métodos de ensino, sendo uma ampliação de possibilidades e conhecimento daqueles que já dançavam, eram dançarinos (FREIRE, 2001). Com a implementação dos cursos de graduação em Educação Física e Artes, a dança passa a ser discutida dentro das universidades, mas não ainda como uma área do conhecimento, e sim como conteúdo, tanto dos bacharelados, quanto das licenciaturas, tendo mais espaços nas licenciaturas.

A dança se fez pela Arte segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sob a Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96, quando estes conceberam que a Arte é uma área do conhecimento trabalhada dentro da escola como uma disciplina curricular com conteúdo específico e diverso, tão importante quanto as outras áreas do conhecimento tradicionais dentro do ambiente escolar, como o português e a matemática, por exemplo, e que as suas linguagens abarcam as artes cênicas, visuais, dança e música. Estas propiciam experiências das diferentes formas artísticas, possibilitando transformações nas vivências e olhares sobre o mundo dos alunos (GUALDA; SADALLA, 2008).

Para a Educação Física, a dança é apropriada dentro das graduações e pós-graduações como uma expressão do movimento corporal, tornando-se um de seus conteúdos clássicos, incluindo-se à área assim como os esportes, as lutas, a ginástica, por compor as diversas formas expressivas da cultura do movimento, tendo sido assim seu surgimento nas instituições de Ensino Superior (MIRANDA, 1994). Os PCNs, sob a lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96, referem-se à dança nas seções de atividades rítmicas e expressivas, nas quais englobam as danças populares brasileiras, danças urbanas, danças de repertório, coreografias associadas às manifestações musicais, brincadeiras de roda e outras.

Quando questiono de qual dança estamos falando e ensinando, quero chamar a atenção para a complexidade deste campo do conhecimento. A dança, por ser uma das primeiras formas de expressão da raça humana, possui um leque de possibilidades e discussões muito rico, que lhe conferem características únicas de agregar, ampliar e transformar as suas formas e funcionalidades de acordo com o meio e a época em que se desenvolve. Essa mutabilidade promove diferenças, como apresentamos anteriormente, de como cada área do conhecimento lida com ela, como ela é desenvolvida nas instituições e como cada pessoa a compreende e conhece baseado na cultura e forma de vida que levam.

Entretanto, mesmo com todas essas manifestações distintas, a dança possui características próprias que, independente da maneira, do momento e local em que se está, a fazem ser única, um fazer humano pautado na expressividade do movimento. Essas características da dança quando, levada às questões educacionais, principalmente com crianças e adolescentes, precisam ser discutidas e consideradas como linguagem, conhecimento, relação, arte e expressão.

Sustento-me nas abordagens da autora Isabel Marques para a discussão do ensino da dança, as relações, características e interações estabelecidas entre as crianças e a educação. Diferentemente da autora, que apresenta essas relações com enfoque na escola, procuro compreendê-las como possibilidades também para o ensino não formal.

Isabel A. Marques é uma das mais importantes artistas educadoras da atualidade que fundamenta suas reflexões nas discussões acerca da dança e da educação. Da união de sua formação em dança e pedagogia, ela mostra ser possível juntar essas duas áreas, por vezes tão distantes.

Apresento a autora a fim de conhecimento sobre seu trabalho e por acreditar que, dentre as inúmeras propostas discutidas na atualidade sobre o ensino da dança, a que ela apresenta é uma das mais relevantes para o desenvolvimento da dança no contexto educacional contemporâneo, justamente pela capacidade que possui de relacionar a dança e a educação aos contextos sociais vigentes em nosso país hoje, além de serem de fácil comunicação as possibilidades apresentadas no âmbito das escolas formais com as escolas especializadas de dança.

Como suporte básico, utilizarei suas obras produzidas nos anos de 2008, 2010, 2011 e 2012, as quais abrangem a discussão do ensino da dança, a maneira como ele é concebido, suas formas e características, sua comunicação com o tempo e espaços atuais, e as interações dos conhecimentos da dança com a sociedade e o corpo da criança. A autora discorre sobre esses assuntos de forma autêntica e crítica, e assim como foi discutido no tópico anterior, traz a criança como autora do seu próprio mundo, capaz de criar, interagir, comunicar, compor, transformar, criticamente sua existência através da dança.

Deste modo, penso que seria interessante hoje, em nossas experiências educativas na área da dança, problematizarmos a possibilidade de viver o momento, de relativizar o tempo, de não prescrever disciplinas, de enfatizar a relação corporal consigo próprio e com o outro como vetor de um tempo contínuo, dinâmico, internalizado e sentido. Seria interessante problematizarmos as fronteiras estanques de um espaço restrito, enfatizando a possibilidade da multiplicidade espacial, da presença de corpos que se desdobram e vivem em vários lugares ao mesmo tempo. (MARQUES, 2008, p. 66)

As diferentes modalidades de ensino da dança devem se comunicar de forma presente no mundo daqueles que dançam, estar inseridas nas vivências do corpo contemporâneo que vive em uma época e lugar, em um espaço e tempo que são só dele, que o circunda, transformando-o ao mesmo tempo em que é transformado. Que as barreiras espaciais, sociais e econômicas possam ser diluídas, permitindo o trânsito livre e igualitário entre esses lugares “e que o tempo linear progressista seja suspenso, para que o compreendamos historicamente” (MARQUES, 2008, p. 66).

A dança e suas práticas de ensino são campos novos de discussão que se fortalecem a cada dia mais dentro das universidades, principalmente nos cursos de graduação em dança, e por profissionais que se preocupam com o que é transmitido dentro das diversas instituições que oferecem seu ensino. Contudo, assim como Marques (2008) discute, existe atualmente uma onda “re-” (revalorização, reconstrução, etc) que permeia os processos de discursos na área da educação que se volta para a dança. Uma revalorização de várias correntes de diferentes estilos de dança e de muitas partes do mundo, que foram referência positiva no ensino da dança; um lembrar que aparentemente não está fazendo sentido por não atribuir ao componente “re-” a sua real identidade; a capacidade de reescrever, de escrever o novo sem anular o que já foi iniciado, consolidado, mas para perceber o que ainda está vivo, o que é relevante, o que ainda não foi pensado, para enfim transformá-lo.

A ideia de cópia, repetição, não pode existir se quisermos pensar no sentido da dança na contemporaneidade. Voltar a traduzir técnicas, métodos e processos de ensino sem análise crítica, sem uma anamnese do que isso significa ao ambiente e ao aluno não permitirá que a dança ultrapasse as barreiras da sala de aula das academias e escolas, significando as experiências dos alunos e profissionais.

A menos que estejamos falando de um ensino de balé clássico crítico, contextualizado, desconstruído e explicitamente reconstruído dentro de uma perspectiva contemporânea, as metanarrativas (ou verdades universais) presentes nesse ensino vão continuar ultrapassando as paredes das salas de aula das academias ou dos palcos, invadindo estes lugares com uma idéia de dança que se presentifica no imaginário não só de nossos alunos, mas também de profissionais e grande público. É surpreendente, por exemplo, que mesmo no mundo da escola formal, a dança tem sido associada por jovens e professores ao balé clássico, ainda que muitos nunca tenham assistido a um espetáculo desses na vida. (MARQUES, 2008, p. 69)

O *ballet* clássico, mais do que as outras modalidades de dança, volta a ser revisto, reformulado, repetido, copiado, por assumir a capacidade de preparação dos bailarinos para qualquer requisito de um coreógrafo moderno e/ou contemporâneo. O *ballet*, considerado a mãe das linguagens artísticas da dança, enfatiza a hierarquia do mundo da dança pautada no etnocentrismo do que realmente é considerado boa dança. E aparece como um agente restaurador de ideias e conceitos valorizados em uma outra época, que hoje se fazem presentes na busca de estabilizar o que é instável, de unificar o múltiplo, de organizar o efêmero e indeterminado, de dar uma resposta aos rumos desenfreados e livres que a dança tomou nas décadas de 60 e 70 do século passado, voltando-a para a arte em si nas suas técnicas e códigos.

Por ter se universalizado a ponto de ser reconhecido e praticado em todos os cantos do mundo com as mesmas características de movimentos, finalidades e estética, o *ballet* clássico ainda hoje faz parte do imaginário das pessoas, crianças e adultos, quando falamos sobre dança. Mesmo sem nunca terem visto um espetáculo ou nunca terem feito uma aula, se perguntarmos o que é dança, o que representa a dança, certamente irão responder que é o *ballet* clássico e a figura da bailarina, linda, delicada, uma visão etérea, dos deuses. O sonho da maioria das mães de meninas é de que um dia sua filha faça *ballet*, que fique com corpo, a leveza e disciplina de uma bailarina; isso é normal, algo que já está impregnado na cultura e na maneira como se conhece e se vê a dança. Se essa pergunta for feita para um dançarino, a resposta seria outra, pois este já tem o conhecimento, mesmo que mínimo, sobre as questões conceituais que envolvem a dança.

Essa visão não é de todo ruim; não é errado relacionar o *ballet* à imagem da dança, pois ele muito contribuiu para o seu reconhecimento junto às outras linguagens artísticas; foi o primeiro a academizar a dança, a conferir a ela sindicatos, escolas de formação e códigos únicos. O problema reside em quando compreendemos que só ele é digno de ser considerado dança de qualidade, de ser ensinado e reproduzido nas escolas de dança, sem contextualização com o seu entorno.

A preocupação, conforme apresenta Marques (2008), não se justifica apenas no fato de o *ballet* estar sendo revisto, mas na *forma* como estão sendo concebidas e significadas as relações das marcas e valores de uma cultura do século XVIII incorporadas à cultura do final do século XXI. Esses valores podem possuir significado ou não àqueles que dançam se forem trabalhados de maneira crítica e incorporados às vivências dos alunos e professores. O que muito se vê nas escolas de danças são turmas de *ballet* clássico que executam as sequências codificadas e revivem a disciplina dura, a perfeição dos movimentos, o desafio do corpo em busca da superação de seus limites, sem compreenderem os porquês de estarem vivendo aquilo e o que tudo isso agregará às suas práticas profissionais e pessoais. Estendo essa afirmação a outras modalidades de dança, pois já tive a oportunidade de vivenciar outras aulas, de jazz, por exemplo, que continham as mesmas características, e ao espaço das escolas formais, devido ao imaginário e ideal dos professores e diretores quanto ao que seria considerado arte: uma dança verdadeira que possibilita aos seus alunos a capacidade de dançar, de estar no palco, de executar algo belo que muitos apreciam.

Essas questões, principalmente quando levadas às escolas formais, carecem de um maior aprofundamento que leve em consideração sua complexidade. Minha intenção não é fazer esse aprofundamento, pois existem autores que fizeram isso com maior propriedade,

mas sim apresentar que o que se tem feito hoje em relação à educação na dança ainda deixa muito a desejar diante da complexidade da área. O ensino da dança dentro das escolas formais ou especializadas precisa ser desenvolvido com base nos estudos relacionados à área, respeitando as individualidades e as experiências de cada aluno. A comunicação entre eles tem de existir sem oferecer nenhuma vantagem a qualquer que seja, senão o ensino em dança estará fadado apenas à reprodução de movimentos, ao tecnicismo e ao espontaneísmo (STRAZACCAPA, 2001).

Para que a dança tenha um valor educativo, os alunos precisam vivenciar as atividades de movimentos como instrumento de contribuição no desenvolvimento corporal, compreendidos e expressos por eles ritmicamente, pois só assim será possível construir questionamentos a respeito do que se passa consigo e ao seu redor, promovendo uma análise crítica e reflexiva ao mesmo tempo em que se sentem mais seguros para se expressarem espontaneamente. Esse processo gera um fluxo de alterações e mudanças dentro e fora do aluno, dadas através do corpo e pelo corpo; esse processo é primordial no ato educativo.

Marques (2008 e 2010), acrescenta que existem duas maneiras de ver a educação e a dança, ambas com a intenção de trazer os conteúdos da arte em si para a contemporaneidade. Uma ligada às reformulações e recriações, atribuídas principalmente ao *ballet*, discutidas anteriormente, voltadas à educação do corpo para o melhor desempenho artístico dentro dos padrões da arte em dança, e outra que, além de discutir a dança como arte, amplia seus conteúdos articulando-os entre si, concebendo o ensino além do aprendizado das técnicas, mas questionando e significando o como fazer, o como chegar lá.

As correntes modernas para a dança e a educação propostas pelo bailarino e coreógrafo Rudolf Laban vão ao encontro da segunda maneira de compreender a relação de ambas as áreas. Diferentemente do *ballet* clássico, existia uma preocupação em fazer do ensino da dança uma possibilidade de desenvolvimento das capacidades humanas de expressão e criação, essencialmente adquiridas pela educação através da dança.

Para Laban (1985), a dança na educação permitia uma integração entre o conhecimento intelectual do aluno e suas habilidades criativas; permitia que ele percebesse com maior clareza as sensações contidas na expressão dramática do indivíduo, quer na dança teatral ou comunitária. A partir da compreensão das qualidades de movimento, implícitas nas diversas formas de expressão humana, o aluno, harmonicamente, poderia ser educado através do movimento/dança. (MARQUES, 2008, p. 71e72)

Laban introduziu uma análise minuciosa do movimento humano à arte da dança e da educação, trazendo ao mundo ocidental uma diferente alternativa de se abordar a educação em dança. Através dos estudos da coreologia, das dinâmicas do espaço, tempo, peso e fluência, e da escrita da dança, é possível obter uma discriminação, percepção e avaliação da dança nos seus vários campos: a educação, a pesquisa, a performance, a escrita e a coreografia. Nas mãos desse conhecimento os alunos possuem potencial de melhor entender, avaliar e discriminar o que se está dançando, criando e interpretando.

O estudo do movimento empreendido por Laban ofereceu e oferece até hoje contribuições brilhantes para diversas áreas, como a Dança, o Teatro, a Psicologia, Sociologia, Antropologia e a Saúde. Mas foi por suas abordagens na área da Educação, principalmente a educação em dança, que seus conhecimentos ficaram mais reconhecidos e difundidos por todo o mundo. Diante da importância dessas contribuições, abro um subitem para abordar de forma resumida, mas com maior clareza, a obra desse grande artista e pesquisador.

### 3.3 A ARTE DO MOVIMENTO DE RUDOLF VON LABAN: DANÇA EDUCATIVA E/OU EDUCAÇÃO NA DANÇA

Rudolf Von Laban, maneira como ficou conhecido mundialmente, dedicou sua vida ao estudo do movimento humano em suas relações com o meio e os significados atribuídos, resgatando os atos espontâneos e expressivos da dança. Sua proposta não considerava apenas a beleza, graciosidade e leveza das linhas de movimentos dançados, mas também a “liberdade que possibilita ao homem se expor por seus movimentos e encontrar a autossuficiência no próprio corpo” (SCARPATO, 2001, p. 60).

O legado teórico e prático que Laban chamou de Arte do Movimento é o resultado de uma vida dedicada aos estudos das diversas possibilidades físicas e expressivas, espaciais e dinâmicas do movimento humano. Para sua compreensão e aplicação, ele desenvolveu ramificações categóricas em suas práxis: a Coreologia, a Corêutica e a Eucinéctica. O estudo completo dessas implicações físicas, formativas e expressivas foi denominado por ele como Ciência da Dança.

A Coreologia é o “estudo do movimento expressivo humano, uma gramática da linguagem do movimento, espécie de ciência da dança que se refere ao estudo do movimento corporal em relação a si próprio, a outros e ao espaço” (SCIALOM, 2017, p. 34). Para ele, corpo e mente são inseparáveis, portanto não havia como dissociar o movimento da emoção, a

forma do conteúdo, e esse movimento indivisível precisava ser refinado e aprendido para uma melhor compreensão da linguagem corporal humana.

Marques (2008, p. 75), quando discute o estudo coreológico ao ensino da dança entende que trabalhar os seus conteúdos é um interessante caminho para a educação, pois o ensino-aprendizagem propiciado pela Coreologia permite uma relação entre a performance, a documentação, a apreciação e a verbalização, possibilitando ao aluno diferentes pontos de vista sobre o que foi aprendido.

A abordagem de ensino pautada na Coreologia ampliada aos tempos atuais, sendo entendida como uma possível educação *através* da dança e não *em* dança, é uma excelente forma de ensinar dança, principalmente quando assume um sentido próprio ao corpo da criança e do adolescente de hoje, centrado não mais apenas em suas experiências pessoais de expressão, mas nas relações de sociedade estabelecidas entre o aluno e a dança.

Os discursos da Coreologia se desmembram em duas vertentes, a Corêutica e a Eucinéctica. A primeira compreende o estudo e a organização do movimento no espaço, com finalidade de investigar a análise de todos os tipos de movimento humano, corporal, emocional e mental. Conhecida também como harmonia espacial, compreende que o movimento ocupa, traça ou gera formas no espaço, associadas às figuras geométricas. A segunda analisa os aspectos qualitativos do movimento e as combinações entre as possíveis dinâmicas e qualidades expressivas, conhecidas como esforço ou pulsão, a intenção interior que impulsiona a necessidade de se movimentar (SCIALOM, 2017).

Foi na Eucinéctica que Laban discorreu sobre os quatro fatores do movimento conhecidos e muito difundidos dentro das práticas educacionais voltadas à sua obra. Esses fatores identificam e expressam a qualidade do movimento humano, não existindo de forma isolada, uma vez que o homem é indivisível, sendo que cada corpo apresenta uma complexa quantidade de combinações possíveis desses fatores. Eles são: tempo, espaço, peso e fluência.

Os fatores são inerentes a cada indivíduo, o que diferencia uma pessoa da outra, assim como também regula a intensidade com que cada um deles se manifesta, definindo uma polaridade específica, podendo gerar, de sua combinação, oito ações corporais básicas: o torcer, pressionar, chicotear, flutuar, socar, pontuar, deslizar e sacudir. “No entanto, o movimento é mais que a soma desses fatores e deve ser experimentado com uma totalidade” (COELHO et al., 2012, p. 285).

A vida de Laban incentivou sua obra e sua obra a sua vida. Dedicou-se inteiramente a estudar o movimento, conduzido por suas inquietações inspiradas nas artes, filosofias e

ciências, e pela responsabilidade que nutria de estabelecer a dança como uma linguagem artística, provando sua importância para o mundo.

A dança educativa moderna ou dança livre, nomes denominados por Laban para descrever o ensino da dança em escolas, foi uma das mais significativas vertentes de sua obra, que contribuiu para o desenvolvimento da dança enquanto conhecimento e arte, possíveis de serem transmitidos e significados pelos corpos das crianças e daqueles que queriam dançar.

A integração corpo e mente devia constituir os processos em educação. Através do estudo do movimento, seria possível quebrar a preocupação que se dava a apenas as disciplinas da mente (português e matemática), pois o ensino do movimento viria para ensinar a compreendê-lo e dominá-lo vivendo, experimentando suas possibilidades na teoria e na prática. Laban queria atribuir à dança sua importância dentro do contexto da educação, conferindo-lhe a capacidade de desenvolver esse estudo do movimento dentro da escola. Assim como os pensadores do século XX, ele se preocupava com a automatização do movimento, da mecanização dos gestos e sentimentos provocados pela explosão industrial.

Crianças e adolescente, cada dia mais, perdiam suas potencialidades expressivas do movimentar para uma educação tradicionalista que podava toda e qualquer possibilidade de auto expressão apresentada por meio do movimento. Rudolf Laban caminhava em sentido oposto a essa educação, muito se assemelhando, como acredita Scarpato (2001, p. 59), aos princípios da educação progressista, possibilitando ao aluno se expor, comunicar pelos seus próprios movimentos. Essa maneira de educar “Não ensina apenas a forma ou a técnica, mas educa conforme o vocabulário de movimento de cada um, contribuindo para o desenvolvimento emocional, físico e social do participante.”

Para essa escola, os ideais de expressão interior e emoção humana são entendidos como os princípios edificantes da criação artística/ educacional. A busca da autonomia do sujeito, de sua experiência interior, aliadas à imaginação, à individualidade e à importância dos processos dos artistas modernos influenciaram o pensamento educacional de Laban. Ele defendia um ensino de dança no qual o ser humano pudesse explorar de maneira livre suas capacidades “espontâneas e inatas” de movimento no espaço. (MARQUES, 2008, p. 84)

Laban, em nenhum momento de sua vida, nem em seus livros, estabeleceu procedimentos, caminhos, sequências para o aprendizado da dança: ele ensinava o pensamento crítico e a ampliação do olhar sobre a dança. Não mostrava como observar o movimento humano, mas apontava o que deveria ser observado para a compreensão do dançar, da personalidade e dos movimentos de trabalho. Desejava que a partir dessa

compreensão as pessoas que trabalhassem com a coreologia pudessem continuar investigando, experimentando, descobrindo novas formas de ensinar, de dançar, de pesquisar, de observar; que os professores conseguissem assim encontrar a sua verdadeira e própria maneira de ensinar, de estimular os movimentos e a dança, que se sentissem confortáveis com isso, não havendo necessidade de consultar “receitas de bolo”, pois tudo já estava incorporado em seus corpos (MARQUES, 2002).

No entanto, mesmo sua obra tendo ênfase na criação individual, Laban criticava o “deixar fazer”, as expressões “caoticamente livres”; acreditava que era preciso ter um suporte, um conhecimento que amparasse o desenvolvimento dessa dança livre, para que ela não perdesse seu sentido, tornando-se um simples fazer. Foi por isso que ele estabeleceu parâmetros para a criação, não vistos como métodos, mas sim como conteúdos explicitados nos temas do movimento da coreologia. Uma ferramenta de trabalho para que professores, diretores e pais pudessem se orientar na criação de suas aulas, programas, na sua dança, na sua vida (MARQUES, 2002). O papel da educação adquiria uma relação de ensinar, ajudar o indivíduo a se conectar e relacionar corporalmente por meio da dança com a totalidade de sua existência.

Para que o objetivo de libertação fosse alcançado, era preciso conceber uma dança livre, uma técnica de dança livre que diferenciava os aspectos de corpo das propostas de dança existentes na época, como por exemplo, o *ballet* clássico e as danças de salão. Laban não concordava com a padronização dos movimentos, com as cópias dos repertórios que nada diziam aos corpos de quem dançava e de quem assistia, que serviam de mero entretenimento e não uma maneira de ser e estar em sociedade, de formas pasteurizadas e unificadas de movimentos, todos dançando da mesma maneira, como se fossem reprodução, cópias um dos outros, produtos de uma técnica mecanicista direcionada ao domínio da movimentação.

Ainda hoje vemos essas práticas serem repetidas, principalmente em escolas de dança clássica, onde o intuito é formar bailarinos técnicos, capazes de executar todas as propostas de movimentos, conseguindo renome mundial nas grandes companhias de dança. Marques (2002) contempla que corpos de bailarinos e de pessoas leigas continuam sendo expostos a modelos de corpo e movimento, de indivíduo e sociedade, impressos pelos variados estilos de dança e suas técnicas, pasteurizando não só as formas de se movimentar, mas também de pensar e agir em sociedade.

Pensando nesse quadro, Laban e seus discípulos propuseram o dançar livre, o se libertar das amarras impostas por esses moldes de movimentos que engessam os corpos de quem dança, ou se põe a dançar; porém não descartou a técnica, pelo contrário, apresentou

uma técnica de dança que auxiliava as pessoas a conhecerem e aderirem a sua visão de dança e de educação. A técnica é necessária à aquisição da experiência se ligada à compreensão dos conteúdos do movimento, “ou seja, dentro de conteúdos específicos determinados e claros – e não de formas externas impostas de fora para dentro –, cada um pode criar e desenvolver sua própria maneira de dançar” (MARQUES, 2002, p. 280).

Ao contrário disso, a “técnica de dança livre” de Laban buscava ampliar esse vocabulário de dança, trazendo da experiência de cada um novos arranjos, caminhos e possibilidades para dançar. Para Laban, conhecer o uso da energia, de peso, das possibilidades do fluxo do movimento no espaço (etc.), era como adquirir um outro tipo de “habilidade”, uma habilidade que abre portas e diferencia as pessoas, pois permite a expressão e a comunicação pessoal e intrasferível de cada um. (MARQUES, 2002, p. 280)

As concepções a respeito da técnica nos estudos coreológicos se assemelham à maneira como a própria fenomenologia a concebe. Marques et al. (2017, p. 870), em seu mais novo estudo, acreditam que existem duas formas de entender a técnica na dança: uma em que atenção está centrada no resultado e no rendimento, na qual a repetição de movimentos pautados em um ensino tradicional exige que os bailarinos cheguem a uma mesma resposta, e uma segunda que compreende a técnica como uma forma de se organizar corporalmente, permitindo que as manifestações expressivas renasçam em cada corpo, “atualizando significações sensíveis e simbólicas, que se ressignificam em experiências particulares”.

As modalidades de dança, a dança em si necessita estar atrelada a uma técnica, uma forma que permita aos alunos/bailarinos conhecerem, experimentarem, terem noção dos porquês, do como se dança, terem subsídios para agirem conscientemente sobre seus corpos, sobre sua dança. Essa técnica precisa respeitar as complexas relações existentes entre o indivíduo e a sociedade, entre o corpo e o movimento, e apreciar as individualidades que florescem quando o corpo se põe a dançar.

São por esses motivos que abordo Laban e sua dança educativa, por acreditar que a maneira como ele concebe a educação na dança, respeitando o corpo do aluno na sua totalidade, com sua história de vida, sua existência, seja um possível caminho a se seguir na contemporaneidade, ressaltando que há ajustes que precisam ser considerados, o repertório necessita ser ampliado e condizer com a sociedade atual. A visão crítica e emancipadora sobre as relações da dança com a educação, superando os alicerces arcaicos, são questões a serem discutidas.

Laban, quando desenvolveu sua nova dança, a dança educativa, acreditava que existia uma dissociação entre a dança na produção artística profissional e a dança na escola, por isso, após ter desenvolvido sua análise do movimento humano voltada para a arte e o fazer artístico, é que a ampliou para a educação, referindo-se em sua maioria à escola, apesar de seus ensinamentos poderem ser aplicados não só à dança, mas também à Psicologia, à Sociologia e à Antropologia.

Até os dias atuais essa visão dicotomizada se faz presente na classe docente, na artística e no público brasileiro, gerando um problema na unificação da linguagem da dança e sua comunicação com a educação. Ignora-se que a dança não pode ser repartida, não deve ser enquadrada em moldes e padrões e nem ser conhecida por nomenclaturas e estilos. As danças criativas, recreativas, educativas, cênicas, livres abordam as diferentes características da dança e são amplamente discutidas por pesquisadores responsáveis e preocupados com a área. Não tenho pretensão de criticar essa maneira de conceber a dança, mas sim chamar atenção ao fato de que quando a concebemos como linguagem, como conhecimento, não é certo separá-la.

Quando se dança e vive os movimentos dançantes, significando-os à existência, a dança educa, diverte, sensibiliza, é fruição artística e estética. Laban, de certo modo (digo isso por seu pensamento ter acabado entrando no pedagogismo e muitas vezes não ser compreendido em sua totalidade e essência), ampliou e revolucionou tanto o mundo da dança quanto o da educação. Ele se preocupou em retirar a dança do puro espontaneísmo em que ela vinha se desenvolvendo e criticou a mecanização atribuída pela técnica, dando suporte e conhecimento para uma nova e revolucionária maneira de viver e se fazer dança. Marques acrescenta:

Seus princípios e análises foram/são uma abordagem prático-teórica para a dança e seu ensino que viabilizou/viabiliza maior objetividade, clareza, exatidão, intencionalidade e atenção ao trabalho corporal/ educacional. Laban trouxe para o mundo da educação referências corporais que instrumentalizaram/instrumentalizam um processo de criação menos espontaneísta e potencialmente mais consciente. (MARQUES, 2008, p. 85)

Os conhecimentos da linguagem da dança (Coreologia) permitiram/permitem um entendimento da ampla área de conhecimento que é a dança, assim como seus entornos, compreendendo-a em sua performance, criação, apreciação e relações com a sociedade. Educar-se em dança e através da dança implica viver e dominar essa linguagem, não apenas reproduzindo seus estilos, códigos, passos, mas também conhecendo e apropriando-se

corporalmente de suas estruturas formativas. Se compreendermos as perspectivas de Laban além de sua proposta de dança na educação escolar, e de sua função pedagogizante que tomou conta com o passar o tempo, relacionando-a com os corpos atuais, poderemos nos aliar tranquilamente a seus ensinamentos, construindo uma nova educação em dança.

A maneira como se discute e enxerga o corpo no século XXI não é a mesma do século passado, quando Laban desenvolveu sua obra. As discussões contemporâneas acerca desse corpo nos obrigam a repensá-lo e juntamente com ele os conceitos sobre dança e educação, uma vez que eles possuem relação direta. O corpo, há muitos séculos visto apenas como uma entidade biológica, uma máquina, passa a ser estudado e concebido com mais intensidade pelas ciências sociais como uma unidade integral por volta das décadas de 60 e 70 do século XX. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, a percepção de corpo e suas relações é alterada: ele passa a ser influenciado e formado pelos meios de comunicação, que o circunscrevem em novos padrões e modelos.

Se preconiza-se a importância das características universalizantes dadas a esse corpo e a necessidade que ele possui de liberdade, de justiça, de igualdade social, de que todos tenham acesso à educação/dança, não podemos deixar de incluí-lo nas discussões a respeito do ensino na dança. Portanto, concordo com Marques nos seguintes termos:

Contemporaneamente, as propostas de Laban, se entendidas como linguagem, podem ter um papel primordial até mesmo na compreensão e execução das próprias técnicas codificadas, desconstruindo-as. Os estudos de Laban permitem a observação, análise e percepção corporal e intelectual dos elementos de movimento embutidos nos diferentes estilos de dança e, conseqüentemente, dos aspectos sócio-político culturais dessa dança. Ou seja, ao estudarmos, vivenciarmos e compreendermos a linguagem da dança, compreenderemos também suas mensagens subliminares, pois a linguagem tem significação. Dessa forma, não mais faremos ingenuamente uma aula de balé, ou de nova dança, ou de *flamenco*, mas teremos a possibilidade de ter uma maior consciência de como essas técnicas estão construindo nossos corpos e nos sugerindo que tipo de cidadania. (MARQUES, 2002, p. 280-281)

Assim, em mãos desses conhecimentos e ciente de que falar de dança na educação vai muito além de apenas dançar e repetir movimentos, sigo acreditando no potencial que ela apresenta na construção de um ser humano mais sensível, consciente de seu corpo e do seu papel na sociedade, e suas infinitas interações entre a dança e o corpo que se põe a dançar. Portanto continuo no desvelar destas interações, acrescentando sempre mais à dança e à educação do corpo criança.

### 3.4 PARA QUE A DANÇA TENHA SENTIDOS E SIGNIFICADOS PARA O CORPO CRIANÇA, QUAIS ENTENDIMENTOS SÃO PRECISO CONCEBER? ISABEL MARQUES NO DESVELAR DAS INTERAÇÕES

Busco nas palavras da autora Isabel Marques (2012), escritas em seu livro “Interações: crianças, dança e escola”, compreender e acrescentar ao ensino da dança uma nova roupagem possível de ser desenvolvida. Apesar de a obra relacionar o ensino da dança a apenas à escola, e mais especificamente à educação infantil, acredito que os conhecimentos por ela compartilhados vão muito além desse ambiente, e podem ser pensados e ressignificados se desenvolvidos nas escolas especializadas de dança para crianças e adolescentes de todas as idades. As discussões atribuídas aos ensinamentos de Laban ganham força e se complementam com estas novas informações.

Primeiro, é relevante compreendermos que o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem em dança é primordial se quisermos transformar o atual quadro da educação em dança. Para que a formação do ser humano seja equilibrada em suas formas de sentir, pensar e agir, é preciso que o educador selecione de forma democrática os elementos da dança que irá utilizar, em conformidade com o universo dos educandos. Esses dois universos devem se comunicar, a dança deve ser concebida em parceria com as vivências dos alunos e ao mesmo tempo promover novas realidades a eles. Ela só terá significado para quem a pratica se pertencer ao seu mundo, só assim será possível compreendê-la e vivenciá-la.

O professor deverá então assumir uma nova atitude que ultrapasse a restrita concepção de transmissor do conhecimento: a atitude de um pesquisador que está sempre atento, receptivo, flexível, investigador e criativo quanto aos acontecimentos perante seus alunos, ressignificando constantemente a rede de conteúdos e interações entre a dança, o corpo criança e a educação. Deve ser um profundo conhecedor e crítico sobre as possibilidades de conhecimento que a área oferece e compartilhar com seus alunos a arte da dança dançando, dirigindo, coreografando, ou seja, fazendo dança (MARQUES, 2008).

Marques (2012) propõe que ao iniciar os trabalhos com dança é interessante primeiramente o professor se perguntar e compreender seus próprios conceitos de dança, mapeando e inventariando suas vivências e conceitos, pois o que ele conhece e suas experiências irão refletir na sua prática e nos significados atribuídos por seus alunos. Se ele não gostar de dançar ou tiver alguma restrição física ou religiosa, provavelmente suas aulas serão privadas do conhecimento real do movimento dançado; se para ele dança é sinônimo de axé, *ballet*, jazz, dança de rua, estará restrito ao ensino de sequências de movimentos, passos e

repertórios; se a dança for vivida e concebida apenas como forma de auto expressão, as aulas estarão fadas a uma dança livre, espontaneísta. Estas são as maneiras mais comuns de ensinar e aprender dança nas escolas, academias e companhias.

Não que seja errado ensinar repertórios, incentivar a livre expressão, a sensibilização da auto expressão e do movimentar-se livre, mas é certamente uma forma limitada e limitante de trabalhar a dança em qualquer ambiente. É necessário que saibamos relacionar “criticamente nossas vivências e conceitos pessoais às vivências e conceitos dos alunos”, para que assim as redes de relações “sejam traçadas, interações sejam construídas, sentidos sejam trabalhados” (MARQUES, 2012, p. 23).

Para que o professor consiga mudar as suas propostas e ter autonomia para criar suas aulas com base no que mencionamos anteriormente, é preciso que, além dos conhecimentos expostos ao longo deste capítulo, principalmente sobre os estudos coreológicos de Laban, ele compreenda alguns conceitos, colocações que são comumente expostas, aplicadas de maneira errada ou limitada, principalmente nas escolas de ensino formal.

Baseando em Marques (2012, p. 24), primeiramente, é necessário que se saiba reconhecer que dança não é sinônimo absoluto de movimento, que as atividades de dança não precisam necessariamente ser compostas unicamente pelo movimento. A pausa também existe, e juntamente ao movimento deve ser compreendida e praticada, pausar é “dançar, é perceber o corpo de outra forma, criando outras relações e sentidos nos tempos e nos espaços”. Saber quando se deve pausar ou quando se é pausado, o por que pausar e qual o sentido disso, é essencial para se possibilitar viver essa relação, que na escola formal é comumente vista de forma errônea, apresentando uma estranha dualidade. Ao mesmo tempo que rejeitam o movimento durante o ensino das disciplinas convencionais (matemática, português etc.), quando se trata de falar sobre dança, querem que os alunos se movimentem o tempo todo na maneira estipulada por eles.

Ela então é relação. Relação entre as suas inúmeras potencialidades em consonância com os diversos contextos sócio-político-culturais, que moldam e são moldados pelos corpos dos professores e dos alunos. Portanto não é só a escolha de como e quando se deve movimentar e pausar, mas também como isso pode ser trabalhado. É nas aulas de dança que isso deve ser vivenciado e refletido, que os signos da dança, o intérprete (quem dança), o movimento (o que se dança) e o espaço cênico (onde se dança) devem se interagir, gerando infinitas combinações possíveis entre o movimento, o corpo que o gera e o espaço onde ele acontece (MARQUES, 2012).

Em um segundo momento, pode-se compreender que a dança não pode ser vista apenas como brincadeira, mas também como arte. Não quero dizer que não se deva brincar nas aulas de dança, mas que ambas as linguagens são diferentes, se perfazem e constroem corpos distintos.

Assemelham-se na capacidade de serem compreendidas como linguagem, uma rede de relações, de vínculos que permitem que tanto o corpo que dança quanto o que brinca, em situação de ensino-aprendizagem, estabeleçam redes de relações sempre transformadoras. Estas são corporais, os vínculos se traçam entre os corpos que brincam e dançam. As brincadeiras só existem nos corpos que brincam de esconder, de correr, que sentem, percebem e dialogam com outros corpos, com o próprio corpo e com o espaço.

Com a dança acontece o mesmo. “São os corpos socialmente constituídos e historicamente construídos que brincam e dançam e, ao mesmo tempo, são as brincadeiras e as danças que constituem e constroem nossos corpos, e que, portanto, nos constituem e constroem” (MARQUES, 2012, p. 33).

Na dança, os corpos estão sempre em cena, e isso não necessariamente se refere ao palco, mas à cena social. Esse processo constitui o que ficou denominado por Marques (2012) como “corpos cênicos”, corpo que tem potencial criador, criativo e construtor da linguagem artística. Ele compõe as relações estéticas e domina a linguagem corporal debruçando-se sobre ela, transformando-a. Diferentemente de executar uma ação de se levantar para pegar algo no alto da estante, por exemplo, o corpo cênico transforma o sentido dessa ação funcional, podendo promover a ela uma expressão de alegria, de necessidade, de curiosidade. Esse corpo tem a possibilidade de ressignificar a linguagem corporal mostrando-a sob a égide da estética.

A estes corpos cênicos não é negada a ludicidade, pelo contrário. “A ludicidade nas propostas de dança permite que vínculos sejam recriados, ou seja, que experiências sejam possibilitadas, descobertas incentivadas, recombinações realizadas”. Assim os corpos cênicos lúdicos é que devem compor o cenário da educação em dança e não apenas o simples brincar sem interação com a arte de dançar, pois a “a dança que é brincada faz com que a brincadeira vire dança” (MARQUES, 2012, p. 35).

Os movimentos dançantes que compõem essas danças dançadas e brincadas, os repertórios que muito comumente são reproduzidos nas aulas de dança por todo o mundo, referem-se às danças que já existem e que apreendemos e incorporamos da forma como são preditas pelo professor, coreógrafo e pela sociedade. São um recorte de uma época, de um espaço, de uma cultura, de costumes, de corpos diferentes. Ao dançá-las podemos viver e

compreender nos corpos essas particularidades. Porém, para que isso aconteça, esses repertórios precisam ser muito bem escolhidos, necessitam permitir as vivências e a ampliação do conhecimento das crianças; os professores não podem apenas se limitar a repassar esses repertórios, mas ensiná-los com amplitude, profundidade e clareza.

Portanto, para que isso aconteça, a dança não pode ser apenas repertório, ela tem que ser linguagem; um sistema de signos (tudo aquilo que quer dizer alguma coisa para alguém) que permita a produção de significados, um conjunto de possibilidades que produzem sentidos que possam ser compartilhados, relacionados com os outros, com o mundo. A dança, quando concebida como linguagem artística, deixa de ser apenas uma reprodução de movimentos, de repertórios, e passa a ter o potencial de ação sobre o mundo e sobre os corpos de quem tem contato com ela.

Como linguagem, precisa estar em constante interação entre quem, o quê, como e onde se dança, para conseguir agir sobre os repertórios e a sociedade. Assim, para que os repertórios possam continuar existindo dentro das práticas educativas em dança, eles necessitam ser corporeificados, incorporados e ressignificados ao tempo presente das crianças, produzindo sentidos a elas. Contextualizar os repertórios e suas ricas histórias em seus tempos e espaços pode ajudar os alunos a se situar e compreender a sua ação sobre seu tempo e seu espaço. As crianças precisam aprender a linguagem da dança dançando, vivendo para que tudo possa se impregnar de sentidos e significados (MARQUES, 2012).

Por fim, se ela é linguagem artística, não é correto continuar levemente ensinando por ensinar, dançando por dançar, pois a dança não é “uma festa”, apenas um divertimento a ser vivido nas escolas em momentos de pausa para o cérebro, como forma de descanso de desestressar o corpo cansado por horas de estudo, ou uma atividade extra a ser aprendida em um tempo de folga, mais para ocupá-lo do que realmente para apreciá-lo. A dança é um conhecimento e como qualquer área do conhecimento tem conteúdo específicos a serem ensinados e aprendidos, que estão em grande parte moldados na funcionalidade e na expressividade do corpo.

Os aspectos funcionais e expressivos do corpo em movimento ampliam e aprofundam as possibilidades de atribuir significados às suas vivências, à sua vida. O nosso corpo, desde muito cedo, aprende a exercer funções básicas de movimento, como comer, falar, andar, escovar os dentes, pentear os cabelos, que com o tempo vão se tornando automáticas. Esses movimentos funcionais muitas vezes são irrelevantes, deixados de lado tanto pelos pais quanto pela escola.

A escola possui um papel importante na reversão da automatização desses movimentos, trabalhando o ensino, a vivência deles de forma mais sensível, consciente e significativa. Indagar, conversar e propor às crianças diferentes oportunidades de viver essas situações de rotina corporal, como, por exemplo, descer escadas na escola, são ações que devem ser adotadas, principalmente por professores da educação infantil, idade em que as crianças estão aprendendo esses movimentos.

No momento em que a rotina funcional é ressignificada, quer por rodas de conversa, quer por propostas lúdicas, é que nossos corpos começam a aprender outras probabilidades de ser, de conviver, de escolher - nossos corpos começam a compreender formas de expressividade, mesmo dentro da funcionalidade. (MARQUES, 2012, p. 57)

Todo o movimento por si só tem a capacidade de ser expressivo, de dizer algo que está sendo sentido, principalmente pelas crianças: elas pulam de alegria, batem o pé por birra e por ódio, abraçam por amor, “[...] o corpo em movimento não é um veículo de expressão, ele é a própria expressão de seres humanos que buscam e constroem sentidos o tempo todo” (MARQUES, 2012, p. 58).

As atividades de dança, de arte, possibilitam o descobrimento e aprofundamento das capacidades expressivas funcionais e de auto expressão das crianças, pois as motivam a criarem, inventarem, descobrirem, experimentarem os seus movimentos com outro olhar, outra maneira de estar no mundo com seus corpos.

Destituído de uma finalidade, de uma função pragmática, de um objetivo a ser atingido fora da própria dança, o corpo que dança encontra tempos e espaços para ser vivenciado em sua integridade de ser e de estar em tempos e espaços presentificados. Ou seja, dançando e fruindo dança adentramos outro universo de experiências corporais, as artísticas e estéticas. (MARQUES, 2012, p. 61)

A atitude estética que a dança propõe destitui o corpo em movimento de qualquer funcionalismo ou propósito prático, proporcionando outras formas de ver, escutar, se movimentar e incentiva a fruição e o compartilhamento da arte apenas por sua importância em nossos corpos, em nossa vida. Pela dança nós não lemos o mundo, mas estamos no mundo.

Diante desses conhecimentos, o profissional que irá atuar na educação e na dança terá subsídios para trabalhar de forma segura e completa em suas práticas, seja dentro da academia especializada, seja nas escolas formais, nos clubes, ONGs ou companhias. Qualquer que seja o lugar, esses ensinamentos possuem valia e significado, mostrando-se em intensidades e caminhos diferentes conforme os corpos que são tocados, sensibilizados por meio da dança.

Complementando e unindo o que foi discutido, continuo ainda na autora Isabel Marques (2008) apresentando uma rede de comunicações tecidas por ela que exemplifica como um ensino em dança deve proceder. Trago o que ela chamou de “dança no contexto”, uma teia de relações entre o espaço vivido/práticas espaciais materiais (bens, dinheiro, sistemas de transporte, comunicação, mercado), o percebido/representações do espaço (medidas sociais, psicológicas, físicas, mapas mentais, discursos) e o imaginado/espacos de representação (atração, repulsão, distância, mitologias, familiaridade, poética do espaço). Uma formação de elementos que constituem e constroem o contexto ampliado dos alunos.

Vive-se atualmente em uma cultura que altera cada dia mais as redes de comunicações, não somente entre sujeitos, mas também entre o sujeito e o conhecimento, obrigando um novo olhar e uma nova ampliação do constructo da realidade social. Essa nova realidade impõe uma outra concepção sobre o contexto dos alunos, tornando um contexto possível diante das múltiplas relações entre o sujeito e a realidade imaginária de nossa sociedade contemporânea (MARQUES, 2008).

O trabalho em dança partindo do contexto dos alunos possibilita que lidemos com uma maior valorização do tempo presente, do espaço ilimitado, da pluralidade de corpos, do indeterminado contemporâneo, promovendo uma ação educativa transformadora na área da dança, capaz de construir, trabalhar, desvelar, problematizar, transformar e desconstruir as ações em dança.

Ao trabalhar com o contexto, vejo imensa rede sendo tecida com diferentes texturas, cores, tamanhos, estruturas, complexidades. Esta rede de dança e educação, baseada nos relacionamentos entre os conteúdos da dança, os alunos e a sociedade, absolutamente não ignora os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos”. Ao contrário, a formação desta rede possibilita o aumento de nossa capacidade de encontrar novos e diferentes modos de construir /reconstruir um mundo mais significativo para o próprio indivíduo. (MARQUES, 2008, p, 94)

Assim, compreender e respeitar o contexto dos alunos implica não apenas viabilizar procedimentos e métodos, mas também escolher os conteúdos a serem abordados, articulando o contexto vivido, percebido e imaginado pelos alunos com os sub-textos, textos e contextos da própria dança. O professor, nessa proposta, precisa ter noção de quais são esses contextos, textos e sub-textos da dança e saber relacioná-los de maneira que sua aplicabilidade intervenha e ressignifique o contexto dos alunos. Essas múltiplas relações entre os contextos possibilita uma rica comunicação entre os corpos, movimentos, mentes, histórias de vida e

conteúdos específicos da dança, sendo constantemente trabalhada e modificada de acordo com os variados relacionamentos existentes entre eles nas salas de aula.

Os contextos da dança são seus conhecimentos mais amplos, como sua história, a relação com a música, a antropologia, os saberes da cinesiologia e anatomia que interferem na execução e potencialidade dos movimentos, os saberes da crítica e estética. Marques (2008) aconselha que, para aplicarmos esses contextos, façamos alguns questionamentos norteadores, como:

- Ele é significativo para os alunos? Saber sobre a história da vestimenta e o uso da sapatilha de ponta no *ballet* clássico vai significar algo para esse aluno?
- Trabalha os imaginários que circundam a sociedade? O imaginário de corpo possível para a dança contemporânea discutido nas mídias encontra-se com a estética atribuída ele?
- Possibilita desvelar, revelar, perceber, desconstruir e problematizar a realidade social? As concepções de corpo ideal discutidos pela antropologia na dança se perfazem pelo ideário de corpo da sociedade? A dança é capaz de modificar esse corpo e suas concepções?
- Promove conhecimento para a dança? Saber se a força do músculo gastrocnêmio interfere no desempenho da ponta de pés em bailarinos é relevante para a dança?

Em consonância com as escolhas dos contextos da dança, preocupa-se agora com seus sub-textos, ou seus aspectos coreológicos. Pelo conhecimento destes é possível que se possa perceber, experimentar e entender através do corpo o que, o onde, o como e com quem o movimento dançado acontece. Para utilizar estes sub-textos, precisa-se conhecer algumas das habilidades e possibilidades corporais, como os componentes cardiovasculares, respiratórios, coordenação muscular e equilíbrio postural, para que, alinhados aos aspectos coreológicos, possam abordar o processo de ensino tanto da visão da consciência corporal, quanto das necessidades de condicionamento físico dos dançarinos, contribuindo para a consciência do dançarino sobre seu próprio corpo e limites, promovendo conhecimento em dança (MARQUES, 2008).

A autora restringe a sua ideia de sub-texto pautado apenas nos elementos estruturais da dança (coreologia) e aborda o que ela denominou “sub-textos sócio-afetivo-culturais”, ou os significados implícitos no movimento dançado, mostrados pela cultura, raça, etnia e personalidade daqueles que criam dança. Um exemplo mostrado por Marques (2008, p. 98) é

o próprio movimento de curvar-se para alguém utilizando o nível baixo do espaço, o que, para determinada cultura, sociedade e história pessoal, “pode adquirir vários significados implícitos: para os brasileiros, geralmente é um sinal de submissão negativa, para os indianos, é um sinal de respeito e admiração”.

Para escolher os sub-textos, o professor necessita compreender que eles devem:

- Permitir uma diversidade de interpretação e significados (o uso do movimento de abaixar no plano baixo que pode significar que a pessoa vai amarrar o cadarço do tênis, pegar algo que caiu no chão, sentir-se triste ou cansado);
- Relacionar-se com o contexto escolhido (o uso da sapatilha de dança na história possibilitou que a bailarina atingisse o auge de execução dos movimentos no nível alto);
- Propiciar o desvelar, o revelar, o questionar e o transformar do contexto escolhido (a sapatilha de ponta possibilitou que a bailarina atingisse uma capacidade de movimento etéreo, suave, mas será que isso hoje possui algum significado para o corpo que dança? Não é preciso transformar esse contexto?);
- Adequar as possibilidades físicas, intelectuais e emocionais dos alunos (uma pessoa que iniciou seu estudo em um mês não será capaz de girar uma tripla pirueta sem se sentir frustrada na sua tentativa, pois ainda não tem preparo físico nem técnico para tal feito).

Conhece-se tudo isso experimentando, dançando, fazendo dança. Os textos possibilitam uma articulação entre os itens citados anteriormente, promovendo uma prática e compreensão da dança em si, e não educação pelo movimento. Estes podem existir pelos processos de improvisação, composição coreográfica e o próprio repertório em dança (MARQUES, 2008).

Aos textos são atribuídos:

- Permissão da experimentação da dança enquanto arte (apropria-se da dança como linguagem, estimulando o fazer, a fruição e apreciação estética da dança);
- Uma outra vivência do contexto escolhido (o corpo ideal citado como contexto se modifica quando concebido pela improvisação ou pela execução de um repertório já existente);
- A possibilidade de que os sub-textos coreológicos e sócio-afetivos-culturais sejam evidenciados e trabalhados (na composição coreográfica é possível utilizar o

movimento de abaixar-se para exprimir uma angústia sentida em diferentes tempos e espaços);

- Adequam-se as possibilidades físicas, intelectuais e emocionais dos alunos (o repertório será escolhido de acordo com as potencialidades dos alunos a vivenciá-los).

Por último, os pretextos são desenvolvidos para ser a base das possíveis relações entre os sub-textos, textos, contextos da dança e contexto dos alunos. Eles possuem estruturas iniciais claras e definidas; são suficientemente abertos para que exista a modificação e transformação dos contextos, textos e sub-textos pelos alunos; consideram as relações sociais e culturais dos alunos; são adequados às possibilidades dos alunos; são adequados às vivências corporais e imaginárias do tempo e do espaço dos alunos; são adequados aos recursos materiais e humanos disponíveis (MARQUES, 2008).

#### 4 ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO

Para identificar e compreender as manifestações e os sentidos da corporeidade no corpo da criança que faz aulas de dança em diferentes ambientes de ensino da cidade de Uberaba, busquei suporte na abordagem científica fenomenológica através de uma técnica de pesquisa denominada Análise do Fenômeno Situado, proposta por Martins e Bicudo (1989) e Giorgi (1978), e adaptada por Moreira (1995).

Ao escolher esse caminho, não me preocupei com um problema específico, já pré-estabelecido nem em medir as manifestações das crianças, mas sim com questionamentos, dúvidas que surgiram em minhas vivências em locais onde se situa o fenômeno, até porque não busco a neutralidade muito comum nas pesquisas científicas atuais, mas sim estar presente de forma humana, contribuindo, relacionando-me com as experiências do mundo vivido pelas crianças durante as aulas de dança, local onde o fenômeno se faz presente.

O fenômeno é tudo que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o está interrogando, é o sentido de ser de tudo que é em sua essência pela maneira mesma em que aparece. A fenomenologia e suas abordagens não buscam explicar esse fenômeno, mas descrevê-lo no sentido de o mostrar na sua clareza. Compreender na fenomenologia ocorre quando a aceitamos como possibilidade e não verdade absoluta (BARRETO, 2008).

Interrogar o fenômeno que estou investigando parece fácil: O que se pode se desvelar das manifestações das crianças durante as aulas de dança? Mas não é tão simples quando se busca compreendê-lo. Falar do corpo das crianças requer um pensamento complexo, indivisível. É preciso considerar suas características únicas e a maneira como se relacionam com o mundo e os outros, assim como aceitar que essas características estão diretamente vinculadas ao seu mundo vivido, às suas experiências. Ao invés de apenas interrogar e identificar suas manifestações, decide-se desnudar esse corpo, ir às coisas mesmas, adentrar o contexto onde esse corpo se situa e se faz vivo.

Optei pela abordagem fenomenológica com análise na estrutura do fenômeno situado pela possibilidade atribuída ao pesquisador de investigar as situações vividas, de adentrar o mundo vida dos sujeitos investigados, e de descrever as experiências com o fenômeno, trazendo à luz a compreensão dos momentos vividos. A preocupação se faz presente naquilo que os sujeitos vivenciam; essas vivências são manifestas nas descrições transcritas ou gravadas pelo pesquisador, nas quais passam a possuir sentido e significado quando analisadas. Lima acrescenta:

O sujeito que descreve sua experiência é situado no mundo e ao mundo com os outros; sua expressão e fala pertencem a um contexto. O pesquisador que está interessado na Pesquisa Qualitativa da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, modalidade “F”, procura a essência do fenômeno, que não é o final da análise, mas o meio pela qual traz à luz as experiências vividas e o que elas possuem. (LIMA, 2016, p. 535)

Como abordagem metodológica, este tipo de análise se constitui de três momentos fundamentais: a descrição, a redução e a compreensão.

No momento de descrição, o pesquisador busca conseguir um sentido geral de tudo aquilo que foi observado, pretendendo compreender a linguagem dos sujeitos da pesquisa. Aqui descrevi todas as observações anotadas por mim referentes às crianças durante suas aulas de dança, falas, acontecimentos e atitudes, que podem ser consultadas em apêndice.

Na redução, foram selecionados os momentos descritos, ou seja, ações das crianças que mais chamaram a atenção após leituras e releituras dos mesmos. Essas ações selecionadas constituíram as unidades de significado do método de análise.

A interpretação é constituída por etapas finais da compreensão do estudo do fenômeno. Essas etapas são: Identificação, individualmente, em cada depoimento, das unidades de significado, ou seja, dos trechos do discurso que respondem às inquietações da pesquisadora; faz-se então a Análise Ideográfica: interpretação e análise dos discursos individualmente; por fim, faz-se a Análise Nomotética, na qual tenta-se identificar os pontos de convergência e de divergência entre os sujeitos pesquisados, nunca buscando generalizações e sim contextualização do fenômeno do ambiente estudado.

#### 4.1 O CORPO CRIANÇA QUE DANÇA SE DESVELA NOS PALCOS DA VIDA: COMPREENDENDO A PESQUISA

Para o estudo do fenômeno do desvelar das manifestações do corpo criança que dança em diferentes ambientes da cidade de Uberaba-MG, foram escolhidas uma escola municipal que oferece a dança no tempo integral e na jornada ampliada, caracterizando a forma de ensino formal e uma academia de dança como ensino não formal.

A escolha por estes locais foi feita de forma convencional, seguindo os critérios da própria autora, em relação a seu conhecimento, indicações de qualidade e vivência nas instituições. Procurei balizar a escolha pelos seguintes itens: por localização, abrangendo diferentes bairros da cidade; por anos de existência e responsabilidade com o ensino da dança; e pela receptividade encontrada ao abordar esses locais.

Escolhi desenvolver a pesquisa com crianças entre seis e doze anos, por nesse momento de vida elas já terem um maior entendimento sobre o corpo e suas possibilidades, por já estarem aptas à aplicabilidade completa dos estilos de dança (técnica mais expressão artística) e por representarem a idade em que mais se pratica a dança, seja nas escolas ou nas academias de dança.

A cidade de Uberaba é uma cidade situada no interior do estado de Minas Gerais, pertencente à região do Triângulo Mineiro, com 197 anos de existência. Disponibiliza a educação em âmbito municipal, estadual e federal, nos segmentos da educação infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior. Conta, segundo dados disponibilizados no site da própria Secretaria, com uma universidade federal, uma instituição federal de Ensino Médio; 34 instituições estaduais de Ensino Fundamental e 23 de Médio; 36 escolas municipais para a educação infantil e 34 para o Ensino Fundamental; e 25 instituições particulares de educação infantil, 30 de Ensino Fundamental e 16 de Ensino Médio (SECRETARIA MUNICIPAL, 2017).

A escola escolhida para o desvelar do fenômeno conta com as modalidades de ensino normal, de tempo integral para o Ensino Fundamental I e de jornada ampliada. Optei por observar e desnudar o fenômeno no tempo integral, com seis turmas no total (duas para cada ano do Ensino Fundamental I) e na jornada ampliada, com uma turma. Assim a preocupação não se operou apenas nos ambientes, mas também nas possibilidades oriundas das diferenças apresentadas no mundo vida das crianças em distintas idades.

As turmas de tempo integral continham em média 25 alunos de ambos os sexos com aulas realizadas três vezes na semana (segunda, quarta e sexta-feira) no período matutino com duração de 50 minutos. As aulas da jornada ampliada aconteciam duas vezes na semana (segunda e quarta-feira) no período vespertino, com média de dez alunos de ambos os sexos e diferentes idades.

O município de Uberaba possui inúmeras academias de dança especializadas nos diferentes estilos de dança e públicos. A que escolhi atua na cidade há 41 anos, formando bailarinos para desenvolverem os diversos segmentos da dança. Atualmente oferece o ensino em *ballet* clássico, *jazz dance*, *sapateado*, dança moderna, circo, *stiletto* e *ballet fit*, atendendo a todas as idades.

Para estabelecer relação com a escola, busquei turmas que atendiam à mesma faixa de idade características no Ensino Fundamental, uma vez que a academia oferece também turmas para crianças na idade da educação infantil, Ensino Médio e adultos. As turmas são mistas em relação à idade, já que a instituição separa seu ensino por módulos e não faixas etárias. Três

delas foram escolhidas: uma que atendia crianças de seis a nove anos, outra com crianças de oito a dez anos, e a última com crianças e adolescentes de 11 a 16 anos.

Todas elas aconteciam duas vezes na semana (segunda e quarta-feira no período matutino e noturno, e terça e quinta-feira no período matutino), tinham uma hora de duração, eram compostas apenas por meninas e possuíam diferentes professores. A primeira turma era constituída em média por 22 meninas, a segunda por 15 alunas e terceira por em média seis meninas.

O primeiro contato com a escola municipal aconteceu por intermédio da Secretaria de Educação e de Cultura, onde foi preciso fazer contato com as coordenadoras para adquirir uma declaração constando a minha permissão para desenvolver a pesquisa em uma escola da rede, assim como a afirmação de responsabilidade de resposta e possíveis benefícios da pesquisa para as instituições. Para a academia, o contato foi direto com a diretora, a quem foi explicitada a importância, os procedimentos, benefícios e repostas dos estudos. Para ambos os locais foi apresentada uma carta convite (disponível em anexo I) para cada membro da diretoria e professores apontando os objetivos, procedimentos, benefícios e possíveis exigências da pesquisa. E para os pais e responsáveis, foi enviado (via crianças e direção das instituições) o termo de consentimento livre e esclarecido de participação das crianças (Modelos disponíveis no anexo III).

As ações das crianças foram observadas durante as aulas de dança. A observação esteve acompanhada de um diário de campo, no qual foram anotadas todas as ações e impressões da autora, posteriormente transcritas e analisadas conforme a análise da estrutura do fenômeno situado. Teve a duração de um período de cinco aulas para cada turma, prazo suficiente já que o fenômeno se repetia. Vale salientar que, em turmas do tempo integral, da jornada ampliada e uma da academia, não foram anotadas as impressões dos cinco dias, pois, por motivos diversos, não houve aulas, porém estas foram contabilizadas dentro das cinco aulas, uma vez que o método permite considerá-las assim quando o motivo extrapola a vontade do pesquisador e quando o fenômeno já está se repetindo.

A pesquisa teve autorização do conselho de ética da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

#### 4.2 AS DESCRIÇÕES: O ENCONTRO COM O FENÔMENO

Entendem-se por descrição, neste momento, as manifestações do corpo criança durante as aulas de dança, registradas pela pesquisadora, bem como os detalhes significativos que se

mostraram dentro do contexto, como as atitudes e comportamentos adotados pelas crianças, seus gestos e palavras, suas relações e interações com o mundo da dança, o professor e os colegas.

A descrição é obtida pela escrita de tudo que foi anotado no momento da observação, o que dá indícios de como o fenômeno foi percebido e revelado quando as descrições são analisadas. Os relatos anotados pela pesquisadora estão dispostos em apêndice (1 e 2), sendo possível sua consulta ao final deste documento. As palavras ou frases que estiverem entre aspas são falas e expressões verbais das crianças e professores. As transcrições em apêndice não sofreram revisão textual.

### 4.3 COLOCANDO O FENÔMENO EM EVIDÊNCIA: A REDUÇÃO

Se na descrição o sentido da coisa mesma é revelado, na redução busca-se selecionar o que aparece de essencial nas descrições que ajudam na compreensão do fenômeno de “[...] modo a suspender qualquer juízo a seu respeito para poder conhecê-lo a partir de sua origem, intuindo a sua essência” (GRAÇAS, 2000, p. 30). Neste momento, formulam-se unidades de significado que possam revelar os significados da experiência vivida.

As unidades de significado estão disponíveis em anexo, separadas pelo tipo de instituição, forma de ensino, os anos de ensino e a descrição da turma.

#### 4.3.1 Análises Ideográficas

A análise ideográfica, conhecida também como análise individual, busca identificar as ideologias que permeiam os sujeitos. Através desta análise busquei identificar nas manifestações das crianças que dançam os aspectos característicos da dança e da corporeidade expressos nos alunos de cada turma durante a aula de dança.

## **UNIDADES DE SIGNIFICADO E ANÁLISES IDEOGRÁFICAS - INSTITUIÇÃO DE ENSINO FORMAL**

### **TEMPO INTEGRAL**

#### **TURMA 1 (1º ANO E)**

1). As crianças se sentam nas cadeiras e ficam conversando e ela pede para que se deitem na cadeira e esperem o professor de dança. Eles se calam e ficam quietos, mas logo começam a conversar com os colegas que estão mais próximos, uns se levantam e se sentam, uma menina apresenta estar sonolenta e quase cochila em sua cadeira.

*Controle sobre as crianças, a professora quer que fiquem quietos e não façam bagunça. Os alunos acatam o pedido por respeito e medo, mas não conseguem permanecer quietos por muito tempo, necessitam de se movimentar, conversar. São agitados logo no começo da manhã.*

2). Alguns conversam com os amigos, mas permanecem com o tom de voz baixo, por conta da presença da professora.

*Sentem medo da professora ficar brava, procuram obedecer, mas precisam se comunicar, por isso o fazem baixinho.*

3). As meninas fazem grupinhos de três para conversarem, os meninos estão mais contidos em seus lugares.

*Diferença entre os gêneros e vontade de se movimentar, comunicar, estar próximo umas das outras.*

4). Os alunos não param quietos, ficam se mexendo, conversando, tocando e brincando com os amigos do lado, uns pulam e se movimentam livremente, uns apenas observam e ficam mais quietos, uns me observam.

*Não conseguem ficar quietos nas carteiras. Demonstra a singularidade de cada um, observamos que cada criança age de uma maneira única e que em uma sala de aula temos distintas manifestações.*

5). O professor coloca a música e eles começam a dançar, seguem ele, mas vira uma bagunça, cada um faz um movimento e em momentos diferentes, retira a música e relembra com eles os movimentos que eles já executaram em outras aulas. Nessa hora é uma farrá, gostam e participam com sorrisos nos lábios.

*Quando tem a possibilidade de dançar e se movimentar, apresentam-se eufóricos, felizes. As expressões corporais deixam transparecer como o seu corpo está sentindo. Não conseguem controlar a euforia e extrapolam nos movimentos e expressões é preciso que o professor canalize essas emoções.*

6). Não conversam quando dançam, apenas sorri e observam, uma das meninas se sobressai em relação a empolgação e participação.

*Se mantém atentos e concentrados, demonstram gostar do que fazem e não é preciso impor nada para que todos dançam. As diferenças são evidenciadas quando eles dançam, uns participam e se divertem mais do que outros.*

7). Uma das meninas intervém dizendo: “tio eu não gostei dessa palma não”, o professor brinca alegando que ela não tem que querer nada não. Uma das meninas dança sorrindo o tempo todo e brinca com os movimentos. Na hora da palma a mesma que comentou antes fala, “isso é fácil”.

*Participação efetiva por parte da aluna, colaboração com a aula. Externalização de suas ideias, vontades e sentidos. A menina que brinca com os movimentos, cria com o corpo o que está sentindo no momento da aula.*

8). Todos os meninos dançam, mas os que estão atrás das colunas, as vezes esboçam preguiça, dificuldade e desinteresse.

*Todos dançam, mas cada um aparenta desenvolver a aula de maneiras diferentes, de acordo com os gostos, dificuldades, os sentidos e significados do momento presente.*

9). Uma das meninas que se encontra na última coluna parece não gostar do que fazem, dança com a feição fechada, revira os olhos e faz “cara feia”. Um dos meninos, fala “tio e a Educação Física?” e ele não ouve.

*Aparentam não gostar do que fazem no momento presente, expressam corporalmente a sua insatisfação. O aluno espera ansioso para a aula de Educação Física.*

10). A professora os chamou para dançar e os posicionou nos lugares da coreografia, uma menina chegou ao meu lado e disse, “tia eu não gosto de dançar essa música”.

*Demonstra verbalmente que está insatisfeita com a música que vão dançar.*

11). Dois meninos não quiseram dançar, um disse que está com dor na perna e o outro com o rosto cortado.

*Os meninos não querem dançar e apresentam argumentos para não o fazer.*

12). [...] se sentam e duas vieram para perto de mim, mas o professor disse que se eles não dançarem vão ficar com a coordenadora e eles se levantam e vão se posicionar.

*São convocadas a participar da aula, quando a ameaça do castigo os cerca decidem que a aula é melhor, e então dançam com os demais.*

13). O menino que não fez chegou próximo a mim e falou “eles são umas lindezas dançando não são?” e depois abordou um assunto delicado, perguntou se quem bate em mulher é covarde, e acrescentou “sabia que eu bati na minha mãe quando fui costurar o rosto?”

*Mesmo com a ameaça do castigo ele para de dançar, mas de qualquer forma participa da aula assistindo os colegas, os observando e comentando. Externaliza verbalmente o que acha*

*sobre o momento e ao mesmo tempo aborda um assunto pessoal acontecido em âmbito familiar. Vive o presente, a aula de dança e o complementa com a experiência significativa adquirida no passado.*

14). Terminaram a música e os dois professores os reorganiza, pois estava uma bagunça os lugares. Alguns conversam, se movimentam, sorriem.

*Ficam eufóricos no final da música e a ordem se mostra ser necessária para a continuidade da aula.*

15). Começam animados, mas vão perdendo essa animação ao longo da coreografia.

*A energia do começo da aula começa a se esvaír, se movimentam mais contidos, com menos animação e alegria. A participação deles não é duradoura.*

16). Durante todo esse momento o professor tenta estabelecer a ordem, aproveita que estão um pouco mais calmos e se levanta para ligar o som. Porém eles desatam a brigar de novo, chutar uns ao outros, gritar, xingar. O professor então desiste e os leva de volta para a sala de aula [...].

*A ordem é importante para o professor, assim ele consegue comandar melhor sua aula, sempre se afasta deles quando estão mais calmos. Brigas, xingamentos, intolerância, desobediência estão muito presentes na aula e o professor prefere os controlar em um espaço fechado.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

São controladas pelo professor de dança e funcionários da escola; estes priorizam a ordem, principalmente quando esta não é possível, e a concebem por meio de advertências, castigos e ameaças. Tendem a pedir o controle e obediência quando os alunos conversam muito, brigam, ou correm, e geralmente o espaço interfere nessa atitude das crianças. A quadra é um ambiente amplo, sem muitas referências sólidas e com diversas atividades de outras turmas acontecendo ao mesmo tempo (itens 1, 2, 12, 14, 16).

As crianças reagem a esses comandos de ordem obedecendo aos professores, mas não por muito tempo; a atenção deles é limitada; não conseguem permanecerem quietos por um longo período, sentem necessidade de se movimentar, comunicar, relacionar uns com os outros, com o professor, sendo essa atitude excessiva algumas vezes, o que leva a desordem, bagunça e brigas, gerando advertências por parte do professor e às vezes até de seus próprios amigos (itens 1, 2, 4, 5).

As crianças aparentam gostar de participar das brincadeiras e das danças aplicadas, ficam felizes e demonstram isso por meio de sorrisos, gestos e frases ditas, fazem questão de mostrar por meio do corpo essa felicidade (itens 5, 6, 14). Assim se mantêm concentradas, colaborativas e participativas quando estão interessadas pela atividade, sendo esforçadas e interessadas em fazer o certo (itens 6, 7). Por outro lado, quando não gostam ou não se interessam pela aula ou atividade dada, perdem a atenção com facilidade e começam a conversar, a perguntar se a aula está acabando, se sentam ou se recusam a participar, inventando argumentos para não fazer, como por exemplo, dor na perna, dor de cabeça, além de perder a energia e a animação (itens 9, 10, 11, 15).

Gostam de trazer para a aula experiências vividas por elas em âmbito familiar, contam casos e histórias de parentes, animais de estimação, ou comportamentos tomados por elas (item 13). Assim como externalizam certas experiências de maneira violenta, brigam umas com as outras, empurrando, chutando, falando frases ofensivas (item 16).

As diferenças de gênero são visíveis, mas de forma contida, todos participam. Tanto meninos quanto meninas se movimentam de formas iguais e aparentam gostar de dançar. Quando abordamos o comportamento, os meninos são mais agitados e dispersos do que as meninas, mas nada muito discrepante (item 3). Ambos expressam corporalmente seus sentimentos, sentidos e significados atribuídos por eles no momento da dança ou atividade, criam movimentos, atitudes e brincadeiras que são capazes de representar o que o corpo vivencia (item 7).

Cada criança é única e se comporta de acordo com as suas vivências, potencialidades, gostos, dificuldades e sentidos atribuídos. Essas individualidades promovem uma gama de representações por parte de todas as crianças, representações singulares e ricas de significado (itens 4 e 8).

As aulas de dança potencializam essas individualidades vividas e expressas por meio do corpo de cada criança, criando ricas relações de conhecimento, de autonomia, respeito, cooperação, amizade.

## **TURMA 2 – 1º ANO F**

1). Ao chegarmos na sala ele pergunta quem estava brincando e os alunos apontam o dedo para quem estava, ele sai da sala levando os dois meninos e me avisa que irá buscar o som.

*Os alunos entregam os colegas que estavam fazendo bagunça e retirando a ordem do momento, com isso o professor precisa tomar uma medida, decide os levar com ele para que*

*assim não perturbem os que irão ficar sozinhos enquanto ele busca o som em um outro local da escola.*

2). [...] enquanto liga o som a maioria conversa, mas uma menina cochila sentada na roda, dorme durante um tempinho e ninguém percebe como ela está, até que ele vê e a acorda.

*A menina não consegue segurar o sono e dorme na aula, ninguém a percebe, pois estão distraídos conversando e brincando. O professor nota, mas demora um tempo para perceber.*

3). Os alunos o seguem e vão realizando os movimentos, parece que eles já conhecem essa brincadeira, uma das meninas fala, “tio não sei agachar”, o tio só sorri e ela agacha.

*Mesmo conhecendo a brincadeira precisam seguir o professor, sentem-se mais seguros e curiosos com o que ele irá fazer. Uma delas argumenta que não sabe dançar, mas estava apenas brincando, pois logo em seguida faz o que afirmava não conseguir. O professor não se importa com a sua reclamação.*

4). Eles gostam da brincadeira. Na hora da palavra pipoca eles têm que pular, só euforia, na hora da panela de pressão fazem sons.

*Fazem analogias com os sons e os movimentos do corpo, formas e utilidades dos objetos e coisas. Gostam de imitar e ser corporalmente o elemento. Se divertem.*

5). Cada aluno fala um mico, imitar animais e dançar forró, uma fala para imitar uma galinha e o professor deixa, eles pagam o mico e todos cantam a música da galinha, incentivando e sorrindo para quem está pagando o mico.

*Escolhem maneiras de se movimentar de forma que seja engraçada para eles, na qual chamam de mico. O aluno que pagar o mico terá que fazer algo que não seja natural a ele, e o alunos que assistem se divertem com isso, incentivando e sorrindo para quem está na seguinte situação.*

6). Um dos meninos pede rock, este o professor tem, e então ele coloca a música, nesse momento é uma farra, eles pulam, dançam livre, se movimentam cada um do seu jeito e com seu ritmo, gostam do que fazem.

*Podem algo que gostam e tem familiaridade, pois se divertem com isso, criando novos signos e maneiras de se movimentar, cada um com a sua capacidade de criar e com seu repertório de movimentos.*

7). Dançam até o final da canção e cantam também, sorriso no rosto, concentração por parte da maioria, são bem expressivos.

*Estão concentrados com o que fazem, gostam de estar assim e se esforçam para tal. Cantam também como forma de expressar o que sentem naquele momento.*

8). Dançam seguindo o professor, todos participam, só uma menina que fica deitada e não se levanta, duas meninas que estão dançando fazem cara feia e dançam de qualquer jeito, parecem não querer fazer, duas meninas comentam sobre a letra da música, fazem graça. Ela termina e é euforia total, comemoram e pulam [...].

*Em um único espaço e tempo (o da música) acontece diversas singularidades, cada aluno as demonstra de uma maneira, conforme os seus gostos e experiências. Uma não gosta do que está fazendo, expressando corporalmente isso, e o restante que participa expressa o contrário da menina, se sentem à vontade e felizes.*

9). As meninas vêm até mim, me abraçam, lembram de mim da aula passada, perguntam meu nome, perguntam por que escrevo tanto, o que tem no caderno.

*Demonstram curiosidade, carinho, interesse pelo que estou fazendo e o que eu represento.*

10). Uma fala que não quer brincar e vai relutante para a roda que ele fez.

*Não quer participar da brincadeira, escolhe não ir, mas é chamada para tal e aceita relutante o chamado.*

11). Estão bem eufóricos, conversam muito e não ouvem, não obedecem, brincam de empurrar, brigam também.

*Estão agitados e desobedientes, apresentam sinais corporais de agressividade.*

12). O professor passa uma música e canta ao mesmo tempo, e os alunos o seguem cantando também. Uma das meninas exclama, “é difícil, isso sim” [...].

*Imitam os gestos, atitudes e movimentos do professor, compartilhando com o momento suas ideias e opiniões.*

13). No final da música euforia total, conversam, pulam. O professor fala “vamos mais uma vez?” eles assentem que sim e dançam mais uma vez.

*Estão agitados com a finalização da música e o cumprimento das propostas de movimentos que executavam, sentem-se felizes e empenhados a repetir o feito, consentindo assim com o professor.*

16). O professor tenta passar outra atividade, mas como eles se dispersam muito, decide ir leva-los para beber água.

*Utiliza o ato de ir beber água não só com objetivo de saciar a sede, mas também para conseguir canalizar as energias e ter a concentração deles de novo.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As crianças são espertas e auxiliam o professor a organizar a turma, a maioria tem consciência de que eles bagunçam e também de quem conversa mais, briga, e não combina com alguns colegas. Com isso, ajudam o professor a distribuí-los falando quem não pode ficar perto de quem (item 1). O professor quase sempre não ouve o que eles falam e questionam (item 3). Manifestam-se de maneira curiosa, procuram saber de tudo que vai acontecer na aula, assim como os porquês. Quando não concordam, reclamam e dão sua opinião a respeito do assunto, possuem capacidade suficiente para distinguir o que gostam e do que não gostam. Vão aos extremos, quando gostam, divertem-se muito, sorriem, comentam sobre o assunto dado na aula, brincam por meio de palavras e gestos com os colegas e o professor. Adoram quando a aula envolve alguma brincadeira que precisa pagar mico, se divertem ao criar os micos que deverão ser pagos, assim como ao ver os amigos os executando (itens 3, 5, 9, 13).

Aparentam ter a capacidade de atenção limitada; conseguem mantê-la por um período apenas, geralmente quando estão gostando do que fazem. Nessa situação, são bem concentrados e esforçados para realizar a tarefa da melhor maneira possível (item 7). Em outras situações são desinteressados, preguiçosos e não gostam de participar (itens 7, 2 e 10).

Apresentam-se criativos e uma das partes que mais gostam é criar movimentos, intenções, brincadeiras; aproveitam os momentos em que não recebem nenhum tipo de informação, as pausas, para trocar a música ou beber água. Nesse momento, dançam de maneira livre, pulam, correm, praticam exercícios de acrobacias, a maioria ligados às suas experiências de vida, habilidades motoras e repertório motor. Fazem uso dessa criatividade também nas escolhas dos micos nas brincadeiras; adoram inventar coisas para os amigos fazerem (itens 5 e 6).

Possuem autonomia para saber o que gostam e querem fazer. Nas aulas, apresentam de forma clara suas individualidades e singularidades (item 8), assim como sinais de agressividade para com os seus amigos; brigam muito entre si, são agitados e muitas vezes desobedientes; as agressões verbais são mais comuns entre eles (item 17). Quando agem dessa forma, o professor apresenta pulso firme, adverte-os, coloca de castigo, procura manter a ordem para que eles não se machuquem e para poder progredir com sua aula. Eles o obedecem, mas nem sempre é assim, principalmente quando estão agitados. O professor usa o recurso de ir beber água como forma de acalmá-los e trazer de volta a atenção (itens 1, 5 e 14).

Eles têm o professor como referência e o seguem durante quase toda a aula, seja nas brincadeiras ou nos movimentos de dança. Imitam suas atitudes, falas e movimentos. Muitas

danças o professor passa pela primeira vez no momento, assim eles o têm como modelo para poderem dançar. Representam o que o professor projeta em suas coreografias (itens 3, 4 e 12).

### **TURMA 3 – 2º ANO C**

1). [...] duas meninas vêm conversar comigo, perguntam quem eu sou, o que estou fazendo aqui, dois meninos se aproximam, eu explico o que me pedem.

*Estão curiosos comigo, o que faço, quem sou, qual o meu propósito com eles.*

2). Pede para que fiquem quietos enquanto ele vai buscar os materiais para a aula [...].

*Ele vai buscar os materiais e fica com receio de deixá-los sozinhos, portanto pede para que fiquem quietos.*

3). [...] os alunos não fizeram bagunça, apenas ficaram conversando uns com os outros, brincavam também, uns três vieram conversar comigo, um joga bola, duas vem me contar que já dançou em outro lugar.

*Não conseguem acatar o que o professor pediu, não ficam quietos, precisam se movimentar, comunicar, brincar. Porém não o fazem com má intenção e nem com finalidade de bagunçar. Ficam curiosos com a minha presença.*

4). [...] pede para os primeiros pegarem as bolas, eles pegam e já começam a bater a bola no chão, o professor pede para não fazerem isso.

*Se prontificam para pegar a bola e não conseguem ficar sem batê-la no chão, não esperam as ordens do professor, por isso ele os adverte.*

5). Enquanto esperam na coluna, se movimentam livre, balançam o corpo, pulam, olham o professor [...].

*Precisam e gostam de se movimentar, cada um à sua maneira, o não movimento a quietude não faz parte do repertório deles.*

6). Os alunos começam a realizar, de imediato já estabelecem uma competição entre as colunas, os de trás ficam gritando para o que estão realizando irem rápido, para correrem e ganhar.

*Competem para ver quem consegue ir mais rápido, coluna contra coluna. Incentivam, gritam e estimulam os amigos a irem mais rápido.*

7). Os meninos são mais eufóricos do que as meninas, não param quietos, brincam, conversam, se tocam, empurram.

*Existe diferenças de gênero quanto ao comportamento durante as aulas.*

8). Eles se sentem desafiados e realizam o exercício, uns apresentam mais dificuldades do que outros, mas todos realizam e o professor vai auxiliando quem precisa.

*O desafio está presente durante as aulas, eles são estimulados por este desafio, e cada um responde de uma maneira. O professor se apresenta como uma base sólida ajudando sempre a quem mais precisa.*

9). Enquanto uns realizam o exercício os que esperam na coluna não ficam parados, se movimentam o tempo todo sem sair do lugar, batem palmas, gesticulam, conversam com os colegas, chutam e fazem embaixadinhas com a bola.

*O momento de espera sempre é acompanhado de conversa, brincadeiras, movimentos. A bola é um divertimento para quem espera a sua vez.*

10). Uma menina vai para o meio da roda e fica dançando, fazendo graça para os colegas, os meninos ficam rindo dela, brincando, o professor pede para que ela se sente.

*A menina dança para divertir seus amigos, gosta de fazer isso, e os amigos respondem de maneira amistosa e alegre, porém o professor vê o gesto como inadequado e a repreende.*

11). Ele põe a música, essa é lenta, começam a se aquecer e o silêncio se instala, eles fazem dupla para massagearem uns aos outros.

*A música e tipo de atividade exerce influência sobre o comportamento deles.*

12). [...] os alunos não ficam acanhados com a participação dos outros, se levantam e aprendem uma coreografia nova, primeiro sem música.

*A presença de outras pessoas durante a aula não modifica o comportamento deles, continuam aprendendo e executando a coreografia da mesma forma.*

13). Duas meninas conversam na hora da dança, uma fica com vergonha e não dança muito, o professor não fala nada nesse momento só dança.

*Duas meninas se distraem e conversam durante a dança, deixando de fazer os movimentos, uma delas por vergonha não continua dançando, desiste e o professor não diz nada, apenas continua dançando.*

14). Ao final da coreografia, uma comenta: “tio, eu tenho WhatsApp”, o tio não responde e pergunta querem passar de novo? Eles falam que sim e comemoram, euforia, saltam conversam.

*A aluna comenta algo sobre sua experiência de vida, provavelmente seu cotidiano e o professor não comenta nada, pergunta se querem dançar de novo o que acabaram de dançar, todos gostam da ideia e agem de maneira alegre, espontânea, eufórica.*

15). Coloca uma música pop e eles gostam.

*A música exerce influência sobre o comportamento e emoções, as músicas mais agitadas são as que eles mais gostam.*

16). Vai pedindo para irem fazendo movimentos, levantar o braço, a perna, uns não conseguem fazer silêncio, comentam alguma coisa com seus amigos.

*As crianças realizam movimentos ditados pelo professor, porém alguns não conseguem ter o domínio e acabam se distraindo, conversando e deixando de fazer.*

17). Uma delas vem e se senta atrás de mim para fazer massagem, arrumar o meu cabelo, são carinhosas. Enquanto isso o restante conversa e brinca com os colegas.

*As alunas buscam o meu convívio e se mostram carinhosas, conversam, acariciam, se interessam pela minha presença.*

18). [...] no mesmo momento os que não fazem, brincam em seus lugares, duas meninas conversam o tempo todo, ficam rindo e comentando sobre os amigos fazendo, dois meninos se levantam as vezes, uma treina estrelinha, o outro se afasta das colunas e fica se movimentando livre, correndo, rolando no chão, outra menina faz o mesmo e fica rebolando.

*Cada aluno procura algo para fazer, uma maneira de interagir, comunicar, movimentar, no momento de pausa entre um exercício e outro.*

19). Quem já fez fica olhando e rindo dos amigos, gritam, tem uma menina que é muito custosa, dá gargalhada dos colegas.

*Ficam rindo e criticando dos colegas que estão fazendo o movimento pedido, a menina apresenta ser mais crítica do que as outras.*

20). Geralmente os meninos fazem mais bagunça do que as meninas, executam de qualquer jeito só para que os colegas riem deles, mas há exceções, um deles executa correto e o professor o elogia e ele gosta.

*Diferença entre os gêneros, apesar de ter meninas que são bem agitadas, os meninos demonstram ser mais, muitas vezes fazendo bobeira, movimentos errados, só para aparecer e distrair seus colegas. Porém existem exceções que são bem vistas e elogiadas pelo professor.*

21). [...] todos fazem, mas do jeito deles, são poucos os que chegam perto da maneira correta de realizar o movimento.

*O professor não interfere na maneira como eles fazem os movimentos, os deixa livre para mostrarem as suas potencialidades.*

22). Em um momento um menino e uma menina se levantam e ficam brigando, o professor então interfere e fica bravo com isso, além de também advertir sobre a bagunça e correria.

*Tem um momento de briga entre os alunos que é preciso que o professor interfira e chame a atenção sobre a conversa e a bagunça que fazem.*

23). Todos participam e representam com gestos corporais únicos o que ele diz.

*Cada aluno expressa da sua maneira de acordo com suas experiências e sentidos. Todos participam.*

24). O professor trabalha muito a expressão das emoções com eles, faz o leão triste, o leão feliz. As duplas são diversas e umas se mostram mais carinhosas e cuidadosas do que as outras.

*As emoções são trabalhadas e cada aluno as demonstra da maneira que conseguem e sentem, estas são expressas durante um exercício que envolve relação de confiança, contato, comunicação e parceria, sendo que cada dupla representa de uma maneira singular.*

25). Passa a parte cantando a música e a maioria o imita, cantam também [...].

*Imitam as atitudes do professor.*

26). Uns sabem mais do que outros, e os que esquecem seguem os outros, se ajudam.

*Estabelecem até de maneira inconsciente relações de ajuda, no qual uns auxiliam o outro na execução da coreografia, além de autonomia no seu desenvolvimento.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

A brincadeira e alguns de seus componentes, como a participação, autonomia, cooperação e competição, estão presentes nas crianças desta turma. Eles gostam das brincadeiras dadas pelo professor (item 4), participam, cada um com suas potencialidades, demonstrando alegria, estabelecendo ajuda mútua entre si (item 26), estimulando muitas vezes a competição e a cooperação, que aparece nos incentivos dados aos membros da equipe, nos estímulos e palavras de motivação, e até mesmo nas brigas (item 6).

O desafio e a vontade de superá-los surgem nas brincadeiras e nas coreografias dançadas; a capacidade de conseguir realizar o movimento de maneira correta e da forma como o professor passou é constante nas ações dos alunos, o que serve de estímulo para a participação deles (item 8).

São carinhosos e demonstram isso sempre que podem, através de palavras e abraços. A curiosidade é algo inerente a eles, são assim por natureza, perguntam a todo o tempo, tudo necessitam saber, como por exemplo o porquê daquele movimento, o porquê da minha presença e das minhas anotações (itens 1, 3, 17). Junto a essas características, os alunos apresentam também uma grande necessidade de se movimentar, de se comunicar, de se relacionar uns com os outros. Por isso o não movimento quase não existem nas atitudes deles:

não ficam quietos, expressam-se a todo o momento, seja de maneira a contribuir com a aula, seja para atrapalhá-la com conversas exageradas e desordem (itens 3 e 5). O momento de pausa de uma atividade para outra sempre é aproveitado para conversarem e se relacionarem (itens 9 e 18).

São espontâneos e críticos em relação a si mesmos e aos colegas. A espontaneidade se faz presente na hora de se movimentar; muitos criam sequências de movimentos próprias expressando tudo que sentem e vivenciam no momento; fazem-no de maneira alegre e divertida (item 14). Aparentam gostar de dançar e são únicos ao fazê-lo, seguindo ou não o professor: cada um se movimenta de acordo com suas capacidades, vivências e identidades (itens 23 e 24). Em diversos momentos, apresentam-se críticos e maldosos com os seus colegas, fazem comentários e dão risadas (item 19), assim como também gostam de se mostrar para eles, fazendo brincadeiras e “gracinhas” para distrair e entretê-los (são em menor número os que possuem essas características) (item 10).

Em muitas atitudes, mostram-se autônomos, decidem se querem ou não participar. Quando não gostam, não estão à vontade, expressam verbal e corporalmente essa insatisfação. Param de dançar também por motivos de distração, principalmente quando, em um ambiente, estão acontecendo inúmeras atividades (itens 13 e 16). Contam, com frequência, experiências de vida, vividas por eles ou por membros da família, e essas experiências refletem em muitas de suas manifestações, como por exemplo a capacidade de não se inibir diante de diversas pessoas. Dificilmente sentem vergonha ou ficam acanhados em dançar com muitas pessoas olhando (itens 12 e 13).

A música e as diferenças de gênero interferem em como se manifestam. A música demonstra ter influência direta no comportamento deles. Quando é lenta, por exemplo, apresentam-se mais calmos e concentrados, e quando é agitada, a atitude é o oposto (itens 11 e 15). Os meninos, em geral, são mais agitados e gostam de fazer graça para entreter os demais (itens 7 e 20).

O professor é o agente norteador de toda aula, influenciando em muitas das manifestações de seus alunos. É a base para as crianças, ajudando-as sempre que necessário, sendo copiado a todo o tempo, tanto em suas atitudes quanto em seus movimentos (itens 8, 16 e 25). Os alunos o seguem durante as danças. Em momentos de desordem, apresenta pulso firme e energia quando necessário; em muitos momentos em que os alunos extrapolam nas conversas, brincadeiras e brigas, ele age, advertindo-os quanto ao comportamento (itens 2, 4, 10 e 22). As crianças o respeitam, cada uma na sua intensidade. A disciplina também é importante para um bom andamento da aula. Entretanto, em momentos de livre expressão,

quando as crianças demonstram suas identidades, o professor prefere deixá-las livres e não interfere nessa ação (itens 13, 14 e 21).

#### **TURMA 4 – 2º ANO D**

1). [...] alguns se sentam próximos a mim na arquibancada e me questionam como eu me chamo, o que faço, o que estou fazendo ali, me contam histórias do que elas já viveram, coisas das famílias delas.

*Se interagem comigo, gostam de conversar, mostram interesse na minha presença e no que represento ali. Contam histórias vividas por eles.*

2). [...] uma das meninas pede para fazerem silêncio, conversam mais um pouco, mas como ele fica esperando, logo param.

*A menina auxilia o professor a manter a ordem, porém só a sua atitude austera é que fazem eles se acalmarem.*

3). Uma dupla de um menino e uma menina fica batendo a bola no chão, uma outra dupla faz o mesmo depois.

*Os dois brincam com a bola e os outros amigos após vê-los decide imitar a brincadeira.*

4). A maioria dança e se movimenta conforme o ritmo da música, só uma dupla que não faz e fica brincando com a bola.

*A maioria da sala segue o professor e dança conforme o que ele pediu, mas dois dos alunos não participam e ficam brincando com a bola que está em suas mãos.*

5). As outras duplas se prontificam a participar e se posicionam, uma fala para a outra, vamos e não vamos pagar mico.

*Estão animados para participar da brincadeira e se preocupam em fazer o melhor para não pagarem o mico estabelecido na brincadeira.*

6). Tem uma delas que dança mais, ela se diverte, requebra e sorri, as músicas são animadas e possuem batida forte, dançante e rápida.

*A menina parece gostar muito e expressa isso corporalmente, dançando com mais vontade e alegria, a música interfere na maneira como ela dança. Gosta de músicas mais agitadas.*

7). [...] muitos quase não se movimentam porque tem medo da bola cair e ter que pagar mico, perder a brincadeira.

*A medo de errar e pagar o mico os impede de realizar a brincadeira de forma espontânea e descontraída, dançam com a bola equilibrada ao seu corpo, quanto maiores os movimentos, maior a chance dela se soltar e cair.*

8). Eles parecem gostar, sorriem, mesmo concentrados brincam uns com os outros, sendo que umas duplas são mais cuidadosas e competitivas do que as outras.

*Gostam da brincadeira e demonstram isso por meio dos sorrisos e comentários. Cada dupla se preocupa com a bola não cair, mas tem duplas que importam mais, sendo mais cuidadosas e competitivas.*

9). Uma das meninas, a menor vai ao centro da roda e fica rebolando e brincando.

*A menina brinca com os amigos, indo ao centro da roda para os entreter.*

10). [...] afirma que agora vão para valer, e uma menina diz eufórica que “sim!!”

*A meninas comemora a ideia que agora brincar para valer, onde as regras e da brincadeira vão valer. Gosta da excitação em participar.*

11). Dão início, logo uma erra e vai ao centro, imita um sapo e rebola, todos riem dela, a cada erro é uma euforia.

*O mico é uma parte da brincadeira em que todos parecem gostar e se divertir com as práticas de quem errou. Ficam eufóricos com a ideia de ver, e cautelosos para não ser o próximo a pagar o mico.*

12). Ficam sentados, mas a maioria não fica quieta, se movimentam, trocam de pernas, cruzam, esticam, ajoelham e se sentam, tocam nos amigos.

*Sentem necessidade de se movimentar, mesmo no momento em que é pedido para que fiquem quietos não o conseguem cumprir.*

13). Ele pede para se sentarem e o menino dança o forró, euforia total de todos, batem palmas e gritam sorrindo, três meninos se levantam e dançam com ele, a menina que rebolou no começo, também dança.

*Quando o mico é dança, todos gostam, se sentam para ver o menino que errou dançar, mas gostam tanto que ficam eufóricos, se divertem junto, alguns até se levantam para dançar também, não encaram como algo ruim ter que pagar o mico, quando este é dançar.*

14). [...] cada um dá um palpite, a pequena que mencionei fala para dançar, e ela fala para o professor, “eu gosto de dançar tio” ele não escuta direito.

*Cada um dá ideia e opção do que eles podem usar como mico, uma menina diz para o professor que gosta de dançar, porém este não escuta e não diz nada sobre o comentário.*

15). A pequena fala, “a não tio!” e para de dançar e se senta.

*Acontece algo que faz com que uma delas pare de dançar e se senta.*

16). Todos os meninos prestam a atenção e dançam tudo, não ficam com vergonha ou preguiça.

*Os meninos são participativos na aula, demonstram gostar de dançar e não se sentem acanhados por ser aula de dança e dançar junto com as meninas.*

17). Um dos alunos para de copiar o professor uma hora e faz uns passos livres [...].

*O aluno cria seus próprios movimentos, não segue o professor durante a música.*

18). Não conversam enquanto dançam, seguem o professor o tempo todo, quase no final uma menina para no meio da coreografia e fica estática brincando com a mão, o professor não fala nada.

*Participação de todos durante a coreografia, não conversam, seguem o professor porque ainda não decoraram os movimentos e nem a sua ordem na música. Uma menina apesar de dançar, durante um momento se distrai e fica brincando com própria mão, o professor não fala e a deixa livre.*

19). [...] uma menina nesse momento fica cantando uma música sobre a corda que ela inventou.

*A menina cria uma música e a canta para todos.*

20). [...] uma das meninas é bem quietinha quase não ouço sua voz, três delas se deitam, mas logo o professor pede para que sentem, um dos meninos fica imitando o que ele fala o tempo todo.

*Durante um único momento da aula é possível observar diferentes comportamentos, uma quase não conversa, outros se senta, outra imita a atitude do professor.*

21). Se divertem e se sentem desafiados a conseguir não tocar na corda, enquanto tem uma pausa, um dos meninos se levanta e fica dançando no lugar.

*Existe uma regra de não tocar na corda e eles são desafiados a não fazer isso, portanto tomam cuidado para que não aconteça.*

22). Um dos meninos fazem graça e ficam caindo no chão de propósito, todos dão gargalhada. *O menino faz a brincadeira para entreter os amigos e acaba conseguindo a atenção deles.*

23). Uma menina pequena que é a mais custosa e expressiva fica contando uma história de sua irmã para todos os colegas.

*A menina os entretém contando história de experiências vividas por elas e por seus familiares.*

24). Um deles fala “nós tá bom tio”, o professor “é a coordenação motora de vocês” e se dirige a outro grupo.

*O aluno mostra interesse em ter a aprovação do professor sobre o que eles estão fazendo, faz uma pergunta e o professor responde, sendo franco em sua resposta*

25). Um menino pega um pano que se soltou do bastão e fica imitando a dança havaiana.

*O menino se utiliza de um material que se soltou para criar uma dança. Se apropria do objeto para se expressar corporalmente.*

26). Uma delas fala “tio o fulano errou”, outra “tio, o fulano está demorando muito”.

*A menina fica apontando seus amigos e contando para o professor o que eles estão executando de maneira errada.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

Os alunos desta turma se comportam de maneira similar aos do segundo ano C, portanto as manifestações não se diferem muito.

As crianças se manifestam de maneira alegre, divertida, curiosa, participativa, criativa, espontânea, autonômica, indisciplinada etc., cada uma com intensidades diferentes dessas manifestações. Essas intensidades são influenciadas pelas experiências vividas em seu cotidiano com suas famílias e durante a aula de dança. As individualidades são expressas em seus comportamentos de maneira latente e visível (item 20). Por isso a maioria gosta de contar ao professor e aos colegas histórias de vida de seus familiares e deles próprios (itens 1 e 23). Gostam de interagir, e demonstram curiosidade sobre as coisas que acontecem ao seu redor, como por exemplo eu, que os observo: querem saber quem sou, o que faço e por que anoto tanto (item 1). Interação também perguntando sempre que a dúvida ou a curiosidade surgem (item 24).

O desejo de se movimentar e comunicar não se faz de maneira diferente das demais turmas: apreciam e praticam as brincadeiras e danças com alegria e entusiasmo, esse é um item presente em quase toda a aula. Sentem-se entusiasmados com as atividades dadas e com o desenrolar da aula, com isso a quietude não é item presente nas suas manifestações (item 12).

As brincadeiras e coreografias são executadas em sua maioria com leveza e descontração; demonstram isso com sorrisos e comentários durante as execuções. Gostam principalmente dos “micos”, castigos adotados nas brincadeiras para quem erra. Nesse momento, sentem-se desafiados a não errar, fazendo da melhor forma que podem, ou fazendo de qualquer jeito para assim entreter os amigos, algumas crianças possuem essa característica. Auxiliam na escolha do mico, demonstrando participação e autonomia, e cooperam com os amigos quando a brincadeira envolve grupos ou duplas. Essa cooperação envolve outras características quando em dupla, como o cuidado, o carinho, o zelo, que algumas duplas

apresentam, ou a agressividade, falta de tato, que algumas crianças possuem (itens 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 21, 22, 23).

Em sua maioria, o processo de dançar se dá por meio da imitação: os alunos seguem o professor em suas ações e gestos. Os alunos copiam seus passos e tentam executar da melhor maneira que podem, assim como também copiam uns aos outros (itens 3, 4, 18 e 22). A livre criação se dá por meio de ações individuais e espontâneas, não suscitadas pelo professor, mas sim pela vontade da própria criança. Criam movimentos, danças, micos, brincadeiras, músicas (itens 4, 5, 7, 8, 10, 17, 19 e 25). A música demonstrou ter uma influência no comportamento dos alunos, criando estados de ânimo e emoções conforme o ritmo da música e, conseqüentemente, da coreografia dançada (item 8).

A participação, em sua maioria, é unânime, mas como cada criança é singular, houve aulas em que algumas não quiseram participar, ou se sentaram, cansadas, com sono, ou se distraíram (itens 5, 15 e 18). Para essas atitudes, o professor interveio chamando-as para a aula, distribuindo castigos e tarefas (itens 2 e 26). Em momentos singulares, as crianças apresentam-se prestativas, auxiliando o professor em suas tarefas, e também colaborando com o comportamento. O professor, muitas vezes, agradece a ajuda, mas geralmente não os escuta (itens 2, 14 e 26).

Os gêneros não se distinguem nesta turma: meninos e meninas agem de maneira bem parecida, e os meninos não se acanham diante da possibilidade e ação de dançar com todos observando (item 16).

## **TURMA 5 – 3º ANO C**

1). Enquanto ele os posiciona na roda uns alunos vão dando palpite, falando aonde é para o professor colocar o amigo, porque o que conversa não pode ficar perto do outro, eles mesmos tem consciência de quando fazem bagunça e atrapalham.

*Os alunos se posicionam na roda organizada pelo professor e ao mesmo tempo o ajuda a separar quem mais desobedece, de modo que eles não fiquem próximos para conversar e atrapalhar a aula. Fazem isso, pois já se conhecem o suficiente para saber o quanto são bagunceiros.*

2). [...] então uma menina se levanta e vai até o meio da roda e fica dançando e diz: “só eu que vou ficar em pé para dançar”.

*A menina dança para entreter seus amigos, brinca com o motivo de só ela poder ficar de pé, já que o professor pediu para que todos se sentassem.*

3). [...] esse tempo de colocar a música os meninos inventam uma brincadeira de se jogarem no chão e praticamente todos seguem.

*No tempo livre que eles têm, que é quando o professor se vira para colocar o som, aproveitam para criarem e se divertirem. Dois criam uma brincadeira e o restante por se identificar os seguem.*

4). Um dos meninos me pergunta se homem faz ballet e eu digo que sim, e ele diz que vai pedir a sua mãe para fazer.

*O menino se interessa pela ideia de fazer ballet, mas como não sabe se homem pode praticar, decide me perguntar. Ao descobrir que sim, se anima e diz que vai pedir permissão para que sua mãe o coloque no ballet.*

5). O professor coloca a música e começam o aquecimento, a música é lenta e um comenta parece “de louvor”, um outro menino fala para por outra música, o professor não diz nada.

*Um dos alunos parece se incomodar com a música, comentando a respeito dela, e outro não gosta e quer que o professor retire, eles param o aquecimento para fazer isso. O professor nada diz e prossegue com sua aula independente da opinião deles.*

6). Uns tentam se justificar contando “casos”, coisas que fizeram e aconteceram, outros ficam bravos com os colegas, alegando que se não pararem, não vai ter aula.

*Os alunos gostam de contar experiências vividas por eles, porém o professor quer que fiquem em silêncio e quietos. Mas as histórias atrapalham e os alunos que ficam com medo de perder a aula adverte os colegas para que parem, eles auxiliam o professor, pois tem interesse na aula.*

7). Esse momento vira uma briga, todos falando ao mesmo tempo e se divergindo quanto as opiniões. Quanto mais ele tentar dar ordem, mais eles conversam e fazem graça.

*Cada aluno tem uma opinião e a expressa com convicção falando todos ao mesmo tempo, atrapalhando o professor a manter a ordem durante a aula.*

8). O menino que me diz que vai pedir a mãe para fazer ballet, não fica no meio e fica se alongando o tempo todo.

*O menino se isola e não participa com os colegas das conversas e brincadeiras criadas por eles, prefere se alongar e fazer o que gosta. Tem um gosto diferente dos demais.*

9). Os meninos então se levantam e fazem os movimentos que o professor passa, mas brincam muito enquanto dançam, e servem de piada para uma das meninas.

*Os meninos participam da aula fazendo o que é pedido, mas tem alguns deles que se excedem e ficam inventando brincadeiras e se movimentando de maneira espontânea, uma das meninas acha engraçado o que eles fizeram e começa a sorri e dar gargalhada.*

10). [...] pede uma menina para demonstrar um movimento, alguns prestam atenção, outros não, dois meninos ficam correndo pelo espaço, uma menina fica imitando o professor.

*Ele pede para uma das meninas demonstrar um movimento, os incentivando a participar, mas a maioria não presta atenção e faz o que querem.*

11). A turma é mista na bagunça, não há distinção de gênero.

*Não há diferença de gêneros quando o assunto é fazer bagunça.*

12). Nessa turma muito aparentam desinteresse, se divertem ao dançar, mas não levam a sério.

*Existe uma falta de interesse, não levam a sério e nem fixam a sua atenção por muito tempo, parecem gostar, mas não colaboram com o andamento da aula.*

13). Tem duas delas que são bem quietinhas e fazem tudo, prestam atenção e seguem o professor, dançam com a feição séria e concentrada.

*Duas das meninas aparentam ser mais disciplinadas e quietas, se expressam de maneira mais tímida, compenetrada. Prestam mais atenção no professor e no que é pedido.*

14). Os meninos vão voltando aos poucos, correndo, gritando, três deles ficam atrás das meninas imitando elas, o restante se senta na arquibancada, o menino do ballet fica se alongando mais uma vez.

*Cada um se expressa da sua maneira, os meninos aparentam aprontar mais em relação as meninas, ficam brincando de correr, empurrar, imitar. A maioria gosta de se sentar quando podem, o menino do ballet, mais uma vez se afasta da participação do restante da sala e fica treinando o que gosta de fazer.*

15). Os alunos obedecem e logo começam a brincar da brincadeira do silêncio, um vai a frente e sem dizer nada só pelo olhar troca de lugar com o colega, fazem isso por um bom tempo, não bagunçam, ficam quietos e o professor não participa [...].

*Brincam de uma brincadeira denominada a “brincadeira do silêncio”, no qual não podem conversar, precisam trocar de lugar, sem dizer uma palavra, escolhem o colega e o aponta só com o olhar. Serve para controla-los e deixá-los quietos e calmos.*

16). O professor vai a frente e fala que vão fazer a dança da cadeira, euforia, comemoram porque vão dançar, mas logo a coordenadora volta e diz que vão para outra sala e ele vai continuar ajudando a colocar cortina.

*Quando descobrem que vão brincar de uma dança bem conhecida por todos se animam e alegram, mas não dura muito, pois a orientadora afirma que não vão mais brincar e sim esperar enquanto trocam as cortinas.*

17). Chama um por um para fazer a fila, um dos meninos não para de desobedecer até que um amigo não aguenta e fica bravo com ele, o repreendendo.

*Um dos meninos não obedece ao professor, não acata o seu pedido para ir para a fila, até que um de seus amigos não aguenta tal atitude e o repreende pedindo para parar de desobedecer.*

18). Nesse momento fazem silêncio total, ninguém se levanta ou conversa, ficam quietinhas vendo a Educação Física da outra turma. Ninguém conversa, mas se mexem timidamente, mexem as mãos, balançam no lugar, se coçam, conversam um pouco depois, mas bem baixinho.

*Observam a aula de Educação física que acontece no mesmo espaço que a aula de dança, nesse momento se acalmam e ficam quietos, mas não deixam de buscar pelo movimento, mesmo que de maneira tímida, mexem as mãos, conversa baixinho, se coçam, dentre outros.*

19). [...] uma menina emburra e se senta, o professor não diz nada.

*A menina não quer fazer porque está emburrada com alguma coisa, o professor não se importa e não diz nada.*

20). [...] chegam antes que o professor e todos se sentam ao meu redor, me abraçam, beijam e conversam comigo.

*Se sentam ao meu lado e conversam comigo, são curiosos sem saber como estou o que faço, se mostram carinhosos.*

21). Gostam do desafio, prestam atenção para não errar e se animam com tudo.

*Se sentem desafiados e gostam disso.*

22). Quando um erra é sempre uma festa, euforia.

*Sempre fazem festa, acham engraçado e ficam eufóricos quando alguém erra.*

23). [...] assim que o professor liga, a menina do meio tem que dançar, mas não quer porque está com vergonha, mas sua colega vai para o meio da roda e a anima, dançam juntas um forró.

*Uma das meninas precisa pagar um mico, e um deles é ter que dançar forró no meio da roda, mas fica acanhada e se recusa a ir, então uma amiga a vendo assim, resolve ajudá-la e dançam juntas. Há presença de cooperação.*

24). Perdem a atenção muito rápido, então o professor pede para que se sentem, pois assim ficam mais contidos.

*Se sentar é um método usado pelo professor para mantê-los quietos e com atenção, é uma forma de controlá-los.*

25). Um dos meninos fala “valsa tio”, e todos imitam, “valsa, valsa”. O professor deixa o menino escolher, ele vai ao som e os alunos gritam agora, “funk, funk”. Ele coloca uma

música com a batida forte e animada e o aluno dança direitinho, cria passos de dança de rua. Os que assistem se divertem.

*Os alunos sentem autonomia e gostam de ajudar a escolher o mico a ser pago, geralmente escolhem algum ritmo para dançar. Imitam uns aos outros. O menino que paga o mico dança uma música forte e inventa passos do hip hop que ele conhece.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As atitudes do professor demonstram influência nas manifestações dos alunos, principalmente quando ele usa de artifícios para mantê-los calmos, em ordem. Isso é preciso quando muitos se tornam excessivamente eufóricos, conversam e brincam além do que é recomendado, permitido, não obedecem às ordens do professor, apresentam pouca atenção e interesse pela aula. A euforia se manifesta em grande parte por meio das brincadeiras em que o entusiasmo e a competição estão presentes. Os micos adotados também influenciam tal atitude. Para essas manifestações descritas, as quais atrapalham o andamento da aula, o professor utiliza de brincadeiras em que o silêncio e a quietude estão presentes. Nessas situações, adota ações como brincar sentado, em roda, sem manifestações verbais e sim corporais (itens 6, 7, 10, 12, 15, 27 e 24).

A animação e euforia são constantes nas ações dos alunos, que em sua maioria se animam, comemoram quando vão dançar ou brincar (item 16), participando de tudo que é pedido e proposto pelo professor (item 9). Contudo, nem todos se manifestam assim: dependendo do dia, alguns se apresentam distraídos, sem interesse, não cooperando com o andamento da aula (itens 10 e 19). Há também algumas meninas que demonstram quietude em sua maneira de comportar, prestam atenção na aula, são mais disciplinadas, tímidas, expressam-se pouco verbalmente, mas fazem tudo. Dançam sem se queixar (itens 13 e 23).

Essas manifestações afirmam a máxima de que cada um possui sua individualidade, que, durante todas as aulas observadas, se expressaram de distintas maneiras, conforme o que lhes era aplicado: correm, empurram, sentam-se, dançam, treinam passos, superam-se diante dos desafios, opinam sobre suas ideias e percepções (itens 7, 14 e 21). Um dos meninos se torna um exemplo disso quando, ao invés de brincar e correr com seus colegas, prefere se alongar e treinar (item 8).

Nestes momentos o movimento está presente e se torna o meio condutor para a execução desses comportamentos, isso porque a necessidade de se movimentar está

impregnada no corpo deles. Gostam de se movimentar, se relacionar com os amigos, com o professor, com o que está acontecendo a sua volta, e em sua maioria o fazem nos momentos de pausas entre uma atividade ou outra, geralmente dadas para troca de música e correções (itens 3 e 18).

Diante dessa capacidade de se movimentar e relacionar, apresentam criatividade e autonomia para criarem seus movimentos, brincadeiras, músicas; escolhem os micos para as brincadeiras. Gostam muito dessa liberdade criadora, chegando em muitos momentos a exceder, tornando-se eufóricos (itens 9 e 25).

O momento presente da aula se comunica e se relaciona com as experiências vividas pelas crianças, estas unem esses dois momentos, fazendo com que contar sobre coisas vividas por eles seja gratificante e divertido (item 6). O autoconhecimento, característica ainda em desenvolvimento neles, se faz presente nos discursos e atitudes deles quando sabem que estão fazendo o que é errado e conhecem os colegas que não obedecem, os que fazem melhor, os que não podem se sentar junto, pois conversam muito (item 1). Com esse conhecimento, muitas vezes os mais extrovertidos ajudam o professor a organizar os lugares conforme o grau de comportamento, demonstram cooperação e proatividade em auxiliar (itens 1, 6, 17 e 23).

Em sua maioria, as crianças se expressam de maneira descontraída e extrovertida, interagindo uns com os outros, comigo, com o processo, tecendo uma rede de comunicação que se modifica durante o desenrolar da aula (itens 4 e 20). Algumas das meninas gostam de entreter seus colegas com danças e atitudes engraçadas (item 2). O gênero não interfere na maneira como se comportam diante da bagunça e algazarra produzida em momentos da aula (item 11). A música apresenta uma relação interessante com as atitudes e gestos das crianças, assim como também no comportamento (item 5).

O professor, apesar das atitudes adotadas para manter a disciplina, pouco opinou ou participou verbalmente nas aulas (itens 5 e 19).

## **TURMA 6 – 3º ANO D**

1). Quando ele expôs o que fariam metade da turma demonstrou euforia, gostando da ideia do que fariam, um menino comemorou expressando por “Ehhhh!!!”.

*Os alunos se expressam de maneira alegre e divertida ao saberem o que vão fazer na aula de dança.*

2) [...] o professor precisa os repreender, pois a euforia vira bagunça e começa a sair fora do controle, eles o respeitam e se acalmam por um momento, porém passa uns segundos e a maioria começa a conversar de novo [...].

*Conversam muito, a euforia e animação ultrapassam os limites e vira bagunça, assim é preciso a intervenção do professor, eles obedecem, mas não conseguem ficar quietos por muito tempo.*

3). Quatro meninas ficam mais quietas e quase não participam da atividade, até o momento não se levantaram para fazer a pirâmide [...].

*As meninas são quietas e pouco participativas, não se animam a fazer a atividade.*

4). Os meninos participam e parecem gostar, com exceção de quatro deles que não se interessam muito e preferem brincar e fazer bagunça.

*Os meninos participam e gostam, mas isso não é unânime, alguns são pouco colaborativos e preferem brincar da maneira que acham melhor.*

5). Uma menina tem medo, mas mesmo assim faz e acaba caindo próximo a uma colega no final do rolamento, a colega fala, “Cuidado!!”, e faz cara feia, alguns riem dela, mas logo passa.

*Precisam fazer um exercício que finaliza no rolamento, uma das meninas não consegue fazer e aparenta ter medo, mas cria coragem e faz. Porém cai próximo a uma amiga que se preocupa, mas parece não gostar, o momento crítico dura pouco, pois logo passa e elas prosseguem na atividade.*

6). Enquanto os meninos fazem, duas meninas os assistem e ficam gritando, “vai tartaruga, vai tartaruga!”.

*Duas meninas gozam dos amigos realizando a brincadeira e ficam os criticando chamando de tartarugas.*

8). Um dos meninos vai ao centro da roda e fica dançando para os amigos, rebolando e se movimentando livremente, uma das meninas vira para mim e diz: “Tia, olha o bailarino da turma!”.

*O menino entretém os amigos indo ao centro da roda e dançando, a amiga expressa verbalmente o que está achando, se dirige a mim e o apresenta como bailarino da turma. Todos sorriem.*

9). Enquanto brincam eles prestam atenção e se movimentam o tempo todo, os meninos mais do que as meninas. Ficam pulando, se apoiando nos amigos. Uma menina pede para abrir a roda.

*Todos prestam a atenção durante a brincadeira, se movimentando conforme o pedido, os meninos são mais expressivos do que as meninas, neste quesito, porém são mais agitados e não dura a atenção por muito tempo, alguns saem do que é pedido e fica pulando, se apoiando uns nos outros.*

10). A maioria se expressa bem, quando tira a música, sorriem, pulam, se movimentam, conversam.

*Comemoram quando finalizam a coreografia, sente-se felizes pelo feito.*

11). Um dos meninos apresenta bastante dificuldade em relação a coordenação, porém não desiste, se desafia e continua tentando seguir o professor.

*O menino que tem dificuldade motora em realizar a atividade, mas não se abala e se esforça para conseguir fazer, se desafiando.*

12). A nova música é pop, eles gostam do ritmo, quando dançam não conversam, se esforçam e seguem o professor que está à frente fazendo.

*A música interfere no estado de ânimo deles, gostam de ritmos fortes e animados, quando gostam não conversam e prestam atenção no professor, o seguindo.*

13). Durante a dança uma menina se apresenta ser mais tímida e dança com a feição séria e compenetrada, mas não deixa de dançar em nenhum momento.

*Uma das meninas age de maneira diferente, aparenta gostar, porque faz tudo, mas não dança sorrindo e nem demonstra euforia e sim timidez.*

14). Com a presença dos meninos maiores as meninas ficam mais acanhadas, dançam, mas não com a mesma energia anterior, três delas param de dançar para olhar eles, mas logo eles vão embora e elas continuam.

*As meninas se sentem acanhadas em dançar quando os meninos maiores aparecem na quadra, umas não dançam e ficam observando eles. Logo que eles vão embora, voltam a atenção para a aula e se soltam mais.*

15). Ele coloca a música e começa o aquecimento, pede silêncio e eles fazem, a música é lenta e com isso ficam com as expressões relaxadas e calmas.

*Participação e colaboração de todos durante o aquecimento, a música é lenta e interfere no comportamento deles, os deixando mais calmos e relaxados.*

16). Eles caminham devagar pela sala, fazem isso com calma e sem fazer bagunça, tem um menino que fecha os olhos e curte a música sorrindo.

*Vivenciam um momento de relaxamento que os deixa calmos. Um menino gosta e curte a música de forma tranquila e feliz.*

17). Ele pede para procurar um amigo, fazer duplas para fazer massagem, então a euforia se instala, conversam entre si, brincam, uns sentem vergonha de tocar no amigo, uns já fazem com cuidado, outros de qualquer jeito, sem zelo.

*A euforia retorna quando eles são convidados a se relacionarem uns com os outros, fazem duplas e gostam, conversam entre as duplas e uns com os outros. No exercício de massagem cada um se comporta conforme se sentem, uns ficam mais à vontade, outros mais acanhados, uns são cuidados e outros descuidados.*

18). Duas meninas e um menino ficam conversando comigo, uma delas fala que vai ser bailarina e veterinária e fica dançando para mim.

*As meninas vêm até mim para me contar coisas e saber sobre mim, uma diz o quer ser, e uma de suas escolhas é ser bailarina e fica dançando o que sabe para mim.*

19). Três delas ficam dançando e me mostrando o que conseguem fazer, fazem pirâmides, e exercícios de acrobacias.

*Demonstram para mim o que sabem e gostam de fazer, a maioria são exercícios de acrobacias, como estrelinhas, aberturas. Se sentem felizes em fazer isso.*

20). Eles sempre seguem o professor, mas recriam muitos movimentos conforme as suas capacidades e vivências. No final da música é euforia total, pulam e movimentam livremente. *Seguem o professor, mas não limitam a sua dança a isso, criam muitos movimentos na hora em que estão dançando. Gostam muito quando acaba.*

21). O menino que ficou dançando fica treinando abertura, ele é bem flexível, mostra para uma das meninas e uma delas fala, “eu também consigo”, e faz, mas vê que é difícil e desiste. *Um menino fica inventando movimentos e faz o que acha legal para ele e um desses movimentos é a abertura, realiza com facilidade, tem flexibilidade. A menina vê e se sente enciumada e então decide fazer, mas percebe que não é fácil e desiste de fazer de novo.*

22). A próxima música é um axé conhecido e eles gostam, dançam todos com música agora. *Gostam de dançar as músicas que são conhecidas e fazem parte de seu repertório.*

23). O professor brinca quando eles fazem do jeito deles, afirma, “não é festa não”, “se vocês não fizerem direito vou ter que tirar”.

*O professor os adverte sobre sempre fazer do jeito deles e não da maneira como ele demonstra e pede.*

24). Todos vão fazendo, erram uma vez ou outra, mas vão se encaixando e ajudando uns aos outros. O professor intervém quando necessário, mas deixa eles terem autonomia para executarem sozinhos.

*Eles têm autonomia para fazerem sozinhos, mas uns erram e outros acertam, vão se ajeitando e auxiliando uns aos outros.*

25). O menino faz abertura de novo e a menina olha para mim e diz “tia olha esse menino!”.

*A menina fica intrigada com o amigo fazendo abertura no meio da aula e expressa verbalmente para mim o que achou.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As manifestações são diversas e correspondem a estados de ânimo, personalidade, experiências, gostos, momento da aula, atividade dada. Essas riquezas de possibilidades expressas pelo corpo nos permitem visualizar momentos de alegria, descontração, preocupação, cooperação, companheirismo, autonomia, criatividade, sensibilidade. Tudo isso pode ser acompanhado por algumas passagens descritas.

A maioria aparenta gostar de fazer a aula: ficam alegres, se divertem, chegando à euforia em alguns momentos; participam de forma espontânea, leve e concentrada (itens 1, 4, 9, 10, 13 e 15). Os excessos acontecem e chegam a atrapalhar o andamento da aula; isso acontece quando a euforia extrapola os limites do correto, assim como a conversa e as brincadeiras de mal gosto (itens 2, 9 e 17). Em contrapartida a esses comportamentos estão as meninas que não se encaixam nas descrições acima: são quietas, pouco participativas e desmotivadas a dançar e fazer o que foi proposto (itens 3 e 4).

Estabelecem relações a todo o momento, seja entre eles, com o professor ou a atividade. Essas relações acontecem de diversas formas: quando são entre os colegas, geralmente em atividades em duplas, apresentam-se de maneira carinhosa ou descuidada (item 17). Quando é comigo, são expressas pelas danças mostradas, as perguntas feitas, as ideias e os sentimentos exteriorizados, todos estes de forma carinhosa e feliz (itens 18, 19 e 25).

São desafiados constantemente a conseguirem realizar os passos e a serem melhores no que estão fazendo, e respondem com atitudes corajosas ao se empenharem em combater suas dificuldades e conquistarem o que almejam, que é realizar o movimento de dança ou ginástica (itens 5 e 11). Possuem autonomia para realizarem sozinhos algumas coreografias, ajudando uns aos outros, seja retirando as dúvidas ou copiando quem sabe fazer (item 24). Com isso, seguem o professor quando acham necessário, com exceção daqueles que o seguem o tempo todo (item 20).

O professor é uma referência nas coreografias e sua participação dançando é importante para que eles consigam fazer. Em algumas situações, a advertência sobre o comportamento inadequado das crianças se faz necessária e esta é dada de forma firme e segura (itens 2 e 23). Em grande parte, essa atitude é necessária pois os alunos passam dos limites na aula, discutem entre si, conversam muito, criticam os colegas de forma agressiva, fazem graça dançando de forma errada para entreter os demais (itens 5, 6 e 8).

As diferenças de gênero são encontradas quando falamos sobre a expressão e o comportamento: os meninos são mais expressivos em relação às meninas e também mais agitados e bagunceiros (item 9). Alguns, na presença de outra pessoa, se sentem acanhados na hora de dançar, fazendo-o de forma tímida (item 14).

A música exerce influência sobre suas atitudes e manifestações: quando é lenta, ficam mais tranquilos, e quando a conhecem, cantam e prestam mais atenção do que quando é desconhecida. Gostam de ritmos fortes e animados, como o funk e o axé; empolgam-se e dançam com mais vigor (itens 12, 15, 16 e 22).

Com a ajuda da música, criam movimentos, danças e brincadeiras com maior facilidade e vontade. Sempre que há pausas, aproveitam para criar, e, quando dançam, fazem-no de forma única, apesar de seguirem o professor (itens 20 e 21).

## **JORNADA AMPLIADA**

### **TURMA 7**

1). Todas prestam atenção e o seguem, passa poucos minutos e já coloca a música, esta é de axé, é animada e conhecida por elas. Todas dançam o seguindo, pois não decoraram, dançam com certa dificuldade devido a isso.

*Os alunos demonstram atenção, compromisso e interesse em fazer o que o professor propõe, dançam a coreografia, mas ainda não decoraram e sentem dificuldades em algumas partes.*

2). Uma delas dança mascarando chiclete o tempo todo, uma fica descalço e as outras duas de sapatos, uma delas está de calça jeans, o que atrapalha os movimentos, e outra está de short jeans, o que também não ajuda.

*Não possuem uma padronização de uniforme e nem a roupa adequada para se fazer a aula, cada uma vai do jeito que melhor lhe convém, o que atrapalha em aula momentos, como no caso a calça jeans que prende os movimentos das pernas.*

3). A pequena que foi chamar a professora retorna e já fica junto com as meninas para dançar, fica do lado do professor, de frente as outras, como ela perdeu parte das instruções, fica seguindo eles e tenta dançar junto, mas logo desiste e se senta.

*A menina perde uma parte da coreografia e quando retorna se sente perdida, tenta seguir o professor e as amigas, mas sente dificuldade e desiste.*

4). Uma delas dança com feição séria, mas apresenta vontade e parece estar gostando.

*A menina dança concentrada e com feição séria, não sorri, mas mesmo assim demonstra corporalmente estar gostando, ela faz tudo e presta atenção em todos os detalhes.*

5). Quando termina a música uma encosta na parede e o professor brinca, “já cansou? Isso é idade”, ela alega que faz muita coisa, ginástica, dança.

*A menina se cansa logo e se justifica ao professor afirmando que faz muita coisa além da escola e da dança, como por exemplo a ginástica.*

6). A que comentei que dança com mais vontade nesse momento não dança ela se senta em uma cadeira de frente a eles e fica observando e mexendo de minuto a minuto no celular, o professor não diz nada.

*A menina para de dança para mexer no celular, confere de tempos em tempos as suas mensagens, o professor não se importa e nada diz.*

7). Uma delas afirma: “Não lembro do braço, não lembro de nada”. Elas ficam rindo e brincando com o passo.

*Se divertem com um movimento que foi passado e expressam verbalmente quando não entendem ou não sabem realizar um passo de dança.*

8). O professor esquece no meio da coreografia e uma delas cai na risada, e o acompanha.

*A menina se diverte com o esquecimento do professor.*

9). Ele acrescenta para a pequena, você que gosta dessas coisas e mostra o movimento para ela e sorri, ela sorri e diz, “não, obrigada”.

*O professor se relaciona com sua aluna de forma divertida, brinca com um movimento associando a algo que ele viveu, a meninas responde em tom de brincadeira.*

10). Conversam um pouco durante a dança, a pequena para e vai até o celular do professor olhar o vídeo da música que está tocando, ela chega para a colega e diz que é assim mesmo que eles dançam, e o professor concorda [...].

*Elas têm liberdade para pararem de dança quando querem e também de mexer no som e no celular do professor, uma olha o vídeo e descobre que no vídeo tem o passo que elas estavam fazendo, comenta a descoberta com as amigas e o professor consente.*

11). Quando erram geralmente elas sorriem, e quando não, ficam com o semblante mais concentrado, sério. Demonstram mania de dançar olhando para o chão, as vezes aparentando estarem acanhadas.

*Elas invertem o comportamento, quando erram sorriem e acham engraçado e quando dançam correto ficam com o semblante sério. Tem mania de dançar olhando para o chão, aumentando o comportamento sério e muitas vezes acanhado.*

12). Uma delas então vai até o celular dele e coloca o funk e começam a dançar, assim que ele retorna pede para que retirem a música e afirma: “é só dar as costas né”.

*Elas gostam de funk e sempre quando podem colocam para dançar, o professor não gosta que eles ouçam esse tipo de conteúdo que existem em algumas músicas, sempre quando vê que eles ouvem, os repreende e retira a música na hora.*

13). [...] a do celular que anteriormente disse que gosta de dançar, pega o colchonete e se deita no chão, não quer fazer essa parte, ele não a proíbe de fazer isso.

*A menina decide por conta própria não participar mais, e se deita, o professor não a intervém e a deixa livre.*

14). A que gosta de ginástica vai passando a série para a que está de calça jeans e o professor vai corrigindo, e acrescenta a ela, “você é boa só tem preguiça de fazer né”, ela só sorri.

*As duas meninas praticam a série de ginástica que elas sabem, o professor observa, corrige, e ainda acrescenta que ela não faz porque tem preguiça e não porque não sabe, ela apenas sorri.*

15). Durante uma parte uma delas adverte o professor dizendo que não era assim que fazia, ele concorda e conserta, elas prestam atenção e estão concentradas para aprender.

*Elas sentem autonomia em corrige o professor quando ele esquece e erra a coreografia, ele aceita a correção. Elas ficam concentradas e se esforçam para aprender.*

16). Mais uma vez precisa parar a música para lembrar, esquecem mais uma vez, uma delas fala, “a minha perna não fica para a direção certa, a outra é para cá mesmo?” A outra acrescenta, “ela não quer sujar a roupa”, e o professor brinca, “é perto onde você mora, vai lá rapidinho buscar outra roupa”, ele sorri e ela fala, “é né”.

*Travam um bom diálogo, no qual cada um expressa verbalmente o que está sentindo e vivenciando no momento, o professor interage com elas brincando descontraído.*

17). Dançam de novo, e agora fazem bem melhor, apesar de dançarem com pouca vontade, sem animação.

*Dançam sem animação e sem vontade.*

18). O menino parece estar chateado pois não estão tendo aula normal, terão que organizar as coisas primeiro.

*O menino gosta de fazer aula e quando não tem, se sente irritado e sem paciência.*

19). O menino foi ao som e colocou uma música de samba e com o arco nas mãos ficou treinando alguns movimentos de ginástica rítmica, as meninas apenas o observaram da arquibancada.

*O menino sozinho vai ao som e coloca a música da sua série de ginástica, treina e faz sozinho, as meninas apenas o observa sentadas na arquibancada.*

20). Elas não param, se desafiam o tempo todo até conseguirem fazer.

*São determinadas quando se sentem desafiadas, se esforçam e tentam até conseguir realizar o que se propuseram.*

21). Uma delas conseguem fazer parada de mão e descer na ponte, o professor auxilia no início e depois deixa que elas ajudem umas às outras [...].

*Treina movimentos de ginástica, como a parada de mão. No começo ele as auxilia, mas depois deixa que façam sozinhas e se auxiliem.*

22). [...] todas tentam e gostam, não fazem corpo mole, auxiliam sempre umas às outras, sorriem e comemoram quando conseguem, o ambiente é de total descontração.

*Se ajudam mutuamente e ficam felizes quando algumas delas conseguem fazer sozinhas, comemoram e se sentem mais confiantes com isso.*

23). O menino fica treinado sua série sozinho, quando realiza tem expressão de concentração e preocupação se conseguirá fazer corretamente os elementos, ele é expressivo e demonstra seus medos.

*O menino treina muito a sua série e demonstra estar preocupado em fazer tudo certo, e sente medo de não conseguir. Treina com a feição compenetrada, séria, não sorri quando faz os movimentos.*

24). Elas são mais contidas nas partes que tem que rebolar, sorriem meio sem graça, parecem sentir um pouco de vergonha, uma delas a menor faz corpo mole no final.

*Sentem-se acanhadas quando tem que dançar alguns movimentos, como por exemplo rebolar, olham desconfiadas e sem graça. Uma delas faz corpo mole, preguiça de dançar.*

25). Uma delas parenta gostar mais do que as outras, dança com mais ânimo, mais vigor, a música é pop e é de um grupo musical que elas conhecem.

*Uma apresenta certa singularidade que é demonstra gostar e curtir mais do que as outras. O fato de conhecer o grupo e gostar dela ajuda tal comportamento.*

26). [...] decidem ir beber água, o professor não fala nada e continua dançando com a mais velha, ela gosta e faz tudo.

*Elas saem para beber água sozinhas e o professor não se importa com isso, e nem em dançar sozinho com uma delas.*

27). Duas meninas se deitam no colchonete, uma fica mexendo no celular, o professor não fala nada sobre isso. Apenas três delas dançam [...].

*Elas decidem quando querem parar de dançar e fazer outras coisas, o professor não se importa e dança com quem tem interesse. Gostam de se deitar e se sentar, são preguiçosas em sua grande parte. Uma gosta de mexer no celular, fica com ele a aula toda.*

28). [...] passa os movimentos sem música junto com elas, prestam a atenção e participam, treinam, comentam sobre os passos de dança, acham engraçado algumas situações.

*Participam da aula de forma presente, não só dançando, mas construindo, cooperando, retirando dúvidas, comentando sobre o que acontece.*

29). O menino os chama para ver uma parte da série de ginástica que ele estava treinando, o professor diz que foi legal, e o menino acrescenta “eu sei, sou foda”, ele nada fala e volta sua atenção as meninas.

*O menino mostra sua série e todos observam quando ele faz, ao final o professor o elogia e ele comenta que ela sabe disso, que é muito bom no que faz, o professor não comenta tal afirmação.*

30). Enquanto o professor dirige seu olhar para o menino, todas continuam dançando, treinam sem música, uma auxilia a outra [...].

*Mesmo o professor não lhes dando atenção no momento, as meninas continuam dançando, não se importam se fizer sozinhas.*

31). A música termina e o menino fala, “deixa ela de novo, essa música é até legal”, as meninas concordam [...].

*O menino gosta da música e elas concordam. Pede para que coloque de novo para que ele ouça.*

32). Fazem e ficam competindo quem levanta mais alto, brincam e se movimentam livre.

*Competem entre si para ver quem consegue levantar a perna mais alto, se divertem com isso.*

33). O menino que no meio da brincadeira havia se levantado, continua dançando e criando movimentos livremente, enquanto o professor passa para elas [...].

*Ele gosta de criar suas próprias séries de movimentos ginásticos, o professor não se importa e o deixa livre.*

34). E o professor diz que ele precisa sorrir mais, senão não vai ganhar nada, e o menino resmunga “só o prof. mesmo, essa música não tem nada de sorriso”, a menina sorri e ele a elogia como exemplo.

*Quando o menino executa sua série ou dança o faz com o semblante sério e preocupado e o professor o alerta dizendo que é importante que ele sorria na competição, porque senão não vai ganhar, ele parece não gostar e comenta que a música não pede um sorriso e sim um comportamento mais contido e sensível. A menina ri da discussão deles e o professor mostra ela como exemplo.*

35). A aluna mais velha reclama de novo, “ai que música chata”. O professor pede para ela colocar uma dela então, o menino acrescenta “pode por menina chata”, ela vai ao som. Ela coloca um axé e os outros reclamam, ela justifica “essa são as que eu gosto!”, fica brava, “eu não posso ouvir nada, é o que eu gosto”.

*A menina gosta de outro estilo de música do que seus colegas e reclama porque eles só colocam o que eles curtem e não a deixa colocar o que gosta. O professor permite que ela mude a música, mas o restante da sala reclama pela escolha.*

36). A mais velha nesse momento se senta de novo e volta a mexer no celular.

*Se senta de novo após não obter sucesso na escolha da música, volta a mexer no celular.*

37). Enfim consegue encontra-la, é lenta, e uma das meninas fica brincando, dizendo que ele está apaixonado, ele sorri e fica criando movimentos.

*O menino cria seus movimentos na música lenta e as meninas ficam dizendo que ele está apaixonado e apenas sorri.*

38). Enquanto ele fica fora, o menino fica dando um show para as meninas, elas assistem e ficam curtindo a música, algumas cantam, uma fica pensativa, outra sorri o tempo todo.

*Assim que o professor se afasta da sala, o menino toma conta e fica dando um show para as amigas, dança livre. As meninas observam e curtem a música, umas cantam, outra fica pensativa, outra sorri o tempo todo.*

39). Uma escuta a música e pensativa começa a chorar, as amigas a abraçam e limpam suas lágrimas.

*Uma das meninas se emociona com a música lenta e começa a chorar, suas amigas consolam ela, a abraçam, limpam suas lágrimas.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

O professor constrói laços e possui um papel importante na orientação do conhecimento e formação de identidades. Age de maneira descontraída e amiga de seus alunos, estabelece laços de amizade, companheirismo e respeito, faz analogias e conta histórias que se aproximam do cotidiano dos alunos (itens 9 e 16). Dá liberdade para que seus alunos possam agir de maneira que se sintam confortáveis, deixa que mexam em seu celular para escolher e colocar as músicas, que usem as roupas que querem, que se sentem quando quiserem, que conversem, brinquem e mexam em seus celulares. Permite tudo isso, pois os alunos o fazem de forma organizada e tranquila (itens 6, 10, 15, 19, 26, 27 e 33). As correções e advertências são feitas quando é preciso, principalmente quando o movimento é de ginástica e envolve um risco a mais para o aluno (itens 14 e 21). Elogia o que considera bom (item 29) e fala da importância da presença, do sorriso na hora da competição de ginástica rítmica (item 34).

As respostas de seus alunos são diversas e expressas em suas atitudes, gestos, discursos, cada qual obedecendo suas particularidades, potencialidades e desejos. Em sua maioria são esforçados, concentrados e prestativos. São atenciosos nos detalhes e comandos do professor, se esforçam para aprender e executar os passos da melhor forma que conseguem, realizam o que lhes é proposto, aceitando o desafio com entusiasmo e dedicação. Não se importam de dançarem sozinhos se for preciso, possuem autonomia para isso (itens 1, 4, 15, 20, 23 e 30). Têm a mania de seguir o professor e os colegas que memorizam com mais facilidade durante as danças e só não o fazem quando o professor para de dançar junto para ver ou quando decoram as sequências. Também costumam dançar com a feição séria, semblante concentrado, o que muitas vezes indica vergonha e acanhamento sobre a dança e a composição de seus movimentos (itens 1, 3, 4, 11, 23, 24 e 34).

A participação deles durante a aula oscila e representa momentos vividos por eles, que parecem gostar do que fazem (item 4), se divertem com os movimentos que são passados, com as brincadeiras do professor e com o que a dança representa (itens 8 e 9). Questionam, mesmo que isso não aconteça com frequência, sobre o que não entendem, não gostam (item 7), auxiliando o professor e seus colegas quando sentem que é preciso (itens 15, 21 e 22). Mexem no celular; uma das meninas faz isso constantemente (itens 6 e 27); algumas desistem com mais facilidade, seja por preguiça, por se cansarem ou por não gostarem da dança; com isso, participam sentadas ou deitadas, apenas observando, se levantando e voltando para o repouso de tempos em tempos (itens 3, 5, 13, 27 e 36).

A preguiça para eles acaba por ser um empecilho, impedindo um bom rendimento e participação na aula: quando não desistem e se sentam, dançam sem animação e vontade

(itens 14, 17, 24 e 27); quando erram algo, apresentam a atitude de sorrir, às vezes descontraídas, às vezes preocupadas, diante do erro cometido (item 11). Sentem-se felizes ao conseguirem realizar os movimentos da coreografia, ao se superarem (item 22). Assim, sua participação é efetiva e acontece de forma presente, vibrante, cooperando, construindo, questionando, divertindo-se (item 28).

Os laços de amizade se fazem presentes, mesmo reclamando em alguns momentos das atitudes de seus colegas (item 35), são companheiros uns dos outros e se auxiliam nos movimentos e nos sentimentos (item 39). As brincadeiras e competições são estabelecidas dentro dessa relação de amizade: brincam e competem para ver quem levanta a perna mais alto ou faz o passo melhor (item 32). O único menino da turma é mais expansivo e, em alguns momentos, se apresenta de forma arrogante, acreditando ser o melhor, assim como também irritado e sem paciência com o andamento da aula e dos acontecimentos (itens 18 e 29). Entretanto, é dedicado, fica treinando suas séries de ginástica sozinho enquanto o professor dança com as meninas, cria muitos de seus movimentos e os executa com sensibilidade e preocupação em não errar. Gosta de ser observado e elogiado (itens 19, 29, 33 e 38).

As vestimentas utilizadas por eles não seguem um padrão, tendo alunos com calça jeans, camiseta, tênis, sandália, cabelos presos e soltos. O professor não exige nada quanto a isso, o que pode prejudicar a execução de movimentos, porém, principalmente os de ginástica, que eles gostam muito (item 2).

A música e tipo de grupo musical são apreciados por eles, que gostam de escolher as músicas preferidas, conhecidas e do momento. Reclamam quando não é uma que os agrada e se divertem ao dançar as que apreciam. Nessa idade, as canções possuem um papel importante na construção de sua personalidade e gostos. Preferem ritmos como o funk e o axé, porém ouvem só os que o professor autoriza devido ao conteúdo, e se emocionam com as músicas românticas (itens 12, 25, 31, 35, 37, 38 e 39).

## **UNIDADES DE SIGNIFICADO E ANÁLISES IDEOGRÁFICAS - INSTUIÇÃO DE ENSINO NÃO FORMAL**

### **ACADEMIA DE DANÇA**

#### **TURMA 1**

1). Assim que a meninas entraram ele pediu para todas já irem para as colocações da coreografia e pediu organização e silêncio [...].

*As alunas são coordenadas a irem em silêncio para os seus lugares de início da coreografia.*

2). [...] uma de suas alunas não levou roupa de dança, esqueceu de levar, assim o professor a deixou fazer a aula, porém assentiu pedindo para que ela tenha mais responsabilidade da próxima vez, e que tomasse cuidado, já que não estava com a roupa própria para dançar.

*A menina esqueceu de levar sua roupa de dança, mas mesmo assim o professor a deixou fazer a aula, mas com uma advertência quanta a responsabilidade dom suas coisas e também quanto ao perigo de se machucar quando estiver dançando.*

3). Houve duas que questionaram se os pais não assinassem o que ia acontecer, eu expliquei que não ia acontecer nada e que se os pais tivessem dúvida para eles me procurarem antes ou depois da aula para conversarmos [...].

*As meninas ficaram em dúvida quanto ao termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa, retiram suas dúvidas sem nenhum problema.*

4). O tutor acrescentou dizendo que esse era um trabalho de escola, assim como os que elas faziam, só que o meu trabalho era elas, e que eu não estava ali para corrigi-las e sim apenas observar e fazer anotações.

*O professor faz analogias com coisas do cotidiano dos alunos para que assim possam compreender melhor, o trabalho de escola foi uma delas.*

5). Uma das meninas disse que eu “passei em um portal mágico” e por isso estava invisível.

*A meninas utiliza da fantasia para compreender o que estava acontecendo no momento, digo que vou ficar invisível e ela acrescenta que fiquei assim por passar em um portal mágico.*

6). Durante a execução da coreografia sem música, umas delas advertiu sobre a sequência, dizendo que era outro passo, imediatamente uma outra disse que não, que era do jeito que estavam fazendo mesmo e a corrigiu. O professor deu atenção ao diálogo e esclareceu o mal-entendido.

*As meninas ajudam o professor a lembrar a coreografia, o corrigindo sobre algo que ele esqueceu e errou, ele assente e concorda com elas, esclarecendo que realmente ele esqueceu.*

7). O Tutor a praticamente todo o momento comandava as meninas, falando o que tinha que fazer e para onde ir.

*Ele as organiza e comanda, quanto aos lugares, movimentos e comportamentos.*

8). Nesse início de aula elas estavam corrigindo umas às outras com frequência.

*As alunas têm mania de corrigir umas às outras quanto aos movimentos da coreografia.*

9). As mais novinhas tinham mais dificuldade de execução, mas em contrapartida prestavam mais a atenção, as maiores brincavam mais e reclamavam mais.

*A turma é mista quanto a idade e por isso apresenta diferenças de comportamento e execução, as mais novas são mais quietas e limitadas quanto a capacidade de dançar, e as maiores possuem habilidades e repertórios motores melhores, mas conversam muito e são distraídas.*

10). Durante uma correção que durou um tempo maior, algumas pararam o que faziam para conversar e treinar, aproveitaram já que a atenção do professor não estava voltada para elas. *Se distraem e fazem o que querem quando o professor não lhes dá atenção, conversam, treinam os passos de dança.*

11). Quando o professor foi ao som para ligar o aparelho, todas se descontraíram, conversando, se sentando no chão, dançando livre. *O tempo que elas têm livre da atenção do professor aproveitam para fazerem o que querem, conversando, dançando livre e se sentando no chão.*

12). Depois de ligado pediu para que se posicionassem e fizessem silêncio, e também não copiassem um das outras, para se concentrarem no que estavam fazendo. *O professor pede atenção e concentração das alunas, e que não copiassem umas às outras, e fizessem por conta própria.*

13). Fez também correções gerais. Uma das meninas durante a fala do professor, exclamava: “meu deus!”, “OK”, “tá certo”. *Uma menina apresenta estar preocupada quanto as correções feitas pelo professor, expressando verbalmente esse sentimento.*

14). [...] perguntou se elas lembravam o que ele tinha passado na aula anterior, disseram que “sim” e começaram a mostrar, todas ao mesmo tempo. Todas estavam ansiosas para mostrar, umas mais expressivas do que outras. *Ele pergunta se lembram o que foi feito na aula passada, se gravaram o que aprenderam, elas ficam animadas e querem mostrar o que lembrou, portanto ao mesmo tempo começam a mostrar ao professor, cada uma faz uma coisa diferente com intensidades distintas.*

15). Durante a algazarra uma falou para a outra amiga que ela estava com chulé, e a outra rebateu imediatamente “vai cuidar da sua vida”. O professor distraído não ouviu esse diálogo. *As meninas embatem um diálogo não muito amistoso, a amiga fala para a outra que ela tem chulé, e amiga parece não gostar nem um pouco disso. O professor não vê esse acontecimento.*

16). [...] logo percebeu e perguntou porque estava saindo do lugar, ela respondeu que “ia tirar a meia”, ele perguntou “por que é para não tirar, pois podia atrapalhar dançar e se machucar”, ela respondeu que tirou porque “ele havia dito que as meias estavam chamando a atenção”, já

que a meia era verde e a sapatilha das outras era rosa. Ele afirmou que não precisava tirar já que “a veria dançar de qualquer forma, que não dependia da meia”.

*O professor e a menina discutem a respeito de uma meia, ela quer tirar e alega que está tirando porque o professor disse que a cor da meia ia atrapalhar a ver a coreografia, já que todas estavam com a mesma cor e ela não. Ele não a desmente, mas fala para deixar porque pode se machucar sem dançando sem meia e que a veria dançar, independentemente da cor da meia.*

17). Havia uma delas que bocejou a aula toda, ela em vários momentos se distraiu, olhando para o chão ou para o espelho.

*A menina parece ser dispersa e se comporta de maneira distraída na aula, em vários momentos olha para o chão, para o espelho, boceja.*

18). Em um momento ele teve que ser mais firme com ela, e disse que se não parasse de fazer “graça” ela teria que se retirar da sala de aula, e que até o momento só ameaçou, mas que iria cumprir caso ela não parasse. Esta ficou em silêncio e o respeitou.

*A menina recebe uma advertência do professor, pois estava fazendo bagunça e distraída na aula, ele perde a paciência e é mais ríspido com ela, esta o respeita e faz silêncio.*

19). Durante a realização da coreografia elas não conversam e se esforçam para fazer, umas mais do que outras.

*Estão empenhadas em realizar a coreografia da melhor maneira que conseguem e se esforçam para serem melhores em relação umas às outras.*

20). Uma menina parou no meio da coreografia para se olhar no espelho e ficar piscando, o professor logo lhe chamou a atenção.

*A menina para e se olha no espelho, fica piscando e se admirando, o professor não deixa isso acontecer e logo chama sua atenção de novo para a aula.*

21). A volta se torna um momento de descontração, elas se sentam, conversam umas com as outras e com o professor, e dançam livre.

*Se sentem descontraídas e felizes quando voltam para a sala após beber água, criam movimentos, dançando livre, conversam umas com as outras, com o professor também, que está mais relaxado.*

22). [...] ele pediu para levantar e acrescentou dizendo que “elas estavam ali só por uma hora, e que ali podiam se exercitar e eles queriam ficar sentadas, e depois voltavam para a escola e lá ficavam sentadas e querendo estar ali”.

*O professor comenta que na sala elas sempre querem ficar sentadas, toda pausa que ele dá elas se sentam, e que isso devia ser o contrário já que ali é o lugar para elas se*

*movimentarem, criarem, serem livres. E acrescenta que ali tem essa postura, mas quando estão na escola e ficam sentadas o dia todo, ficam querendo estar ali para dançar.*

23). [...] uma reclamou que o braço doeu; uma vez barulho após o salto e a outra riu, mas nenhuma achou ruim; o professor fez uma brincadeira e todas sorriram; uma corrigiu o professor por ter esquecido uma parte e esse acatou a correção.

*Elas se comportam e expressam de maneiras diversas e distintas, cada uma com suas particularidades.*

24). Depois que terminou a dança, a música continuou e muitas dançaram livremente sozinhas, até o som ser desligado.

*Continuam dançando a música conforme os sentimentos no momento, mesmo depois que a coreografia termina. Criam seus próprios movimentos.*

25). Houve um momento que o professor parou para olhar elas e elas começaram a perguntar, “É assim tio?” e mostrar o movimento.

*Elas querem mostrar que conseguem quando o professor as observa, e pergunta se estão fazendo certo, ficam preocupadas em ter a aprovação dele.*

26). Esqueceram uma parte no meio da música, ele perguntou, “está faltando alguma coisa?” e quatro meninas disseram que sim e demonstraram o que era. O professor se dirigiu a mim, “elas têm a cabeça boa, porque se depender de mim...!”.

*O professor as elogia para mim, afirmando que se não fosse elas, ele não ia saber a coreografia, pois ele não grava, mas elas sim, demonstram os passos que ele havia esquecido. Quatro fazem isso.*

27). [...] elas respeitaram, mas com feição de quem não quer parar de fazer o que ele pediu.

*Elas o respeita e obedece, muitas o fazem, mas aparentando não querer fazer, e sim continuar conversando ou o que quer que seja o motivo da advertência.*

28). [...] elas ficaram perguntando: “Quantas coreografias?”; “Não vou errar”; “Quantos minutos vamos dançar?”; “Tio estou com sono”.

*Expressam verbalmente vários sentimentos e ideias acometidas no momento da aula. Uma é positiva quanto a coreografia, ou desanimada com sono, uma preocupada e curiosa em saber quanto minutos tem a coreografia e quantas são.*

29). Ele para a música e disse que não foi bom e que vai passar tudo de novo. Ficam eufóricas, umas reclamam, outras ficam tentando fazer o passo que errou.

*Não dançam como o professor projetou, e por isso vão repetir de novo, já que a repetição leva ao bom desempenho. Elas reagem de formas diferentes, umas gostam e ficam eufóricas,*

*outras se preocupam e treinam o que errou, outras reclamam porque não querem ter de repetir.*

30). E que erraram porque ficam faltando demais, umas delas concordou dizendo, “é verdade”.

*A menina concorda com o professor quando ele fala que elas erram porque conversam muito quando estão dançando, ela faz, mas tem consciência disso ser errado.*

32). Ao término dessa vez que fizeram com música, uma também exclamou, “Ai meu Deus!!”, outra, “tio, que horas acaba a aula?”. Ele respondeu, “daqui a pouco”, uma acrescenta, “é as 11:00”, outra, “já é 10:45.

*Ao término da música demonstram estar cansadas, expressam verbalmente esse sentimento, pois querem saber se está acabando, quantas horas são, uma exclama dificuldade. O professor responde a todos os questionamentos.*

31). Faz uma brincadeira com o movimento novo, “vocês não sabem rebolar, até o tio rebola mais do que vocês”, elas se divertem com o que ele falou, fazem o passo se olhando no espelho.

*Elas se divertem e dão gargalhadas com a comparação que o professor faz, em relação ao um movimento de rebolar. Após a brincadeira fazem o passo se olhando no espelho e sorrindo delas mesmas.*

32). Uma faz corpo mole e as outras imitam. O professor pede para passarem mais uma vez, e a maioria reclama e diz que não e se sentam.

*Elas imitam umas às outras, tanto os comportamentos bons quanto os ruins, o professor as incentiva a passar de novo, mas não querem, reclamam e se sentam como resposta ao convite dele.*

33). Uma delas disse que a mãe não autorizou e que não levou o papel porque não teve tempo, tinha que fazer tarefa de inglês, da escola, tinha muita coisa para fazer.

*A menina demonstra ser bem ocupada, com inúmeras atividades durante o dia, como inglês, ballet, escola. Usa esse fato como justificativa por não ter levado o termo de consentimento.*

34). Em alguns momentos dessa correção, umas chamaram o professor e ele pediu silêncio, nem prestou atenção no que elas iam falar.

*O professor está sem paciência com elas, não respondendo aos chamados feitos.*

35). Algumas faziam corpo mole e enquanto ele pede para subir o braço, elas nem sequer ficavam um segundo e já abaixavam o braço.

*Estão cansadas ou desmotivadas, não fazem o que lhe pedido e quando fazem e sem vontade.*

36). Passou um passo novo em duplas e elas adoraram, fizeram brincadeiras sobre o movimento, tentando se equilibrar, rindo para a amiga. Uma pergunta, “tio é assim?”

*Elas gostam de se relacionar umas com as outras, gostam da parte que elas fazem em duplas, conversam, brincam e treinam os movimentos. Aparentam se preocupar com a realização o que lhe foi pedido, algumas duplas questionam o professor quanto estar correto ou não.*

37). Enquanto foi ao som, um diz “tio, coloca a música para dormir”, a outra, “isso mesmo, coloca a música e fecha a janela”. O professor advertiu elas dizendo que não era para conversar quando colocava a música e nem se sentar no chão, que ele já havia pedido várias vezes para não fazerem isso.

*Algumas meninas são advertidas por suas condutas, o professor está impaciência já que pediu muitas vezes para que não se sentassem no chão e nem conversassem. Duas delas aproveitam e comentam sobre a música e brinca a respeito de dormir.*

38). [...] após isso três do segundo grupo se sentaram e aos poucos todas foram se sentando, ele percebeu isso e advertiu para prestarem a atenção e pararem de conversar que quando elas estiverem dançando igual ao primeiro grupo, elas vão querer silêncio do primeiro grupo.

*Ele compara os dois grupos e coloca as do grupo que espera na pele de quem faz, alegando que as do primeiro grupo merecem respeito e que quando elas (do segundo) forem fazer também vão querer receber esse respeito.*

39). Teve uma que durante isso ficava se olhando no espelho fazendo movimentos livres e não o que ele pedia para fazer.

*A menina distraída não fazia o que era pedido e sim o que ela queria, se olhava no espelho e dançava livre.*

40). Elas foram se levantando devagar e a contragosto, algumas nem se levantaram, então após um tempo advertiu de novo obrigando todas a ficarem de pé e acrescentou que ia pedir para cada uma passar a parte nova e que teriam que saber. Quando ele fala isso todas obedecem.

*A maioria não quer se levantar e quanto fazem, é a contragosto, com “corpo mole”, por isso ele diz que se não obedecerem vão fazer sozinhas a dança, sem ajuda de ninguém, elas têm medo de que isso aconteça e acatam o pedido. Ficam receosas em errar e não saber fazer sozinhas, não gostam nem um pouco da ideia.*

41). Uma das meninas empolgou e toda hora ficava ditando para o professor o que era para fazer, ele não aguentou e a repreendeu dizendo, “já deu!!”. Ele sorriu e ela também.

*A menina se empolga em ajudar e o professor precisa aclamá-las, os dois se divertem com a situação.*

42). Umás sete delas são bem caladinhas e quietas, muito difícil se expressarem verbalmente, prestam a atenção e executam como é pedido, com exceção de duas que são quietas, mas não fazem tudo, uma é bem dispersa e a outra se olha muito no espelho.

*Algumas delas se comportam de maneira tímida, são quietas, porém existe dois tipos de quietas: as que são assim, mas fazem tudo, gostam e prestam atenção; e as que não fazem direito, ficam com preguiça, são menos empolgadas.*

43). Afirma que no recreio elas mal comem para poder correr e brincar, que fazem durante todo o recreio e não se cansam e ali era uma hora só e mal conseguiam ficar em pé, ficavam com “corpo mole”. Elas consentiram com a cabeça, mas nada falaram, ele põe a música.

*Faz uma analogia com o recreio para exemplificar a preguiça, cansaço e falta de interesse. Alega que ali elas se cansam com facilidade, mas no recreio nem querem comer para ficarem correndo o tempo todo.*

44). No final da passagem da coreografia, duas comemoram batendo palmas, uma outra exclama, “Deu certo”.

*Comemoram a finalização da coreografia, fazem festa por ter dado certo, se sentem felizes por isso.*

45). Nesta parte da aula acontece de tudo, alunas se sentando, tentando fazer, observando quietas, conversando, brincando na hora de fazer. Tem uma que são mais hiperativas [...].

*Variadas manifestações expressas pelo corpo de cada aluna, demonstram suas personalidades.*

46). Quando os movimentos são de saltos elas sempre gostam de executar, sorriem, brincam e se sentem desafiadas.

*Gostam de realizar movimentos com saltos, se sentem desafiadas e se divertem em sentir o seu corpo saindo do chão.*

47) [...] alegando que não dá para ela continuar atrapalhando as outras meninas, que enquanto as outras estavam dançando a coreografia bonito e ela estava dançando outras coisas, o que vinha em sua cabeça.

*Adverte uma delas por estar saindo fora da coreografia, dançando o que quer e o que vem em sua cabeça, e alega que ela vai atrapalhar as outras que faz da forma pedida o que ele propôs.*

48). O professor então afirma que a coreografia não é só realizar movimentos, que estes têm a hora certa para serem realizados, tem que se comunicar com a música, e pergunta, “não é bom aprender juntas?” respondem que “sim!”.

*Explica a elas que dançar não é só realizar movimentos, mas sim relacioná-los com o tempo e a proposta da música, e que quando se dança em grupo o bonito é dançar todas junto, no mesmo tempo. Elas concordam com o que ele explica.*

49). Acrescenta também que elas são diferentes, mas que dentro da sala todas tem que ter uma coisa em comum e pergunta as outras o que é, respondem que é disciplina. A menina presta a atenção, mas nada fala, assim ele as libera e termina sua aula.

*O professor explica que compreende que cada menina tem a sua individualidade, e que se expressa de uma forma, mas que em sala de aula precisam ter algo em comum que é a disciplina. Ele pergunta quando explica e todas sabem o que o que é, falam em voz alta, possuem consciência do que fazem de errada na aula.*

50). [...] o professor as advertiu e explicou que no palco não podem ficar olhando para a mãe o pai e parar de dançar por causa disso.

*Explica para elas que quando dançamos não podemos parar de dançar para dar tchau, mandar beijo para a família, que independente do que aconteça não podem parar de dançar.*

51). A maneira que estavam vestidas interferiu na execução dos movimentos. Uma delas mostrou bastante dificuldade de dançar no chão por causa da causa jeans, outra a todo momento se olhava no espelho para ver se seu cabelo estava bagunçado, já que estava solto.

*Não estavam com roupa própria para dançar, como por exemplo: o collant, a meia calça, sapatilha, coque. Isso prejudicou sua performance, umas não conseguiram ir ao chão por causa da calça jeans, uma se distraía olhando no espelho para arrumar o cabelo que estava solto. Tudo isso durante a dança, paravam de dançar para fazer isso.*

52). Uma das meninas demonstra interesse e criatividade dando ideia de um movimento para colocar na coreografia, o professor consente e diz que é uma ideia a se pensar, ela fica satisfeita.

*Uma menina cria um movimento e mostra para o professor colocar na coreografia, demonstra criatividade, autonomia e pro atividade. O professor gosta e lhe dá atenção, ela fica muito satisfeita com isso.*

53). Uma diz, “Não acredito tio, aneim!!”, outra fala, “a música é outra”. Ele comenta com elas que pode ter apagado a música do celular, e uma exclama, “não é possível, não acredito”. Elas acham graça do ocorrido, todos sorriem até o professor.

*Ficam rindo do que o professor fez, criticam dele e ele se diverte com isso.*

54). Depois disso elogiou três delas, elas prestaram atenção e concordaram afirmando com um gesto de cabeça, uma acrescentou, “minha mãe falou que não podemos copiar do amigo porque é feio e você pode copiar errado”.

*A menina compartilha um exemplo que ela aprendeu em casa sobre a atitude de copiar durante a dança, faz isso quando o professor comenta sobre o assunto.*

55). Todas fazem e ficam com expressão de concentração, caladas. Esse momento pode ser cansativo para as crianças, mas é essencial. Uma delas fala algo, mas ele nem responde e a repreende afirmando que não é para ninguém falar. Neste momento ele muda de postura, é mais firme e rígido, até o seu tom de voz muda em relação ao início da aula. Elas reagem ficando quietas e concentradas.

*Elas mudam a maneira de se comportar conforme a forma que o professor se comporta, este momento de “limpeza” de movimentos pode ser exaustivo e entediante para elas, mas é essencial para a execução de uma boa estética na dança.*

56). O professor pede para elas ficarem quietas que não pode coçar o nariz, mexer nas unhas, assoar o nariz, conversar enquanto se dança.

*Elas são submetidas a terem um comportamento controlado durante a dança, tem que executar apenas os passos da coreografia, não podem coçar, mexer no cabelo, mexer nas unhas, pois descontextualiza e atrapalha a estética da dança.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As turmas da academia são mistas na idade; as faixas etárias variam, diferentemente do tempo integral. Assim, o desempenho, o aprendizado, as atitudes e comportamentos são distintos, podendo ou não ser algo negativo (item 9). As manifestações das crianças são ricas de sentidos e significados e as particularidades se afluam no coletivo. Expressam verbalmente ou corporalmente suas ideias, sentimentos, cansaço, sono, desânimo, concentração, preocupação etc., agindo ora de maneira divertida, ora quietas e caladas, ora eufóricas e participativas, ora preguiçosas e desanimadas (23, 28, 29, 31, 37, 43 e 46).

Algumas das meninas chamam a atenção para sua atitude dispersa e despreocupada: bocejam, olham para o chão constantemente, admiram-se no espelho, perdendo a atenção para o professor. Não dançam quando não querem dançar, sendo advertidas sobre esse comportamento (itens 17, 18, 20, 33, 36 e 40). Mas, na maioria da aula, divertem-se com o que fazem, com os movimentos dançados, com os desafios propostos. Brincam com os próprios erros e os de suas amigas, não os encaram de maneira séria e preocupada. Relacionam-se e gostam disso; precisam estar em contato; conversam, tocam umas nas outras, comemoram quando conseguem ou gostam do que estão fazendo (32, 37, 45 e 54).

Podemos ver exceções. Algumas crianças se preocupam com as correções dadas pelo professor, se esforçam para atingir as expectativas do professor sobre elas, se importam com sua aprovação e ficam felizes quando são elogiadas (itens 13, 25, 34 e 37). Com isso, sentem-se desafiadas a melhorar seus movimentos a chegar no objetivo do professor; querem demonstrar a competitividade e o desejo de serem melhores em relação umas às outras (itens 19 e 47).

Para atingirem o que desejam, perguntam constantemente, não se acanham diante da dúvida, dos questionamentos (item 3), e se apresentam conscientes sobre de próprias limitações, erros e acertos (item 30), chegando a se auto corrigirem, embora as correções sobre seus colegas sejam mais constantes (item 8).

As crianças são apresentadas a uma disciplina presente nas aulas de dança, importante para a construção dos limites, do respeito e do sentido estético da coreografia executada. O professor agente norteador dessa disciplina exige concentração, respeito, silêncio nos momentos de dançar, autonomia para realizar as sequências coreográficas por conta própria, sem copiar umas das outras. Controla e mede os movimentos da coreografia para que cheguem a estética desejada (itens 1, 12 e 57). Para isso, utiliza da repetição para aperfeiçoar os movimentos técnicos, para automatizar e assim conseguirem se expressar individualmente acompanhando por igual o coletivo (item 29).

Os valores são aplicados e lembrados por ele, que exige a responsabilidade e o cuidado sobre suas coisas, suas ações e sobre o outro. Ensina o respeito ao próximo e o exemplifica em atividades de grupo (item 39); apresenta as ações corretas durante a dança executada no dia da apresentação, como, por exemplo, não conversar, empurrar a amiga, dar tchau para os pais. Explica que a dança envolve muito mais que realizar movimentos, que esses movimentos têm que se relacionar com o contexto da apresentação, com a música, que precisam respeitar o ritmo e o compasso da música. Considera sobre suas individualidades, mas deixa claro que algo em comum que precisam ter é a disciplina (itens 49, 50 e 51).

Para chegar às crianças e ensiná-las sobre esses valores, faz uso de uma boa relação e conversa com elas. Para poderem resolver problemas surgidos (item 16), utiliza de analogias sobre o cotidiano das crianças, como, por exemplo, o recreio e as brincadeiras, para explicar as situações (itens 4, 22, 32 e 44). Coordena-as e organiza-as mostrando o caminho percorrido (item 7). Quando é preciso, diante da bagunça e da falta de interesse, adota uma postura mais rígida, advertindo-as ou ignorando seus chamamentos e colocações (itens 18, 20, 35, 41 e 48).

As meninas o respeitam, prestam atenção em seus ensinamentos, obedecem às suas advertências e comandos, mesmo quando demonstram não querer agir assim; colocam o

professor em uma posição de respeito (item 27). Mas essa atenção e participação não duram o tempo todo da aula. Nos momentos de pausa ou quando não têm a atenção do professor voltada a elas, descontraem-se, conversam umas com as outras, criam movimentos, sentam no chão, deitam, fazem acrobacias, contam histórias de vida (itens 10, 11, 21 e 55).

A criatividade é aflorada nesses momentos e até mesmo nos momentos de padronização da coreografia. Elas criam movimentos conforme seus sentimentos, vivências e sentidos (itens 24 e 53). Usam muitas vezes da fantasia para se comunicarem, compreenderem a realidade que estão vivendo (item 5). Gostam também de ser cooperativas, ajudando o professor a relembrar os passos da coreografia, dizeres de aulas anteriores, ficam animadas com essa possibilidade de serem úteis (itens 6, 14, 26 e 42).

Possuem o professor como referência e por isso imitam suas ações e movimentos, podendo até mudar seus comportamentos conforme o humor e as ações dele (itens 33 e 56). Sentem-se seguras com isso e parecem não gostar da ideia de terem que dançar sozinhas, sem a ajuda e o amparo dele. Sentem medo de não conseguirem fazer por conta própria (item 41).

A vestimenta possui um papel importante no desempenho e rendimento das crianças. O collant, a sapatilha e o coque são exigidos pela academia. As crianças que por ventura se esquecem e precisam fazer aula com roupas comuns se sentem dispersas e diferentes das demais.

## **TURMA 2**

1). Todas fazem iguais, sem hesitar, com expressão de concentração.

*Estão concentradas, não hesitam e fazem iguais, sabem os movimentos.*

2). Teve um momento em que a professora saiu por uns três minutos da sala de aula e nenhuma das meninas parou de fazer o aquecimento, nem mesmo olharam ou esboçaram algo pelo acontecimento.

*Elas são focadas e concentradas, mesmo com a saída da professora da sala, não deixam de dançar, fazer a coreografia. Não desviam o olhar e a atenção para outras coisas, apenas a dança.*

3). Toda a aula se desenrola desta maneira, as sequências são coreografadas e a executam já tem um tempo, por isso já sabem.

*As coreografias foram montadas já tem um tempo, por isso, todas as meninas sabem executar os movimentos, sem precisar da professora fazer junto.*

4). Muitas se olham no espelho para verem se estão fazendo juntas e correto, e também para ver a professora que está no fundo da sala.

*Utilizam o espelho como uma ferramenta de observação, se olham no espelho para verem como estão dançando, para ver umas outras e dançarem juntas, para olhar a professora que as observa.*

5). [...] não dá tempo para se desconcentrarem já coloca outra música que é realizada no chão. As meninas não falam nada e simplesmente começam a dançar.

*As pausas entre uma música e outra é muito pouca, a professora não deixa brecha para conversarem e nem se distraírem, mal termina uma coreografia já iniciam outra, elas acatam essa maneira de conduzir a aula fazendo o que lhes é pedido.*

6). Algumas meninas demonstram dificuldade e fazem careta de esforço e dor.

*Expressam seus sentimentos por meio do corpo, principalmente as suas feições dizem muito sobre o que sentem. O movimento é difícil e dolorido, por isso a careta de dor.*

7). Ao término desta a professora já pede para irem para a barra e elas se levantam e vão imediatamente sem falar nada se posicionando para o início do próximo exercício.

*Obedecem aos comandos da professora sem questionar, não falam nada, estão totalmente focadas e concentradas no que estão fazendo.*

8). Algumas apresentam mais dificuldade do que as outras, em especial uma menina, ela em geral é mais corrigida do que as outras, o que não a desestabiliza, pelo contrário, ela se esforça para atingir a expectativa da professora.

*Cada aluna possui características próprias, o que fazem com que se expressem de maneira e intensidades diferentes, sendo que umas apresentam mais dificuldades do que outras. A menina com mais dificuldade não se abalada com o fato e se esforça para poder conseguir quebra as barreiras do que a impede. A professora a corrige sempre.*

9). Esta foi de grupo, enquanto um grupo dançava o outro esperava, sem conversas ou distração.

*A atividade foi de grupo e enquanto um grupo fazia o outro permanecia em silêncio esperando a sua vez. São contidas e concentradas.*

10). Depois desta já emendaram para outra música, agora era um exercício de abertura, neste elas esboçaram maior descontração, sorriram um pouco.

*Nesta atividade demonstraram gostar do movimento esboçando alegria e descontração.*

11). Elas estavam cansadas, ofegantes. Durante essa pausa conversaram, brincaram um pouco umas com as outras.

*Após a dança ficam ofegantes e durante a pausa aproveitam para brincar um pouco, conversar umas com as outras, relaxar.*

12). Uma delas não conseguia fazer o movimento e quando conseguiu fez “festa” e disse, “tia, eu consegui!!”, com expressão de alegria. A “tia” deu um sorriso.

*A menina comemora após conseguir realizar o movimento que estava a um tempo tentando fazer, mostra feliz para a professora o passo de dança. Esta lhe dá atenção e sorri.*

13). Teve uma aluna que corrigiu a outra e depois pediu desculpas, pois ela estava equivocada.

*A menina demonstra humildade após perceber que estava errada e pedir desculpa para a amiga.*

14). Durante esse tempo, uma delas que estava esperando ficou dançando e fazendo “graça”.

*Uma delas enquanto espera os comandos da professora fica dançando livre e fazendo graça para as amigas, as entretém com isso.*

15). Houve muitos questionamentos que foram respondidos com tranquilidade.

*Elas apresentam alguns questionamentos sobre o que está acontecendo no momento e todos eles são respondidos pela professora de forma tranquila.*

16). Uma menina novamente corrigiu a professora que estava errando a contagem em uma parte e esta respondeu de forma amistosa.

*A menina corrige a professora que estava fazendo um movimento no momento errado e esta aceita a correção de forma amistosa.*

17). Como fazem de frente para o espelho percebi que elas se olham durante todo o exercício, umas copiando as outras para fazerem juntas.

*Aproveitam o espelho para copiarem umas às outras até conseguirem decorar a ordem dos movimentos na coreografia.*

18). A professora as colocou espalhadas no centro e mostrou o movimento correto, falando nome por nome de quem fez errado, mostrando o erro de cada uma e pedindo para fazerem junto. As meninas fazem com ela e se esforçam para acertar.

*A professora faz as correções de forma individual, verbal e com os movimentos, elas prestam atenção e aceitam as correções procurando superá-las da melhor maneira.*

19). Então umas delas mostra para a professora e pergunta se é esse, todas entendem, e a professora elogia a que acertou.

*A Menina se mostra interessada e cooperativa demonstrando a professora o movimento que ela havia pedido, esta fica feliz e orgulhosa a elogiando pela atitude.*

20). Executam o que a professora pediu, fazendo expressão de força, mas achando legal. Muitas dizem ao final: “Ai tia!”.

*Sentem dor e dificuldade em realizar o que lhe foi pedido, mas ao mesmo tempo ficam felizes com isso e expressam corporalmente e verbalmente o que sentem.*

21). Uma das meninas, afirma, “faltou a flexão”, quase todas reclamaram, “Não!! Agora ela vai querer passar...”, a professora brinca, “eu não tinha pensado nisso, mas posso passar...”.

*Advertem uma menina que lembrou a professora sobre algo que nenhuma delas querem fazer, reclamam da menina que lembrou, mas em tom de brincadeira, a professora acha engraçado e entra na brincadeira com elas, assentindo passar o que foi lembrado na próxima aula.*

22). Outras, “tia, a gente está fazendo tudo de novo? Não estamos fazendo parte nova”, a professora nem responde.

*Algumas questionam sobre o que estão fazendo, mas a professor não lhes dá atenção e segue sua aula.*

23). Pega uma pelo braço e mostra como é, então outras comentam sobre o movimento, “finge que está dormindo”, “finge que é um robô”. Uma chamou tia várias vezes, e ela pediu para que fizesse silêncio.

*A professora apresenta o movimento tocando em umas das meninas, o restante observa e acha engraçado, comentando sobre ele e fazendo analogias com o que acreditam parecer, como por exemplo um robô. Se exaltam e a professora pede que fiquem em silêncio.*

24). A professora continuou ditando a sequência e falou muitas vezes a expressão “abriu, cruzou”, então uma brincou, “tia não a gente não está em abril”, todas acham graça e professora repete a sequência várias vezes.

*A menina se mostra criativa ao brincar com uma palavra que a professor proferiu, faz alusão a um mês do ano. As amigas gostam e riem da brincadeira dela.*

25). A professora explica que eles estão fazendo sem sincronia, afirma que está discrepante, uma imediatamente pergunta, “o que?”, não entende a palavra.

*Uma delas não compreende uma palavra que a professora disse, nunca havia escutado ela, por isso decide perguntar do que se trata.*

26). Uma delas falou, “tia não entendi”, e ela fala para a menina fazer silêncio.

*A menina diz que não entendeu e pergunta para a professora, mas essa pede que todas façam silêncio e não a responde.*

27). Passou o movimento e elas tentam reproduzir, umas sentem dificuldades e fica observando, como é de dupla elas tentam e conversam, interagindo com a parceira.

*Interagem umas com as outras, o exercício é em duplas por isso conversam e procuram se entender para conseguir realizar juntas e ao mesmo tempo. Cada dupla se sai de maneiras distintas, umas apresentam mais dificuldades do que as outras.*

28). A professora chamou as que estavam paradas e falou o que elas iam fazer, uma delas falou para a amiga, “que cara de sono”, e a amiga sorri.

*Uma menina comenta sobre a expressão da outra, falando que ela está com cara de sono, a outras sorri para amiga.*

29). A professora vai explicar o movimento e fala a palavra, explode, uma delas acha engraçado e brinca, “vai explodir e ficar caída no chão”, diz e reproduz para a amiga.

*Uma delas acha engraçada uma palavra que a professora usou para descrever o movimento e comenta brincando que vai explodir e cair, reproduz corporalmente o que falou.*

30). Quando tem dúvidas elas também não hesitam em perguntar, possuem muita energia, não ficam paradas, sempre se movimentam mesmo que não estejam dançando, pulam, mexem as mãos, conversam, brincam.

*Elas são espertas e possuem muita energia, e aparentam gostar de estar dançando, sempre que tem pausa, não ficam paradas, conversam, dançam livre, pulam, dentre outros. Além de serem curiosas e não terem vergonha de perguntar sempre que surge uma dúvida.*

31). “Tia o sol tá batendo em mim”, “Ah não tia, de novo não”, ela nem se importa com as reclamações.

*Elas reclamam por diversas situações e a professora nem dá importância, segue sua aula.*

32). Uma delas vai até a professora e reclama de dor de cabeça, ela afirma que é normal, por causa do calor, do esforço e da sinusite, ela concorda, mas vai para o lugar fazendo caretas.

*A menina sente dor de cabeça, não se sente disposta e procura a ajuda e compreensão da professora, esta a atende, mas pede para que ela continue dançando. Ela concorda, porém, faz careta e corpo mole.*

32). [...] passam todas juntas e a professora diz que não foi legal e a maioria fica tentando se justificar.

*Se justificam quando a professora diz que não dançaram bem.*

33). Enquanto a professora corrige uma, elas ficam fazendo brincadeiras, dançando a sequência nova do jeito que querem, duas tentam fazer a coreografia e uma as ajuda.

*Quando não tem a atenção da professora aproveitam para fazerem coisas que gostam, uma treina a coreografia e recebe a ajuda das amigas.*

34). [...] uma delas pergunta que horas vão passar a coreografia inteira, e a professora diz que só quando essa parte estiver bonita. Elas fazem, mas percebo que hoje estão mais sem energia, cansadas, com calor.

*Sentem cansaço, estão com menos energia e uma parece querer que a aula termine logo, mas a professora afirma que vão fazer que saia do jeito que ela quer.*

35). A professora adverte dizendo que odeia ter que pedir para se levantarem e que se continuarem vai perder a paciência, e que se não fizerem direito vão repetir a mesma coisa até o final da aula.

*A professora perde a paciência com a atitude delas e as adverte sobre o comportamento preguiçoso e descuidado delas.*

36). Uma delas corrige a amiga para a tia, “tia ela está fazendo com a perna dobrada”, ela só olhou e não falou nada.

*Uma das meninas corrige a amiga na frente de todos e para a professora, esta não diz nada só observa.*

37). Uma conta história sobre o cachorro que morreu, a professora ouve e não diz nada.

*Uma delas conta uma história sobre sua experiência de vida com o seu cachorro, a professora não diz nada só a observa.*

38). Enquanto ela estava ocupada com as quatro, uma delas, bem sapeca, ficou pulando o tempo todo, outra ficou treinando pirueta, algumas pedem para se sentar e é concedido, outras rolam no chão, conversam, duas quietas prestam atenção.

*Cada uma se expressa da sua maneira quando tem pausa na aula, se movimentam livre.*

39). Tem uma dupla que fica fazendo carinho uma na outra, e tem duas que são bem caladas, praticamente não ouço a voz delas.

*Duas delas são bem carinhosas umas com as outras, se acariciam, conversam. Duas delas são bem caladas, fazem a aula, se expressam bem, mas não ficam conversando.*

40). [...] duas delas tem dificuldade em executar um passo, então a professora para tudo para ir ajuda-las, elas gostam e fazem tudo, gostam da atenção dada [...].

*Duas alunas recebem a atenção da professora quando tem dificuldades em fazer um movimento, ficam felizes pela atenção.*

41). Elas gostam muito de se sentar ou se deitar, a professora sempre tem que pedir para se levantarem.

*Sempre se sentam ou deitam quando tem pausa, aparentam estar cansadas e não com preguiça.*

42). Quando alguma menina erra mais movimentos, a professora corrige de maneira individual, elas fazem expressão de “sem graça”, sorriem, mas fazem o que é corrigido.

*Elas ficam sem jeito quando são corrigidas, mas isso não as prejudica, sempre se esforçam para fazer melhor.*

43). Tem uma delas que é bem concentrada e as partes de ballet que são mais lentas ela faz expressão de leveza, sorriso e suavidade no semblante.

*Uma das meninas é bem compenetrada e parece levar jeito e gostar das partes mais lentas da música, se movimenta com leveza e sorriso.*

44). ao realizarem ela elogia uma delas afirmando que ela melhorou muito na execução do movimento, a menina sorri e comemora satisfeita.

*A menina fica muito satisfeita com o elogio que recebe da professora.*

45). [...] repetem umas três vezes para os dois lados, direito e esquerdo.

*Repetem muitas vezes para atingir o resultado proposto pela professora.*

46). Acontece um acidente uma bate a perna na outra, a professora afirma, “tadinha, hoje é o seu dia de apanhar”, uma acrescenta, “hoje é dia de gato preto”, a maioria sorri, a professora pergunta se está tudo bem, e ela diz que sim acenando com a cabeça.

*Uma das meninas sem querer bate a perna na amiga, a professora comenta brincando sobre o ocorrido e pergunta se ela está bem, ela diz que sim e aceita a brincadeira, todos acham engraçado o ocorrido.*

## **Análise Ideográfica**

### **Turma 2**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As crianças desta turma não diferem muito da turma anterior; as manifestações são bem parecidas. O que muda são suas intensidades e relações. Caminham com segurança entre a introversão e a extroversão, são caladas e concentradas quando dançam ou precisam realizar as correções da professora, e possuem energia, vitalidade durante os momentos de pausa entre uma dança e outra, uma correção e outra (item 30); divertem-se, criam e brincam. Nestes exemplos estão expostas as suas dificuldades, facilidades e identidades (itens 8, 39 e 40), expressas corporalmente e verbalmente, nas feições e comentários que sinalizam dor, alegria, dificuldade e preocupação (itens 6, 20 e 44).

As pausas feitas pela professora são poucas, o que faz com que as crianças não tenham muito tempo para conversar e brincar (item 5), mas mesmo assim elas o fazem; são espontâneas e buscam se relacionar, interagir umas com as outras de maneira corporal ou verbal; gostam de se sentar, deitar e fazer acrobacias (itens 11, 14, 30, 34, 39 e 42). Os movimentos de duplas são os mais divertidos, pois a interação é maior (item 27). Gostam de contar histórias de vida para as amigas e as professoras (item 38), de corrigir umas às outras e apontar o que acontece para a professora (item 37), de entreter as amigas fazendo brincadeiras, colocações engraçadas sobre algum acontecimento. São carinhosas, abraçam, se beijam, sorriem juntas; uma delas pede desculpas para a amiga quando percebe que foi injusta (itens 13 e 14). Acima de tudo, adoram dançar, o que se faz perceptível no olhar delas (item 30).

Os movimentos dados e executados por elas ao longo da aula vão ganhando significados, mesmo que sejam dados e não criados por elas; significam-se conforme vão se incorporando. Com isso, elas se divertem com movimentos de saltos, aberturas, os que são engraçados ao executar (item 10), criam movimentos novos, bem como brincadeiras, situações e histórias novas (item 24). Reclamam quando não gostam de alguma situação ou passo de dança (item 31), questionam sobre os movimentos, sobre a coreografia, sobre o tempo e o espaço, a música. Perguntam quando querem saber, são curiosas e esforçadas a aprender sempre mais, interessam-se pelo que é dado, embora haja exceções (itens 15, 19, 22, 25, 26 e 30). Uma delas é persistente e não se abala diante da dificuldade, pelo contrário, se esforça e treina para conseguir realizar o que não consegue, o que é corrigido. Superam suas dificuldades a cada aula e, quando conseguem, sentem-se felizes e comemoram suas conquistas (itens 8, 12, 18, 20 e 43).

A relação das alunas com a professora acontece de forma tranquila e respeitosa, apesar da exigência da professora durante toda a aula. Essa exigência reflete quando elas realizam as coreografias de aquecimento (item 3) de forma extremamente concentrada: não conversam nem se dispersam, sabem todas as sequências a serem realizadas. Possuem foco, atenção e obedecem sem questionar (itens 1, 2, 5, 7 e 9). A professora utiliza-se também de analogias com objetos e coisas para descrever os movimentos; corrige de maneira individual, tocando-as para mostrar o caminho correto, quando é preciso, adverte sobre os excessos nas conversas e brincadeiras, e elogia sempre que acredita ser merecido (itens 8, 18, 19, 23 e 36). As crianças respondem a essas atitudes de forma amistosa, se preocupam com a aprovação dela e a atenção dada pela professora se torna muito importante (itens 12, 41 e 45). Com isso, sentem-se felizes em poder ajudá-la quando podem; relembram movimentos, músicas, dizeres, são

bem cooperativas nesse momento (itens 16 e 19). A professora aceita, na maioria das vezes, essa ajuda, mas há momentos em que não as responde, deixando passar despercebidos os comentários e questionamentos (itens 22, 26, 31 e 38). Buscam o amparo e a ajuda da professora quando sentem alguma dor ou dificuldade (item 32). Em muitos momentos, divertem-se juntas, brincam com acontecimentos corriqueiros de uma sala de aula (itens 21, 28, 29 e 47).

A repetição é presente durante todas as coreografias e exercícios que fazem, principalmente a da apresentação: quanto mais repetem e treinam os movimentos, melhores, mais automáticos, seguros e limpos eles ficam (item 46). Relacionam-se de maneira direta com a música (item 44) e usam o espelho para se olharem, ver se fazem correto, para copiar umas às outras, para ver ao redor da sala (itens 4 e 17). Sentem-se cansadas em alguns momentos, sem energia. Quando isso acontece, desejam que a aula termine logo. Expressam isso verbal e corporalmente (item 35). Nem sempre, quando são corrigidas, aceitam de maneira tranquila: às vezes se justificam e procuram achar uma forma de não serem repreendidas (item 33).

### **TURMA 3**

1). [...] quando ela passa um exercício que precisa colocar a mão no chão e mexer os quadris, uma delas olha para a amiga e sorri, apresenta também mais dificuldade na parte do alongamento, que exige mais flexibilidade.

*A menina sente dificuldades em realizar movimentos de flexibilidade e acha engraçado a situação e sorri para a amiga que está do seu lado.*

2). A professora fala para elas ficarem nessa posição porque vão fazer abertura na coreografia, elas fazem expressão de preocupação.

*Ficam preocupadas porque a professora as alerta que terão que fazer um movimento de flexibilidade na coreografia, elas possuem dificuldade em realizá-lo.*

3). Duas delas são mais sérias e concentradas, a que sorriu antes fica várias vezes sorrindo sem motivo. Ela faz careta, sorri, conversa com a sua amiga que está ao seu lado.

*Existe diferença entre elas, cada uma possui uma personalidade, uma delas sorri o tempo todo, é alegre, animada, já outras não os são, tem duas que são caladas, gostam do que fazem, mas não expressam com facilidade.*

4). A professora adverte essa menina um momento, chamando a atenção dela para a aula, que se perdeu um pouco com a conversa.

*A menina conversa e se dispersa da aula, e por isso é advertida pela professora.*

5). [...] todas a seguem e prestam atenção, ela muda um passo, e uma reclama, “ah não, era a parte que eu mais gostava”, a professora diz que mudou porque não estavam fazendo bonito.

*Elas prestam atenção nos comandos da professora, esta muda uma parte da coreografia que elas não estavam fazendo bem e uma delas reclama, pois diz que gostava muito dessa parte.*

6). Uma delas chama a professora de tia, e ela brinca que não tem sobrinho nenhum, que não tem nem filho ainda mais sobrinho daquele tamanho.

*A professor não gosta que a chamem de “tia”, e brinca com isso quando uma delas a chama assim.*

7). Fazem todas as encenações não ficam com vergonha, dançam com sorrisos nos rostos e interpretam a personagem e a passagem do filme que elas representam.

*Dançam com sorrisos no rosto, demonstram gostar muito do que fazem, não sentem vergonha em encenar as partes da coreografia, pelo contrário, interpretam bem.*

8). Elas se perdem em um momento, mas continuam dançando, uma delas fala “agora ficou bonitinho né?”, a professora não fala nada.

*Ficam perdidas em uma parte, pois esquecem, mas logo conseguem retornar ao correto, uma comenta para a professora que agora fizeram bem, mas esta não diz nada, só observa.*

9). Elas esquecem, inclusive a professora, mas continuam até o final, ainda não decoraram, ao terminar a música ficam eufóricas e comentando os erros umas com as outras.

*Ficam eufóricas quando terminam a música, comentam ao mesmo tempo as partes que erraram, as que fizeram certo e os momentos que mais marcaram.*

10). Duas continuam treinando e se esforçam para decorar, enquanto isso ela passa uma parte para uma delas.

*Tem duas que são bem esforçadas ficam treinando e tentando decorar o que ainda não está claro para elas.*

11). Ao final ficam eufóricas e a coordenadora dá o seu parecer sobre o que apresentaram, afirma que elas precisam treinar mais na música, pois ainda não fazem todas juntas na contagem certa.

*A coordenadora relembra que é importante que todas dançam juntas, no mesmo tempo da música, é preciso que todas estejam homogêneas. Elas observam e escutam em silêncio.*

12). Dançam agora a terceira coreografia, todas sabem, só uma que fica meio perdida e sorri sem graça por estar errando, mas continua dançando.

*A menina fica sem jeito por ter errado e sorri para a professora, porém não para de dançar.*

13). A professora não estava presente. Silêncio de todas elas, até da monitora, todas faziam o aquecimento, nesse momento, uma boceja, duas conversam uma com a outra de vez em quando.

*Estão sem silêncio, seguem concentradas com a monitora, já que a professora não estava presente. Uma delas boceja e duas se olham de tempo em tempos.*

14). Ela dá exercícios de saltos e as meninas ficam se olhando no espelho e rindo delas mesmas, como o braço fica quando saltam.

*As meninas se olham e acham graça delas mesmas ao realizar um exercício de salto, observam como o corpo delas fica ao fazer o passo.*

15). Ela mostra, mas uma delas fica interferindo e tentando ajudar falando junto, devido a isso vira uma bagunça, pois todas começam a falar no mesmo momento, todas tentando lembrar o que teriam que fazer, cada uma dá um detalhe e informação diferentes.

*Todas falam ao mesmo tempo o que é para ser feito na coreografia, interferindo uma na palavra da outra. Dão informações diferentes e por isso vira uma bagunça.*

16). Vão fazendo junto, mas uma delas está bem distraída, para de fazer e fica mexendo na unha, olhando para outro lado.

*Uma se distrai, para de fazer tudo para mexer na unha.*

17). Uma erra e exclama alto “oxe!” e sorri. Elas aparentam gostar e se divertir.

*Todas riem da expressão usada pela amiga ao errar um movimento.*

18). Quando se perdem ou erram sempre dão um sorrisinho.

*Ficam sem jeito quando erram, todas sempre dão sorrisos quando faz algo que não era combinado.*

19). A monitora diz que não podem mexer no cabelo ou coçar enquanto dançam. Uma delas é bem quieta nem ouço a voz dela.

*Elas são advertidas quanto a mexer no cabelo, conversar durante a dança.*

20). Elas se corrigem sempre que alguma faz errado.

*Elas mesmas se corrigem quando fazem algo errado.*

21). Elas participam, conversam sobre o que é necessário e preciso, tentam melhorar, só umas duas que demonstra preguiça na hora de dançar, parece que não faz o melhor, e erram de novo, esquecem a parte e a professora para a música e corrige.

*São participativas e tentam fazer o seu melhor, buscam se superar, e conversam sobre só o que é necessário, apenas duas que não demonstram isso, participam, mas não o fazem com vontade.*

22). Elas gostam de passar com o personagem. Uma fica sorrindo vergonhosa, elas o acham bonito. Fazem tudo.

*Tem um personagem que vai fazer participações na coreografia delas, ele é homem e elas ficam vergonhosas quando dançam com ele, mas gostam quando ele está, acham ele bonito.*

23). Entrou uma menina nova na turma. Todas concentradas, uma ficou fazendo careta na hora de um passo, a outra falou olha a cara da fulana! E riu dela.

*Uma delas brinca com a expressão da amiga que está fazendo careta, elas acham engraçado e riem dela. Uma aluna nova entrou para a turma.*

24). A menina que iniciou hoje fez tudo, é concentrada, e tem a feição tranquila, feliz, atenta.

*A menina nova se sente feliz e anima em estar dançando, se mantém atenta para aprender tudo.*

25). A que estava perdida aula passada, está melhor, mas de tempos em tempos olha as outras para copiar. A novata observa curiosa.

*Cada uma se expressa de uma maneira. Uma delas fica perdida, não decora e por isso tem que ficar observando e copiando das outras amigas.*

26). A professora diz que é para treinarem em casa que ela vai cobrar. E falou para a que tem dificuldade que ela vai conseguir e ela sorri.

*A professora diz que elas precisam treinar mais em casa, e não só durante as aulas de dança, e cobra resultado delas, além de incentivar uma delas a conseguir fazer um passo.*

27). A novata é mais nova que as meninas. Ela segue as meninas com entusiasmo, e alegria, sorri enquanto copia, com toda a concentração que consegue.

*A menina que entrou para a turma é mais nova do que as outras, aparenta estar à vontade com elas, e também em ter que copiar já que ela não sabe a coreografia e as outras já sabem, se concentra o máximo que pode.*

28). A professora para no meio da música e diz que vai chamar o personagem para fazer essa hora, elas desatam a conversar, a falar do personagem do filme, da roupa do filme. Uma treina pirueta e alongamento. A novata fica se movimentando livre.

*Cada uma se expressa de maneira livre quando a professora dá uma pausa para chamar o personagem. Elas conversam, treinam, inventam alguma dança.*

29). Uma se desculpa e diz que não chega a tempo, e a professora diz que tem de estudar e repetir muitas vezes.

*A professora explica que é preciso estudar muito e repetir várias vezes para conseguir fazer correto e bonito.*

30). A professora pede para ela ficar em posição e vai corrigindo elas, ela fica um tempo na novata, ela sorri e se esforça para fazer.

*Corrige a novata por mais tempo, e esta gosta sorrindo e esforçando para fazer certo.*

31). Enquanto faz isso, uma fica treinando, e as outras encostam na barra para conversar. A monitora não diz nada.

*Enquanto a atenção da professora está voltada para apenas uma delas, as outras encostam na barra para descansar e conversar. Ninguém as repreende por isso.*

32). Elas têm mania de se olhar no espelho quando fazem.

*Se olham muito no espelho enquanto dançam.*

33). Trocam a frente da sala, antes dançavam de frente para o espelho, agora dançam de frente para a parede. Ficam confusas e com dúvidas, a professora passa só as colocações para não ficarem perdidas.

*Ficam confusa e perdidas quando a professora muda a frente da sala, antes faziam de frente para o espelho agora fazem de costa, muda o ponto de referência, e elas demoram um pouco para se localizarem de novo.*

34). No final a professora fala “foi”, a outra acrescenta, pelo menos “foi”. A outra: “isso inverteu o meu cérebro”, fica eufórica.

*Comentam sobre a mudança de espaço, mas ficam felizes por pelo menos terem conseguido realizar. Ficam eufóricas e felizes com isso.*

35). Uma está suada e se olha no espelho e fala “gente olha aqui”, e mostra para a amiga.

*A menina fica suada e se olha no espelho e ri da aparência dela mesma e comenta isso com a amiga.*

### **Análise Ideográfica**

Como as crianças se manifestam durante as aulas de dança?

As manifestações das alunas da turma convergem com as de outras turmas. Apesar de serem mais velhas, não significou muitas diferenças com as meninas mais novas. A professora não deixa de ter uma relação de troca de ensinamentos e aprendizados, mas esta acontece de maneira mais tranquila, sem muita intervenção quanto a comportamentos, principalmente os inadequados. Ela adverte, mas se preocupa muito mais com as correções dos movimentos técnicos da coreografia, controla se fazem no tempo certo, no espaço delimitado, da forma estética que concebeu (itens 4, 19 e 30). Ensina sobre como devem se comportar durante a dança, que não podem conversar, mexer no cabelo, arrumar a roupa (item 19). Cobra

resultados das alunas, quer que elas se esforcem e demonstrem que aprenderam, que evoluíram, por isso pede para que treinem mais, que façam isso em casa e não só na academia, que repitam até terem decorado as sequências, que estudem a música (itens 28 e 31). As cobranças são ouvidas pelas alunas de forma respeitosa e tranquila, a relação delas é de descontração, tanto da professora com elas, quanto delas com elas mesmas. Brincam sobre acontecimentos corriqueiros da aula, durante a dança (itens 6, 17 e 23).

As respostas dadas pelas alunas a esses comandos e contato com a professora são expressas em seus corpos de variadas maneiras, que convergem e divergem entre elas, que se mostram preocupadas com a execução correta dos movimentos da coreografia, se policiam para ver se esticam o pé, se fazem com a perna certa, por exemplo (item 2). São atentas, conseguem prestar atenção nas atividades, respeitam as correções, observam e escutam em silêncio tudo que a professora lhes fala. São críticas consigo mesmas e por isso retiram suas dúvidas e esboçam suas vontades perante o que é passado (itens 5, 11 e 13).

Corrigem e se cobram quando cometem erros. Sozinhas, procuram se corrigir, encontrar a maneira correta para consertar o erro (item 20). Em certo ponto, conseguem fazer a coreografia sozinhas, pois memorizam com mais facilidade e, quando erram durante a dança, disfarçam e se recuperam com destreza (item 8). Apesar de decorarem mais rápido, ainda sentem a necessidade, em momentos de esquecimento, de copiar umas às outras (itens 25 e 27). Para isso, usam muito o espelho como referência do espaço, para se olharem, conferirem se estão fazendo correto. Muitas vezes riem de si mesmas ao verem que estão fazendo errado. Este hábito chega a ser quase um vício (itens 14 e 35). Quando o ponto de referência é modificado, como quando dançam de costas para o espelho, ficam confusas, pois não conseguem ter uma visão ampla da sala de aula (itens 33 e 34).

Às vezes se distraem olhando no espelho, mexendo no cabelo, na unha, bocejam e demonstram cansaço e preguiça (itens 13, 16 e 32), mas na maior parte do tempo são interessadas na aula e se esforçam, treinam em conjunto ou individualmente, procuram decorar as sequências, fazer o seu melhor. Possuem autonomia o suficiente para perceber os erros e tentar melhorá-los por conta própria. São participativas e aceitam todas as ideias da professora (itens 10, 21, 24 e 30). Ficam eufóricas ao final da coreografia, falam ao mesmo tempo, o que acertaram, o que erraram, como se sentiram (item 9). Aparentam gostar de dançar, demonstram felicidade durante a aula. Não são acanhadas, dançam com destreza e tranquilidade, porém, na presença de homens, ficam com certo receio e dançam de forma diferente, mais tímida (itens 7, 22, 24 e 34).



Unidades de significado	Turmas /Sujeitos									Número de convergências		
	Instituição Formal							Instituição não-formal				
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T1	T2		T3	
5-Desinteresse, distração e preguiça	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
6-Possuem autonomia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
7-Externalizam suas individualidades	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
8-Necessidade de se movimentar, relacionar, comunicar	X		X	X	X	X	X	X	X			08
9-São espontâneos, criativos e inventivos	X	X	X	X		X	X	X	X			08
10-Controle das atitudes. Advertências	X	X	X	X	X	X		X	X			08
11-Demonstram interesse, esforço e concentração	X	X	X				X	X	X	X		07
12-Sentem-se desafiados, com vontade de vencer e ficam felizes quando conseguem			X		X	X	X	X	X	X		07
13-Quietude e timidez					X	X	X	X	X	X		06
14-A música interfere no comportamento e estado de ânimo			X	X	X	X	X		X			06
15-Contam e se relacionam por suas histórias de vida	X		X	X	X			X	X			06
16-Se movimentam de maneira livre		X	X		X	X		X	X			06
17-Excesso nas manifestações. Perda de disciplina. Desordem.	X		X		X	X			X	X		06
18-Brincam e conversam nos momentos de pausa		X	X		X	X		X	X			06
19-São carinhosos e amigos			X	X	X		X		X			05
20-Diferenças entre gêneros	X		X			X	X					04
21-Expressam atitudes violentas e críticas	X	X	X	X								04
22-Possuem curiosidade		X	X	X		X						04
23-Presença de competição			X		X		X	X				04
24-Entretêm os colegas, gostam de se mostrar			X		X		X		X			04
25-Se auto conhecem, auto corrigem					X			X	X	X		04

Unidades de significado	Turmas /Sujeitos									Número de convergências	
	Instituição Formal							Instituição não-formal			
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T1	T2		T3
26-Professores constroem laços de amizade, fazem analogias							X	X	X	X	04
27-Alunos possuem liberdade em suas ações							X	X	X	X	04
28-Professores elogiam e corrigem							X	X	X	X	04
29-Questionam sobre o que não entendem ou gostam							X	X	X	X	04
30-Sorriem quando erram							X	X		X	03
31-Demonstram respeito e obediência								X	X	X	03
32-A vestimenta interfere nos movimentos							X	X			02
33-Utilizam muito o espelho									X	X	02
34-Repetem as sequências de movimentos para aperfeiçoar								X	X		02
35-Pouca participação do professor		X							X		02
36-Cobrança de resultados										X	01
37-Espaço Físico	X										01

#### 4.4 CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise das unidades de significado, foi possível realizar convergências que associaram as manifestações e os modos de ver do fenômeno em questão, possibilitando a interpretação dos elementos analisados e o levantamento de algumas considerações.

#### Questões sobre as interações aluno/ professor

A quantidade de unidades e o significativo grau de convergências mostra que as interações ocorridas entre professor e aluno são de trocas mútuas de experiências, conhecimentos e significados, e que estas mexem com a maneira como ambos se comportam e encaram os desafios surgidos ao longo das aulas, da convivência direta.

As crianças demonstram respeito pelas palavras e atitudes do professor, manifestas corporalmente pela obediência, quietude, expressões faciais e palavras ditas, sendo medidas pelas intensidades de trocas vividas entre os dois. Geralmente, quando o professor se comporta de forma mais dura, rígida, não abrindo espaços para que os alunos se aproximem dele, estes acatam mais rapidamente as ordens dadas ou as advertências, porém demonstram fazê-lo a contragosto, ou medo. E quando o professor se abre, permitindo que os alunos conversem com ele, ajudem-no, brinquem, estabeleçam relações de afeto e amizade, as crianças correspondem de maneira mais leve e descontraída, mas demoram mais para obedecer aos comandos, extrapolando muitas vezes nas conversas ou brincadeiras.

É possível observar essas colocações nas unidades de significado:

- Número 10 – Controle das atitudes. Advertências;
- Número 17 – Excesso nas manifestações. Perda da disciplina. Desordem;
- Número 26 – Professores constroem laços de amizade, fazem analogias.

As relações entre aluno e professor são de fundamental importância no processo educativo em dança. O ensino só ganha significado, transforma quem participa e o ambiente em que faz presença quando compreendermos que não se deve isolar a criança desses processos. O ensino deve ter bases além do simples repassar de conhecimentos, das cópias de repertórios, das mecanizações de movimentos moldados e significados a apenas as vivências dos professores. Ambos os universos devem se comunicar; a dança deve ser concebida em parceria com as vivências dos alunos e ao mesmo tempo promover novas realidades a eles. O ensino da dança tem que pertencer ao mundo de quem ensina e ao de quem pratica, só assim se torna possível compreendê-la e vivenciá-la.

O mundo do adulto e o mundo da criança se entrelaçam e se fazem formas paralelas de perceber as relações estabelecidas nesse meio de coisas, pessoas. O corpo da criança responde de forma completa, expressando pelo movimento, pelos gestos expressivos, sendo estesiológico, ganhando percepções, sentidos e significados compatíveis à sua realidade.

Ao apontar o olhar para as aulas de dança observadas, é possível perceber que essas relações existem e que são significativas, mas que as intensidades dependem da turma analisada. Geralmente essa troca é mais visível, palpável nas turmas com as crianças com idades superiores; as conversas, as manifestações de amizade, respeito, desconfiança e confiança são expressas, em maioria, pelas palavras e gestos faciais, como, por exemplo, pelas caretas quando não gostam de algo, as risadas diante das dificuldades e timidez. Já as crianças menores interagem com o professor de forma mais hierárquica (“Eu sou criança e devo obedecer e seguir meu professor”), de submissão e admiração. Essas relações são

expressas corporalmente quando o professor está bravo: ficam desconfiados e se movimentam mais contidos; se o professor brinca, sorri, os alunos ficam felizes, pulam e se sacodem de euforia.

Isso acontece porque as crianças entram em contato com o mundo por meio de suas sensibilidades, sendo a linguagem corporal a primeira de suas manifestações e formas de comunicação. A dança como parte do universo expressivo da criança viabiliza a experimentação e apreciação estética do movimento humano. “Ao dançar, a criança se expressa criativamente, e isto amplia suas possibilidades de interação com o mundo. Dançar, então, pode significar uma maneira prazerosa de conhecer o corpo e comunicar-se por meio dele” (GODOY, 2010, p. 49).

Isso se torna visível nas aulas de dança observadas na pesquisa quando as crianças respondem corporalmente às intenções e os comandos dados pelo professor, significando essas respostas conforme a maneira que seus corpos a sentem. Assim como também o professor responde conforme as impressões expostas por seus alunos: se eles estão participativos, calmos, ele deixa a aula fluir livremente, respeitando as manifestações livres criadas por seus alunos, mas quando eles se comportam grosseiramente, sendo agressivos uns com os outros ou com o professor, indisciplinados, baderneiros, a resposta é de contenção e controle. O professor se torna rígido, exigente, sem paciência e controlador de todas as atitudes do grupo, promovendo meios de acalmá-los e voltar a ter a disciplina desejada. Presentes nas unidades:

- Número 1 – Exige disciplina e ensina o respeito, cuidado, responsabilidade;
- Número 10 – Controle das atitudes. Advertências;

Assim, o professor desempenha um papel importante na construção da identidade desses corpos. Por meio das aulas de dança ele, lhes ensina muito mais do que sequências coreografadas de movimentos, ou como dançar no palco, ou o que pode ou não ser feito: ele constrói valores e conhecimentos que vão além da sala de aula, que são capazes de significar a existência da criança por estarem impregnados nas relações que ela estabelece com os outros e com o mundo ao longo de sua vida. Abordagens presentes nas unidades:

- Número 26 – Professores constroem laços de amizade, fazem analogias;
- Número 28 – Professores elogiam e corrigem;
- Número 34 – Repetem as sequências de movimentos para aperfeiçoar;
- Número 35 – Pouca participação do professor;
- Número 36 – Cobrança de resultados;

- Número 37 – Espaço físico.

Essas atitudes estão presentes nas aulas de dança, principalmente nas da academia de dança. Na escola formal, nas turmas de tempo integral, a relação do professor com o aluno e os ensinamentos de valores não são tão diretos. As aulas são muito dinâmicas, não havendo tanto tempo para a construção de diálogos com os alunos. A aula tem menor duração e maior número de crianças, e o espaço não colabora com a concentração e a percepção dos alunos.

Na academia e na turma de tempo integral, o professor consegue estabelecer uma relação saudável de diálogo, composta de correções, elogios e ensinamentos. Ele tem maior espaço e tempo para construir pontes significativas com exemplos do cotidiano e dos conhecimentos da própria dança. Ele conta histórias da sua vida para exemplificar uma situação, ou da vida das crianças, como por exemplo em uma passagem em que ele mencionou as horas que as crianças passavam sentadas na escola e como isso afetava o comportamento delas durante as aulas de dança. As brincadeiras descontraídas também são utilizadas para a elaboração desses conhecimentos. Ele aborda questões do comportamento perante a música, como no caso do funk, que influencia a forma como os alunos se relacionam uns com os outros. Ensina sobre os componentes da dança, do que é preciso conhecer para ser um bom bailarino, principalmente em relação à contagem musical e à homogeneidade dos movimentos durante a coreografia.

Considera as individualidades das crianças, mas exige um componente em comum que é a disciplina. Exige a responsabilidade com suas coisas (roupa, sapatilha), com a pontualidade, concentração dentro da sala, o respeito e o cuidado para com os amigos de sala e para com o professor, também o estudo dos movimentos da coreografia e o bom resultado técnico. Faz uso constante da repetição da coreografia, isso para as turmas da academia, para conseguir alcançar tanto os objetivos almejados quanto a técnica e a estética

Esses exemplos me permitem perceber que, embora cada turma, cada professor tenha sua identidade, justamente por se tratarem de corpos diferentes, com vivências e experiências diferentes, eles conversam com o referencial construído na pesquisa. Marques (2008) defende que o professor precisa assumir uma nova atitude que ultrapasse a restrita concepção de transmissor do conhecimento: a atitude de um pesquisador que está sempre atento, receptivo, flexível, investigador e criativo quanto aos acontecimentos perante seus alunos, ressignificando constantemente a rede de conteúdos e interações entre a dança, o corpo criança e a educação. Ele deve ser um profundo conhecedor e crítico das possibilidades de conhecimento que a área oferece e compartilhar com seus alunos a arte da dança dançando, dirigindo, coreografando, ou seja, fazendo dança.

As crianças respondem a esses estímulos e exemplos de maneira variada, mas todas possuem uma relação de respeito e admiração pelo professor e o seguem em suas atitudes, palavras, movimentos, principalmente as crianças menores, que fazem uso da imitação como forma de aprendizado. Elas copiam as sequências de dança, não se sentem seguras em realizá-las sozinhas, só se entregam quando já tiverem decorado, incorporado esses movimentos a seus corpos. Isso é mais frequente entre as crianças maiores; as de sete e oito anos, mesmo depois de terem os movimentos incorporados, ainda precisam da confiança e da segurança do professor à sua frente ou seu lado dançando.

Dias (2006) corrobora com o que defendo em relação às interações de cópia e imitação. Ele acredita que a criança entra para a herança cultural por meio das redes de identificação entre os adultos. Assim, elas conseguem aprender imitando seus gestos, seus modos de falar e pensar. A capacidade de imitar é inerente à criança. No início de seu desenvolvimento, imitar gestos e ações dos adultos é natural para a construção do seu conhecimento.

Esses ensinamentos, correções e elogios são muito importantes para as crianças; elas se sentem felizes quando são elogiadas, se sentem interessadas quando lhes são contadas histórias, interagem quando estas lhes são significativas, fazem parte de seu mundo. Gostam de ajudar, cooperar com o professor, mostram-se interessadas quando têm sua atenção, esforçam-se e se concentram para lhe mostrar que conseguem realizar aquilo que foi pedido.

Isso demonstra mais uma vez que as interações construídas entre aluno e professor são essenciais na Educação, seja em dança ou em qualquer outra área de conhecimento. Negá-las só faz aumentar a fabricação de corpos sem vida, engessados, pasteurizados em seus movimentos e em sua forma de ser e estar no mundo, visíveis nas unidades:

- Número 2 – Seguem o professor e os colegas;
- Número 11 – Demonstram interesse, esforço e concentração.

### **Questões sobre as relações entre o espaço, elementos da dança e o corpo criança**

Rudolf Laban, quando desenvolveu sua ciência da dança, a coreologia, determinou que existem quatro fatores possíveis de desenvolver o movimento humano: o espaço, o tempo, o peso e a fluência. Em mãos desse conhecimento, qualquer pessoa poderia criar suas danças, considerando a capacidade de unidade que, quando trabalhados juntos, apresentam. Os fatores são inerentes a cada indivíduo, o que diferencia uma pessoa da outra, assim como também

regula a intensidade com que cada um deles se manifesta, definindo uma polaridade específica.

O fator espaço, elemento a ser discutido, apresenta polaridades entre o que pode ser direto e indireto, traduz as sensações plasticamente e aponta o trajeto e a direção que o movimento traça. O corpo preenche e é preenchido por esse espaço por meio dos movimentos que ele realiza, sejam dançados ou não, podendo ser qualquer lugar onde o corpo coloca a se movimentar, como na rua, em casa, no palco, na sala de aula.

O espaço do qual me aproprio é o local onde as aulas são desenvolvidas: a quadra e a sala de música na escola, e a sala de dança na academia. Apesar de a unidade de significado espaço físico (Número 37) se apresentar com menos convergências, as relações estabelecidas entre o ambiente, alguns de seus componentes, a dança e as crianças compuseram ricas manifestações expressivas do corpo criança que dança.

Se o espaço traduz as sensações plásticas, as manifestações atribuídas a ele foram todas corporais. Os componentes que o integram influenciaram nos comportamentos e atitudes dos alunos e também dos professores. Como foi dito anteriormente, as relações entre aluno e professor foram mais ricas quando a aula foi desenvolvida em um ambiente mais tranquilo, sem muito barulho em seu entorno, com delimitações fixas, como as paredes, e os espelhos. Neste ambiente, o professor conseguiu estabelecer diálogos mais significativos com seus alunos, ter mais tranquilidade para pensar e agir no seu tempo. Diante disso, as crianças se comportaram de maneira menos ansiosa, eufórica, respondendo com mais facilidade aos comandos, possuindo maior capacidade de concentração e foco na aula.

Para as aulas que se desenvolveram na quadra da escola, as crianças demonstraram ter menos foco e concentração, devido à falta de delimitação do espaço e ao constante barulho vindos do seu entorno. As crianças se comportavam de maneira mais eufórica e bagunçada; dificilmente encontravam referências espaciais que pudessem auxiliá-las, como as paredes, ou faixas no chão. Quando o professor dava alguma atividade que exigisse maior exploração deste, as crianças se dispersavam muito, saindo do foco e do ambiente da aula. Em contrapartida, o professor, na maior parte do tempo, adotava atividades e danças em roda ou em filas voltadas sempre para ele, pois assim conseguia delimitar o local desejado.

O barulho vindo das outras atividades que aconteciam na quadra ao mesmo tempo da aula de dança, como as aulas de Educação Física, ou o lanche das outras turmas, interferiam nas manifestações tanto dos alunos quanto do professor. A comunicação verbal era prejudicada quando o barulho era mais intenso, assim o professor quase não se comunicava verbalmente com eles, optava por dar atividades em que as crianças poderiam se movimentar

constantemente, seguindo-o em seus movimentos e gestos. A música era colocada apenas quando eles iriam dançar e não durante as brincadeiras. As crianças respondiam a essa situação estando mais agitadas: quanto maior o barulho ao entorno, maior a agitação e desconcentração. Percebi que também falavam mais alto e gritavam com frequência uns com os outros, além de nem responderem ao que o professor pedia, seja por não poderem ouvir, ou por falta de concentração. Essas manifestações se exacerbavam conforme os acontecimentos do entorno.

A dança pode ser desenvolvida em qualquer lugar, em qualquer espaço, mas ela nunca será a mesma, pois as relações estabelecidas entre quem dança, onde se dança e o que se dança dependem dos corpos que estão dançando, das experiências e impressões trazidas por esses corpos e pelos espaços vivenciados. Assim, adotar diferentes medidas e formas de ensinar dança, de dançar nos distintos lugares, é importante para que as aulas consigam tocar as crianças, gerar valores e significados a sua existência.

As crianças que tiveram a possibilidade de fazer suas aulas em salas de dança com espelhos, piso próprio (chamado de linóleo), barras e caixas de som fixas interagiram mais com esses elementos, incorporando-os em suas manifestações. O espelho foi o que gerou maior significado: por meio dele as crianças conseguiam ter uma autoimagem, a capacidade de visualizar a si mesmas, dividindo o foco entre o corpo do professor e o seu corpo. O olhar não estava inteiramente voltado às ações dos professores, mas também para as suas próprias ações. Houve passagens trazidas na descrição em que as crianças se apreciavam no espelho, se olhavam para arrumar o cabelo, para ver se a roupa estava bonita, sorriam para si mesmas, criavam movimentos e danças livres, copiavam as colegas e o professor quando ainda não haviam gravado os movimentos. Por meio do espelho se comunicavam pelo olhar e conseguiam corrigir seus próprios erros, sendo essa característica mais comum nos alunos mais velhos.

Assim, esse elemento do espaço da dança se faz importante, se usado corretamente, na construção da autoimagem e da identidade das crianças, sendo uma ferramenta que auxilia na construção da aula. Mas é relevante considerar que o inverso também aconteceu. Houve crianças que muitas vezes se dispersaram do que estava sendo passado pelo professor, por estarem presas à sua imagem no espelho, assim como também criaram dependência desse elemento no momento de dançarem a coreografia, não conseguindo dançar sem copiar o professor ou as colegas pelo espelho, tópico expresso na unidade:

- Número 33 – Utilizam muito o espelho.

A vestimenta utilizada nas aulas de dança em qualquer academia é componente obrigatório para a participação da criança. Geralmente, independente do ritmo, essa vestimenta consiste em collant, meia calça, sapatilha, saia ou short, coque ou “rabo de cavalo”. Ela é própria para dar liberdade aos segmentos corporais para realizarem os movimentos de dança, que são diferentes de nossos movimentos cotidianos. Uma calça jeans, por exemplo, pode limitar uma criança a realizar um movimento que exige uma maior amplitude articular, justamente por prender o membro na roupa. Assim, sem muita significância, houve passagens descritas que afetaram a manifestação dessas crianças, por exemplo, no dia em que uma menina da jornada ampliada estava de calça jeans e não conseguiu realizar um movimento, quando estava descalça e não deslizou seu pé sobre o chão, ou quando o cabelo ficou caindo em seu rosto, limitando a visão. O mesmo aconteceu quando, um dia, na academia, algumas crianças não foram com roupa de dança e enfrentaram os mesmos problemas, item observado na unidade:

- Número 32 – A vestimenta interfere nos movimentos.

A dança sempre esteve e está presente na cultura corporal humana, reinventando-a e sendo reinventada por ela, de acordo com as finalidades e costumes da sociedade e época em que está inserida. Deve ser tratada como um fenômeno artístico cultural, pautada na experiência corporal vivida. A dança “[...] é a arte do corpo próprio em movimento e, antes de situá-lo dentro dos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, entre outros, deve-se considerar que ela é, indiscutivelmente, experiência corporal no mundo” (MARQUES, 2012, p. 46).

Como foi discutido anteriormente, o espaço físico influenciou nas relações entre aluno e professor e nas manifestações das crianças, sendo que estas correspondiam às impressões do espaço impregnadas em seus corpos. O espaço percebido e o imaginado, propostos por Marques (2008), se fizeram presentes nos exemplos dados.

Esses espaços, em parte, são reflexos da cultura na qual a criança está inserida. Atualmente vivemos em uma cultura que altera cada dia mais as redes de comunicações não somente entre sujeitos, mas também entre o sujeito e o conhecimento, obrigando um novo olhar e uma nova ampliação do constructo da realidade social. As mídias, a tecnologia e os meios de comunicação constroem conceitos, lançam modas, músicas, filmes que mexem com o imaginário e compõe o mundo das crianças.

Nas aulas observadas, foi possível perceber que a música foi o meio mais direto de ligação entre esses espaços. Por meio das músicas os corpos das crianças se conectaram ao ambiente da sala de aula e às atividades realizadas. Essa conexão se fez presente nas

manifestações diante às músicas dadas, quando estas condiziam com o contexto da criança, faziam parte da sua vivência: elas cantavam, faziam comentários, dançavam com mais vontade, mais leveza e alegria. O ritmo também influenciou nos estados de ânimo dos alunos. Quando a melodia era mais agitada, eles tinham a tendência de se movimentar de forma mais enérgica; quando era lenta, as crianças se moviam mais tranquilamente e pareciam estar mais calmas. Um exemplo disso é quando o professor deu um aquecimento com uma música lenta, com a finalidade de acalmá-los, e as crianças responderam de forma mais calma, sendo que alguns até fecharam os olhos para sentir a música; ou, quando em umas das aulas da jornada, tocou uma música romântica famosa que todos os alunos conheciam e eles ficaram nostálgicos e começaram a cantar a música, e uma das meninas chorou.

O espaço imaginado se representa nos sentidos de atração, repulsão, distanciamento, alegria, provocados pela relação com a música. Essas impressões foram notadas em sua maioria nas aulas de dança na escola formal, onde o professor divide sua aula entre danças e brincadeiras, e utiliza a música para se aproximar dos alunos. Já nas academias, essa relação não é latente, pois os processos de concepção da coreografia para apresentar no palco fazem com que os alunos tenham que trabalhar em cima de uma mesma música. Itens visíveis na unidade:

- Número 14 – A música interfere no comportamento e estado de ânimo.

Marques (2008) acredita que o trabalho em dança partindo do contexto dos alunos possibilita que trabalhem com uma maior valorização do tempo presente, do espaço ilimitado, da pluralidade de corpos, do indeterminado contemporâneo.

### **Questões sobre a expressividade nos gestos e movimentos dançados e brincados**

Através do movimento nós fazemos presença no mundo, enquanto seres humanos dotados de intencionalidade e sensibilidade; por ele nos comunicamos, nos instauramos como seres sociais e culturais. Está ligado intrinsecamente ao nosso corpo, à nossa carne, por isso ele é capaz também de ditar os nossos ritmos internos e externos, pois por meio do ritmo o movimento consegue se explicitar, ganhar forma e significado. O movimento é parte integrante da totalidade do ser humano, capacitando-o a se relacionar com as pessoas e o mundo, estabelecendo um sistema de trocas entre o sujeito e o meio ambiente. “O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso” (LABAN, 1978, p. 19).

Nas aulas de dança observadas, o movimento foi parte integrante das manifestações das crianças, sejam os movimentos intencionais ditados pelo professor e moldados em passos de dança, sejam os que não tem um fim na dança nem em algo, mas apenas na expressão, na externalização de sensações e percepções, uma necessidade intrínseca de estar em comunicação constante com os colegas, o professor e o meio que circunda.

As diversas relações das crianças eram praticamente pautadas no movimento em suas diferentes intensidades. Desde o movimento expansivo, como pular para comemorar junto com o amigo, ou para demonstrar que está gostando, que está feliz, ou nos movimentos mais contidos, um simples olhar de reprovação, um toque de auxílio, um sorriso de felicidade ou timidez.

Os corpos das crianças buscavam a todo o mundo se relacionar com outros corpos, seja por palavras, por gestos ou por movimentos. Sempre que havia uma pausa durante as aulas, para o professor mudar de música, para fazer alguma correção ou para preparar alguma atividade, as crianças aproveitavam para estar em comunhão com seus colegas ou com elas próprias. Nesses momentos de pausa, quando os movimentos realizados não são ditados pelo professor, os alunos imprimem suas sensações de felicidade, tristeza, preguiça, raiva. São aqui que esses movimentos se tornam mais expressivos, pois como afirmam Grunennaldt et al. (2012), o movimento por si só é expressivo, ou pelo menos deveria ser. Esse componente expressivo se constrói nas relações estabelecidas pelo corpo, sendo uma espécie de conscientização de si mesmo, das atitudes, gestos, ações, que possuem uma necessidade de exprimir algo, de criar, comunicar, compartilhar, interagir entre si e com o meio.

Os gestos, palavras e movimentos são veículos que o corpo utiliza para perceber, se comunicar, ser no mundo; eles dão voz ao íntimo, aos sentimentos, que expressam o que realmente somos. As brincadeiras, as conversas, os toques, os movimentos são as ferramentas que as crianças utilizaram para estar presentes durante as aulas de dança, para demonstrarem quem realmente são, para deixarem a sua marca nos momentos vividos por elas.

As conversas, que muitas vezes desrespeitavam a disciplina exigida pelo professor, por terem uma carga grande de energias sendo extravasadas através dela, continham as impressões das crianças sobre o terminado momento vivido. Quando o professor dava uma pausa, eles sempre comentavam alguma coisa sobre o que tinham acaba de fazer, positiva ou negativamente (reclamavam muito quando não gostavam ou quando queriam ir embora), criavam palavras engraçadas, e até mesmo músicas, sobre uma situação que gostaram muito, contavam para os amigos situações que viveram em família. Os alunos mais extrovertidos

organizavam os colegas para realizarem alguma brincadeira, ou simplesmente para se mostrarem a eles cantando ou dançando alguma coisa que lhes significasse algo.

Nos movimentos e gestos as crianças se expressam criando danças livres, dançadas sozinhas ou com a companhia de um colega; faziam acrobacias (“estrelinha”, ponte, parada de mão) e movimentos de flexibilidade (abertura, colocar o pé na cabeça), adoravam treinar e se exhibir para os colegas e o professor. Os mais inquietos pulavam, corriam, se sacodiam, já os mais calmos e tímidos se movimentavam de maneira mais contida, reservando apenas para si suas criações. Havia crianças que se expressavam por movimentos mais contidos ou apenas por gestos, que gostavam de sentar ou deitar e observar o que acontecia ao redor, esboçando em seus gestos as impressões captadas por seu corpo diante das manifestações de seus colegas e professor.

Essas informações são coerentes com as unidades de significado:

- Número 8 – Necessidade de se movimentar, relacionar, comunicar;
- Número 9 – São espontâneos, criativos e inventivos;
- Número 15 – Contam e se relacionam por suas histórias de vida;
- Número 16 – Se movimentam de maneira livre;
- Número 18 – Brincam e conversam nos momentos de pausa;
- Número 24 – Entretém os colegas, gostam de se mostrar.

As brincadeiras, dançadas ou não, permeiam as aulas de dança e são momentos em que as crianças colocam suas impressões pessoais com muita propriedade. As brincadeiras foram realidade em quase sua maioria apenas nas turmas de tempo integral da escola formal. Na turma da jornada ampliada, por ser mista em idade, com um número maior de crianças mais velhas (11, 12, 13, 14 anos), praticamente não se vivenciava brincadeira, e sim danças. Na academia, as turmas seguiam o padrão convencional das aulas de dança: as crianças faziam sequências coreográficas de aquecimento, exercícios técnicos e preparatórios e a coreografia de final de ano. Devido à época em que as aulas foram observadas, elas vivenciaram, em grande parte, apenas a coreografia de final de ano, sendo que foi observado o processo de criação do começo até sua quase finalização. As brincadeiras aqui se faziam em comentários e analogias do professor e também das próprias crianças.

Nas turmas de tempo integral, o momento da brincadeira era um momento de muita euforia, colaboração, participação, criatividade e inventividade. As crianças sentiam prazer em participar, cada qual se expressando na sua intensidade, demonstrando isso por meio de comentários, sorrisos, olhares atentos, euforia. Em muitas vezes, sentiam-se desafiados a

conseguir realizar algum movimento ou chegar a algum objetivo, não desistindo de tentar realizar, apresentando uma atitude colaborativa para com os colegas, ou de deboche e crítica perante a dificuldade do próximo.

Apresentavam-se competitivos a quase todos os momentos da brincadeira, até quando esta não objetivava a competição; competiam entre si e consigo próprios. Queriam ser sempre os melhores, ou que seu grupo também fosse, assim surgiam as piadas com os colegas, o incentivo e a determinação de conseguir ganhar, e as brigas de grupos e entre grupos. Quando a brincadeira era de dupla e exigia contato e parceria, várias eram as expressões. Havia crianças que se portavam de forma carinhosa e cuidadosa, outras agressivas e displicentes. A inventividade e criatividade apareciam nos momentos brincados que exigiam que os participantes, que em sua maioria erravam, tivessem que pagar micos; estes eram os minutos mais divertidos da brincadeira. Criavam os micos que os colegas teriam que executar, incentivavam-nos a realizá-los, riam muito da situação. Geralmente quem pagava o mico o realizava de forma tranquila e sem acanhamento.

A brincadeira é um componente inerente ao corpo criança. Todas espontaneamente caminham em direção aos momentos brincados, almejam e desfrutam esses momentos inteiramente. Compreendida como linguagem, as brincadeiras, assim como a dança, estabelecem uma rede infinita de relações, de vínculos que permeiam o corpo de quem brinca e dança, que, em situações de ensino aprendizagem, são sempre transformadoras. Marques (2012, p. 33) afirma: “São os corpos socialmente constituídos e historicamente construídos que brincam e dançam e, ao mesmo tempo, são as brincadeiras e as danças que constituem e constroem nossos corpos, e que, portanto, nos constituem e constroem”.

Nas aulas de dança observadas, foi possível visualizar essas redes de relações e os seus constructos, resultados manifestos nos corpos das crianças. Marques (2012), quando aborda a questão do brincar no ensino em dança, defende que a ludicidade vinda das brincadeiras permite, nas propostas de dança, que o corpo da criança crie vínculos, possibilite as experiências, incentive as descobertas, recombine e ressignifique as ações realizadas, mas que esse brincar esteja em constante interação com a arte de dançar, que não seja um simples brincar, pois a dança que é brincada tem o poder de fazer com que a brincadeira vire dança.

Essas manifestações convergem nas unidades:

- Número 3 – Gostam das danças e brincadeiras;
- Número 4 – Colaboração, interação e participação;
- Número 6 – Possuem autonomia;

- Número 7 – Externalizam as suas individualidades;
- Número 11 – Demonstram interesse, esforço e concentração;
- Número 12 – Sentem-se desafiados, com vontade de vencer e ficam felizes quando conseguem;
- Número 17 – Excesso nas manifestações. Perda de disciplina. Desordem;
- Número 19 – São carinhosos e amigos;
- Número 21 – Expressam atitudes violentas e críticas;
- Número 23 – Presença de competição.

A forma como nos expressamos diante das mais variadas situações nos diz quem somos, pois ela se realiza por meio do nosso corpo, revelando “[...] o sentido de nossas experiências como expressão pura, como manifestação de um interior no exterior” (GRUNENALDT et al., 2012, p. 386). É uma forma real e espontânea de viver, porque o homem vive o corpo e o mundo, como uma unidade inseparável, não havendo distinção entre a expressão e o expresso.

Durante as ações dançadas, as expressões manifestas pelas crianças não diferiram muito das ações adotadas nas brincadeiras: elas se divertiram, se relacionaram umas com as outras, cooperaram, desafiaram, enfrentaram os desafios, criaram e recriaram movimentos e gestos, se fizeram presentes corporalmente. A diferença é que, nas danças, tanto da academia quanto da escola formal, o componente da fala, do diálogo, quase não esteve presente durante o ato de dançar (a execução da coreografia), salvo em uns comentários ou outros das crianças. A competição também não se fez presente, dando lugar ao coletivo e à participação: todos se empenharam para poderem dançar juntos, de forma igual, sem um se sobressair em relação ao outro. As expressões livres foram mais contidas; as sensações, os desejos, os sentimentos vividos pelo momento estavam sendo canalizados pelos movimentos de dança que o professor passou. As crianças não criavam por si só, mas imprimiam sua personalidade, recriando e ressignificando os movimentos das coreografias.

Na dança, os gestos, movimentos “[...] permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções” (DANTAS, 1996, p. 23). Durante a dança, o corpo que atribuiu um significado ao que está dançando deixa transparecer seus sentimentos, suas emoções, através dos gestos que ganham vida nas sequências de movimentos realizadas em uma coreografia ou um momento poético pautado na improvisação.

Na dança, esse ciclo se constitui fortemente, pois a expressão, no seu sentido humano, único e múltiplo, inventa e se reinventa, constrói e se reconstrói com o próprio corpo a todo o momento, envolvidos em suas experiências diretas com o mundo. “[...] ao dançar, o sujeito não pretende explicar, nem analisar, nem objetivar nada, e essa experiência com seus movimentos dançantes é inexplicável pelas palavras; apenas se poderia ‘descrever’ tal vivência através do próprio ato expressivo de dançar” (MARQUES et al., 2013, p. 251).

E foi isso que aconteceu nas aulas observadas: as crianças não precisavam falar com palavras o que sentiam durante a dança, elas falavam com seus corpos, que pulsavam às percepções e sensações sentidas nos momentos expressivos do ato de dançar. Todos os componentes das interações estavam presentes. As crianças se comunicavam com o professor, com o espaço e o com os colegas através do olhar, que conseguia exprimir se a elas estavam seguras ou não, se estavam felizes ou não, se estavam cansadas ou com preguiça; através também do sorriso, da postura, da concentração e da presença completa. Digo “presença completa” porque havia crianças que dançavam, mas pareciam não estar ali no momento, vivenciando, apreciando a dança; encontravam-se, dispersas, dançavam sem energia, olhavam para o chão, o relógio e a janela constantemente.

O desafio, a superação e a progressão se faziam visíveis nos movimentos realizados em cada aula: quanto mais construía, treinavam e realizavam as sequências coreográficas, mais incorporados os gestos expressivos se faziam, sendo visíveis nos movimentos desenhados pelo espaço. Com isso as individualidades se afluavam cada vez mais. Mesmo dançando algo que lhes foi dado pronto, cada criança, por meio da vivência da dança, conseguia, aos poucos, significar o que estavam dançando e imprimir sua personalidade. Isso era visível ao observar que, mesmo em uma turma com 25 alunos seguindo o mesmo professor, dançando a mesma coreografia e música, não eram iguais. Mesmo o professor exigindo que cada movimento fosse realizado de forma igual por todos, cada criança possuía uma singularidade ao dançar: moviam-se para um único lado, mas não de formas iguais. O levantar de braço, o rodopiar não eram exatamente iguais, possuíam diferenças mínimas, mas visíveis para aqueles que o podiam perceber com o olhar sensível. As atribuições dadas ao movimento são distintas, pois cada corpo criança que dança é diferente, viveu experiências únicas, que, relacionadas com um movimento em comum, promovem as diversas singularidades encontradas no coletivo. Respeitar isso é importante se não quisermos construir corpos mecânicos na dança, meros reprodutores de movimentos sem sentido, que não tocam aqueles que dançam e nem aqueles que assistem. Compreender e aceitar essas singularidades é belo, é digno, é humano, tudo o que a dança preconiza.

Assim, viver o movimento é fundamental para quem dança, seja na mobilidade ou na quietude, com deslocamento ou não. Quando a bailarina o vive, ela se torna capaz de sentir com maior intensidade seu corpo e as pulsões originárias da vida; tudo se completa. “[...] dança é movimento porque é corpo. E mesmo que este corpo não seja um ser em deslocação por diferentes lugares, ele está inevitavelmente em movimento, pois o movimento é condição da sua existência” (TÉRCIO, 2006, p. 3).

### **Questões sobre a corporeidade e o corpo criança que dança**

A corporeidade incide em vida, “[...] em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo” (MOREIRA; NÓBREGA, 2008, p. 357).

Sou um corpo, um corpo que habita o espaço e o tempo e que realiza a existência através do movimento. Nessa relação com o mundo, conheço: apreendo o mundo, percebendo os sentidos e atribuindo significados. Todo conhecimento objetivo repousa nesse mundo pré-objetivo, de natureza sensível que precisa ser despertado, pois é ele o lugar onde se encontra a originalidade do sujeito e o ponto de referência as suas ações (NÓBREGA, 2004, p. 72).

É nessa constante relação entre corpo, mundo, consciência, movimento, que a dança acontece. A beleza reside em quando nos unimos em uma só totalidade. Danço com o corpo em movimento, que sente e é sentido, presença e consciência corpórea existente em gestos expressivos, falados, falantes, dançados, carregados de experiências, significados e intencionalidades.

O corpo que dança é espaço, território e transcende o sujeito, aproximando-o as fatalidades do ambiente. Durante a dança, o corpo entra em contato com um infinito número de informações que o faz refletir sobre ele mesmo e o ambiente que o rodeia. Independentemente da idade, crianças, adultos e idosos, mediante a utilização de movimentos e gestos, adequados a ritmos sentidos pelas experiências do corpo, constroem sua corporeidade.

A infância é o período mais significativo na vida do ser humano, no qual o desenvolvimento humano acontece de forma plena e harmoniosa, quando as especificidades existentes não constituem uma falha ou falta de clareza, mas sim uma característica de ser inacabado, em processo de se tornar completo, com o privilégio de se reinventar e reconstruir

sempre que possível. A criança simplesmente representa o mundo: ela o vive em toda a sua complexidade.

A dança possibilita ao corpo da criança vivenciar infinitas manifestações de ordem afetiva, social, criativa, que auxiliam no processo de construção de sua identidade pessoal e no modo como ele enfrenta a vida. A criança que dança se torna um adulto mais consciente de seu próprio corpo, de suas possibilidades, mais sensível na percepção das coisas que o rodeia, se expressa de forma mais livre e segura, pois compreende e respeita o seu corpo.

As crianças que dançam nas aulas de dança observadas nas escolas especializadas e formais são corporeidade viva; elas vivem e transcendem durante as aulas de dança, pelo corpo, no corpo e através do corpo. São por ele, existência única no mundo, que elas estabelecem suas relações de entrelaçamento entre seu mundo e o mundo da dança, permitindo que as experiências vividas se constituam em ricas possibilidades de significação da vida.

Durante as aulas de dança, o corpo criança brinca se relacionando com o meio (o espaço da aula), com os colegas, e com ele mesmo, joga com as significações e experiências vividas. Essas experiências se constroem nos resultados das relações estabelecidas durante a aula de dança e as relações de vida em família, em sociedade. Quando a criança começa a fazer aula de dança, ela já tem o seu próprio mundo, já tem as suas experiências que a constituem enquanto corpo sujeito. Ao entrar em contato com a dança, novas vivências serão inseridas, que poderão tornar-se apenas mais uma ou conseguir ressignificar todo o mundo da criança.

Geralmente, quando a criança começa a dançar, ela não fica ileso às potencialidades que a dança incide em seu corpo: ela entra em um novo mundo com infinitas possibilidades de existir, de ser e estar em comunhão com outros corpos que falam a mesma língua que a sua. A criança se torna mais sensível e compreende melhor as coisas que a rodeia; conhece seu corpo e o respeita, assim como também aprende a respeitar o corpo de seu próximo, se expressa de forma mais livre e segura.

Trago à tona essas discussões, pois tudo o que foi colocado nos tópicos anteriores sobre as questões convergentes nas unidades de significado encontram um motivo de ser nas discussões sobre a corporeidade. Todas as impressões só foram gravadas porque quem as construiu, quem as viveu, foi o corpo da criança. As manifestações descritas e analisadas só foram possíveis de ser observadas porque a criança se relacionou e as viveu em sua plenitude. A corporeidade é a própria criança que está presente nas aulas de dança, que aprendeu ao mesmo tempo em que ensinou, que expôs seus sentimentos e sua existencialidade nos gestos e

movimentos dançados, que se comunicou e criou, ressignificando a cada aula o sentido de ser da dança.

Considero tudo o que foi discutido anteriormente e acrescento que a corpo criança vive a corporeidade em seu sentido pleno. Ele por si só é corporeidade, e isso só se torna visível nas manifestações e atitudes adotadas pelas crianças durante as aulas de dança, pois a corporeidade é o próprio espelho da vida, e não há como falar de existência que não seja vivendo, experimentando, saboreando as suas belezas mais complexas. As aulas permitiram a vivência completa da corporeidade em sua forma de presença, de profundidade, de experiência estética e sensível do movimento.

O corpo criança se fez presença nas aulas de dança:

- Quando contou histórias de vida para se relacionar com o professor e os colegas, e estes ditaram algumas de suas ações violentas e indisciplinadas;
- Quando as diferenças de gênero foram expressas, assim como as individualidades; quando essas individualidades promoveram representações singulares e ricas de significado;
- Quando a dança foi capaz de potencializar essas individualidades, permitindo que as crianças criassem relações significativas de respeito, cooperação e amizade, além de autoconfiança e autoconhecimento;
- Quando as vivências possibilitaram situações de construções críticas sobre o seu corpo e o corpo do amigo;
- Quando se mostraram curiosos por tudo o que acontecia ao redor e os chamava a atenção;
- Quando demonstravam suas ideias e percepções sobre as atividades da aula, mostrando-se preocupados, inteligentes, prestativos e concentrados, possuindo autonomia para perceber e agir sobre o que lhes chamava a atenção;
- Quando interagiam com o professor e os colegas, estabelecendo momentos de pura diversão, descontração e magia;
- Quando apresentavam preguiça, desinteresse, falta de vontade em participar dos momentos que não lhe chamavam a atenção, parando de dançar ou, quando não podiam, fazendo corpo mole e expressão de rejeição;
- Quando as diferenças de idade se faziam visíveis, principalmente nas turmas muito mistas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa construída sob a ótica qualitativa com abordagem centrada na análise do fenômeno situado não faz uso de conclusões nem de expressões absolutas, pois dá a ideia de algo acabado, finalizado, o que não é compatível com a interpretação desse tipo de pesquisa. O fenômeno não é estático, ele está em constante mudança, em contínuos processos de transformações, pois o corpo é inacabado e mutável, não se encerra, mas se transforma. Portanto deixo este título a cargo de responder ao cumprimento de uma pesquisa científica, mas peço aos leitores que não tomem isto como expressão verdadeira, algo concreto e finalizado, mas que adotem uma visão despretensiosa e sensível, capaz de compreender e enxergar o fenômeno como ele é desvelado pela ótica de uma pesquisadora que têm pretensões e anseios, e que buscou trazê-lo na sua essência, vivendo cada momento do desenrolar desta dissertação.

A Dança é uma área do conhecimento vasta em seus conhecimentos e aplicabilidade, podendo ser desenvolvida pela própria área, que possui cursos de graduação e pós-graduação independentes, e pela Educação Física e Artes, sendo um conteúdo destas. As experiências aqui expostas não devem estar estanques em apenas uma delas. Embora a pesquisa seja desenvolvida para a obtenção de título de mestre em Educação Física, todos podem ter acesso a ela, aplicando-a em suas vivências.

Uma de minhas pretensões se faz presente nesta justificativa: minha intenção não é construir uma verdade máxima sobre a dança desenvolvida com crianças nas instituições formais e não formais, e nem criticar como o corpo criança e as relações com a corporeidade estão sendo concebidas, mas sim desnudar o fenômeno, mostrá-lo tal como ele é, sem julgamentos e sem críticas, adotando um olhar sensível para compreendê-lo em sua essência e considerar que ele não é uma verdade universal, que em outros lugares se desvelará de outras formas, mas que as manifestações expressas por estes corpos são sim importantes para o desenvolvimento da dança.

Adentrar o mundo vida do fenômeno permitiu que fosse possível observar que a corporeidade está presente de forma viva durante as aulas de dança. Mesmo que o professor se preocupe ou não, conheça ou não seus preceitos, a dança por si só permitiu que as crianças pudessem expressá-la, por meio de suas atitudes, relações e manifestações. A preocupação inicial se a corporeidade estaria presente nos corpos das crianças durante as aulas de dança se desfez quando em contato com esses corpos, pois a criança é a própria corporeidade, ela por si só é relação, é presentidade viva.

Analisar as aulas de dança sob a ótica da criança permitiu olhar para o fenômeno sobre sua perspectiva, desnudando-o e compreendendo-o tal como a criança o concebe. Por isso as manifestações descritas foram tão ricas, pois as crianças não veem o mundo de forma categorial como os adultos, mas elas se engendram no mundo, se relacionando, significando suas experiências a todo momento.

E a dança permite exatamente isso, que as suas vivências não sejam simplesmente pensadas, categorizadas, mas sentidas, significadas, vividas em sua plenitude por aqueles que se põem a dançar. Assim, as manifestações das crianças corresponderam aos próprios pressupostos do corpo na dança, porque o corpo que dança se relaciona na sua unidade, corpo e mundo, corpo e sujeito, corpo e interior, se fazendo presente, sentido e significando na sua forma mais ampla, transcendendo, conhecendo e sendo transportado para infinitos lugares e tempos.

Se o fenômeno fosse observado sob a ótica do professor, talvez não apresentasse essas mesmas impressões, pois é um outro corpo, um outro tempo de vida. A possibilidade de o professor não conhecer e compreender a corporeidade poderia influenciar na forma como esta seria desenvolvida nas suas aulas, e, por conseguinte, na maneira vivida pelas crianças. Esse seria um assunto para outra pesquisa, mas me refiro à questão para mostrar que o fenômeno é único e que a forma como olhamos para ele diz muito sobre suas manifestações.

Essas manifestações explicitadas podem ser apropriadas por qualquer um que queira falar sobre dança, que trabalhe com dança, pois conhecê-las permite compreender que a corporeidade na dança não precisa ser uma realidade apenas de um local específico, mas que pode estar presente em qualquer processo de ensino. Não só pode estar presente, como deve. Desenvolver os processos de ensino e aprendizado em dança pautados na corporeidade permite que a aprendizagem seja mais significativa.

Embora tenham existido algumas diferenças entre as manifestações na escola formal e na academia de dança, a essência delas permaneceu, não impedindo que a corporeidade deixasse de ser explicitada. Mesmo a dança sendo desenvolvida em ambientes tão diferentes, com corpos vindos de realidades sociais e econômicas distintas, com o ensino voltado para finalidades que muitas vezes não se comunicam entre as instituições, a corporeidade se presentificou nos sorrisos, nas participações, nos questionamentos, nos movimentos, nos gestos daqueles corpos que se puseram a dançar.

No entanto, pode ser relevante expor algumas diferenças que se fizeram em maior número de divergências na matriz nomotética, pois essas podem revelar lacunas existentes entre esses dois mundos.

O espaço físico e a maneira de conceber e ensinar a dança são os maiores fatores que proporcionaram diferenças nas manifestações. Por não haver uma sala de dança na escola formal, com espelhos e pisos próprios, a atitude de se olhar no espelho para se auto corrigir e apreciar não esteve presente, assim como a utilização de vestimentas específicas para a dança e algumas relações entre aluno e professor. Na academia de dança, por haver um local próprio para se desenvolver as aulas, e na jornada ampliada, por construir-se em um local fechado, as relações se estabeleceram mais pelo diálogo, possibilitando uma maior construção de laços afetivos, de respeito e obediência, fato que não esteve presente em grande parte das turmas de tempo integral, onde muitas manifestações foram expressas por meio da violência, desobediência, falta de controle e disciplina.

A repetição de movimentos e a cobrança de resultados foram realidade apenas das crianças da academia de dança, uma vez que a finalidade das aulas era completamente distinta da escola formal. Enquanto na escola as aulas se baseavam nas vivências dos componentes da dança e nas brincadeiras, na academia, devido ao momento do ano, o foco eram a construção e os ensaios de coreografia para apresentarem no final de ano. Não que as crianças não vivenciassem os componentes da dança nem criassem suas brincadeiras, mas a exigência da execução técnica expressiva da coreografia era cobrada constantemente, e a repetição era a ferramenta utilizada para se chegar a essa exigência. Quanto mais repetiam, mais incorporavam os movimentos.

As diferenças na idade perfizeram algumas distinções, com mais visibilidade nas turmas mistas de idade. As crianças maiores se apresentavam mais responsáveis e contidas em relação às suas manifestações quanto às crianças mais novas, sendo mais quietas, tímidas, participativas e menos criativas e questionadoras.

Apesar de ter usado o olhar sobre a criança nesta investigação, muito também foi observado a respeito das práticas pedagógicas dos professores. Sinto que estas, apesar de proporcionarem amplas vivências para as crianças, ainda estão presas nos tradicionalismos em que o ensino da dança se vê ligado até os dias atuais, no qual o tecnicismo e o virtuosismo ainda imperam com maior intensidade dentro das aulas nas academias, onde o resultado final, que é a coreografia, é mais importante do que as outras características, como a criação e a livre expressão. E, por outro lado, o que muito se discute sobre o ensino da dança na escola, como a auto expressão exacerbada e a cópia de repertórios, se faz presente dentro de suas práticas com maior força.

Mesmo com o resultado encontrado nesta pesquisa, nota-se que muito ainda precisa ser investigado e estudado quando o assunto é o ensino da dança nos seus diferentes

contextos. Espero que estes apontamentos feitos sirvam de estímulo para que se pesquise mais sobre o assunto, apresentando a dança sob a ótica de todos aqueles envolvidos no processo, compreendendo-os em toda sua unidade.

Como se percebe, amplas são as relações, discussões e possibilidades do corpo criança em contato com a dança. Ricas são as manifestações sobre o fenômeno que se transforma, recria e ressignifica a todo o momento. Assim, a dissertação não deve ser concluída, mas continuada, recriada, ampliada, revista, por todos aqueles profissionais que acreditam na beleza do corpo em movimento e na importância que esse corpo possui dentro dos processos educacionais; por todos aqueles que tenham a sensibilidade de olhar com o coração para o corpo criança que dança, vivenciando sempre que possível o seu mundo e o respeitando em sua grandiosidade.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Cecília Bastos da Costa. A dança/educação na construção do sujeito reflexivo-crítico. **Revista FACED**, Salvador, n. 17, p. 85-98, jan. / jun. 2010.

AHLERT, Alвори. Corporeidade e Educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 56, v. 1, 2011.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 10ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond. **A dança e Alma**. Lusografias, retalhos da língua portuguesa. Disponível em: < <https://lusografias.wordpress.com/2012/04/29/carlos-drummond-de-andrade-em-a-danca-e-a-alma/>>. Acesso em: 20 de novembro, 2016.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod\\_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BARRETO, Aline Leite. **Uma compreensão fenomenológica-existencial dos modos de ser criança**. 2014, 93f. Mestrado (Dissertação): Programa de pós-graduação em Educação: psicologia da educação da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

BENTO, Jorge Olímpio. Corpo e Desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). **Século XXI: a era do corpo ativo**. 1 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. In: **IX congresso Brasileiro de Educação – EDUCACERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. [S.I.: s. n.], p. 4225-4236, 2009.

BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1996.

BURCKARDT, Eduarda Virgínia.; RIGO, Lara Cavalheiro.; CASTRO, Felipe Barroso de Castro. **A dança e o mundo vivido das crianças**. 11 Congresso Argentino de Educación Física y Ciencias. Ensenada, Argentina. 28 de Setembro a 10 de outubro, 2015. Disponível em: <<http://congressoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar>> Acesso em: 25 de abr. 2017.

CAMINADA, Eliana. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1999.

CAPRA, Fritjof. A concepção mecanicista da vida. In: CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2012.

COELHO, Lúcia Aparecida Martins Campos; MOURÃO, Ludmila; OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de; COELHO, Cristina Martins; ASSIS, Monique Ribeiro de; FERREIRA, Nilda Teves. A dança do Dabke da literatura ao cinema: considerações do/em movimento do livro e do filme Lavoura Arcaica de Luiz Fernando Carvalho. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 281-298, jul/set, 2012.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança**: forma, técnica e poesia do movimento. 1996, 156f. Dissertação (mestrado). Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1996.

DANTAS, Mônica Fagundes. Movimento: matéria-prima e visibilidade da dança. **Revista Movimento**, ano IV, n. 5, 1997.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

DINIZ, Thays Naig.; SANTOS, Gisele Franco de Lima. **História da dança – Sempre**. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/ThaysDiniz.pdf>> Acesso em: 19 de abril, 2017.

DIAS, Silvano Severino. Merleau-Ponty: uma concepção de infância como ser-no-mundo. In: **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - Recursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**, 2006, Uberlândia. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: Edufu, v. 1. p. 106-107, 2006.

FEITOSA, Charles. Filosofia da dança (1936). **O percebejo (online)**, v. 03, n. 02, agost/dez, 2011.

FREIRE, Ida Mara. **Dança-educação**: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. Cadernos CEDES (Impresso), Campinas SP, v. 53, p. 31-55, 2001.

GALLO, Sílvio. Corpo ativo e a filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). **Século XXI: a era do corpo ativo**. 1 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**: prefácio de Maurice Béjart: Tradução de Antônio. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

GIORGI, Amadeu. **A psicologia como ciência humana**: uma abordagem de base fenomenológica. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GODOY, Katia Maria Ayres de. A dança, a criança e a escola: como estabelecer uma conversa. In: TOMAZZONI, Airton.; WOSNIAK, Cristiane.; MARINHO, Nirvana. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville, SC: Nova Letra, 2010.

GRAÇA, Elizabeth Mendes de. Pesquisa Qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **Rev. Min. Enf.**, v. 4, n. 1/ 2, p. 28-33, jan./dez., 2000.

GRUNENNALDT, José Tárccio.; SURDI, Aguinaldo César.; PEREIRA, Danieli Alves.; KUNZ, Elenor. Expressividade, corporeidade e a fenomenologia: quando o corpo-sujeito entra em cena. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB**, v. 7, n. 2, p. 380-403, mai./ago, 2012.

GUALDA, Luciana Rosa; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. Formação para o ensino de dança: pensamento de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 207-220, jan./abr. 2008.

INFORSATO, Edson do Carmo. A educação entre o controle e a libertação do corpo. In: MOREIRA, W. W. **Século XXI: a era do corpo ativo**. 1 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Ed. Organizada por Lisa ULLMAN: (tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto: revisão técnica de Anna Maria Barros de Vecchi). São Paulo: Summus, 1978.

LAUAR, Sirley Jardim.; MATTOS, Adenilson Mariotti. A dança na escola como elemento lúdico e suas contribuições para a aprendizagem. **Cooperativa do Fitness - CDOF**, 2014. Disponível em: < <http://www.cdof.com.br/danca10.htm>>. Acesso em: 20 de novembro, 2016.

LIMA, Luis Augusto Normanha. O Método da Pesquisa Qualitativa do Fenômeno Situado. Uma criação do educador brasileiro Joel Martins, seguida pela Professora Maria Aparecida Vigiani Bicudo. As análises: Idiográfica e Nomotética. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Pensadores e Educação, 19).

MARQUES, Danile Alves Pereira. **O “se-movimentar” na dança: uma abertura para novas significações – diálogos na educação**. 2012, 156f. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

MARQUES, Danile Alves Pereira; SURDI, Aguinaldo César; GRUNENVALDT, José Tárccio; KUNZ, Elenor. Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p.243-263, jan/mar, 2013.

MARQUES, Isabel A. Revisitando a dança educativa moderna de Rudolf Laban. **Sala Preta (USP)**, v. 2, p. 276-281, 2002.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Isabel A; BAROUKH, Josca Ailine, coordenadora; ALVES, Cristina Carapeto Lavrador, organizadora. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher (Coleção Interações), 2012.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; ASSIS, Marília Del Ponte de; SURDI, Aguinaldo Cesar; LLUCH, África Calvo; KUNZ, Elenor. Dança e Técnica: uma aproximação com a fenomenologia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 4, out./dez., 2017.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos, São Paulo: Moraes/Ed. PUC-SP, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**: curso da Sorbonne 1949-1952. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 8, n. 2, p. 3-13, jul./dez. 1994.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação Física Escolar**: uma abordagem fenomenológica. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

MOREIRA, Wagner Wey; PORTO, Eline Tereza Rozante; MANESCKY, Pedro Paulo Araújo; SIMÕES, Regina. Corporeidade Aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MOREIRA, Wagner Wey; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências necessárias. **Cronos**, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 349-360, jul./dez., 2008.

MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade e formação profissional: a importância da teoria da motricidade humana para a Educação Física. In: GOLIN, Carlos Henrique. **Educação Física e Motricidade**: discutindo saberes e intervenções. Dourados, MS: Seriema Indústria Gráfica e Editora LTDA, 2008.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Educação Física, Corporeidade e Motricidade: Criação de Hábitos para a Educação e para a Pesquisa. In: De Marco, Ademir. (Org.). **Educação Física**: Cultura e Sociedade. 3ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

NANNI, Dionísia. **Ensino da dança**: enfoques neurológicos, psicológicos e pedagógicos na estruturação/ expansão da consciência corporal e da auto-estima do educando. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e Educação Física**: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 2 ed. EDUFRN: Editora da UFRN, 2004.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010a.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, gestos e expressão: notas sobre uma ontologia sensível em Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 87-100, maio/ago, 2010b.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Sentir a dança ou quando o corpo se põe a dançar**. Natal: IFRN, 2015.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades**: inspirações Merleau-Pontianas. Natal: IFRN, 2016.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança**: da infância à adolescência. Tradução: Rita de Cássia Albuquerque Cactano e Jacira dos Santos Cardoso; revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva e Odete de Godoy Pinheiro. 11ª ed. Dados Eletrônicos. Porto Alegre: AMGH, 2010. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/O\\_Mundo\\_da\\_Crian%C3%A7a\\_11\\_ed.html?id=Mg\\_oPFUELcwC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/O_Mundo_da_Crian%C3%A7a_11_ed.html?id=Mg_oPFUELcwC&redir_esc=y)>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

PICCININI, Larise; SARAIVA, Maria do Carmo. A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 551-820, jul. /set., 2012.

REIS, Laudeth Alvez. **O ser criança na educação infantil**: o desvelar do discurso docente. 2016, p. 120. Mestrado (Dissertação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. 2016.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1977.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Agir. Disponível em: <<file:///C:/Users/ferna/Downloads/O%20Pequeno%20Principe%20-%20Antoine%20de%20Saint-Exupery.pdf>>. Acesso em: 18 de janeiro, 2018.

SCIALOM, Melina. **Laban Plural**: Arte do movimento da práxis de Rudolf Laban no Brasil. São Paulo: Summus Editorial, 2017.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança Educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 53, 2001.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **A educação no município de Uberaba**. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,9173>>. Acesso em: 11 de novembro de 2017.

SILVA, Luiza Lana Gonçalves; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; SIMÕES, Regina; MOREIRA, Wagner Wey. Reflexões sobre a corporeidade no contexto da educação integral. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 185-209, 2016.

SIQUEIRA, Denise da. Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Ana Aparecida Almeida de. **A prática pedagógica do balé clássico na educação infantil**: revelando caminhos. Várzea paulista: Sp: Fontoura, 2012.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes**, ano XXI, n. 53, 2001.

SURDI, Aguinaldo César. **A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo**. 2008, 109f. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

TÉRCIO, Daniel. **Da autenticidade do corpo na dança**. 2006. Disponível em: <[http://home.fmh.utl.pt/~apveloso/fct\\_2006/corpo\\_dance.pdf](http://home.fmh.utl.pt/~apveloso/fct_2006/corpo_dance.pdf)>. Acesso em: 19 de abril, 2017.

TREBELS, Andréas H. Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. **Perspectiva**. Florianópolis, v.21, n.01, p. 249-267, jan./jun, 2003.

**APÊNDICE I**  
**DESCRIÇÕES**  
**INTITUIÇÃO DE ENSINO FORMAL**

**Tempo Integral**

**Turmas do primeiro ano do fundamental (Turmas 1 e 2)**

**Turma 1 – Primeiro Ano do Ensino Fundamental (1º ano E)**

**1º Dia de Observação**

Dia da Semana: quarta-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 6 e 7 anos.

Horário: 07:15 hs.

Turmas Mistas

A aula começa com o professor dando café da manhã a eles. Assim que termina os leva para a sala onde tem aula, os do primeiro ano ficam em outro lado da escola, em relação aos segundos e terceiros anos. Chegando à frente da sala o professor pediu para que os meninos entrassem, a professora deles estava dentro da sala, eles ficam com ela e dois meninos são levados pelo professor de dança para a secretária, por causa de uma briga, e ele aproveita também para pegar o som. Nesse momento peço permissão a professora para ficar dentro da sala observando os meninos, ela consente. As crianças se sentam nas cadeiras e ficam conversando e ela pede para que se deitem na cadeira e esperam o professor de dança. Eles se calam e ficam quietos, mas logo começam a conversar com os colegas que estão mais próximos, uns se levantam e se sentam, uma menina apresenta estar sonolenta e quase cochila em sua cadeira. Alguns conversam com os amigos, mas permanecem com o tom de voz baixo, por conta da presença da professora que parece ser rígida com eles. Ela pede para colocarem a cabeça na mesa, mais de uma vez, eles sempre obedecem, mas por pouco tempo, logo volta a conversar e se movimentar novamente. As meninas fazem grupinhos de três, quatro meninas para conversarem, os meninos estão mais contidos em seus lugares. O professor só retorna as 07:35, chega a sala e já pede para que façam uma fila, saímos e ficamos no pátio bem em frente, não é muito grande, mas cabe vários alunos. No local eles fazem umas sete colunas mistas. A outra turma do primeiro ano já os aguardava em colunas também, a professora que estavam com eles os organizou. Pergunto ao professor por que eles juntaram e ele me explica que vão ensaiar uma coreografia, me recolhi e me sento no chão para observar. O professor tem dificuldades de organizar sua turma, a sua turma é mais agitada em relação a outra. Ele prepara o som para colocar a música, enquanto faz isso os alunos não param quietos, ficam se

mexendo, conversando, tocando e brincando com os amigos do lado, uns pulam e se movimentam livremente, uns apenas observam e ficam mais quietos, uns me observam. Um menino questionou ao professor em que fila que ele tem que ficar. Ele responde que não tem problema. Ele não compreende, mas o menino volta ao lugar que estava de início. Nesse momento veio uma menina e me abraça, eu retribuo. O professor coloca a música e eles começam a dançar, seguem ele, mas vira uma bagunça, cada um faz um movimento e em momentos diferentes, retira a música e relembra com eles os movimentos que eles já executaram em outras aulas. Nessa hora é uma farra, gostam e participam com sorrisos nos lábios.

Coloca a música de novo e todos dançam, ele e a outra professora vão fazendo os movimentos na frente e os alunos o seguem, todos participam, tanto os meninos quanto as meninas. Não conversam quando dançam, apenas sorri, e observam, uma das meninas se sobressai em relação a empolgação e participação. Quando ele retira a música duas meninas alegam que os amigos não estão dançando, o professor nada diz e corrige o que está errado e passa uma parte em que apresentaram mais dificuldades. Eles o seguem, uma das meninas conversa muito nesse momento e não faz nada que ele está demonstrando, ao contrário, um menino faz tudo e sorri o tempo todo, um deles também fica acanhado e me olha de tempos em tempos. Uma das meninas intervém dizendo: “tio eu não gostei dessa palma não”, o professor brinca alegando que ela não tem que querer nada não. Coloca a música de novo e dançam juntos. Um dos meninos dança me olhando, esboça estar com vergonha, mas não para de dançar, faz tudo e aparenta estar gostando muito. Uma das meninas dança sorrindo o tempo todo e brinca com os movimentos. Na hora da palma a mesma que comentou antes fala, “isso é fácil”.

Desliga o som de novo e passa sem música mais uma vez, a outra professora faz junto o tempo todo e intervém quando é preciso. Os alunos demonstram descontração e prestam atenção, tem uma hora que o professor fica com dúvida e pergunta se lembram o que é que tem que fazer nessa parte da coreografia, uma delas afirma lembrar e fala para ele. A maioria ri do professor dançando a parte que lembraram, o movimento é diferente e engraçado para eles. Colocam a música novamente, ela é agitada e animada, um dos meninos canta dançando, uma menina dança sorrindo e faz tudo certo, mais parecido com o que o professor executa. Todos os meninos dançam, mas principalmente e os que estão atrás das colunas, esboçam preguiça, dificuldade e desinteresse. A menina que falou das palmas, fala dançando, corrigindo o professor, afirmando que ele está fazendo errado, ele nem presta atenção. Uma das meninas que se encontra na última coluna parece não gostar do que fazem, dançando com

a feição fechada, revira os olhos e faz “cara feia”. Um dos meninos, fala “tio e a Educação Física?” e ele não ouve. Após o término da música se organizam para retornar para a sala de aula, todos entram na sala e o professor fica conversando com os outros funcionários que estavam por perto. Os alunos se sentam e permanecem quietos, a maioria com a cabeça abaixada sobre a mesa. Ele se despede e vai buscar outra turma.

### **2º Dia de Observação** (sexta-feira/09:55hs)

Não teve aula o professor teve que auxiliar a coordenadora a organizar umas coisas na escola, como carregar armários, mesas, dentre outros.

### **3º Dia de Observação** (quarta-feira/ 07:15hs)

Todos estavam na quadra tomando café da manhã. O professor os levou para um canto da quadra e aguardaram um menino chegar para se juntar a eles. Este não é do tempo integral, e eles vão fazer uma apresentação juntos. A professora da série A ficou olhando eles enquanto o professor de dança foi buscar o som. Três deles se sentaram ao meu lado e ficaram conversando comigo, uma menina e dois meninos. A professora os chamou para dançar e os posicionou nos lugares da coreografia, uma menina chegou ao meu lado e disse, “tia eu não gosto de dançar essa música”. Dois meninos não quiserem dançar. Um deles disse que está com dor na perna e o outro com rosto cortado. A menina veio saber por que estão sentados, porque ela também não quer, então ela se senta e duas vieram para perto de mim, mas o professor disse que se eles não dançarem vão ficar com a coordenadora e eles se levantam e vão se posicionar. Mas os meninos não se levantam, o professor então fala de novo e o menino da perna machucada vai dançar. Uma vez organizados em colunas mistas dançam com música. Todos fazem junto com o professor, sorrisos nos rostos, uns me olhavam uma vez ou outra. O menino que não fez chegou próximo a mim e falou “eles são umas lindezas dançando não são?” e depois abordou um assunto delicado, perguntou se quem bate me mulher é covarde, e acrescentou “sabia que eu bati na minha mãe quando fui costurar o rosto?”

Terminaram a música e os dois professores os reorganiza, pois estava uma bagunça os lugares. Alguns conversam, se movimentam, sorriem. Uma menina agacha, outra se senta, uma delas fica bem quietinha, dançam mais uma vez. Tem duas meninas que se destacam na hora de dançar, se movimentam de maneira graciosa e no ritmo certo, sempre com sorriso nos lábios. Olhinhos atentos no que o professor faz. O menino que não dançou ficou o tempo todo os olhando e conversando uma vez ou outra comigo, mas nesse momento se levanta e fica os imitando e cantando a música. Começam animados, mas vão perdendo essa animação ao longo da coreografia. A música termina e eles vão beber água, voltam e os professores fazem

as filas para os levar para a sala de aula. Os três meninos que conversaram com mais frequência comigo, me abraçam e beijam se despedindo.

#### **4º Dia de Observação** (sexta-feira/ 09:55)

Hoje eles estão sem limites, não sabem ouvir, não respeitam o professor, brigam entre eles, empurram uns aos outros. O professor não consegue desenvolver nenhuma atividade na quadra, então decide os levar para a sala de vídeo para ver se ficam mais calmos. No caminho até a sala, bagunça total, o professor sozinho tem dificuldades de os controlar. Chegando na sala ele os senta em roda e conversa com eles, os adverte e explica que o que estão fazendo é errado, eles se acalmam mais, porém não param de conversar e insultar uns aos outros com palavras de agressão. Nessa turma a maioria deles é assim, retira apenas uns três que são mais calmos, não entram nas brigas e respeitam o professor. Duas meninas do nada começam a cantar a música da estátua, o restante aos poucos as acompanha e ficam parados na hora da estátua, e uma delas fala que quem conversar vai sair do jogo. Ficam por pouco segundos em silêncio, logo voltam com a bagunça. Um dos meninos que não faz bagunça, fica em posição de meditação e fecha os olhos. Três meninos imitam o colega e ficam brincando de meditar. Durante todo esse momento o professor tenta estabelecer a ordem, aproveita que estão um pouco mais calmos e se levanta para ligar o som. Porém eles desatam a brigar de novo, chutar uns ao outros, gritar, xingar. O professor então desiste e os leva de volta para a sala de aula, não haverá o restante da aula de dança.

#### **5º Dia de Observação** (quarta-feira/07:15hs)

Não teve aula por conta da chuva.

### **Turma 2 – Primeiro Ano do Ensino Fundamental (1º ano F)**

#### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 6 e 7 anos.

Horário: 09:50 hs.

Turmas Mistas

Não tiveram essa aula, pois o professor teve que fazer outro serviço na escola a pedido da supervisora.

#### **2º Dia de Observação** (sexta-feira/07:25)

Estava chovendo nesse dia, então viemos para uma sala onde acontece as aulas de música e teatro, a sala é de tamanho médio, cabe todos os alunos com folga, tem uma mesa e algumas cadeiras de plástico empilhadas. Vamos em fila até a sala e durante a fila os alunos

vão conversando, empurrando uns aos outros, brincam, mas o professor os adverte, ele tem o pulso firme. Ao chegarmos na sala ele pergunta quem estava brincando e os alunos apontam o dedo para quem estava, ele sai da sala levando os dois meninos e me avisa que irá buscar o som. Fico com os alunos, alguns vem até a mim conversar e preciso ser firme uma hora para não se desorganizarem, mas os deixo livre para conversarem já que não posso interferir na aula. Agora ficam sentados esperando, conversam e brincam, mas não fazem bagunça. O professor demora me torno de uns 10 minutos para retornar. Ao chegar na sala se dirige para a tomada para ligar o som, enquanto isso a maioria conversa, mas uma menina cochila sentada na roda, dorme durante um tempinho e ninguém percebe como ela está, até que ele vê e a acorda. Os chama para levantar e vai cantando uma música da roda e eles o acompanha, porém, a bagunça se instala, conversam bastante e o professor precisa os acalmar, com o tempo se concentram e fazem o que ele pede.

Fazem uma corrente, dão as mãos cruzadas uns para os outros, alguns demoram para entender como é para fazer, quando conseguem realizar, se desenrolam e soltam as mãos. Dão início a aula com uma brincadeira, em que o professor tem que falar três palavras e para cada palavra um movimento. Eles treinam e ele vai falando o que tem que fazer. Os alunos o seguem e vão realizando os movimentos, parece que eles já conhecem essa brincadeira, uma das meninas fala, “tio não sei agachar”, o tio só sorri e ela agacha. Eles gostam da brincadeira. Na hora da palavra pipoca eles têm que pular, só euforia, na hora da panela de pressão fazem sons. O professor explica que quem errar vai ter que pagar um mico. E então começam a brincar. Uma menina não quer participar e fica sentada, um menino e uma menina erram e ele pergunta que mico vão ter que pagar, todos falam ao mesmo tempo. Cada aluno fala um mico, imitar animais e dançar forró, uma fala para imitar uma galinha e o professor deixa, eles pagam o mico e todos cantam a música da galinha, incentivando e sorrindo para quem está pagando o mico. Continuam a dinâmica da brincadeira, mais uma vez um erra e pedem para dançar forró, só que o professor está sem música de forró, ele fala que vai tentar colocar a música, enquanto isso vira uma bagunça, uns se sentam, brincam, conversam, se movimentam no lugar, tocam no amigo. Um dos meninos pede rock, este o professor tem, e então ele coloca a música, nesse momento é uma farra, eles pulam, dançam livre, se movimentam cada um do seu jeito e com seu ritmo, gostam do que fazem.

Retira a música e pede para que fiquem de frente para ele e coloca uma música do balão mágico e começa a dançar uma coreografia e os alunos o seguem, já dançaram, portanto muitos já conhecem os passos. Todos participam dançando e cantam o refrão da canção. Todos os meninos dançam, três das meninas param de dançar e se sentam, o professor as

adverte e pede para se levantarem. Só uma faz isso. Dançam até o final da canção e cantam também, sorriso no rosto, concentração por parte da maioria, são bem expressivos. Termina a coreografia e pedem para se sentar, o professor pergunta se eles conhecem e ficam no WhatsApp, todos levantam a mão e dizem que sim, acham engraçado. Ele coloca uma música sobre o WhatsApp, eles conhecem e cantam, é agitada e com uma batida parecida com a do funk. Dançam seguindo o professor, todos participam, só uma menina que fica deitada e não se levanta, duas meninas que estão dançando fazem cara feia e dançam de qualquer jeito, parecem não querer fazer, duas meninas comentam sobre a letra da música, fazem graça. Ela termina e é euforia total, comemoram e pulam, ele os chama para fazerem a fila e retornam para a sala.

### **3º Dia de Observação** (segunda-feira/09:50)

O professor os buscou na sala e os trouxe para a quadra e pediu para que fizessem a roda e se sentassem. Não diferindo das outras turmas, conversam muito enquanto o professor organiza as coisas para a começar a aula, ele não pega o som, e sim uma vassoura para limpar o local onde os alunos vão se sentar. As meninas vêm até mim, me abraçam, lembram de mim da aula passada, perguntam meu nome, perguntam por que escrevo tanto, o que tem no caderno. Uma fala que não quer brincar e vai relutante para a roda que ele fez. Ele teve que chamar muito a atenção deles para que pudessem fazer a roda. No momento, em que ele consegue ordem, outra turma do primeiro ano chega e se junta a eles na roda, porque não tem professora para eles no momento. Ele então perde mais uns cinco minutos para conseguir organizar todos em roda novamente. São quase 40 alunos e um professor. Estão bem eufóricos, conversam muito e não ouvem, não obedecem, brincam de empurrar, brigam também. Mesmo sentados não ficam quietos, com exceção de quatro alunos, um menino e três meninas, que ficam mais quietos, o obedece. Uns se levantam e se sentam na arquibancada sem o consentimento do professor.

O professor pega as cordas as organiza no chão para poder iniciar os princípios da dança do bambu e tenta explicar o que vão fazer. Eles são bem custosos, brigam muito uns com os outros, empurram mesmo sentados, o professor precisa os advertir a todo o momento. Ele decide usar só duas cordas ao invés de quatro. Uma das meninas se levanta da roda e vem se sentar do meu lado e começa a conversar, perguntar o que escrevo, fica olhando meu caderno, conta histórias da família, tento não dar muita atenção e continuo anotando, mas ela não para, então digo que agora não posso conversar com ela, ele fica só mais um pouco e retorna para a brincadeira. Ele então inicia a brincadeira escolhe quatro meninos para segurar a corda, um em cada ponta, e faz uma fila grande com todos. Pede para abrirem e fecharem as

cordas e os meninos vão passando por baixo da corda, só que não prestam a atenção e fazem tudo de qualquer jeito, uns correndo, empurrando, brincando, apresentam muita dificuldade de concentração e não conseguem realizar a brincadeira. O professor desiste de aplicar o que estava fazendo e os chama para fazer a fila, pois vão voltar para a sala. Ele organiza a fila de uma turma e enquanto faz isso a outra turma faz muita bagunça, estão muito agitados hoje, tanto os meninos quanto as meninas estão assim. Fazem a fila das duas turmas e retornam para a sala da mesma maneira, o professor tenta colocar ordem, mas está difícil não o ouvem, uma vez na sala se sentam e ele então os adverte, fica bravo e explica porque perderam a aula, agora conseguem ficar mais tranquilos e prestam a atenção, mas mesmo assim ainda tem alguns que conversam. Ficamos uns 10 minutos na sala de aula até que as duas professoras chegam, a aula então termina.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/ 09:50)

Não tiveram aula na escola nesse dia.

#### **5º Dia de Observação** (sexta-feira/07:30).

O professor os pega na sala de aula e os leva para a quadra, chegando lá se sentam em roda. Ele os deixa comigo e vai buscar o som, em roda eles conversam, tocam os amigos, brigam, brincam, mas tento manter uma ordem, sem muito interferir no fenômeno. Chegando o professor pede para que se levantem e inicia seu aquecimento, todos participam e gostam, se divertem com um movimento que tem que se sacudir, uma das meninas diz que não está fazendo certo porque está com sono. Nessa parte ele os ensina o que é direita e esquerda, e pede para que dê a mão para o amigo que está ao lado, fazem bagunça e automaticamente escolhem os que tem mais afinidade. Na parte de dançar tem uma que requebra. O professor passa uma música e canta ao mesmo tempo, e os alunos o seguem cantando também. Uma das meninas exclama, “é difícil, isso sim”, ou fala que não entendeu.

Quando ouvem a música parecem gostar, começam a sorrir, se divertem, cantam e dançam juntos, se movimentam conforme o professor vai demonstrando, só um dos meninos que não faz. O professor dança em roda e faz a roda girar, e eles vão dançando e girando a roda como se fosse em um “trenzinho”, um atrás do outro. É só farra nesse momento, acham legal e se divertem fazendo. No final da música euforia total, conversam, pulam. O professor fala “vamos mais uma vez?” eles assentem que sim e dançam mais uma vez. Tem um dos meninos que fica sem par e então procura um amigo, o outro que também está sem par o convida para fazer junto com ele. Na hora da roda nessa segunda vez, vira bagunça, eles correm e puxam os amigos, alguns caem no chão, mas o professor não se importa e prossegue. No final da música novamente euforia. Desatam nesse momento a conversar, se dispersam,

alguns fazem grupinhos de conversa, correm, alguns chegam até mim para perguntar. O professor tenta passar outra atividade, mas como eles se dispersam muito, decide ir leva-los para beber água. Três deles não vão e ficam comigo conversando, um deles se machucou ralou o joelho, ele tenta se limpar com a blusa, mas dói muito e ele começa a chorar, o professor pede para que ele vá até a secretaria e uma amiga vai junto. O restante volta para a sala de aula.

### **Turmas do segundo ano do fundamental (Turmas 3 e 4)**

#### **Turma 3 – Segundo Ano do Ensino Fundamental (2º ano C)**

##### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 7 e 8 anos.

Horário: 08:00 hs.

Turmas Mistas

Eles já estão na quadra aguardando o professor, quando ele chega os meninos se sentam na arquibancada, duas meninas vêm conversar comigo, perguntam quem eu sou, o que estou fazendo aqui, dois meninos se aproximam, eu explico o que me pedem. Então o professor os chama fala bom dia e me apresenta e eles, brinca a respeito do comportamento deles, e eles retribuem sorrindo achando engraçado. Pede para que fiquem quietos enquanto ele vai buscar os materiais para a aula e me explica que hoje vai trabalhar coordenação. Quando foi buscar as bolas, os alunos não fizeram bagunça, apenas ficaram conversando uns com os outros, brincavam também, uns três vieram conversar comigo, um joga bola, duas vem me contar que já dançou em outro lugar. Após o seu retorno pede para fazerem duas colunas, uma de meninas e outra de meninos, eles se levantam e vão correndo, o professor dirige um comentário a mim e pergunta se desenvolvi a minha pesquisa em escola particular também, eu expliquei que não.

Então ele se volta aos alunos que estão conversando e os adverte e coloca duas meninas sentadas, pois estavam brigando. Ele mescla as colunas, coloca um menino e uma menina e pede para os primeiros pegarem as bolas, eles pegam e já começam a bater a bola no chão, o professor pede para não fazerem isso. Enquanto esperam na coluna, se movimentam livre, balançam o corpo, pulam, olham o professor, este chama as que estavam sentadas de castigo e fala para pedirem desculpas uma para a outra, elas pedem, mas com certa resistência e retornam para atividade. Explica a atividade para todos, eles vão ter que ter que ir caminhando e jogando a bola para cima ao mesmo tempo, e depois voltam de costas fazendo

o mesmo. Os alunos começam a realizar, de imediato já estabelecem uma competição entre as colunas, os de trás fica gritando para o que estão realizando para irem rápido, para correrem para ganhar. O professor fala duas vezes que não é competição, mas, mesmo assim alguns ainda incentivam os amigos a irem rápido.

Eles gostam e se divertem, uns ficam brincando com o a bola enquanto esperam a sua vez, duas meninas ficam mais quietas, contidas, uma se senta porque não consegue fazer, o professor a chama e diz que vai ajudá-la, mas ela não volta. Os meninos são mais eufóricos do que as meninas, não param quietos, brincam, conversam, se tocam, empurram. O professor conversa comigo por dois minutos e acontece uma discussão, ele resolve o problema e aumenta o grau de dificuldade, pede para fazerem o mesmo só que batendo uma palam quando jogam a bola para cima e depois duas palmas. Eles se sentem desafiados e realizam o exercício, uns apresentam mais dificuldades do que outros, mas todos realizam e o professor vai auxiliando quem precisa. Eles não ficam quietos, batem as boas no chão, pulam, tentam fazer o que o professor pede, empurram uns aos outros, por causa disso o professor precisa chamar a atenção várias vezes pedindo para que fiquem quietos se não vão ter que se sentar, eles obedecem por um tempo. No mesmo ambiente está tendo aula de Educação Física na quadra debaixo e a cantina está sendo limpa por um jato de água que faz um barulho que incomoda.

Ele para e explica que agora vai aumentar a frequência das palmas, gostam do desafio e tentam fazer, mas apresentam muito mais dificuldade. Uma menina então vai até o professor e lhe entrega um bilhete e ele a agradece e sorri. Enquanto uns realizam o exercício os que esperam na coluna não ficam parados, se movimentam o tempo todo sem sair do lugar, batem palmas, gesticulam, conversam com os colegas, chutam e fazem embaixadinhas com a bola. O ambiente é de descontração e euforia para a maioria, duas meninas ficam mais contidas e não esboçam euforia, mas participam. O professor nem se importa com essa movimentação, os controla na medida do possível impedindo que não se machuquem, observa quem está realizando o exercício. Logo o tempo se esgota e os organiza para irem embora, fazem a fila e uma mulher chega para fazer a chamada. Enquanto ela faz eles não param de conversar, se gesticulam muito. Fazem grupinhos, um deles vem até mim e me perguntam se eles bagunçaram muito, eu disse que só um pouco e que precisam se concentrar mais, e ele disse que isso é normal, volta para a fila. A mulher vai embora e eles retornam para a sala de aula.

## **2º Dia de Observação (sexta-feira/08:00)**

Ele pegou os alunos e dessa vez ficou procurando um lugar para dar a sua aula, a quadra está ocupada. Fomos para a sala de música ver se tem alguém usando ela, o professor

de música vai usar, mas eles vão revezar, enquanto o de música pega seus alunos o de dança vai usando, entram na sala as 08:10 já, e vão fazendo a roda. Uma menina vai para o meio da roda e fica dançando, fazendo graça para os colegas, os meninos ficam rindo dela, brincando, o professor pede para que ela se sente. Ele põe a música, essa é lenta, começam a se aquecer e o silêncio se instala, eles fazem dupla para massagearem uns aos outros. Então eles desatam a conversar uns com os outros, gostam, ficam sorrindo um para o outro, uns demonstram estar mais acanhados, principalmente os meninos, outros são bruscos e fazem piada. Voltam a se aquecer de maneira individual, mas ainda com massagens, agora neles mesmo, todos fazem, o professor pede para se virarem para frente dele e desfazem a roda, continuam dançando seguindo ele, a maioria das meninas sorriem o tempo todo. A música termina e ele pede para se sentarem, então o professor de música chega com seus alunos e fala que e eles vão assistir os outros dançar, eles então se sentam no fundo da sala e assistem.

O professor de dança continua sua aula, os alunos não ficam acanhados com a participação dos outros, se levantam e aprendem uma coreografia nova, primeiro sem música. Todos copiam os movimentos do professor, ele fala vamos fazer com música agora? Alguns falam: “Ah não!!”, outros comemoram, colocam a música e dançam. Todos participam e gostam, vão seguindo ele com sorriso no rosto, alguns cantam na hora do refrão. Duas meninas conversam na hora da dança, uma fica com vergonha e não dança muito, o professor não fala nada nesse momento só dança. Ao final da coreografia, uma comenta: “tio, eu tenho WhatsApp”, o tio não responde e pergunta querem passar de novo? Eles falam que sim e comemoram, euforia, saltam conversam. O professor coloca a música de novo, é um rap sobre o WhatsApp. Começam dançando sozinhos agora e depois ele tem que intervir e fazer junto. Todos dançam, ninguém dica com vergonha, ao final se sentam e conversam um pouco e o professor os adverte.

Ele conversa com eles, mas não consigo compreender o que, por causa da conversa dos outros alunos de música, fazem muito barulho conversando. Pede para que se levantem e começa a passar os movimentos sem música, faz marcação de ritmo com eles batendo as palmas, pede para se afastarem com a distância de um braço, uns se tocam, se empurram, mas se organizam. Coloca uma música pop e eles gostam. Dançam seguindo o professor seguindo, tem uma menina que parece curtir muito o que dançam, pois sorri com empolgação o tempo todo. Uns apresentam mais dificuldade do que outros, uma menina tem mais, porém não para de dançar. Um menino é bem concentrado e faz tudo, ao final da música três terminam fazendo pose, euforia!! Se sentam e aguardam o próximo comando. Pede para se deitarem e coloca uma música lenta e pede silencio e aplica um relaxamento. Vai pedindo para irem

fazendo movimentos, levantar o braço, a perna, uns não conseguem fazer silêncio, comentam alguma coisa com seus amigos. Eles se sentam e se levantam e vão seguindo ele, tem uma menina que canta uma parte da música, outra menina também. Se aquietam agora e fazem o que se pede. Alguns mudam suas feições, no lugar da agitação transparece a calma, a tranquilidade no olhar, até o momento que o professor pede para ficarem no equilíbrio em posição, por ser mais difícil, eles começam a rir, brincar, conversar. A música termina e pede para fazerem as filas, vão brincando e conversando, o professor chama atenção e eles voltam para sala de aula.

### **3º Dia de Observação** (segunda-feira/08:05)

Pegamos nos meninos na sala de aula e levamos para a quadra. Na quadra o professor decide aplicar exercícios de ginástica e então pega o trampolim e os colchonetes. Nesse momento todas as meninas se sentam ao meu redor e começam a conversar comigo, perguntam várias coisas sobre mim, até meu signo, além estarem bem curiosas para saber o que estou escrevendo naquele papel, sobre o que quer dizer a carta de autorização, fala que a mãe não entendeu. Uma delas vem e se senta atrás de mim para fazer massagem, arrumar o meu cabelo, são carinhosas. Enquanto isso o restante conversa e brinca com os colegas. O professor organiza as coisas e os chama, pede fazerem uma coluna mista, juntando meninos e meninas, mostra o movimento que irão executar, salto no trampolim, parada de cabeça e rolamento.

Começa fazendo aluno por aluno auxiliando os a ficar na parada, no mesmo momento os que não fazem brincam em seus lugares, duas meninas conversam o tempo todo, ficam rindo e comentando sobre os amigos fazendo, dois meninos se levantam as vezes, uma treina estrelinha, o outro se afasta das colunas e fica se movimentando livre, correndo, rolando no chão, outra menina faz o mesmo e fica rebolando. Uma menina chega a mim e fala que foi ela que pediu o professor para dar ginástica na aula de hoje. Todos participam, alguns com mais dificuldades e medos do que os outros, uma menina não consegue fazer o rolamento. O professor explica o próximo movimento, um salto grupado com o trampolim. Alguns tiram o tênis para fazer, outros não.

Eles vão um por um e continuam na mesma dinâmica, enquanto esperam conversam, tocam no amigo, uns meninos se afastam e se sentam, fica quieto observando, outras duas correm. Quem já fez fica olhando e rindo dos amigos, gritam, tem uma menina que é muito custosa, dá gargalhada dos colegas. O professor continua olhando e protegendo os de possíveis quedas do trampolim. Tem uma menina que cai de mal jeito, mas não se machuca, então o professor fala para ela ir beber água e ela vai. Eles apresentam dificuldades em fazer a

parte grupada do salto, não conseguem subir os joelhos e flexionar o quadril. Geralmente os meninos fazem mais bagunça do que as meninas, executam de qualquer jeito só para que os colegas riem deles, mas há exceções, um deles executa correto e o professor o elogia e ele gosta.

Todos fazem, então ele tem que parar a aula para chamar a atenção dos alunos que estão desorganizando e fazendo bagunça, geralmente as meninas ouvem mais e são mais cuidadosas, mas a que eu falei que é custosa não o ouve e continua, fala para a menina que vai executar para fazer de qualquer jeito, a colega então faz e ela ria na gargalhada bem alta. O professor ouviu e disse a ela que está de castigo e que não vai poder ir da próxima vez. Uma menina então se levanta da coluna e faz uma abertura.

O professor para corrigir os movimentos e explica o que eles estão fazendo de errado, mas não consigo compreender muito bem devido ao barulho na quadra. Demonstra o próximo exercício, vão fazer novamente um salto, mas agora tem que ser “carpado”. Continuam na mesma dinâmica de ir um por um, todos fazem, mas do jeito deles, são poucos os que chegam perto da maneira correta de realizar o movimento. Os que fizeram graça da outra vez continuam da mesma maneira desta vez, o professor não diz nada e não interfere, mas também não elogia. Os que esperam sua vez ou já foram, ficam assistindo e dando risadas dos colegas, se mexendo, tocando uns aos outros com brincadeiras, conversando. Um dos meninos quando vai realizar o salto se afasta muito do trampolim o professor o adverte. A maioria que se afasta mais é para fazer bagunça, pois pegam mais espaço, mas quando chegam no trampolim não saltam direito, ou não pegam altura ou fazem desengonçado para chamar a atenção. Em um momento um menino e uma menina se levantam e ficam brigando, o professor então interfere e fica bravo com isso, além de também advertir sobre a bagunça e correria.

Os alunos da turma são custosos e agitados, são poucos os que prestam atenção e se comportam, só três das meninas e dois dos meninos são mais calmos e se esforçam para fazer certo. Ao terminarem esse salto o professor pede para calçarem os tênis quem os tirou e guarda o trampolim, eles calçam e já vão se organizando para as filas. As meninas que conversaram comigo no início da aula se sentam perto de mim e perguntam como que elas foram, se fizeram bem, se eu escrevi muito, o que eu escrevi sobre elas, falam da minha letra, que escrevi muito, eu as escuto, mas não paro de anotar. O professor guarda as coisas e pede para que todas façam as filas, pois vão beber água antes de ir para a sala, eles vão, mas três meninos permanecem na quadra, conversando, um calçando o tênis. Logo bebem água e retornam para a sala, chegando lá a professora não está, então temos que esperar uns cinco

minutos até que ela chegue, enquanto isso o professor pede para brincarem do jogo de silêncio que de silêncio não tem nada. A professora chega e vamos embora.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/08:00)

Não tiveram aula na escola neste dia.

#### **5º Dia de Observação** (sexta-feira/07:55)

Faltou muito alunos nesse dia. O professor os chama e organiza para o início da aula, pede para que façam duplas, e os alunos perguntam se são duplas de meninos e de meninas, e ele afirma que podem se juntar. Uma menina pede para que ela possa ficar com uma menina. Ele começa fazendo a brincadeira do leão, com música chama leãozinho. Ele vai falando o que devem fazer, e estes vão o imitando com os movimentos do animal, como coçar, andar, abaixar, dentre outros. Todos participam e representam com gestos corporais únicos o que ele diz. Cada um da dupla é o leão e o outro é o cuidador do animal, a cada tempo os papéis se invertem.

A professora de Educação Física vem conversar com o professor e durante isso, os alunos se dispersam um pouco, conversam, brincam entre si, cinco meninos brincam de lutinha, alguns vão ao som e cumprimentam a professora. Esta vai embora e ele os chama de novo para a brincadeira, todos prontamente vão para as duplas e começam a brincadeira, na mesma dinâmica de antes. O professor trabalha muito a expressão das emoções com eles, faz o leão triste, o leão feliz. As duplas são diversas e umas se mostram mais carinhosas e cuidadosas do que as outras. A maioria faz tudo certinho junto com a música, com exceção de duas duplas de meninos que bagunçam o tempo todo, fazem graça. Uma das meninas se destaca por possuir um jeito diferente de dançar, faz no ritmo, com alegria, canta e sorri. Ao terminarem a música estão calmos, acredito que porque a música é bem tranquila. No final da brincadeira o professor diz, “vamos mais outra dança”. Eles nada dizem. Não consigo compreender com clareza as falas, pois está tendo aula nas duas partes da quadra. Vejo que ele vai passando os movimentos sem música, e os alunos o seguem. Um menino de início não faz, mas logo se anima e retorna. Três meninas que antes não estavam na aula chegam e se misturam logo na dança, o professor nada fala só as observa.

Ele faz uma roda e explica como vão fazer, todos concentrados prestam atenção. Passa a parte cantando a música e a maioria o imita, cantam também, a menina que falei que é expressiva e ritmada continua se destacando. O professor aproveita a participação efetiva de todos e ensina noções de tempo para eles, faz o movimento lento, normal e rápido. Quando fazem uma parte de agachar a maioria brinca que caiu, e se jogam no chão rindo e se divertindo. Ele coloca a música para dançarem, enquanto ele está no som, duas meninas

rebolam e dançam livremente, o professor dança e elas o seguem, mas dois deles erram, e ele para a música, pois terão que pagar mico, os coloca no meio da roda e pede para imitar uma galinha, eles imitam com vergonha, mas gostam, o restante da turma fica rindo, falando alto, “coretando” eles. Se divertem com tudo. Coloca a música novamente e dançam, quando uns amigos abaixam e outros ficam em pé, eles os denunciam para ver eles pagarem mico, mas o professor não se importa e continua. Diz que era um treino e que como fizeram bonito vai fazer a brincadeira para valer agora, euforia total. Se dispersam um pouco por causa disso, mas logo os chama para ficar de frente a ele, coloca uma música animada e começa a dançar e eles vão o seguindo, todos participam e gostam da música, se contagiam por ela, tem uma batida de funk, sorriem e contam. No final da música, brinca para eles respirarem e pergunta se cansaram, e eles gritam que não e pulam eufóricos, e o professor fala que ele cansou.

Ele coloca outra música e dançam, os alunos que estavam na Educação Física se juntam a eles e começam a dançar junto, o professor não diz nada. Ninguém fica de fora, é só alegria nesse momento, a maioria canta a música na hora do refrão (Eh!!). Uma das meninas da Educação Física aparenta ter vergonha e fica de fora, mas timidamente dança em seu lugar, faz alguns movimentos e dá para perceber que ela está curtindo, só está com vergonha. No final da dança todos comemoram, e ele diz que agora é só eles que vão dançar, enquanto dançam ele conversa com a professora de Educação Física que estava do seu lado todo o momento. Todos dançam e sabem a coreografia de cor, porém tem um grupinho de meninos que se dispersam e ficam brincando. Uns sabem mais do que outros, e os que esquecem seguem os outros, se ajudam. Um menino fica parado e olhando o que os outros das outras aulas que tem na quadra fazem. A música termina e ele os pega para beber água e a outra professora chama seus alunos.

#### **Turma 4 – Segundo Ano do Ensino Fundamental (2º ano D)**

##### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 7 e 8 anos.

Horário: 08:55 hs.

Turmas Mistas

A aula acontece na quadra, essa turma é mais tranquila que a turma anterior, o professor pede para se sentarem, alguns se sentam próximos a mim na arquibancada e me questionam como eu me chamo, o que faço, o que estou fazendo ali, me contam histórias do que elas já viveram, coisas das famílias delas. Como a quadra está silenciosa ele coloca a

música dessa vez, mas ao logo chega a quadra uma turma para lanchar e a outra para a Educação Física. Explica para eles que vão a atividade da bola que deu para uma outra turma, só que agora com duplas, pede para eles irem fazendo as duplas e cai entregando uma bola para cada. Eles gostam da ideia e ficam conversando com sua dupla, uns brincam com a bola, mas não fazem bagunça, são mais contidos. O professor chega até eles e diz que não podem atrapalhar a aula do professor de Educação Física, uma das meninas pede para fazerem silêncio, conversam mais um pouco, mas como ele fica esperando, logo param.

O professor passa o exercício, tem que colocar a bola na cabeça e equilibrar a bola um no outro dançando ao mesmo tempo e, também caminhando. Assim que ele passa, três turmas de meninos saem caminhando e realizando a atividade, mas só que fazendo graça, bagunçando, o professor então chama atenção deles e espera para se organizarem. Uma dupla de um menino e menina fica batendo a bola no chão, uma outra dupla faz o mesmo depois. O professor fala que agora não vão mais andar e sim só dançar e solta a música, e ele então vai dando os comandos, pede para descerem a bola da cabeça para a barriga, depois para o bumbum, todos participam e gostam. A maioria dança e se movimenta conforme o ritmo da música, só uma dupla que não faz e fica brincando com a bola. Após um tempo ele tira a música e explica que era um teste, que agora vão decidir aonde vão colocar a bola, e se deixar a bola cair vão pagar um mico. Uma dupla de meninos decide não mais participar e se sentam. As outras duplas se prontificam a participar e se posicionam, uma fala para a outra, vamos e não vamos pagar mico. Ele solta a música e começa a brincadeira, a maioria coloca a bola na barriga. As meninas se movimentam mais do que os meninos, eles se movimentam conforme o ritmo da música. Tem uma delas dança mais, ela se diverte, requebra e sorri, as músicas são animadas e possuem batida forte, dançante e rápida.

O professor chega até mim e pede para que eu dê uma olhada nos alunos por uns segundos para que ele resolva alguns problemas, eu então os observo e os incentivo a continuarem a brincadeira para não se dispersarem, muitos quase não se movimentam porque tem medo da bola cair e ter que pagar mico, perder a brincadeira. Eles parecem gostar, sorriem, mesmo concentrados brincam uns com os outros, sendo que umas duplas são mais cuidadosas e competitivas do que as outras. Uma dupla quase coloca a mão na bola, a outra quase deixa a bola cair, mas a segura com as pernas e eu as encorajo a continuar tentando não deixar cair. O professor volta e a brincadeira continua, alguns me olham e começam a sorrir para mim, outra dupla deixa cair e faz expressão de pena para mim, quatro meninos se dispersam e começam a afastar, ele os chama de volta. Pede para mudar a brincadeira e faz uma roda com eles no chão e os senta, todos prestam atenção para saber o que vão fazer, mas

alguns fazem bagunça, a coordenador chega e troca umas palavras com ele, mas logo vai embora. O barulho na quadra aumenta e fica difícil conseguir a concentração das crianças. O professor puxa a atenção para ele e explica a próxima atividade, tem que jogar a bola para o amigo e bater palmas no ritmo da música, as duplas continuam, chama uma menina no centro para demonstrar com ele, a que ele chama é a que mencionei que gosta e leva jeito para a dança.

Ele pede para se levantarem e mostram o ritmo da música batendo palmas, essa hora é uma farra só, uns fazem certinho, duas duplas de meninos jogam a bola muito alto e começam a correr atrás porque sempre cai no chão, uns fazem certinhos, mas muito poucos que conseguem bater a palma no ritmo correto, ao longo da brincadeira ele vai mudando as dificuldades, como saltar e bater palma, jogar a bola para cima e agachar e levantar a tempo de pegar a bola, ficar com uma perna só. Ele não para a música enquanto vai ditando o que tem que fazer, os alunos prestam atenção essa hora e executam bem, gostam do que estão fazendo, expressam, concentração, sorriso, alegria, preocupação em fazer certo. Ele para a música e diz que agora vão dançar e só jogar a bola, uma dupla de meninos começa a treinar e fazem alguns passos de dança com pés e jogam a bola para cima. Se movimentam de forma interessante. Eles brincam mais uns dois minutos sós e o tempo da aula termina, tira a música e fazem a fila para voltarem a sala.

## **2º Dia de Observação** (quarta-feira/09:50)

O professor os pegou na sala de aula as 09:50 e os levou para a quadra, chegando lá pediu para se sentarem em roda, uma menina ficou de fora da roda e se sentou na arquibancada. Enquanto vínhamos para a quadra, fiquei conversando com eles, e eles muito curiosos me perguntarem muitas coisas sobre mim e minha pesquisa. Após se organizarem ele dá uma brincadeira das palmas, sentados terão que ser um número, escolhido no sentido horário, tem que bater palma e falar o próximo número e quem errar vai ter que pagar um mico. Uma das meninas, a menor vai ao centro da roda e fica rebolando e brincando. Ele explica que era um teste, porque um errou e todos queriam que ele fosse pagar o mico. Fala também que quando bater duas palmas tem que voltar o número, a roda então gira no sentido anti-horário, afirma que agora vão para valer, e uma menina diz eufórica que sim.

Dão início, logo uma erra e vai ao centro, imita um sapo e rebola, todos riem dela, a cada erro é uma euforia. Um dos meninos me olha de vez em quando. Uma das meninas não aguenta e fica de pé na hora do mico. Toda vez que tem um mico imitam um animal e cantam uma música relacionada a eles. Ficam sentados, mas a maioria não fica quieto, se movimentam, trocam de pernas, cruzam, esticam, ajoelham e se sentam, tocam nos amigos.

Um erra e o professor diz que vai ter que dançar forró, a maioria da sala o “coreta”, fazem graça, dois meninos se levantam e ficam imitando uma pessoa dançando forró sozinho. Enquanto o professor põe a música no som, muitos se levantam e ficam fazendo graça com o mico escolhido. Ele pede para se sentarem e o meninos dança o forró, euforia total de todos, batem palmas e gritam sorrindo, três meninos se levantam e dançam com ele, a menina que rebolou no começo também dança. Adoram essa parte. A música termina e continuam a brincadeira. Um erra e ele pede para escolherem outro mico, vira farra todos falam ao mesmo tempo, cada um dá um palpite, a pequena que mencionei fala para dançar, e ela fala para o professor, “eu gosto de dançar tio” ele não escuta direito. Se acalmam e voltam para a brincadeira. Brincam mais uns cinco minutos, então o professor fala agora vamos todos dançar, eles se levantam e ficam comemorando, pulam, conversam, sorriem, imitam passos de dança, dançam livremente, uma delas fala, vamos fazer duplas, e alguns fazem dando as mãos.

O professor fala quem vão dançar o Michael Jackson e brinca falando que eu já dancei e que vou dançar para eles, dois perguntam se eu vou e eu digo que depois e continuo observando. Ele os organiza separando-os em duas filas mistas e dão espaço com os braços. Coloca a música *triller* e dança com eles, todos o seguem e gostam muito, a música é conhecida e pop, tem uma batida animada. Dançam sorrindo e acham graça em alguns passos caraterísticos do Michael Jackson. A pequena fala, a não tio! e para de dançar e se senta. Na hora da caidinha da coreografia gostam muito, fazem farra. Todos os meninos prestam a atenção e dançam tudo, não ficam com vergonha ou preguiça. Um dos alunos para de copiar o professor uma hora e faz uns passos livres, voltando a seguir ele quando quer, o professor não importa. No final comemoram, pulam e correm até o som e ele então coloca outra música e dançam de novo, uma outra coreografia, essa agora eles sabem, mas, mesmo assim ele vai fazendo junto. Gostam muito também, estão bem animados e fazem certinho cada um à sua maneira. A pequena extrovertida é engraçadinha dança bonitinho. Ele de novo se senta, dessa vez perto de mim, mas logo volta para dançar mais. Não conversam enquanto dançam, seguem o professor o tempo todo, quase no final uma menina para no meio da coreografia e fica estática brincando com a mão, o professor não fala nada. Após o término da música um menino ainda continua dançando livremente.

Ele fala que a aula terminou e pede para fazerem a fila, alguns vão logo para a fila, outros três meninos ficam correndo e brincando de briguinta, o professor os adverte e chama para se posicionarem. Voltam para a sala.

**3º Dia de Observação** (segunda-feira/08:50)

Pega eles na sala e os leva para a quadra. Ele me explica que vão fazer uma apresentação de final de ano e que vão desenvolver a dança do bambu, e que hoje vai começar a trabalhar com eles, só que com cordas. Ao chegar na quadra pede para que se sentem em roda e busca as cordas, as organizar formam um “jogo da velha” no chão. Enquanto ele arruma os alunos conversam, comentam sobre o que ele faz, o porquê. Ele os adverte para parar de conversar, senão não vão dançar. Vê que precisa de outra corda e vai buscar, uma menina nesse momento fica cantando uma música sobre a corda que ela inventou. Tem uma menina, a menor delas, que conversa muito, mas não é custosa é bem expressiva e participativa.

O professor retorna, posiciona quatro alunos na base sentados no chão, estes vão manusear as cordas, são três meninas e um menino. Ele explica o que vão fazer com as cordas, abrir e fechá-las, e treina com eles. Os que ficam sentados os observa, uma das meninas é bem quietinha quase não ouço sua voz, três delas se deitam, mas logo o professor pede para que sentem, um dos meninos fica imitando o que ele fala o tempo todo. Todos que vão fazer a dança prestam atenção no que ele fala, então coloca mais quatro alunos em pé, estes vão realizar a dança, três meninas e um menino. Eles vão ter que ir saltando, quando a corda se abre, saltam para dentro do quadrado formado, quando se fecha, saltam para fora. Treinam uma vez e fazem correto. Todos gostam, os que estão fazendo e os que estão sentados. Se divertem e se sentem desafiados a conseguir não tocar na corda, enquanto tem uma pausa, um dos meninos se levanta e fica dançando no lugar.

O professor explica que agora vão fazer para valer e que quem errar, saltar no tempo errado ou tocar na corda vai ter que se sentar. Eles começam, os que estão sentados ficam vigiando e apontam quem errou ou não, eles dançam e logo depois escolhe mais outros para fazer a parte do salto. Um dos meninos fala que parece jogo da velha, o professor diz que sim, só que isso é a dança do bambu e que na próxima aula ele vai trazer um bambu para eles treinarem. Os alunos demonstram ser competitivos uns com os outros e consigo mesmo. Dois meninos não podem fazer porque estão de castigo, umas das meninas é que lembra o professor disso. Ele então escolhe mais alguns para fazer, uma menina pergunta, “tio eu tô?”, ele então troca os alunos que estão na base. A dinâmica continua a mesma. Quando os colegas erram os outros acham engraçado ficam rindo e comentando com quem está do lado, a pequena que eu comentei é esperta e logo entende como é a dinâmica da dança fica um bom tempo sem errar. Um dos meninos fazem graça e ficam caindo no chão de propósito, todos dão gargalhada. O professor pergunta quem ainda não foi segurar a corda, quem não foi levanta a mão, a pequena fica falando, “eu tio, eu tio, eu tio”, ele então os escolhe. Voltam a

brincadeira. Os que ficam sentados na roda, se movimentam, se deitam, se levantam, se sentam, mexem no colega do lado, no cabelo e fala baixinho. Uma das meninas é bem quieta e quase não conversa, mas participa.

O professor explica que não vai mais falar quando terão que fechar e abrir a corda, e que quem está com a corda é que decide quando fazer isso, faz um teste e percebe que não dá certo, e resolve que continuar falando. Um menino se levanta e fica pulando no lugar, girando e empolgado com tudo o que está acontecendo. Fala para irem todos juntos agora e pergunta quem quer bater a corda. Eles pedem e se levantam correndo, rindo e brincando. Toca o sino do recreio dos meninos maiores, mas, mesmo assim ele continua a brincadeira. A pequena fica falando, “eu vou pular, eu vou pular!”. Fazem uma fila grande, quando estão nessa posição se tocam, conversam, nesse momento vira uma bagunça, pulam de qualquer jeito, na hora errada. O professor os deixa continuarem. Fazem uns cinco minutos só e então pede para que um aluno o ajude a pegar as cordas e o restante vão beber água. Voltam e fazem a fila para irem embora, nessa hora é só euforia.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/ 08:50)

Não teve aula na escola neste dia.

#### **5º Dia de Observação** (quarta-feira/09:55)

Ficamos na quadra e eles se sentam na arquibancada. O professor traz os bastões e ele os organiza pedindo para se sentarem e prestar atenção. Uma funcionária conversa com eles por um momento e enquanto isso o professor coloca os bastões no lugar certo. Hoje estão agitados conversando muito. Um dos meninos pergunta o professor várias vezes se este bastão é da fanfarra, mas ele nem o responde. Uma menina pequena que é a mais custosa e expressiva fica contando uma história de sua irmã para todos os colegas. O professor volta a atenção a eles e tenta manter a ordem, demoram um pouco para se acalmarem. O professor então conversa com eles explica de onde vem a dança do bambu, prestam atenção e comentam e tiram dúvidas. Vai chamando os meninos primeiro e os organizando no lugar, ele divide em grupos de quatro alunos, dois ficam sentados no chão e vão manusear o bastão e os outros dois ficam em pé e vão saltar o bastão. Monta os grupos conforme os comportamentos deles. Uma vez com os grupos prontos, os ensina a manusear os bastões, no ritmo desejado. Uns treinam e tentam fazer correto, outros conversam, reclamam com o professor, brigam com o colega, pois eles têm que sincronizar os movimentos para dar certo. O professor vai ditando a hora de abrir e fechar e eles vão os seguindo. Um deles fala “nós tá bom tio”, o professor “é a coordenação motora de vocês” e se dirige a outro grupo. Pega um grupo de exemplo, pois estão fazendo correto, mas o restante nem presta a atenção.

Todos fazem, tem um grupo de meninos que ficam fazendo graça, os outros fazem cestinho. Nesse momento tem muito barulho na quadra e não consigo compreender com clareza. O professor não pegou o som e se senta para ver eles treinando e os adverte algumas vezes. Eles parecem se divertir e continuam fazendo, conversam uns com os outros, corrigem os colegas do grupo que não fazem correto. A pequena vai beber água sem pedir para o professor e este não fala nada. Ele aumenta a dificuldade agora, e um dos meninos se senta e para de fazer, o professor não diz nada, mas logo ele volta. Diz agora que quem errar vai sair da brincadeira, são bem competitivos e se esforçam mais para não errar. Um dos meninos para e fica dançando no lugar. Ele agora estabelece que quem errar tem que trocar de lugar com quem está manuseando o bastão, eles atendem bem a essas mudanças de comando. Um menino pega um pano que se soltou do bastão e fica imitando a dança havaiana. Afirma que agora não vai falar e sim só bater palmas como comando para abrir e fechar. Uma delas fala “tio o fulano errou”, outra “tio, o fulano está demorando muito”. O professor não dá atenção e pede para que entreguem os bastões e façam as vilas para voltarem para a sala de aula. Os meninos que conversaram o tempo todo brigam por causa dele, puxam e empurram. Conversa e euforia nesse momento. Seguem para a sala.

### **Turmas do terceiro ano do fundamental (Turmas 5 e 6)**

#### **Turma 5 – Terceiro Ano do Ensino Fundamental (3º ano C)**

##### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: quarta-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 8 e 9 anos.

Horário: 08:50 hs.

Turmas Mistas

A turma vem na fila já conversando uns com os outros, estão bem eufóricos, o professor é carismático, os alunos gostam de conversar com eles, porém ele tem pulso firme e não deixa fazerem bagunça. Chegam na quadra e então pede para que se sentem na arquibancada, uns se sentam perto de mim e vem me perguntar como eu chamo, o que eu faço e como me chamo, por que fico escrevendo. Ele pede para se sentarem na parte debaixo e conversa com eles e os adverte por causa de duas meninas que estavam brigando, uns pedem para os colegas fazerem silêncio enquanto o professor fala. Ele adverte que se fizerem bagunça, se brigarem novamente, não vão dançar no teatro no final do ano. Ele é firme e eles o obedecem e o respeitam. Chama para fazerem a roda e assim começa a sua aula. Essa turma é agitada e mais problemática do que o outro terceiro ano. O professor pede para se

intercalarem, coloca menino e menina misturados, acaba perdendo aula até os organizar. Enquanto ele os posiciona na roda uns alunos vão dando palpite, falando aonde é para o professor colocar o amigo, porque o que conversa não pode ficar perto do outro, eles mesmos tem consciência de quando fazem bagunça e atrapalham. Uma das meninas é muito agitada e é ela que mais comanda a desordem.

O professor dá as costas para ir até o som e a euforia retorna, conversam, empurram uns aos outros. Ele pede para se sentarem e continua no som, então uma menina se levanta e vai até o meio da roda e fica dançando e diz: “só eu que vou ficar em pé para dançar”. Durante esse tempo de colocar a música os meninos inventam uma brincadeira de se jogarem no chão e praticamente todos seguem. Um dos meninos me pergunta se homem faz ballet e eu digo que sim, e ele diz que vai pedir a sua mãe para fazer. O professor coloca a música e começam o aquecimento, a música é lenta e um comenta parece “de louvor”, um outro menino fala para por outra música, o professor não diz nada. O som trava algumas vezes e os alunos comentam o tempo todo, são agitados e não prestam atenção, então são advertidos que se não obedecerem vão ficar sentados sem dançar e acrescenta que a outra turma foi bem melhor que eles. Mesmo com esse apelo do professor tem uns que não obedecem e continuam conversando, mais contidos, porém não param como é pedido. Uns tentam se justificar contando “casos”, coisas que fizeram e aconteceram, outros ficam bravos com os colegas, alegando que se não pararem, não vai ter aula. Esse momento fira uma briga, todos falando ao mesmo tempo, e se divergindo quanto as opiniões. Quanto mais ele tentar dar ordem, mais eles conversam e fazem graça. Até o professor afirma que vai dar aula e que é para se comportarem e troca alguns de lugar, pois geralmente brigam e discutem com os amigos que estão por perto. Da roda os coloca em filas intercaladas, três meninas é que fazem mais bagunça, não se acalmam e nem obedecem, o restante das meninas são mais calmas e prestam mais a atenção.

Pede só para as meninas se levantarem, os meninos ficam sentados ao fundo, depois de organizar as meninas, chama os meninos e tenta fazer uma fila, mas de novo fazem bagunça, se levantam puxando uns aos outros, pulando e conversando. O menino que me diz que vai pedir a mãe para fazer ballet, não fica no meio e fica se alongando o tempo todo. Então os meninos se sentam de novo, dois se deitam e três conversam, o restante ficam mais calmos. O professor então passa os movimentos da coreografia para as meninas, elas o seguem, umas apresentam mais facilidade do que as outras, um menino fica no lugar imitando as meninas. Os meninos então se levantam e fazem os movimentos que o professor passa, mas brincam muito enquanto dançam, e servem de piada para uma das meninas. Decide colocar a música e

decide dançar junto com as meninas primeiro, porém para a logo e afirma brincando que uma delas não dançou direito e ficou olhando para o namorado, elas acham engraçado e dão gargalhada. Chega a hora dos meninos dançar, todos levantam e todos dançam. Até esse momento não havia ninguém além de nós na quadra, assim conseguia compreender o que falavam e via com clareza. Mas nesse momento a quadra se enche, é o horário do recreio dos maiores, fazem muito barulho e não consigo mais ouvir com clareza o que dizem.

O professor continua sua aula ensinando a coreografia e corrigindo o que acredita ser necessário, pede uma menina para demonstrar um movimento, alguns prestam atenção, outros não, dois meninos ficam correndo pelo espaço, uma menina fica imitando o professor. A turma é mista na bagunça, não há distinção de gênero. Enquanto uma turma dança a outra rola no chão, conversa, briga. Nessa turma muito aparentam desinteresse, se divertem ao dançar, mas não levam a sério. Tem uma das meninas que mais faz bagunça, porém delas é a que se expressa de maneira mais extrovertida e interessada quando dançam com música. Tem duas delas que são bem quietinhas e fazem tudo, prestam atenção e seguem o professor, dançam com a feição séria e concentrada. Ele tira as música e pergunta, como eu ensinei os meninos? Eles só resmungam, então ele diz que vai dançar só as meninas e depois os meninos e pede para os meninos beberem água, coloca a música e dança com as meninas. Os meninos vão voltando aos poucos, correndo, gritando, três deles ficam atrás das meninas imitando elas, o restante se senta na arquibancada, o menino do ballet fica se alongando mais uma vez. O professor troca as meninas com os meninos, enquanto os meninos dançam algumas se sentam ao meu lado e me questiona o que tanto eu fico anotando, seis meninas ficam no fundo dançando junto com eles, duas vão a frente e ficam do lado dele dançando igual. Nesse momento eles se acalmam e todos participam, mesmo sendo só os meninos o foco, as meninas também participam. A música termina e todos ficam eufóricos, o professor então os chama para fazer a fila e a aula termina.

## **2º Dia de Observação** (sexta-feira/08:45)

O professor chega na sala e metade da turma havia saído para ir ao ensaio de flauta doce. O restante ficou na sala, não saíram porque a coordenadora pediu para que ele ajudasse a colocar as cortinas na sala. Ele consente e diz para os meninos que vai fazer uma brincadeira, mas a coordenadora é rígida e pede para ficarem quietos em suas cadeiras. Os alunos obedecem e logo começam a brincar da brincadeira do silêncio, um vai a frente e sem dizer nada só pelo olhar troca de lugar com o colega, fazem isso por um bom tempo, não bagunçam, ficam quietos e professor não participa, pois está ajudando. Um aluno então entra na sala e o professor conversa com ele, pergunta se ele fez o que pediram, ele afirma que sim

com a cabeça e se senta. A dinâmica continua, uma menina me escolhe e para não fazer desfeita, vou a frente e escolho outro aluno.

O professor vai a frente e fala que vão fazer a dança da cadeira, euforia, comemoram porque vão dançar, mas logo a coordenadora volta e diz que vão para outra sala e ele vai continuar ajudando a colocar cortina. Chegam na outra sala e está tendo aula, se sentam nas cadeiras vazias e ficam bem quietos e silenciosos para não atrapalhar, quando conversam é baixinho. Ficamos uns minutos até terminarem o serviço, e então caminhamos para outra sala para continuar o serviço. A dinâmica da quietude é a mesma, nessa sala conversam um pouco mais, passado uns minutos eles deixam eles beberem água, todos vão, logo voltam e a aula termina, o professor via embora da sala, mas continua auxiliando a coordenadora.

### **3º Dia de Observação** (quarta-feira/08:50)

Estou na quadra aguardando e o professor passa e diz que vai levar eles primeiro para buscar os materiais e já retorna. Retornam as 08:55. Eles se sentam na arquibancada e o professor os repreende, pois estão fazendo bagunça. Eles prestam atenção e ficam sem graça, se calam por um tempo. Ele afirma que vão deixá-los de castigo e uma menina exclama que não. Chama um por um para fazer a fila, um dos meninos não para de desobedecer até um amigo não aguenta e fica bravo com ele, o repreendendo. Separa uns sete meninos e os leva com ele, o restante fica na quadra comigo. Ele fala para os que fica que se conversarem vão ficar de castigo. Nesse momento fazem silêncio total, ninguém se levanta ou conversa, ficam quietinhas vendo a Educação Física da outra turma. Ninguém conversam, mas se mexem timidamente, mexem as mãos, balançam no lugar, se coçam, conversam um pouco depois, mas bem baixinho. O professor retorna com os meninos trazendo uns cabos de madeira, pede para deixarem no chão e eles se sentam, ele explica qual brincadeira vai dar e explica também de onde vem a dança do bambu. Eles prestam atenção e começa a chamá-los de quatro em quatro, escolhe os meninos primeiro e depois as meninas, e um não faz porque está de castigo. Porém passa uns minutos e ele deixa o menino fazer.

Eles prestam atenção e os segue tentando fazer igual, até que conseguem fazer certinho. Conversam, mas todos fazem. Treinam o ritmo batendo palmas, nessa hora o sino do recreio bate e o barulho é bem grande, e a quadra começa a encher. Treinam mais uma vez, uma menina emburra e se senta, o professor não diz nada. Os grupos brigam entre si, porque um não está auxiliando, ficam fazendo graça e atrapalhando. O professor vai passando em todos os grupos para ver se estão fazendo correto e para ajudar. Todos tentam fazer e se desafiam a todo o momento. Logo conseguem pegar o ritmo que ele ensinou, fazem contando por que fica mais fácil. Um grupo de meninas é o mais organizado e fazem melhor do que os

outros. Com o tempo vai virando bagunça, eles perdem o interesse e começam a brincar e conversar, o professor vai trocando eles de grupo, mas não resolve muito. O professor tenta aumentar a dificuldade, mas eles estão muito dispersos e então resolve finalizar a aula, pede para que recolham os cabos de vassoura e fazem a fila, vão guardar e depois irão para a sala de aula.

#### **4º Dia de Observação** (sexta-feira/08:50)

Estou na quadra os aguardando, chegam antes que o professor e todos se sentam ao meu redor, me abraçam, beijam e conversam comigo. O professor logo chega e os organiza em roda. Eles estão agitados, mas logo consegue os organizar, e logo os próprios alunos pedem para uns aos outros fazerem silêncio. Duas meninas advertem mais os colegas. Ele vai dar uma brincadeira com a bola. Pede para irem passando a bola uns para os outros e irem falando um número. Tem que passar a bola e quando pegar nela falar seu número, quando ele bate palma a bola retorna e a ordem dos números passa a ser decrescente. Gostam do desafio, prestam atenção para não errar e se animam com tudo. O professor afirma que quem errar vai ter que sentar ou pagar um mico. Começam a brincadeira para valer, ficam eufóricos, não param quietos, pulam e torcem para os colegas errarem para vê-los pagar mico. Quando um erra é sempre uma festa, euforia. Uma delas vai para o meio da roda para pagar o mico, e todos começam a bater palmas e falar qual mico vai ter que pagar. A menina parece acanhada, mas se diverte.

Quando ele vai ao som liga-lo, eles desfazem a roda e ficam brincando, assim que o professor liga, a menina do meio tem que dançar, mas não quer porque está com vergonha, mas sua colega vai para o meio da roda e a anima, dançam juntas um forró. Retornam a brincadeira. Perdem a atenção muito rápido, então o professor pede para que se sentem, pois assim ficam mais contidos. Continuam e um menino erra, todos batem palmas e agitam para qual o mico que vai pagar, gritam “dança, dança, dança!”, ele vai ao meio e dança um forró, quatro dos meninos se levantam no lugar e dançam também. Um dos meninos fala “valsa tio”, e todos imitam, “valsa, valsa”. O professor deixa o menino escolher, ele vai ao som e os alunos gritam agora, “funk, funk”. Ele coloca uma música com a batida forte e animada e o aluno dança direitinho, cria passos de dança de rua, os que assistem se divertem. Voltam para a brincadeira e uma vez ou outra é preciso adverti-los sobre o comportamento. Quando levam bronca alguns parecem estar emburrados, chateados, e quando brincam o fazem sem vontade. Outro menino erra e eles dizem que o mico é dançar, esse aluno fica com vergonha e se movimenta muito pouco. Dá para perceber na brincadeira que eles querem se livrar da bola o

quanto antes para não ter que pagar o mico, falam rápido e passam a bola rápido. A menina erra e ele pergunta quer dançar ou pagar mico, e ela escolhe o mico, imita um gato.

Ele agora inverte o sentido da roda e conseqüentemente os números também, eles conseguem executar. A funcionária da escola chega e faz a chamada com eles. Chama para que fiquem frente a ele, levantam fazendo bagunça, principalmente os meninos, ficam empurrando uns aos outros. Três se sentam próximos a mim. Fazem duas filas, uma de meninas e uma de meninos. É difícil os organizar de novo, é preciso chantageá-los com o castigo para que fiquem mais calmos. Começa a coreografia passando os movimentos sem música, todos o seguem com atenção e interesse, ficam treinando e demonstram gostar do que fazem, principalmente o movimento que tem que agachar. Dois meninos se sentam de novo, mas um logo retorna para a aula. Dançam com música, seguindo o professor, gostam da música, é agitada. Dançam mais de uma vez, dessa segunda dois ficam de fora, mas imitam os colegas nos lugares que estão, o professor então os chama e eles acatam o chamado. Nesse momento, olhares atentos, sorrisos no rosto, fazem a fila e retornam para a sala.

#### **5º Dia de Observação** (quarta-feira/08:50)

Não teve aula por conta da chuva.

### **Turma 6 – Terceiro Ano do Ensino Fundamental (3º ano D)**

#### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira.

Quantidade de Alunos: 25.

Idade: 8 e 9 anos.

Horário: 07:30 hs.

Turmas Mistas

Cheguei a escola e me dirigi diretamente aonde o professor estava, me apresentei a ele e foi quando percebi que já o conhecia, nós conversamos por um tempo. Eu expliquei o que iria fazer, como era desenvolvido a minha pesquisa e como seria a minha coleta de dados, exemplificando o que precisaria dele. Entendeu e se dispôs a me auxiliar no que for preciso. Estávamos na quadra em frente a cantina onde os meninos do tempo integral tomavam café da manhã. O tempo integral é oferecido ao primeiro, segundo e terceiro ano, eles entram na escola as 07:00 e saem as 17:00, durante o dia tem inúmeras atividades, dança, teatros, música, educação física e as disciplinas básicas. Durante o dia eles tomam café da manhã, almoçam, dormem e lancham na escola. Passam o dia nesse ambiente.

A cada dia de aula, que acontece na segunda, quarta e sexta, são 4 turmas pela manhã. O professor busca as crianças na sala de aula e depois as leva de volta. Ele passa a manhã toda

em deslocamento e eu passei a acompanhá-lo pela escola para observar todas as suas 4 aulas por dia. A escola está passando por reformas, ganhou uma verba em uma competição entre as escolas, então muitas coisas estão fora de seus lugares, salas estão passando por melhorias. A reforma acontece aos poucos e os alunos e professores vão se adaptando, as vezes tendo que mudar de sala ou conviver com o barulho da obra. Devido a isso o professor está sem sala de aula, porque sua sala está servindo de depósito, por isso precisa ir buscando meios e alternativas para dar suas aulas. Busca locais na escola para fazer o seu trabalho, nesse dia a primeira turma que foi o terceiro ano D ficou na quadra, e como já estava atrasado para começar sua aula, por causa do café da manhã, não buscou o som, e sua aula se desenvolveu sem música. O espaço que tem a quadra é amplo e no mesmo ambiente abriga a cantina, uma quadra e um espaço que está servindo de depósito, uma parte de passagem e que divide a quadra de baixo com a quadra de cima, nessa passagem tem algumas arquibancadas que circunda toda a parte de cima. Nesse ambiente tem várias aulas acontecendo, além da circulação das profissionais da cantina, elas limpam e arrumam o espaço. Nesse momento havia uma profissional limpando a cantina com uma máquina de jato de água, uma aula de Educação Física do tempo integral na quadra de baixo e um aula de Educação Física para os alunos regulares na parte de cima, e o professor de dança no espaço de passagem entre as quadras.

Assim que chegou ao local, pegou os colchonetes que estavam no depósito improvisado e os colocou no chão fazendo uma espécie de cama. Chamou os meninos para aquecer e alongar. Deu dois exercícios apenas e começou a parte principal de sua aula. Explicou a eles que ia trabalhar figuras da ginástica e pediu para que fizessem a pirâmide, chamou quatro alunos e foi pedindo para os outros alunos irem subindo e realizando a pirâmide simples. Quando ele expôs o que fariam metade da turma demonstrou euforia, gostando da ideia do que fariam, um menino comemorou expressando por “Ehhhh!!!”. Assim que iniciaram a forma ficam muito eufóricos, conversando com o professor, os colegas, brincando de tocar no colega, as vezes empurrar, mas demonstram gostar do que estão fazendo, sorriso no rosto e expressão de descontração.

Essa dinâmica da aula permanece por um tempo até que o professor precisa os repreender, pois a euforia vira bagunça e começa a sair fora do controle, eles o respeitam e se acalmam por um momento, porém passa uns segundos e a maioria começa a conversar de novo, são bem enérgicos. Quatro meninas ficam mais quietas e quase não participam da atividade, até o momento não se levantaram para fazer a pirâmide, ao contrário dessas quatro, tem uma menina que é bem participativa e faz tudo que o professor propõe. Já outras três são

bem sapecas, conversam muito e muitas vezes atrapalham o andamento da aula. Os meninos participam e parecem gostar, com exceção de quatro deles que não se interessam muito e preferem brincar e fazer bagunça.

O professor busca o trampolim e os alunos adoram, comemoram, porque ele vai passar, parada de mão, rolamento e ponte. Ele chama uma menina para mostrar o que vão fazer, enquanto isso o restante fica ao redor do colchonete esperando sua vez, dois meninos nesse momento se esganam brincando e o professor nem percebe, o restante presta atenção e participa da atividade. Com um tempo ele percebe e repreende os dois. A atividade se desenvolve pessoa por pessoa, pois tem apenas um trampolim e nem monitor para auxiliá-lo, começa pelas meninas e vai as ajudando segurando pelo pé delas na hora da parada. Elas já conseguem realizar os três movimentos que ele exige, apenas uma que não realiza porque tem medo, acredita não conseguir e o professor a incentiva, mas não a obriga.

Enquanto realiza com elas, os meninos aprontam, três delas se tocam e empurram brincando, um se levante e fica se movimentando no lugar, não consegue ficar quieto. Uma menina tem medo, mas, mesmo assim faz e acaba caindo próximo a uma colega no final do rolamento, a colega fala, “Cuidado!”, e faz cara feia, alguns riem dela, mas logo passa. Ao finalizar com as meninas, começa a chamar os meninos, eles também sabem realizar, mas cada um à sua maneira, o que os difere é que gostam mais de fazer “graça” para os outros colegas o acharem engraçados. Como o tempo está curto o professor pede para quem já foi ir colocando o tênis, assim as meninas se levantam e vão para a arquibancada e os meninos se levantam e fazem fila única para poderem finalizar. Enquanto os meninos fazem, duas meninas os assistem e ficam gritando, “vai tartaruga, vai tartaruga!”, as quatro meninas que mencionei que são mais quietas, permanecem só observando não interferindo, apenas trocam algumas palavras umas com as outras. O professor finaliza e pede para quem já se calçou o ajudar a guardar os objetos, alguns alunos se prontificam rapidamente, eles vão ao depósito e o restante fica na quadra conversando, brincando, um dos meninos vai ao trampolim e fica pulando, dois colegas vão até ele o retiram com resistência, o professor chega no exto momento e os adverte pedindo para se sentarem. Ele mesmo leva o trampolim para guardar e já fala para irem fazendo a fila, essa hora é euforia total, todos se mexem, até que o professor chega e os organiza para irem para a sala. A aula finaliza e vão para a sala, eu os sigo para saber o seu próximo passo.

## **2º Dia de Observação** (quarta-feira/08:00)

O professor os pegou as 08:00 e os levou para quadra, no mesmo local da aula passada, nesse momento várias outras turmas dividiam o mesmo espaço, uns nas mesas

fazendo aula de teatro, e Educação Física nas duas quadras. Quando caminhávamos para o local de realização da aula, três meninos e uma menina me acompanhou, conversando, contando histórias e querendo saber o que faço, quem sou, eles são bem inteligentes e carinhosos. Já na quadra fizeram uma fazem uma roda e todos se sentam, e esperam o professor arrumar o som. Um dos meninos vai ao centro da roda e fica dançando para os amigos, rebolando e se movimentando livremente, uma das meninas vira para mim e diz: “Tia, olha o bailarino da turma!”. O professor coloca uma música sertaneja e mais lenta e os chama para se aquecer, todos participam nesse momento, sorrindo e fazendo “graça” uns com os outros. O barulho na quadra é bem alto o que me atrapalha a ouvir e compreender o que estão dizendo. Ele fala que vai dar uma brincadeira, eles comemoram, pede para cada um falar o número que eles são, os enumera em sentido horário. A brincadeira é de ritmo, coordenação e concentração, tem que bater palma a cada vez que uma fala um número, sincronizando palma e número. Eles gostam e todos participam uns apresentando mais dificuldade do que outros. O grau de dificuldade vai aumentando a cada rodada e quem errar tem que pagar um mico. Uma delas erra e vai para o meio da roda, todas gritam que ele tem que fazer o elefante, ela faz e todos dão gargalhadas, gostam dessa parte. Outra erra e ele deixa escolherem o que a menina vai ter que fazer, escolhem uma galinha, ela faz e eles cantam a música da galinha, uma menina na roda fica dançando livremente. Enquanto brincam eles prestam atenção e se movimentam o tempo todo, os meninos mais do que as meninas, eles ficam pulando se apoiando nos amigos, uma menina pede para abrir a roda.

O professor agora canta para eles, ele vai cantando e os alunos vão o seguindo, todos sabem a música. Nessa hora o som está desligado. A música tem coreografia, eles cantam e vão dançando conforme a música vai mudando. Todos fazem até os meninos, eles não demonstram vergonha, gostam de participar e são bem desinibidos na hora de se movimentar, dançar. O professor então fala agora nós vamos dançar, e todos sem exceção comemoram, gritam: “Ehhhh!!” e ficam pulando. Ele então vai até o som e coloca uma música, alguns alunos se aproximam dele para ver o que ele vai colocar, então desliga o som e os chama para passar os movimentos sem música primeiro. Faz contando o ritmo da música. Todos prestam atenção para aprender, gostam do que estão fazendo, porém uns são mais expressivos do que os outros e deixam transparecer mais isso. Tem um menino que é bem expressivo ao se movimentar. Coloca a música e o professor faz junto com eles, e demonstram já terem dançado essa coreografia, conheciam a maioria dos passos e a música.

A maioria se expressa bem, quando tira a música, sorriem, pulam, se movimentam, conversam. Continuam na mesma dinâmica, passa outra parte da coreografia sem música, e

eles o acompanha tentando reproduzir os seus movimentos, tem uma menina que se movimenta bem parecido com o que o professor pede, tem ritmo, coordenação e é perceptível pela sua feição que está curtindo dançar. Um dos meninos apresenta bastante dificuldade em relação a coordenação, porém não desiste, se desafia e continua tentando seguir o professor. A nova música é pop, eles gostam do ritmo, quando dançam não conversam, se esforçam e seguem o professor que está à frente fazendo. Durante a dança uma menina se apresenta ser mais tímida e dança com a feição séria e compenetrada, mas não deixa de dançar em nenhum momento. Cada tem sua maneira de movimentar, dançar, apresentam peculiaridades e intensidades diferentes e únicas. No final da música a menina que disse ter mais facilidade pula e comemora o que acabaram de fazer.

O professor coloca outra música pop e pergunta se eles lembram, uma menina acena com a cabeça e fala para os meninos se agacharem, eles obedecem e então a música começa. Todos lembram a coreografia, começa com as meninas dançando e os meninos agachados, depois eles trocam. O professor faz junto o tempo todo. Eles trocam quem vai a frente dançar várias vezes, quando os meninos estão a frente, três meninas conversam e apontam os meninos. No refrão todos dançam juntos. Como não há espelho quando o professor faz junto ele fica de costas e não vê algumas coisas que acontece, só quando ele assiste e deixa os alunos fazer sozinhos. Ele tira a música e diz que vai acrescentar passos novos, os alunos falam que sim. Ele então passa primeiro a parte nova só para os meninos, enquanto isso as meninas prestam atenção e não fazem nada, algumas conversam. Ele então os deixa beber água, os que querem vão correndo e os que não querem ficam brincando, fazendo estrelinha, acrobacias, pulando, duas se aproximam de mim e ficam me mostrando o que sabem fazer. Logo o professor os reúne novamente e termina de passar a parte nova e logo em seguida passa a música.

Todos participam e dançam, até alguns alunos que estavam na quadra fazendo outras aulas param atrás dos meninos e ficam imitando, dançando juntos, eles já sabem também a coreografia. Ao final tira a música e diz “que beleza!!”, nesse momento euforia total, todos pulam, comemoram. Ele pede para os meninos maiores sair de perto porque estão atrapalhando e coloca a música de novo para agora ver eles dançando. Com a presença dos meninos maiores as meninas ficam mais acanhadas, dançam, mas não com a mesma energia anterior, três delas param de dançar para olhar eles, mas logo eles vão embora e elas continuam. A coordenadora chega nesse momento e pede para o professor assinar um papel, ele então assina e deixa a música e eles dançam sozinhos, eles tentam dançar sozinhos, mas acaba virando uma bagunça, alguns meninos esquecem e ficam conversando uns com outros,

então o professor volta e começa a dançar junto e então se reorganizam e voltam a dançar junto com ele. Vão até o final da música, durante uma menina fala: “ah não tio!”, ele não dá atenção. Ao final ele fala para quem quiser ir beber água, todos vão e o professor os acompanha. Eles bebem água e fazem a fila para voltarem para a sala, quando eles esperam todos voltarem e fazer a fila, três meninas e um menino vem falar comigo, perguntam quem sou, o que estou fazendo, ficamos conversando por um tempo até todos se organizarem. Eles voltam para a sala.

### **3º Dia de Observação** (segunda-feira/07:15)

Sáimos do local onde eles tomam café da manhã era as 07:15 e caminhamos a procura de uma sala ou lugar para fazer a aula. Conseguimos a sala onde tem aula de música, chegamos ao local já era 07:30. No caminho fiquei conversando com os meninos, são bem comunicativos, falamos sobre filmes, super-heróis, família. Ao chegar na sala se sentaram em roda e esperaram o professor ligar o som, enquanto isso conversam baixinho uns com os outros. Ele coloca a música e começa o aquecimento, pede silêncio e eles fazem, a música é lenta e eles ficam as expressões relaxadas e calmas. Eles caminham devagar pela sala, fazem isso com calma e sem fazer bagunça, tem um menino que fecha os olhos e curte a música sorrindo. O professor vai pedindo para eles irem fazendo alguns movimentos, como, elevar os braços, agachar, rodar os pés. Aos poucos a calma diminui e a euforia vai ganhando espaço, uns conversam, outros sorriem, uma menina pede para tirar o tênis e o professor diz que não. Ele pede para procurar um amigo, fazer duplas para fazer massagem, então a euforia se instala, conversam entre si, brincam, uns sentem vergonha de tocar no amigo, uns já fazem com cuidado, outros de qualquer jeito, sem zelo.

Essa parte é rápida e logo ele pede para se posicionarem de frente a ele, conversam muito, empurram uns aos outros para ficarem a frente e perto do professor, ele então tem que os organizar e brinca que ele é grandão e todos vão o ver, independente do lugar que ficarem. Essa turma é participativa, mas conversa muito, se concentram pouco, e professor acredita ser por conta do horário, ser a primeira aula da manhã. Ele fica uns cinco minutos tentando os aclamar e estabelecer a ordem para poder explicar o que vão fazer. Ele então diz que vão dançar uma coreografia de Halloween, adoram, comemoram e conversam sobre a data festiva, falam uns com os outros sobre o que é o halloween, o que se faz nesse dia, umas diz “cabeça de abóbora”. Ao mesmo tempo, que uns conversam e interagem uns com os outros e o professor, uns se estranham e brigam. Uma menina fica pulando e falando: “Michael Jackson, Michael Jackson...”. Ele os organiza por ordem de tamanho e os espalha pela sala, então começa a passar os passos sem música primeiro, os alunos fazem comentário a todo o

momento, sobre os movimentos, e sobre a data comemorativa. No início vão fingir que são um zumbi se levantando, essa hora é só farra, eles adoram, uns são bem expressivos ao se movimentar e falar também. Ele coloca a música e eles dançam o seguindo. Nesse momento a professora de teatro chega e pede a sala porque está no horário da sua aula, ela então entra com suas crianças, e diz para o professor ficar mais um tempo até terminar a dança. A professora e seus alunos se sentam na minha frente impedindo que eu veja o que os alunos estão dançando e como estão se expressando. A professora é uma conhecida minha e vem conversar comigo, fica uns três minutos conversando até que a música termina e ele pede para os meninos fazerem a fila para irem embora. A aula então termina e vão para a sala de aula.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/07:30)

Não tiveram aula na escola neste dia.

#### **5º Dia de Observação** (quarta-feira/08:15)

Eles se posicionam na quadra e o professor os deixa comigo para ir ver se a sala de vídeo está desocupada, pois precisa ensaiar coreografia e lá é melhor. Duas meninas e um menino ficam conversando comigo, uma delas fala que vai ser bailarina e veterinária e fica dançando para mim. Três delas ficam dançando e me mostrando o que conseguem fazer, fazem pirâmides, e exercícios de acrobacias. O professor volta e afirma que não conseguiu a sala e os chama para começar a aula e põe uma música de axé e começa a dançar com eles. Nesse aquecimento eles se soltam e se mexem conforme a música, cada um se expressa da sua maneira. Um dos meninos cria movimentos e é bem expressivo, uma menina também. Eles sempre seguem o professor, mas recriam muitos movimentos conforme as suas capacidades e vivências. No final da música é euforia total, pulam e movimentam livremente.

Na próxima coreografia ele os organiza em duas filas de frente a ele, uma de menino e outra de menina. Enquanto está no som, conversam e se mexem, quatro meninos ficam dançando aleatoriamente e uma menina olha para mim e diz “a tia está vendo”. A coreografia é nova e ele ensina sem música primeiro. A coordenadora chega e eles conversam um pouco e os alunos se dispersam. O menino que ficou dançando fica treinando abertura, ele é bem flexível, mostra para uma das meninas e uma delas fala, “eu também consigo”, e faz, mas vê que é difícil e desiste. A próxima música é um axé conhecido e eles gostam, dançam todos com música agora. Uma das meninas fazem e ele afirma que ela está fora do ritmo, ela sorri e fica tentando fazer. Sorrisos e alegria, todos expressam bem e de maneira única. Gostam muito na hora de rebolar, se divertem. O professor brinca quando eles fazem do jeito deles, afirma, “não é festa não”, “se vocês não fizerem direito vou ter que tirar”. Retira e treina sem música. Toda vez que faz isso eles se aproveitam para conversar e brincar. Ele retorna com a

música e diz agora é só vocês. Todos vão fazendo, erram uma vez ou outra, mas vão se encaixando e ajudando uns aos outros. O professor intervém quando necessário, mas deixa eles terem autonomia para executarem sozinhos. Três meninos saem para beber água sem nada dizer. O menino faz abertura de novo e a menina olha para mim e diz “tia olha esse menino!”. Ele deixa todos irem beber água, três meninas vêm conversar, me falam da coreografia, uma fica mostrando o passo que mais gostou, a outra fala que vai fazer ginástica rítmica. São carinhosas e expressivas. Eles voltam e fazem a fila para ir embora.

### **Escola – Jornada Ampliada**

#### **Turma 7 – Jornada Ampliada**

##### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira

Quantidade de Alunos: 06.

Idade: 10 a 15 anos.

Horário: 13:30 hs.

Turma Mista.

No início quando chego a escola os alunos se encontram na quadra, o professor se dirige até eles e chamam para irem à sala onde tem aula de música e teatro. Chegando na sala ele me apresenta e diz o que vou fazer, eu converso com os alunos acrescento o que foi dito e faço uma explicação sobre a autorização aos pais. Foi apenas quatro meninas, elas foram bem receptivas e entenderam o que lhes falei. A aula começa com o professor perguntando se elas lembram da última coreografia que fizeram e elas dizem que não, ele então passa sem música para relembrar. Todas prestam atenção e o seguem, passa poucos minutos e já coloca a música, esta é de axé, é animada e conhecida por elas. Todas dançam o seguindo, pois não decoraram, dançam com certa dificuldade devido a isso. Uma delas dança mascarando chiclete o tempo todo, uma fica descalço e as outras duas de sapatos, uma delas está de calça jeans, o que atrapalha os movimentos, e outra está de short jeans, o que também não ajuda. Ele pede no meio da dança para uma delas, a menor, ir chamar a professora de teatro, pois ela vai precisar usar a sala, a menina vai de imediato. As outras continuam dançando, duas delas me olham de vez em quando, e dançam mais contidas. O professor erra a coreografia e brinca com isso, retira a música, elas comentam algo mais não consigo compreender.

A pequena que foi chamar a professora retorna e já fica junto com as meninas para dançar, fica do lado do professor, de frente as outras, como ela perdeu parte das instruções, fica seguindo eles e tenta dançar junto, mas logo desiste e se senta. O professor não fala nada. Uma delas dança com feição séria, mas apresentam vontade e parece estar gostando, as outras

duas são mais duras no movimento que exige uma certa desconstrução, e fazem também com menos vontade. Quando termina a música uma encosta na parede e o professor brinca, “já cansou? Isso é idade”, ela alega que faz muita coisa, ginástica, dança. Ele diz que vai passar mais uma música e depois vão treinar uns movimentos de ginástica, a que comentei que dança com mais vontade, reclama, pois ela quer dançar. Todas dançam até a que gosta mais de ginástica, mas logo a pequena se senta e depois se levanta de novo e tenta seguir. O som para no meio da dança e uma delas fica cantando, ele retorna a funcionar e continuam dançando.

Ele manda elas irem beber água, elas vão e ele vem conversar comigo, explica que ali naquele ambiente ele precisa colocar músicas que elas conheçam e que fazem parte da realidade de vida delas para que possa chamar a atenção e assim permaneçam na aula. Acrescenta também que a turma era maior, mas muitos alunos foram saindo, por falta de interesse ou por castigo. Elas retornam e ficam conversando um pouco com ele sobre os outros meninos que fazem ginástica.

As chama para lembrar uma coreografia de uma banda pop que elas gostam. A que comentei que dança com mais vontade nesse momento não dança ela se senta em uma cadeira de frente a eles e fica observando e mexendo de minuto a minuto no celular, o professor não diz nada. Uma delas afirma: “Não lembro do braço, não lembro de nada”. Elas ficam rindo e brincando com o passo. A pequena apresenta mais dificuldade, porém não para de fazer, se esforça para conseguir, e curte e sorri o tempo todo. O professor esquece no meio da coreografia e uma delas cai na risada, e o acompanha. A pequena cai e fica fazendo “gracinha” para as colegas no chão. A que gosta de ginástica fala, ah tá!! Ele acrescenta para a pequena, você que gosta dessas coisas e mostra o movimento para ela e sorri, ela sorri e diz, “não, obrigada”. A da ginástica nesse momento vai ao celular conferir suas notificações. Ele coloca a música e dançam o seguindo, a que se sentou permanece da mesma maneira. Todas as três dançam até chega um movimento mais complicado que elas não conseguem realizar muito bem, uma para e não faz, a pequena fica sorrindo e a outra também sorri, mas tenta fazer. Conversam um pouco durante a dança, a pequena para e vai até o celular do professor olhar o vídeo da música que está tocando, ela chega para a colega e diz é assim mesmo que eles dançam, e o professor concorda, então todos dirigem para o celular para ver o vídeo e ao mesmo tempo vão tentando fazer. Eles fazem uma expressão de espanto para o que está passando no vídeo, ficam rindo do jeito que eles dançam, é diferente e estranho.

Ao final do vídeo o professor as chama para dançar uma coreografia de uma música famosa, “despacito”, que apresentaram em um evento, todas curtem fazer, a que estava sentada se levanta e se junta as outras. Ele se senta dessa vez e as observa dançando e vai

corrigindo e lembrando os movimentos quando necessário. Elas aparentam gostar mais dessa coreografia, dançam com mais vontade, sentindo o ritmo da música e sorrindo, semblante mais suave. Elas esquecem uma parte e ele se levanta e faz junto até a parte que esqueceram, depois volta a observar. A pequena se perde, mas continua dançando, a do lado que por acaso é sua irmã, fica rindo dela. Quando erram geralmente elas sorriem, e quando não, ficam com o semblante mais concentrado, sério. Demonstram mania de dançar olhando para o chão, as vezes aparentando estarem acanhadas.

Logo que terminam a dança, a do celular mais uma vez o pega para conferir, as outras conversam entre si e tentam lembrar uma outra coisa que dançaram, a pequena vai beber água, e o professor coloca a nova música e vão juntos tentando relembrar a coreografia que já está montada. Enquanto elas dançam ele vem falar comigo, explica que depois vai dar um pouco de ginástica a elas, e que geralmente divide a aula assim para agradar a todos. A música termina e elas pedem para passar uma música do Mc Kevinho, é um funk, tentam lembrar o que já dançaram, enquanto isso ele afirma que vai conversar com uma menina e já retorna. Uma delas então vai até o celular dele e coloca o funk e começam a dançar, assim que ele retorna pede para que retirem a música e afirma, “é só dar as costas né”. Ele tem uma preocupação de agradá-las, mas toma cuidado com letras de músicas de que falam algum conteúdo inapropriado. Ele a retira e já vai pegando os colchonetes e os organizando no chão. A que está com calça jeans se senta, e ele diz que ela pode fazer que não tem problema, a do celular que anteriormente disse que gosta de dançar, pega o colchonete e se deita no chão, não quer fazer essa parte, ele não a proíbe de fazer isso. A pequena também resolve deitar e as outras duas começam a treinar rolamentos e flexibilidade. A que gosta de ginástica vai passando a série para a que está de calça jeans e o professor vai corrigindo, e acrescenta a ela, “você é boa só tem preguiça de fazer né”, ela só sorri. Ele passa algo diferente para ela treinar, mais enrola do que faz, apresenta preguiça.

Elas ficam treinando, mas a pequena realmente não quer fazer nada, o professor vem conversar comigo novamente a respeito das alunas, sobre quando elas começaram a dançar e a treinar, fala das potencialidades delas, apresenta orgulho ao falar. Ele então coloca uma música e pede para que passem a coreografia de ginástica que elas já apresentaram. Elas dizem que não sabem se lembram, mas tentam fazer, no meio esquecem alguns movimentos ele então volta a música e tentam fazer de novo, porém mais uma vez esquecem, então resolvem passar sem música para lembrar. Durante uma parte uma delas adverte o professor dizendo que não era assim que fazia, ele concorda e conserta, elas prestam atenção e estão concentradas para aprender. Coloca a música e faz junto, as outras duas que estavam sentadas

se levantam e dançam junto também. Mais uma vez precisa parar a música para lembrar, esquecem mais uma vez, uma delas fala, “a minha perna não fica para a direção certa, a outra é para cá mesmo?” A outra acrescenta, “ela não quer sujar a roupa”, e o professor brica, “é perto onde você mora, vai lá rapidinho buscar outra roupa”, ele sorri e ela fala, “é ne”. Colocam a música de novo e dançam juntos. A que não quer sujar a roupa se senta na hora de fazer as acrobacias. Ele para novamente a música e diz que elas erraram mais uma vez, e elas rebatem afirmando que dessa vez não erraram não que era como elas estavam fazendo mesmo, ele concorda, mas fala que não fizeram bem que devem melhorar. Afirma que vão dançar mais uma vez e que depois ele vai dar o lanche a elas. Dançam de novo, e agora fazem bem melhor, apesar de dançarem com pouca vontade, sem animação. Nas partes das acrobacias demonstram uma maior concentração e sorriso quando dá certo. Elas finalizam e ele as libera para lancharem.

## **2º Dia de Observação** (quarta-feira/13:30)

Chego a escola e encontro com o professor na entrada ele pede para que espere uns cinco minutos enquanto ele resolve umas questões com a coordenadora. Assim que termina se dirige para a sala onde estão guardados os instrumentos da fanfarra e encontra com seus alunos, eles entram na sala e contam os instrumentos e anotam algumas coisas. Nessa aula duas das meninas da aula passada faltam e aparecem mais uma menina e um menino, são quatro no total. O menino parece estar chateado pois não estão tendo aula normal, terão que organizar as coisas primeiro. Eu os aguardo do lado de fora, porque a sala é bem pequena e não cabe todos. Terminaram o serviço já era 13:50. Da sala fomos para a quadra, chegando lá já avisa gente usando, mas conseguimos um espaço na quadra de cima. O professor deixou os meninos no som e foi buscar as cordas e colchonetes para a sua aula. O menino foi ao som e colocou uma música de samba e com o arco nas mãos ficou treinando alguns movimentos de ginástica rítmica, as meninas apenas o observaram da arquibancada. Uma delas estava com um tênis de rodinha e ficava correndo para todo o lado, experimentando a espécie de patins que as rodinhas proporcionavam. O mesmo menino coloca outra música, essa agora é mais lenta, continua treinando suas séries de ginástica, dança também, é bem expressivo nos seus movimentos, parece estar sentindo a música e tudo o que faz. O professor retorna e ele continua o que está fazendo, não para de se movimentar, criar. Ele termina a música e o professor pergunta se está na série nível dois, eles conversam sobre isso, o que ele pode e consegue fazer. Enquanto isso as meninas se posicionam no colchonete para treinar ponte. Ele termina com o menino e vai até elas para as auxiliarem. O menino então pega o colchonete e se posiciona perto delas, coloca outra música e continua seu treino.

Um das conseguem fazer parada de mão e descer na ponte, o professor auxilia no início e depois deixa que elas ajudem umas às outras, e se dirige ao menino para corrigir e ajuda-lo nos elementos de força, onde tem mais dificuldade. Elas não param se desafiam o tempo todo até conseguirem fazer. O som está muito alto, além do barulho na quadra, o que me impede de ouvir com clareza o que eles conversam. Ele fica as meninas mais tempo e as ensina a fazer parada de mão na parede, todas tentam e gostam, não fazem corpo mole, auxiliam sempre umas às outras, sorriem e comemoram quando conseguem, o ambiente é de total descontração. O menino fica treinado sua série sozinho, com a realiza tem expressão de concentração e preocupação se conseguirá fazer corretamente os elementos, ele é expressivo e demonstra seus medos, dificuldades, força, e alegria por meio de suas feições faciais, seu corpo.

O professor continua dividindo a atenção entre as meninas e o menino. Uma delas cai, mas não se machuca e sorri pelo ocorrido, continua, mas tem um movimento que ela fala que não vai fazer, e depois que não vai fazer nada, ele nem ouve o que ela falou. Passa uns segundos e ela volta a fazer. Uma delas pega o arco e fica brincando com ele, roda no pescoço, pula com ele, o joga para cima, para a frente, as outras duas continuam na parede treinando. O professor fica com o menino assistindo as séries no celular e o encoraja a tentar se superar, participar da competição que vai ter, parece que ele está com medo receoso de suas capacidades. Ele vira para as meninas e fala para elas descansarem os braços por momento, o menino fica no celular assistindo os vídeos e o professor se dirige a elas. As chama para dançar, coloca uma música e começam a dançar, as meninas vão seguindo ele, tentam fazer igual, expressões sérias e de descontração. O menino fala que vai ao banheiro e sai. A menina mais velha me olha de vez em quando, parece estar com vergonha. A música é de axé e elas gostam e conhecem, a que está com tênis apresenta dificuldades, mas dança até o final. Elas são mais contidas nas partes que tem que rebolas, sorriem meio sem graça, parecem sentir um pouco de vergonha, uma delas a menor faz corpo mole no final. Terminam a música e nada dizem, apenas observam, uma delas se senta nos colchonetes. O professor coloca a música novamente e dançam mais uma vez, me olham de vez em quando, as duas menores olham o tempo todo para ele e a mais velha divide sua atenção com tudo o que está acontecendo na quadra, com isso dança mais contida e sem muito vigor. Termina a música e uma se deita no colchonete e duas vão calçar os tênis, ele nada fala a respeito.

Ele já coloca outra música e elas terminam de calçar e se juntam a ele na dança. Uma delas parenta gostar mais do que as outras, dança com mais ânimo, mais vigor, a música é pop e é de um grupo musical que elas conhecem. O professor para a música e ensina um

movimento novo que tem uma estética diferente engraçada para elas, todas sorriem, é de difícil coordenação e apresentam dificuldades em realizar, mas fazem cada uma a sua maneira. Uma não consegue fazer e fica sorrindo e batendo nas pernas. Coloca a música de novo e dançam a parte nova, uma dança cantando, fazem e ele pergunta se entenderam se tudo bem. A pequena é extrovertida, fica treinando e pulando no lugar. Ele mostra a parte nova para elas em seu vídeo no celular, elas olham e nada dizem, apenas o segue. Dançam com música mais uma vez, só que uma das menores para e outra fica brincando com o tênis, então decidem ir beber água, o professor não fala nada e continua dançando com a mais velha, ela gosta e faz tudo. Elas foram beber água, mas retornam, diferentemente do menino que foi ao banheiro e não voltou mais. Dançam novamente a mesma música todos juntos, no meio da coreografia a coordenadora chega e conversa com ele, e elas continuam dançando e auxiliando umas às outras com a parte nova. A música termina e elas falam que já vão embora e ele continua com a coordenadora, elas vão e logo quando ele desocupa da conversa pega os materiais e os guarda, a aula termina.

### **3º Dia de Observação** (segunda-feira/13:30)

Não teve aula na escola neste dia.

### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/13:30)

Chego na sala e todos já se encontram na sala de vídeo. Havia um menino e quatro meninas. O menino e a menina da ginástica treinavam no momento em que eu cheguei. O professor me cumprimentou e eu entrei, eles ficaram por uns 5 minutos a mais passando a sequência que treinavam com música, todos na sala os observavam. Eles terminaram e o professor fica conversando com eles, o menino disse que não vai dançar, o professor diz que sim e comenta com uma menina sobre uma apresentação. O aluno organiza os colchonetes no fundo da sala enquanto os outros conversam. O professor vai até o som e coloca a música que estava comentando, o menino não dança, fica treinando os movimentos de ginástica (paradas de mão, rodantes, cambalhotas). Duas meninas se deitam no colchonete, uma fica mexendo no celular, o professor não fala nada sobre isso. Apenas três delas dançam, uma é nova estou conhecendo pela primeira vez.

O professor passa os movimentos sem música junto com elas, prestam a atenção e participam, treinam, comentam sobre os passos de dança, acham engraçado algumas situações. Ele então coloca a música e começam a dançar, uma erra e fica rindo, todas se desconcentram e começam a rir. Ele tira a música e começa de novo. Dançam um pouco, mas esquece, ele logo para e volta para mostrar um movimento que não deu certo. O menino os chama para ver uma parte da série ginástica que ele estava treinando, o professor diz que foi

legal, e o menino acrescenta “eu sei, sou foda”, ele nada fala e volta sua atenção as meninas. Continuam dançando, chega na parte rápida e elas não conseguem fazer, a dificuldade aumenta, na maioria começam a rir quando erram, acham engraçado e vergonhoso. Enquanto o professor dirige seu olhar para o menino, todas continuam dançando, treinam sem música, uma auxilia a outra, uma faz graça com um movimento, o professor pede para uma pegar o celular e colocar a música. Elas então competem para ver quem vai pegar o celular primeiro.

Nesse momento a que estava deitada se levanta e ajuda as outras a procurar a música. Colocam uma música conhecida e que todos gostam, o professor comenta que tem uma coreografia com ela, e depois se dirige ao menino e diz monta algo com ela. As meninas dançam do jeito delas, tentam reproduzir algo que já dançaram e também do vídeo que está passando no celular. Discutem, se arrumam nos lugares uma coopera com a outra. A música termina e o menino fala, “deixa ela de novo, essa música é até legal”, as meninas concordam, ele se senta novamente e elas brincam com um movimento do ballet chamado “grand battement”. Fazem e ficam competindo quem consegue levantar mais alto a perna, brincam e se movimentam livre. O professor coloca outra música, a menina que estava sentada antes, se senta de novo, e ele não diz nada, demonstra o que vão fazer. O menino que no meio da brincadeira havia se levantado, continua dançando e criando movimentos livremente, enquanto o professor passa para elas. Ele é bem expressivo corporalmente. Todos dançam o que ele passou, até o menino se junta nessa hora e fica ajudando lembrando o que era quando dançaram. Ele dança certinho e parece gostar, todas dançam sorrindo e se divertindo uns com os outros. No meio da música uma menina retira a música e o aluno acha ruim a atitude dela e reclama, nesse momento o professor pede para alguém ir olhar se quem eles aguardam chegaram, as três saem, fica apenas o menino e uma menina.

O aluno põe a música de sua série e apresenta para o professor, este o observa, no meio tempo as meninas retornam e se sentam para observar também. O professor ao final fala com ele, mas não consigo compreender o que, apenas ouço a menina dizendo que ele vai competir nível 2. A menina que faz ginástica também e junta a ele. E o professor diz que ele precisa sorrir mais, senão não vai ganhar nada, e o menino resmunga “só o prof. Mesmo, essa música não tem nada de sorriso”, a menina sorri e ele a elogia como exemplo. A menina mais velha reclama, “que música chata”.

O professor diz que não tem algo, e o menino não aceita e fica justificando, mostrando o que é, os dois discutem sobre o assunto, não consigo compreender o contexto. A menina tenta fazer o movimento e o professor e o menino a corrige, o restante só observa. A aluna mais velha reclama de novo, “ai, que música chata”. O professor pede para ela colocar uma

dela então, o menino acrescenta “pode por menina chata”, ela vai ao som. Ela coloca um axé e os outros reclamam, ela justifica “essa são as que eu gosto!”, fica brava, “eu não posso ouvir nada, é o que eu gosto”. As outras se calam e o professor vai dançar com ela, o restante se senta e observa, comentam algo uma vez ou outra. A música termina, e outras acrescenta, coloca aquela música lá, e fica tentando lembrar o nome. A mais velha nesse momento se senta de novo e volta a mexer no celular. O menino pega o celular e tenta achar o que estão tentando lembrar. Enquanto isso o professor conversa com uma menina que faz teatro e pergunta qual é a música que vai ter que coreografar para o pessoal do teatro. O professor se senta do meu lado e me conta algo sobre a aula, enquanto isso os alunos conversam, e tentam encontrar a música. Enfim consegue encontra-la, é lenta, e uma das meninas fica brincando, dizendo que ele está apaixonado, ele sorri e fica criando movimentos. Enquanto aguardam o pessoal do teatro, o menino fica treinando e dançando, as meninas fazem um grupinho e ficam conversando, vendo vídeos no celular, com exceção da mais velha que continua sentada mexendo no celular. Colocam uma música de arrocha e mais velha se levanta e vai correndo dançar, o professor fala para fechar porta por conta do barulho.

Fecham a porta e dançam livre sem o professor, um vão seguindo os outros, mas todos parecem saber a coreografia. Todos se divertem, sorriem, brincam, o professor só observa. Trocam a música e colocam funk, todos adoram e dançam, mas o professor retira a música e todos reclamam. Param de dançar e vão ao som de novo, escolher outra coisa, o professor deixa. Ele sai da sala e diz que vai buscar os meninos do teatro. Enquanto ele fica fora, o menino fica dando um show para as meninas, elas assistem e ficam curtindo a música, algumas cantam, uma fica pensativa, outra sorri o tempo todo. Ao final da música duas ficam brigando pelo som, uma abaixa e a outra aumenta, fazem isso umas três vezes. O menino reclama que não quer abaixar. Ele faz graça para elas, quer aparecer. Uma escuta a música e pensativa começa a chorar, as amigas a abraçam e limpam suas lágrimas. A outra mais uma vez abaixa a música, e acrescenta “olha como bom ouvir assim para dormir”. Trocam de música, e a maioria é funk, cantam e dançam, aproveitam que o professor não está para poderem ouvir. Rebolam até o chão e cantam, então o professor chega e os adverte, fica bravo com eles por causa da música e do barulho. Pergunta também que vai dançar a música afro do teatro, e diz que quem não for dançar pode ir lanche e pede para guardar os colchonetes. Dois saem, a menina mais velha e o menino vão tomar lanche e ele fica com o restante dos meninos, porém para pouco tempo e mais duas saem sem falar nada com o professor. Ele explica que vai ser a dança afro e sai da sala de novo. Elas ficam conversando e mexendo no

som. Ele retorna depois de um tempo dizendo que o pessoal do teatro não irá naquele momento e finaliza sua aula.

**5º Dia de Observação** (quarta-feira/13:30)

Não teve aula por causa do feriado.

**APÊNDICE 2**

**INSTUIÇÃO DO ENSINO NÃO FORMAL**

**Academia de Dança**

**Turma 1 – academia de dança**

**1º Dia de Observação**

Dia da Semana: segunda-feira

Quantidade de Alunos: 24.

Idade: 07 a 11 anos.

Horário: 10:00 hs.

Turma só de meninas.

Cheguei 15 minutos mais cedo ao local para me preparar para a coleta, conversei com a secretária e a deixei a par do que eu iria fazer e caso surgisse alguma dúvida dos pais e até dela, para me procurarem. O professor estava em sala de aula ministrando sua aula para a turma das 9:00. Esperei ele terminar para explicar como eu iria proceder. Ele me recebeu de forma amistosa e assentiu me ajudar no que precisar, devido a nossa conversa inicial e um atraso das meninas, a aula iniciou as 10:10, dez minutos após o horário.

Assim que as meninas entraram ele pediu para todas já irem para as colocações da coreografia e pediu organização e silêncio, uma de suas alunas não levou roupa de dança, esqueceu de levar, assim o professor a deixou fazer a aula, porém assentiu pedindo para que ela tenha mais responsabilidade da próxima vez, e que tomasse cuidado, já que não estava com a roupa própria para dançar. O espetáculo que a academia irá realizar é sobre a Bela e a Fera, e elas varão o relógio, personagem do filme.

Antes de iniciar a sua aula o professor me apresentou, diz quem eu era e porque estava ali na sua aula. As meninas comentaram quem eu era, umas disseram que já me conheciam, ficaram empolgadas e prestaram a atenção, fazendo colocações uma vez ou outra sobre o que ele estava falando. Após isso me deu a palavra para eu me apresentar a elas. Me apresentei, contei como eu ia me portar e o que ia fazer, expliquei também que ao final da aula eu ia entregar um papel para que os pais assinassem permitindo que eu pudesse fazer o meu trabalho. Houve duas que questionaram se os pais não assinassem o que ia acontecer, eu expliquei que não ia acontecer nada e que se os pais tivessem dúvida para eles me procurarem antes ou depois da aula para conversarmos, assim como também o professor e a secretária. O

tutor acrescentou dizendo que esse era um trabalho de escola, assim como os que elas faziam, só que o meu trabalho era delas, e que eu não estava ali para corrigi-las e sim apenas observar e fazer anotações. Elas compreenderam. Achei interessante a analogia que ele fez, pois aproximou o que estava acontecendo a realidade delas, assim elas compreenderam com mais clareza. Depois disso pediu ajuda a elas para contar quem havia faltado na aula e quem era da SUPAM e quem era da academia, elas se prontificaram na hora para auxiliar se exaltando após uns minutos, o que fez com o professor tivesse que chamar a atenção e pedir que fizessem silêncio. Faltaram 8 meninas, contando 14 que participaram da aula. Ao final da apresentação, disse que eu ia ficar sentada e que era invisível, para elas não se preocuparem comigo. Uma das meninas disse que eu “passei em um portal mágico” e por isso estava invisível.

Após dessa conversa, me sentei em um canto da sala, próximo ao som na parte da frente do local. A aula se inicia com todas na mesma colocação em que estavam. Primeiro relembrou a coreografia que já sabiam sem música. O professor ficou de frente para o espelho e na frente delas fazendo os passos e ditando alguns, corrigindo e chamando a atenção de meninas que estavam realizando as sequências de maneira errada. Chamava-as pelos nomes. Durante um momento a janela se fechou de maneira brusca, provocando um grande barulho, algumas meninas se assustaram, outras riram e outras não se incomodaram. Isso tirou o foco da aula por alguns segundos, mas o professor não se importou e continuou com o exercício.

Logo no início teve umas quatro meninas que me olharam insistentemente, depois de um tempo já não se incomodaram mais com minha presença. Durante a execução da coreografia sem música, umas delas advertiu sobre a sequência, dizendo que era outro passo, imediatamente uma outra disse que não, que era do jeito que estavam fazendo mesmo e a corrigiu. O professor deu atenção ao diálogo e esclareceu o mal-entendido. Logo em seguida uma delas falou para a outra seguir a fila, pois esta estava esquecendo, ela concordou com a correção e continuou dançando.

O Tutor praticamente todo o momento comandava as meninas, falando o que tinha que fazer e para onde ir. A maioria já sabia o que tinha que fazer, com exceção de algumas que se perdiam. Nesse início de aula elas estavam corrigindo umas às outras com frequência. O professor sempre as corrigia e ensinava, não deixava que fizessem de qualquer jeito o movimento, e elas atendiam as suas correções a sua maneira. As mais novinhas tinham mais dificuldade de execução, mas em contrapartida prestavam mais a atenção, as maiores brincavam mais e reclamavam mais.

Em um momento o professor perguntou qual era próximo movimento e quase todas se prontificaram a ajuda-lo, elas gostaram de serem úteis. Nesta parte da aula elas se encontravam concentradas ao que era passado. Durante uma correção que durou um tempo maior, algumas pararam o que faziam para conversar e treinar, aproveitaram já que a atenção do professor não estava voltada para elas. Ao executar o próximo passo, todas sorriram, acharam engraçado e divertido de fazer.

Após o treino sem música, chegou a hora de executar tudo na contagem e melodia da música. Quando o professor foi ao som para ligar o aparelho, todas se descontraíram, conversando, se sentando no chão, dançando livre. Depois de ligado pediu para que se posicionassem e fizessem silêncio, e também não copiassem um das outras, para se concentrarem no estavam fazendo. Elas atenderam ao pedido e fizeram o proposto, algumas se perderam e ficaram olhando o professor. Durante toda a música ele foi ditando as sequências que elas esqueciam ea contagem da música, que é muito importante e difícil para quem está iniciando. Após a passagem pareceram ofegantes.

O “tio” explica que passou e está passando rápido porque precisa terminar a coreografia, que depois vai ensinar com mais calma. Fez também correções gerais. Uma das meninas durante a fala do professor, exclamava: “meu deus!”, “OK”, “tá certo”. Denominei ela de aluna A. Em seguida perguntou se elas lembravam o que ele tinha passado na aula anterior, disseram que “sim” e começaram a mostrar, todas ao mesmo tempo. Todas estavam ansiosas para mostrar, umas mais expressivas do que outras. Uma chamou o tio umas três vezes, porém ele não a ouviu, então ela desistiu. Por uns minutos virou uma algazarra e o professor teve que chamar a atenção delas para que a atenção voltasse para o exercício.

Durante a algazarra uma falou para a outra amiga que ela estava com chulé, e a outra rebateu imediatamente “vai cuidar da sua vida”. O professor distraído não ouviu esse diálogo.

Depois de reorganizadas voltaram para os lugares da coreografia, quando de repente uma menina se levanta e vai para a barra, e logo percebeu e perguntou porque estava saindo do lugar, ela respondeu que “ia tirar a meia”, ele perguntou “por que e para não tirar, pois podia atrapalhar dançar e se machucar”, ela respondeu que tirou porque “ele havia dito que as meias estavam chamando a atenção”, já que a meia era verde e a sapatilha das outras era rosa. Ele afirmou que não precisava tirar já que “a veria dançar de qualquer forma, que não dependia da meia”. Ela voltou ao lugar da coreografia.

Ao realizar uma mudança nas colocações, com isso elas trombaram e fizeram piada com isso, riram muito. A mesma menina que denominei de A mais uma vez disse o que tinha que fazer logo em seguida, o professor não a ouviu. Havia uma delas que bocejou a aula toda,

ela em vários momentos se distraiu, olhando para o chão ou para o espelho. Ele a advertiu e ela acatou de maneira tranquila. Ele sempre corrige, tem pulso firme, mas não é rude com elas.

Havia uma das meninas que era bem hiperativa, ela não parava um só segundo, e em alguns momentos incitava as outras a distraírem. O professor teve que a advertir várias vezes, ela respeitava no momento, mas passava uns segundos depois e já estava cometendo os mesmos erros. Em um momento ele teve que ser mais firme com ela, e disse que se não parasse de fazer “graça” ela teria que se retirar da sala de aula, e que até o momento só ameaçou, mas que iria cumprir caso ela não parasse. Esta ficou em silêncio e o respeitou.

Passou mais uma vez com a música, esta tem uma batida forte e é animada, elas gostam da música. Após isso fez mais correções, umas repetiram para fazer o certo e outras ficaram paradas. Uma delas ficou brincando o tempo todo e uma pediu para beber água, ele disse que iriam só depois de passar com música mais uma vez. Durante a realização da coreografia elas não conversam e se esforçam para fazer, umas mais do que outras. Outra parou no meio da coreografia para se olhar o espelho e ficar piscando, o professor logo lhe chamou a atenção.

Logo depois foram todas beber água, menos uma delas que ficou brincando com professor, este consentiu durante um tempo e em seguida mandou ela ir beber água. A volta se torna um momento de descontração, elas se sentam, conversam umas com as outras e com o professor, e dançam livre.

Depois de uns cinco minutos a aula retorna ao normal. Pede para se posicionarem de novo e começa a passar uma sequência nova. Uma delas havia ido beber água e só retornou depois que havia começado, ele a advertiu novamente. Com essa advertência umas duas meninas se sentaram e ele pediu para levantar e acrescentou dizendo que “elas estavam ali só por uma hora, e que ali podiam se exercitar e eles queriam ficar sentadas, e depois voltavam para a escola e lá ficavam sentadas e querendo estar ali”.

Durante a passagem da sequência nova, teve alguns acontecimentos triviais: uma reclamou que o braço doeu; uma vez barulho após o salto e a outra riu, mas nenhuma achou ruim; o professor fez uma brincadeira e todas sorriram; uma corrigiu o professor por ter esquecido uma parte e esse acatou a correção; a menina fez “graça” e todas riram. Após isso colocou a música e passou a coreografia mais duas vezes, teve uma que até pediu para passar de novo. Esta era rápida, mas elas se esforçavam e divertiam. Depois que terminou a dança, a música continuou e muitas dançaram livremente sozinhas, até o som ser desligado.

A aula se encerrou com o professor pedindo para evitarem de faltar as aulas e entregou o bilhete que pediu. Se despediu delas e elas se despediram de mim. Fiquei conversando com o professor a respeito da turma, mais uns 10 minutos depois do término da aula.

## **2º Dia de Observação** (quarta-feira/10:00)

Uma menina faltou, uma ficou sentada porque não trouxe o uniforme, ela veio de calça jeans, é da SUPAM. E três que não são da SUPAM e não estavam na aula passada vieram hoje.

O professor começou a aula pedindo para se posicionarem nos lugares do início da coreografia. Explicou para quem não estava presente na aula de segunda quem eu era e porque eu estava ali. Enquanto isso algumas conversaram umas com as outras e outras se sentaram. Algumas disseram que não tinham levado o papel que eu entreguei (a autorização dos responsáveis). Disse que entrega um novo no final da aula. O “tio” também me falou quem não se encontrava presente na aula anterior e quem é e não é da SUPAM. Em seguida explicitou que ia começar a coreografia da parte nova, algumas alunas reclamaram e se dirigiram para as colocações.

Ele começou a ensinar a parte nova. Teve que pedir para fazer silêncio uma duas vezes. Uma delas ao executar um movimento falou: “Ai meu deus!!”, outra “Meu braço doeu”. A maioria demonstrou expressão de alegria, gostaram da sequência nova. Enquanto iam aprendendo, duas se distraíram com muita facilidade e a maioria prestavam atenção em tudo, com expressão de desafio e felicidade. Houve um momento que o professor parou para olhar elas e elas começaram a perguntar, “É assim tio?” e mostrar o movimento. Ele disse que sim.

O “tio” incentivou falando, “vamos passar com música?” e todas disseram que sim. Algumas pediram para passar a coreografia com música desde o início e não só a parte nova. Colocou a música e fez junto com elas a sequência nova. Esqueceram uma parte no meio da música, ele perguntou, “está faltando alguma coisa?” e quatro meninas disseram que sim e demonstraram o que era. O professor se dirigiu a mim, “elas têm a cabeça boa, porque se depender de mim...!”, eu só assenti com a cabeça e deu sorriso.

Não deu certo de passar a primeira vez, então a música foi colocada de novo, neste momento uma que ficou durante a sequência brincando e empurrando a colega da frente, esta também ficou brincando com a outra, ao invés de dançar correto. O professor não viu, porém da segunda vez do ocorrido ele viu e advertiu as duas, elas respeitaram, mas com feição de quem não quer parar de fazer o que ele pediu. Ele acrescentou: “o tio está falando sério, se fizerem de novo vou mudar vocês duas de lugar”. A cada vez que este para a música elas relaxam e fazem outras coisas, como abertura, se sentam, treinam saltos.

Tem uma das meninas que sempre dança com um sorriso no rosto e fica quieta, presta a atenção em tudo. O próximo passo que ele passou foi difícil para elas, elas fizeram expressão de dificuldade e esforço, perguntando, “é assim que faz?”. Elas obtiveram resposta e correção. O “tio” brincou, “vocês entenderam rápido demais, então me mostrem se dão conta”. Colocou a música e passaram a parte nova só, durante a coreografia uma falou é assim tio, a outra conversou, mexeu na roupa, mas até que pegaram a parte nova rápido, muitas ficaram perdidas, mas fizeram tudo. Termina a música, umas se sentam cansadas, outras ficam se mexendo, porém prestam a atenção no feedback dado a elas.

O professor falou para elas passarem a coreografia desde o começo junto com a parte nova, elas ficaram perguntando: “Quantas coreografias?”; “Não vou errar”; “Quantos minutos vamos dançar?”; “Tio estou com sono”. Ele deu atenção para elas, mas logo repreendeu afirmando que estavam conversando muito e que era para se concentrarem para fazer bonito. Elas se posicionaram e dançaram com música. Passam bem bagunçado, se perdem e atrasam na música. Ele para a música e disse que não foi bom e que vai passar tudo de novo. Ficam eufóricas, umas reclamam, outras ficam tentando fazer o passo que errou. Os erros são corrigidos e é pedido para pararem de conversar durante a coreografia que quem olha e corrige é o “tio”. E que erraram porque ficam faltando demais, umas delas concordou dizendo, “é verdade”.

Passam mais uma vez. Ainda assim algumas conversam e fazem brincadeiras. O professor faz junto o tempo todo e conta a coreografia também. Apesar dos detalhes fazem melhor agora. Uma delas para enquanto estão dançando para se olhar no espelho e reparar os seus movimentos. Ao término dessa vez que fizeram com música, uma também exclamou, “Ai meu Deus!!”, outra, “tio, que horas acaba a aula?”. Ele respondeu, “daqui a pouco”, uma acrescenta, “é as 11:00”, outra, “já é 10:45”.

Prossegue a aula passando mais coisas novas, enquanto pensa no que vai passar, a metade se senta, umas prestando atenção e outras distraídas dançando livremente no lugar. Ele decide separar a turma em dois grupos e pede para o grupo dois encostar na barra e fica com o grupo um. Uma delas que ficou no segundo reclamou, “Ah não, por quê?” O professor explica o porquê e diz que as duas turmas vão aprender junto, mas na hora da música vão fazer separado. O segundo grupo volta e aprende junto com o primeiro. Faz uma brincadeira com o movimento novo, “vocês não sabem rebolar, até o tio rebola mais do que vocês”, elas se divertem com o que ele falou, fazem o passo se olhando no espelho. A que ficou a aula toda sentada estava inquieta, se mexia muito e mudou de lugar, o professor a interpela perguntando

se ela está prestando atenção para fazer depois na outra aula, e ela afirma que mudou porque o espelho estava balançando.

Enquanto ele falava com a aluna, todas se deitam no chão fazendo brincadeiras, afirmando que estão cansadas. Uma faz corpo mole e as outras imitam. O professor pede para passarem mais uma vez, e a maioria reclama e diz que não e se sentam. Ele pede para elas irem beber água e para não demorar, e que elas estão preguiçosas hoje. No momento em que descem o professor se dirige a mim e fala sobre as alunas, que são muito espertas e tem muita capacidade. Me mostra uma delas pedindo para ela fazer um movimento, ao mesmo tempo as outras foram entrando na sala, e cada qual brincava à sua maneira, dançava livre, fazia movimentos de acrobacias. Uma chega perto de mim e afirma: “hoje nem a tia Fernanda”. A outra me pergunta por que tanto escrevo, explico o motivo para ela.

O professor vai até elas e as reorganiza e conversa com elas pedindo atenção, explica o que vão fazer e coloca a música de novo. Passam mais uma vez a coreografia com o “tio” ditando e contando na música, mais uma vez, teve uma que ficou brincando com a saia, outra se olhou no espelho e ficou dispersa. Ao final diz que acabou e despede das meninas.

### **3º Dia de Observação** (segunda-feira/10:00)

Cheguei 5 minutos atrasada. Quando cheguei as meninas estavam na sala de aula e o professor tinha que fazer uma ligação importante, ele pediu para que eu ficasse com as meninas por uns minutos para fazer a ligação. Eu fiquei conversando com as meninas sobre as fichas de consentimento dos responsáveis. Uma delas disse que a mãe não autorizou e que não levou o papel porque não teve tempo, tinha que fazer tarefa de inglês, da escola, tinha muita coisa para fazer. Outra disse que a mãe não entendeu o que era, eu expliquei e disse que na ficha tem os meus contatos que as mães podem me ligar se tiver dúvida. Outra mudou e assunto e me contou sobre o aniversário. O professor entrou na sala pedindo silêncio e organizando elas nos lugares do início da coreografia. Muitas estavam eufóricas, conversando muito, ele advertiu com severidade pedindo postura e silêncio, hoje ele está mais ríspido.

Com o andar da aula uma das alunas fez bagunça, corpo mole, nas outras aulas ela também fez isso, é muito esperta, mas hiperativa. Só que hoje ela se encontra particularmente mais “ativa”, “serelepe”, por isso foi advertida várias vezes. O professor disse que nesse começo de aula ia arrumar os lugares da coreografia e “limpar” alguns movimentos. Em alguns momentos dessa correção, umas chamaram o professor e ele pediu silêncio, nem prestou atenção no que elas iam falar. Uma reclamou que a amiga encostou no coque dela, ele não disse nada.

Continuou fazendo as sequências de movimentos, corrigindo cada movimento. Corrigiu as que estavam errando, indo nelas muitas vezes mostrando os movimentos com o toque se necessário. Umhas estavam mais concentradas do que as outras. Algumas faziam corpo mole e enquanto ele pede para subir o braço, elas nem sequer ficavam um segundo e já abaixavam o braço. Conversavam também umas com as outras no momento quem o professor estava com outra aluna, ele não deixou passar em branco e disse: “É para fazer”.

Passou um passo novo em duplas e elas adoraram, fizeram brincadeiras sobre o movimento, tentando se equilibrar, rindo para a amiga. Uma pergunta, “tio é assim?” A que me contou sobre o seu aniversário ficava sorrindo para mim de vez em quando. Foi a mesma que me disse em outra aula que eu era bonita.

O professor continuou passando os movimentos da coreografia, ficou em um movimento mais vez passando parte por parte, nesse momento elas prestaram a atenção e realizaram umas apresentando mais dificuldades do que as outras. O professor perguntou para elas, “é assim mesmo?” três delas ajudaram ele a lembrar o que vinha depois desse movimento. Tem duas meninas com o mesmo nome, ele chamou advertiu, mas não falou qual, uma delas ficou falando, “eu, eu, é eu?” e ele disse que não. A que bocejava em todas as aulas não agiu diferente nesse, bocejava o tempo todo. Mais uma vez ele pergunta algo para elas, diz, “e depois o que é?” uma disse o que era e demonstrou, o professor elogiou e aceitou a ajuda.

Uma das meninas, que sempre faz corpo mole e bagunça, a mesma que já citei algumas vezes em aulas anteriores, a que faz o que quer, não agiu diferente nesse dia. O professor corrige ela e ela faz da maneira que quer e não a correta, ela é bem dispersa, mas é muito esperta, apesar do corpo mole quando é para passar com música ela faz tudo.

Houve outro momento em que o professor esqueceu a sequência da coreografia, elas tentaram ajudar, mas desta vez existiu certa divergência entre elas, uma dizia uma coisa e outra dizia algo diferente. Apesar das divergências uma delas que participou mais foi falando e o professor foi lembrando. Ele então pediu para passar com música, até então estavam fazendo sem música. Enquanto foi ao som, um diz “tio, coloca a música para dormir”, a outra, “isso mesmo, coloca a música e fecha a janela”. O professor advertiu elas dizendo que não era para conversar quando colocava a música e nem se sentar no chão, que ele já havia pedido várias vezes para não fazerem isso. Pediu para se posicionarem nos lugares e colocou a música.

Muitas esqueceram a coreografia, terminaram de passar tudo e o professor afirmou que não podem esquecer e mostrou o que fizeram de errado. Uma falou, “coloca de novo”, a

outra, “tio, olha a “fulana” mexendo no meu coque!” Não deu atenção e colocou a música de novo, mas dessa vez fazendo com elas.

Após passarem com música, o professor ficou um tempo em silêncio pensando na coreografia, três delas ficaram dançando livremente. Uma delas ficou nessa aula sempre treinando giros durante as pausas. Em seguida resolveu dividi-las em grupo, os mesmos da aula passada, grupo um e dois. Pediu para que o grupo dois encostasse na barra e para que pudesse passar a parte nova para o grupo um. Separou já que cada grupo ia dançar uma sequência diferente. Enquanto estava entretido com um, as meninas do grupo dois fizeram o que quiseram, quatro conversaram, uma mexia na janela, duas observavam as outras dançando. A que estava encostada em pé na barra, ficou conversando, mas ao mesmo tempo prestando a atenção no professor, já que do nada nos surpreendeu falando, “tio uma fulana desse grupo faltou”, mais duas falaram das outras que também faltou. O professor só assentiu com cabeça, após isso três do segundo grupo se sentaram e aos poucos todas foram se sentando, ele percebeu isso e advertiu para prestarem a atenção e pararem de conversar que quando elas estiverem dançando igual ao primeiro grupo, elas vão querer silêncio do primeiro grupo. Pediu para que todas se sentassem e ficassem em silêncio, e falou para a que ficava mexendo na janela fosse para um outro lugar da sala. Não resolveu muito a advertência para o grupo, já que elas se sentaram, mas continuaram conversando.

Enquanto tudo isso o professor estava ocupado com o primeiro grupo passando a sequência de movimentos. Teve uma que durante isso ficava se olhando no espelho fazendo movimentos livres e não o que ele pedia para fazer. A que ficou separado do grupo dois não ficava quieta, se sentava, deitava, rolava no lugar. Uma do grupo um disse, “tio, meu deus já passou de 10:00”, ele sorriu, pois ela se confundiu não era 10:00 e sim 11:00 que ela quis dizer. O professor as vezes se esquecia do que havia acabado de montar e o ajudava e riam, ainda quando passa movimentos de saltos.

Resolver trocar os grupos, mas antes elegeu uma das mais caladinhas e espertas delas para cuidar do grupo enquanto ele se ocupava com o grupo dois, afirmou que só ela poderia conversar e que era para estudarem a parte nova. Chamou o segundo grupo e também a que estava sentada separada das outras, de “castigo”, e ela falou, “Ah não, está tão bom aqui, não posso ficar sentada?” ele não responde e a adverte com sinais para ir ao seu lugar.

Enquanto o professor estava com o segundo grupo, a maioria do primeiro se sentaram, contrariando o pedido do professor. Uma sentou primeiro e as demais foi imitando o gesto, até que ele elegeu para cuidar das demais, se sentou depois de um tempo. Elas conversavam entre si, mas estavam mais concentradas e contidas em relação ao outro grupo. Mas o

professor se estressou com as conversas e chamou a atenção delas dizendo, “já ensaiaram?”, “Quero todas de pé”, “Não quero ninguém sentado”, “Eu vou ver a coreografia e vocês devem saber”. Elas foram se levantando devagar e a contragosto, algumas nem se levantaram, então após um tempo advertiu de novo obrigando todas a ficarem de pé e acrescentou que ia pedir para cada uma passar a parte nova e que teriam que saber. Quando ele fala isso todas obedecem, apesar de ainda ter certa resistência ao fazerem corpo mole. Uma vez de pé, umas estudam a sequência e outras ficam encostadas na barra fazendo nada.

Pede para que os dois grupos passem com música e falou o nome de uma menina de cada grupo para ajudar a não esquecer a coreografia para a próxima aula. Passam só a parte nova na música, muitas ficam perdidas nos movimentos e na contagem da música, por isso para a música e põe de novo. Depois disso diz que agora vai passar a toda a coreografia com música, uma diz, “desde o começo”, umas reclamam e fazem corpo mole, exclamando a expressão “Ah!!!!”. Mesmo assim o professor coloca a música e vai ditando o ritmo e alguns movimentos, quando chega na parte ele próprio se atrapalha, esquecendo alguns movimentos, e elas como estavam seguindo ele, não lembraram. Então ele fala, “não podem esquecer”, uma afirma, “tio está na hora de ir embora”, ele nem dá atenção. Tira a música e passa de novo a parte nova sem música, então uma diz, “tio não tem o pulo?” e ele “é, depois eu vejo”, outra pede, “tio posso beber água?”, ele diz que não. Depois de passar a parte sem música, se despede delas e diz para ninguém esquecer.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/10:00)

Cheguei para a aula, mas o professor ainda estava com a sua turma das 09:00, esperei ele terminar sua aula para entrar na sala. Assim que as liberou eu entrei e ele se dirigiu a mim e falou a respeito das autorizações que teve menina que havia entregado para a secretária e que elas alegaram que muitas mães não levaram porque não entenderam do que se tratava.

Iniciou sua aula posicionando as alunas em uma colocação da coreografia e “limpando”, corrigindo os movimentos e relembrando todas as sequências. Todas foram executando o que ele ia pedindo e o que também já haviam aprendido. Algumas neste momento perguntaram, “É assim tio?” e mostrava o movimento. Ele só as olhou e nada disse, perguntou qual era a próxima parte que deveriam fazer, e uma delas prontamente falou qual era. Ele acrescentou, “Eu tirei uma parte né?” e três delas disseram que sim e demonstrou qual era, ele concordou e ensaiaram a mudança.

Igualmente a aula passada, separou elas em dois grupos. Primeiramente o grupo um faz a sequência de movimentos e o grupo dois encostou na barra. Enquanto isso as alunas conversam entre si, outras se alongam, uma se olha constantemente no espelho. Após a

passagem troca de grupo, não diferindo da dinâmica do outro, os acontecimentos se repetem, as meninas conversam, dançam livre, se alongam, se olham no espelho, encostam na barra, durante a sequência das outras. A conversa ganhou uma grande proporção obrigando o professor a ser ríspido as advertindo.

Juntou os grupos e continuou passando a coreografia sem música, corrigindo os movimentos. Em um momento houve um embate entre as alunas e o professor, ele esqueceu uma parte e elas tentaram o ajudar, mas cada uma falava uma coisa e ao mesmo tempo, por um momento virou uma bagunça, mas logo ele resolveu a situação e pediu organização para elas que atenderam. Uma das meninas empolgou e toda hora ficava ditando para o professor o que era para fazer, ele não aguentou e a repreendeu dizendo, “já deu!!”. Ele sorriu e ela também. Não diferindo das outras aulas, sempre que tem uma pausa, as mesmas meninas se comportam igualmente. A que gosta de conversar, conversa, a que fica dançando livre, fica dançando, as que são preguiçosas se sentam, quase sempre se portam da mesma maneira. Umás sete delas são bem caladinhas e quietas, muito difícil se expressarem verbalmente, prestam a atenção e executam como é pedido, com exceção de duas que são quietas, mas não fazem tudo, uma é bem dispersa e a outra se olha muito no espelho. A rotina se mantém durante o desenrolar das aulas.

Ao desenrolar da aula uma delas disse ao professor, “tio, a fulana está me corrigindo” e ele não deu atenção, preferiu ir até uma que estava sentada e que não o obedecia, sempre se sentava, mesmo ele dizendo para não fazer o mesmo. Uma pergunta, “Vamos passar desde o começo?” e ele diz que não e pede para fazerem os dois grupos de novo porque vai passar as partes separadas de novo para ficar bem bonito. A contragosto de algumas elas obedecem. Após as correções passam com música. Antes de colocar a música mais uma vez é preciso as adverti-las e ele deu um exemplo do cotidiano delas, afirma que no recreio elas mal comem para poder correr e brincar, que fazem durante todo o recreio e não se cansam e ali era uma hora só e mal conseguiam ficar em pé, ficavam com “corpo mole”. Elas consentiram com a cabeça, mas nada falaram, ele põe a música.

Novamente durante a execução da coreografia, há conversa entre elas, dizem o que é para a miga fazer, ou algo sobre as colocações, algumas se olham no espelho, duas dançam sorrindo o tempo todo. Mas praticamente todas ainda olham o professor para realizar os movimentos, ainda não decoraram, o corpo não assimilou tudo. No final da passagem da coreografia, duas comemoram batendo palmas, uma outra exclama, “Deu certo”. O professor que elas precisam ter pontualidade nas entradas e saídas do movimento e do palco, e corrige individualmente as partes que não foram tão boas. Elas então começam a fazer os passos e

mostrar para o professor, se empenham para fazer da melhor forma que conseguem, umas se empenham mais do que outras. Nesta parte da aula acontece de tudo, alunas se sentando, tentando fazer, observando quietas, conversando, brincando na hora de fazer. Tem uma que são mais hiperativas, que se mostrou assim em outras aulas, ela faz corpo mole, brinca e não obedece, o professor nem liga mais para suas brincadeiras, em muitos momentos a ignora.

Quando os movimentos são de saltos elas sempre gostam de executar, sorriem, brincam e se sentem desafiadas. Novamente pede para passar toda a coreografia com música, algumas reclamam, outra pede para beber água e ele diz que só depois, que vai passar uma vez, beber água e depois passar de novo, e que se elas fizerem bonito precisam fazer só uma vez. Uma delas se preocupa e diz que não consegue fazer direito o passo e ele diz que depois vai “limpar direito” e ela vai conseguir fazer. Uma delas faz graça e pergunta “não pode dançar sujo não?” faz para mexer com o professor, mas ele não ouve.

Ao dançarem com música e professor adverte que fizeram de qualquer jeito e que brincaram muito, por isso não deu certo, não saiu bonito. Falou com a menina hiperativa que comentei antes, alegando que não dá para ela continuar atrapalhando as outras meninas, que enquanto as outras estavam dançando a coreografia bonito e ela estava dançando outras coisas, o que vinha em sua cabeça. E que estava perdendo muito tempo com essas brincadeiras. Ela só prestou a atenção e nada disse. No mesmo momento duas delas ficaram sentadas, outras com expressão de desinteresse (“não estou nem aí”) olhando para os lados se movimentando como querem. O professor então afirma que a coreografia não é só realizar movimentos, que estes têm a hora certa para serem realizados, tem que se comunicar com a música, e pergunta, “não é bom aprender juntas?” respondem que “sim!”.

No intervalo para beber água ele veio conversar comigo a respeito da coreografia e das meninas. Elas vão bebendo água e subindo aos poucos para a sala. Enquanto isso duas vem conversar com o “tio”, contar o que elas fizeram, ele brinca com elas, da atenção. Uma se dirige a mim para contar do seu cachorro, incentivada pela colega outra também vem me contar, conversar comigo. Demoram pouco para beberem água, mas percebo que este é um momento de descontração, elas ficam se arriscando fazendo movimentos de acrobacias, de flexibilidade, são os que mais gostam, abertura, ponte, estrelinha. Após todas entrarem na sala ele pede para passarem de novo desde o começo, imediatamente uma fala, “mas você não disse que ia passar só uma vez?” outra diz, “que dia vamos fazer exercício na barra?”. O professor nem ouviu e prosseguiu no que estava fazendo. Umas delas enrolou para beber água e entrou na sala bem depois, ele então não a deixa passar dessa vez, coloca ela sentada no chão e pede para ela observar o que estava perdendo ficando ali. Depois de dançarem tudo ele

as elogia “está melhorando”, e se dirige para a que está sentada, disse que está triste com ela e que se ela não dançar igual as outras vai ter que ficar de castigo, e que todas as outras estão dançando bonito. Acrescenta também que elas são diferentes, mas que dentro da sala todas tem que ter uma coisa em comum e pergunta as outras o que é, respondem que é disciplina. A menina presta a atenção, mas nada fala, assim ele as libera e termina sua aula.

#### **5º Dia de Observação** (quarta-feira/10:00)

Na aula de hoje as meninas da SUPAM não vieram de uniforme de ballet, pois elas não iriam fazer aula, realizariam um passeio, porém este passeio foi cancelado de última hora. Por isso algumas estavam de calça jeans, cabelo solto, maquiadas, e de uniforme da SUPAM. Além de também muitas que faltaram. O professor disse que tudo bem e que ia dar uma aula mais tranquila para elas não suarem muito já que iriam ficar com a mesma roupa o dia todo.

Ele as posicionou e iniciou a aula “limpando” as partes que estavam com mais dúvida e que não estava bonito ainda. Uma chegou atrasada e ao entrar na sala sem pedir licença todas pararam de dançar para olhá-la, o professor as advertiu e explicou que no palco não podem ficar olhando para a mãe o pai e parar de dançar por causa disso.

A maneira que estavam vestidas interferiu na execução dos movimentos. Uma delas mostrou bastante dificuldade de dançar no chão por causa da causa jeans, outra a todo momento se olhava no espelho para ver se seu cabelo estava bagunçado, já que estava solto. Passou a mal no cabelo várias vezes e afirmou verbalmente que estava com calor, assoprando e balançando a blusa. O professor nem observa, pois está entretido com as sequências de movimento. Ele mostra o exercício e muitas ficam mostrando e perguntando se é assim mesmo que se faz. As divide em grupo e “limpa” os passos que cada grupo vai fazer, enquanto um as realiza o outra fica encostado na barra para não invadir o espaço das outras que estão dançando. O grupo que espera se senta, e conversa, mas não muito, hoje elas estavam mais comedidas diferentes das aulas anteriores. Até estranhei esse comportamento. Trocaram de grupo, e o que agora se encontra em espera, age da mesma maneira, com exceção da que ficava mexendo no cabelo, ela mais uma vez se preocupa em arrumá-lo.

Uma das meninas demonstra interesse e criatividade dando ideia de um movimento para colocar na coreografia, o professor consente e diz que é uma ideia a se pensar, ela fica satisfeita. Pediu para se posicionarem no lugar que vai colocar a música, e acrescenta, “quero ver quem consegue ir para o lugar certinho”. Elas vão e ele se dirige até o som e pega o celular para pôr a música, porém o celular trava e demora mais do que o esperado para iniciar, então elas se aproveitam da situação para saírem da posição, se sentando e dançando livre, e ele adverte falando que não podem fazer isso. A música começa e elas iniciam a dança, mas

percebem que não é essa música do começo, param de dançar e o professor corre para o som. Uma diz, “Não acredito tio, aneim!!”, outra fala, “a música é outra”. Ele comenta com elas que pode ter apagado a música do celular, e uma exclama, “não é possível, não acredito”. Elas acham graça do ocorrido, todos sorriem até o professor. Dá certo e finalmente conseguem dançar.

Nota-se uma evolução em relação na execução da coreografia em relação aos primeiros dias de observação. Muitas já estão realizando os movimentos bem melhores e estão decorando mais. Entretanto enquanto dançam ainda existe conversa, arrumação de cabelo, brincadeiras. Logo em seguida uma pede para beber água e ele não deixa ainda, e acrescenta que quase todas já estão fazendo junto e correto. Explicou também que não vai mais fazer junto com elas, que até o momento fez junto para elas aprenderem e que não é para ficarem dependendo dele, que se souberem o movimento é para realiza-lo e não esperar ele fazer isso. De agora em diante não vai mais fazer junto, só vai ditar a contagem da música, porque já conseguem fazer sozinhas, e alerta que a bailarina tem que saber dançar a coreografia na contagem e ritmo da música. Depois disso elogiou três delas, elas prestaram atenção e concordaram afirmando com um gesto de cabeça, uma acrescentou, “minha mãe falou que não podemos copiar do amigo porque é feio e você pode copiar errado”.

Deixa elas irem beber água e dessa vez desce com elas. Aos poucos vão retornando para a sala e novamente cada uma se diverte à sua maneira, dependurando na barra, fazendo acrobacias, conversando, se sentando, rolando, uma pergunta as horas, porque não sabe olhar no relógio, sua colega comenta, “não acredito que ainda não sabe ver a hora”, ela não faz nada, nem dá atenção. O professor entra na sala e fala, “vamos passar uma parte da coreografia – o começo”. Ele se senta na frente delas e tem uma que se senta também, ele fala para ela se levantar que só ele que pode ficar assim já que agora só elas que dançam, ele só “limpa”. Começa ditando a contagem dos movimentos e pede para que todas façam juntas, vão fazendo e pausando à medida que acontece os erros, repetem várias vezes até que saia junto e correto. Todas fazem e ficam com expressão de concentração, caladas. Esse é um pode ser cansativo para as crianças, mas é essencial. Uma delas fala algo, mas ele nem responde e a repreende afirmando que não é para ninguém falar. Neste momento ele muda de postura, é mais firme e rígido, até o seu tom de voz muda em relação ao início da aula. Elas reagem ficando quietas e concentradas. A que sempre boceja durante as aulas, me olhou insistentemente nesta hora.

A dinâmica continua a mesma, o professor elogia quando elas fazem correto, e elas gostam disso. Uma reclama, “Ai meu braço está doendo”, outra, “Ai!”, “já chega tio” é o que

diz uma delas. Ele nem da importância. A que bocejou, faz o movimento e pergunta, “é assim tio?” e ele não vê. Uma delas está totalmente sem atenção, coça a orelha, olha para o chão, tira a sapatilha, só quando o professor pede alguma coisa é que ela se importa e faz alguma coisa. A que estava com insistência olhando o cabelo no espelho, continuou fazendo o mesmo gesto, além de nas pausas fica fazendo “graça”, se jogando no chão, expressão de “corpo mole” e cansaço, dançando outra coisa. O professor pede para elas ficarem quietas que não pode coçar o nariz, mexer nas unhas, assoar o nariz, conversar enquanto se dança. Afirmo que tem que fazer bonito porque na semana que vem a diretora que está viajando chega de viagem e vai querer assistir elas dançarem. Elas ficam surpresas e algumas com expressão de medo. A maioria das crianças tem medo quando ela assiste, pois é muito exigente e rígida.

A cada vez que faz pausas muito grandes, existe uma dificuldade de permanecerem quietas no lugar. Ele chama para irem dançar todas a coreografia desde o começo, a maioria reclama, faz expressão de cansaço e diz não querer, “Ah não tio!”, “meu pé tá doendo, estou cansada”. As mais velhas fazem mais “corpo mole” na hora de corrigir os movimentos, principalmente quando tem que repetir mais vezes, em relação as mais novas. Elas atendem melhor aos pedidos, apesar de maiores limitações motoras. Dançam tudo com música, já fazem bem melhor, porém muitas partes o professor fez com elas, ele não aguentou ficar para vendo elas dançar. Uma diz que adorou e ele as libera finalizando a aula.

## **Turma 2 – academia de dança**

### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: terça-feira

Quantidade de Alunos: 15.

Idade: 08 a 10 anos.

Horário: 09:00 hs.

Turma só de meninas.

Cheguei a academia cinco minutos antes do início da aula, conversei com a professora e expliquei o que eu iria fazer, não me apresentei pois já a conhecia. Falei que ela podia me apresentar as meninas e depois eu ficaria no cantinho só anotando, e que também no final da aula eu precisava entregar o termo de consentimento para as crianças levarem aos responsáveis. Senti que ela estava com presa e não me deu muita atenção nesta parte, tanto que após as meninas entrarem ela apenas disse para as meninas que eu ia assistir a aula delas hoje e que elas já sabiam quem eu era, preferi não interromper e apenas sorri para as meninas.

A aula começou com a professora pedindo para que elas se posicionassem na sala para fazer o aquecimento que é coreografado. Por ser assim todas já sabem a sequência, pois já tem

um tempo que elas realizam a mesma. Todas fazem iguais, sem hesitar, com expressão de concentração. A duração deste é de uma música completa e esta é agitada, “dance”. Teve um momento em que a professora saiu por uns três minutos da sala de aula e nenhuma das meninas parou de fazer o aquecimento, nem mesmo olharam ou esboçaram algo pelo acontecimento. Durante esse a professora não falou nada, só ficou observando. Algumas ficaram me olhando, mas não se desconcentraram.

Ao final a tutora fala, “obrigada”, e pede para se reorganizarem e se preparar para a próxima sequência que também é coreografada. Toda a aula se desenrola desta maneira, as sequências são coreografadas e executam já tem um tempo, por isso já sabem. Esta é realizada no chão e a música é lenta e brasileira. Da mesma forma todas executam corretamente, concentradas no que estão fazendo. A professora corrige algumas de vez quando e estas se corrigem após serem advertidas. Muitas se olham no espelho para verem se estão fazendo juntas e correto, e também para ver a professora que está no fundo da sala. Ao final desta agradece as alunas e não dá tempo para se desconcentrarem já coloca outra música que é realizada no chão. As meninas não falam nada e simplesmente começam a dançar.

Esta sequência faz um trabalho técnico de ballet, é realizada deitada no chão e a música é lenta e brasileira. A professora aqui corrige o tempo todo e as vezes dita o exercício na contagem da música. Algumas meninas demonstram dificuldade e fazem careta de esforço e dor. Tem uma que me olha com maior insistência, uma bocejou e fora isso, todas bem concentradas. Ao término desta a professora já pede para irem para a barra e elas se levantam e vão imediatamente sem falar nada se posicionando para o início do próximo exercício. Neste a música é “dance” e agitada, trabalha flexibilidade, todas executam tecnicamente muito bem, pois todas são alongadas. Elas mal respiram e já iniciam a música.

A professora caminha por toda a sala corrigindo e estimulando sempre. Expressões de concentração e esforço. Algumas apresentam mais dificuldade do que as outras, uma menina em especial., Ela em geral é mais corrigida do que as outras, o que não a desestabiliza, pelo contrário, ela se esforça para atingir a expectativa da professora. Esta exige muito delas questões técnicas, como joelho esticado, quadril encaixado, pés estendidos. Quando fizeram a abertura, a maioria demonstrou expressões de dor e esforço. Uma aluna chegou atrasada uns 15 min, quando iam realizar o outro lado. Por não estar aquecida a tutora passou um aquecimento chão, enquanto as outras iniciavam o outro lado. Ela ficou fazendo junto com a aluna e ao mesmo tempo observando as outras. Na metade da sequência ela se juntou as demais. As expressões continuavam de seriedade e concentração. A menina que me olhou com maior insistência reclamou que este lado, no caso o esquerdo, era mais difícil, a

professora olho,. mas não disse nada. Mal terminaram este e elas já correram para se posicionar no fundo da sala para a próxima sequência. Em um minuto já estavam realizando a outra música.

A música era “dance” e agitada. Como em outras situações algumas demonstraram maior dificuldade do que as outras e a expressão sempre de concentração. Esta foi de grupo, enquanto um grupo dançava o outro esperava, sem conversas ou distração. Cada grupo fez a sequência mais de uma vez, uma delas ainda me olhava com maior insistência. Depois desta já emendaram para outra música, agora era um exercício de abertura, neste elas esboçaram maior descontração, sorriram um pouco. Uma ralou um pouco o joelho ao fazer a abertura, ela mostrou para a professora e ela deu atenção e fez uma brincadeira. Sem descanso e logo em seguida já se posicionaram de costas para o espelho e começaram outra sequência, foi um treino de pirueta. Música “dance”, todas concentradas. Uma apresentou maior dificuldade e outra virou um pouco pé durante o exercício, esta parou e ficou segurando o pé, fazendo cara de dor. A professora não deu atenção e finalizou a música. A menina foi mostrar para ela depois e ela disse apenas, “cuidado”, com expressão de desconforto a menina foi para a diagonal realizar a próxima música. Era um exercício de salto. Ela fez com expressão de dor no início, mas depois não esboçou mais nada. Elas fizeram umas quatro vezes cada lado. Neste uma menina tirou uma dúvida que foi atendida, estavam concentradas, mas mais alegres, divertiram mais. A professora incentivou algumas meninas, que fizeram correto.

Após este, foi dada uma pausa para irem beber água, algumas saíram da sala e outras ficaram e beberam em suas garrafas. Elas estavam cansadas, ofegantes. Durante essa pausa conversaram, brincaram um pouco umas com as outras. A professora olhou novamente para o pé da aluna, mas não deu muita atenção, pois não era nada grave. Conversaram um pouco e já se posicionaram perto da barra para a entrada da coreografia do final de ano. Elas já sabiam como fazer e também os lugares.

A professora passou a coreografia até a parte que ela montou toda sem música, contando e corrigindo e tirando dúvidas dos passos. Uma teve dúvida e perguntou, e foi atendida. A menina que se machucou não conseguia fazer o movimento e quando conseguiu fez “festa” e disse, “tia, eu consegui!!”, com expressão de alegria. A “tia” deu um sorriso. Esta fazia analogias com a coreografia e elas se divertiam. Estavam mais descontraídas e interagindo umas com as outras. Teve uma aluna que corrigiu a outra e depois pediu desculpas, pois ela estava equivocada. A professora esqueceu uma parte e essa mesma menina, ajudou prontamente. Durante esse tempo, uma delas que estava esperando ficou dançando e fazem “graça”. Quando mudaram de lugar, conversaram sobre a coreografia.

Em seguida a tutora pediu para cada uma mostrar um exercício, e pediu para fazerem correto e dentro da contagem da música. Elas fizeram e gostaram. Foram corrigidas e elogiadas após realizarem. Uma que estava com mais dificuldade fez e a professora a elogiou, e ela ficou feliz, porém ficou mais contida. Neste momento a professora mostrou “pulso firme”, concentração, comando, mas estava mais descontraída e também brincou mais com as alunas. Uma delas pediu para ir ao banheiro e a professora deixou, sem problemas. Houve muitos questionamentos que foram respondidos com tranquilidade. Quase no final da marcação a professora tirou uma delas de uma parte e ela disse, “graças a deus não vou precisar pular em um segundo”. A mesma logo em seguida observando as outras, falou, “tia, elas não fizeram nada”, e a professora respondeu, “calma, eu vou ver elas agora”. A mesma aluna novamente corrigiu a professora que estava errando a contagem em uma parte e esta respondeu de forma amistosa.

Em seguida, fizeram tudo com a música, a professora contou a música o tempo todo. A coreografia é bem rápida. Elas se perdem em algumas partes. Por isso no final houve correções do que ficou errado. Uma delas teve que ir cinco minutos mais cedo. Pararam para beber água e passaram a coreografia com música mais uma vez. No final elas ficam eufóricas, a professora se despede e entrega o termo que eu havia pedido.

## **2º Dia de Observação** (quinta-feira/09:00)

Toda terça e quinta a maioria das meninas saem de outra aula e emendam com a aula de dança. Esse dia a aula iniciou com a professora cumprimentando elas, logo em seguida eu perguntei quem havia levado a autorização e nenhuma lembrou de levar. Falei com uma que não estava na aula passada e expliquei do que se tratava a folha de autorização. Logo a professora colocou a música e começou a aula com o mesmo aquecimento coreografada da aula anterior.

Teve uma que chegou atrasada, entrou na sala, a professora falou bom dia e ela sorriu e já começou o aquecimento da parte que estava pegando este pela metade. Do aquecimento já foram para a sequência do “granbattement”, a mesma da aula passada. Todas fazem, umas com mais dificuldade do que as outras. Expressões de concentração, mas feição relaxada. Como fazem de frente para o espelho percebi que elas se olham durante todo o exercício, umas copiando as outras para fazerem juntas.

Emendaram a sequência que escorrega na abertura, elas gostam dessa, sempre sorriem, principalmente quando caem. A professora as colocou espalhadas no centro e mostrou o movimento correto, falando nome por nome de quem fez errado, mostrando o erro de cada uma e pedindo para fazerem junto. As meninas fazem com ela e se esforçam para acertar.

Durante a correção uma fica sentada, e a professora pede para elas se deitarem e levantar a perna, e elas ficam se perguntando se é a sequência coreografada do “plié”, a professora diz que não, coloca a música e vai falando o que elas têm que fazer. Então começaram a segui-la. Nesse momento uma estava no banheiro. Elas vão fazendo o que a professora fala, teve uma que fez expressão de força, relaxaram um minuto e elas reclamaram, fazendo expressão de cansaço e dificuldade, mas no fundo gostam, se divertem. Repetem os movimentos de novo. Um seguranças as pernas para ajudar na força, duas desistem no final do exercício.

A professora pede para virarem de costas e elas reclamam, fazem corpo mole, ela pede para fazerem um movimento, mas ficam perdidas, não lembram qual é. Então umas delas mostra para a professora e pergunta se é esse, todas entendem, e a professora elogia a que acertou. Uma faz graça, perguntando se não podia ser de outro jeito e mostra como deveria ser, todas riem dela e se divertem. Executam o que a professora pediu, fazendo expressão de força, mas achando legal. Muitas dizem ao final: “Ai tia!”.

A professora dá uma abdominal e elas reclamam, “Ah não!”, mas fazem tudo. Uma acrescenta “só falta você pedir para fazermos flexão”. Elas fazem uma ponte e relaxam, então a instrutora brinca, “aqueceram um pouquinho?” e todas afirmam e fazem expressões de cansaço. Uma das meninas, afirma, “faltou a flexão”, quase todas reclamaram, “Não!! Agora ela vai querer passar...”, a professora brinca, “eu não tinha pensado nisso, mas posso passar...”. Durante a sequência uma não fez porque tinha ido ao banheiro, a professora brincou com ela dizendo que porque ela não fez, na próxima aula todas fariam tudo de novo, a maioria acrescentou que ela faria sozinha que elas não repetiriam tudo. A menina não gostou muito, e afirmou que foi porque estava muito apertada. A professora não interveio, dizendo nada.

A professora começa a passar uma sequência nova. Elas a seguem e se esforçam para fazer, gostam da parte, se divertem ao fazer, se sentem desafiadas. Ao mesmo tempo que fazem algumas vão comentando sobre como fazem, tiram dúvidas, expressam dizendo “que legal”, “que fácil”. Enquanto duas são corrigidas, outras conversam sobre o cabelo da amiga. Fizeram agora a sequência no ritmo da música, que é muito rápido, uma exclama, “o que?”, para a rapidez. Outras, “tia, a gente está fazendo tudo de novo? Não estamos fazendo parte nova”, a professora nem responde. Passa pequenas partes e pede para elas mostrarem e vai corrigindo uma por uma. Pega uma pelo braço e mostra como é, então outras comentam sobre o movimento, “finge que está dormindo”, “finge que é um robô”. Uma chamou tia várias vezes, e ela pediu para que fizesse silêncio. Se divertem com essa parte nova.

A professora continuou ditando a sequência e falou muitas vezes a expressão “abriu, cruzou”, então uma brincou, “tia não, a gente não está em abril”, todas acham graça e professora repete a sequência várias vezes. Todas a seguem, comentando uma vez ou outra, “tia pode fazer na meia ponta?”, “isso que eu ia mostrar agora”, ela mostra e fala o que não pode fazer de errado. Passa movimento por movimento para depois juntar tudo na sequência. Continuam comentando para a professora sobre a parte nova, “é difícil”, “não para ficar assim”, “é assim tia?”, a professora não dá muita atenção e da sequência a aula. A professora explica que eles estão fazendo sem sincronia, afirma que está discrepante, uma imediatamente pergunta, “o que?”, não entende a palavra. Passam mais uma vez toda a sequência nova, uma afirma “é meio confuso tia!”, a professora diz é um pouquinho mais rápido, uma exclama, “um pouquinho mais rápido!?!”. Elas sentem dificuldade devido ao ritmo e por ser algo novo, mas correm atrás e se esforçam para fazer. Pausa a aula para beberem água.

Cinco ficaram na sala porque levaram garrada d’água, o restante desce as escadas para beber. Enquanto isso a professora fala com uma que tirou sangue hoje e depois logo pergunta uma coisa da coreografia e chama as que fazem a parte na qual ela se referiu para passarem o que ela quer. Uma delas falou, “tia não entendi”, e ela fala para a menina fazer silêncio. Passou o movimento e elas tentam reproduzir, umas sentem dificuldades e fica observando, como é de dupla elas tentam e conversam, interagindo com a parceira. A professora faz a parte de cada uma da dupla, já que fazem movimentos diferentes, faz uma observação que elas acham engraçado, afirma que uma dupla é meio lenta, demora a entender. Uma dupla comenta, “tia conseguimos fazer”, e comemora, o restante da turma que não participa dessa parte, ficam encostadas na barra observando. A professora tem que repreender uma dupla porque estão conversando e se distraindo, as meninas consentem “tá bom, tia”. Em relação ao início da aula, estão bem mais descontraídas e expressivas.

A professora chama para passar a coreografia, uma delas pergunta, “de que parte?”, e ela responde que é da parte das duplas. Elas então passam tudo na contagem, contando apenas sem música. A contagem é rápida, e a maioria exclama ofegante, “é rápido tia!”, no final da coreografia ficam eufóricas por terem feito tudo. A professora chamou as que estavam paradas e falou o que elas iam fazer, uma delas falou para a amiga, “que cara de sono”, e a amiga sorri. Elas ficam treinando e fazendo o passo e fazendo bagunça, conversando, enquanto a professora passa os movimentos para a outra parte da turma. A professora vai explicar o movimento e fala a palavra, explode, uma delas acha engraçado e brinca, “vai explodir e ficar caída no chão”, diz e reproduz para a amiga. A professora as adverte pois havia chamado elas e por canta da brincadeira não ouviram.

A professora enquanto vai explicando o que é para fazer ou pensa na coreografia, vai falando algumas expressões que elas acham interessante e ficam imitando ela, como por exemplo, “essa parte tá pobre”, fala o nome dos passos no ritmo. Quando tem dúvidas elas também não hesitam em perguntar, possuem muita energia, não ficam paradas, sempre se movimentam mesmo que não estejam dançando, pulam, mexem as mãos, conversam, brincam. Tudo o que foi feito até agora da coreografia, foi sem música, só com a contagem da professora, passam todas as partes novas aprendidas hoje, uma reclama, “ai tia que confusão”, “jesus”.

Agora passam desde o começo até a parte nova com música. A coreografia é alegre e tem uma encenação e um jeito específico de movimentar, que elas gostam muito. É bem rápida fazendo com que ao final estejam ofegantes. Terminam de passar e elas perguntam, “de novo?”, a professora afirma que sim e elas comemoram. Bebem um pouco de água e já passam, tem uma que sorri o tempo todo quando dança. Depois de passarem são liberadas.

### **3º Dia de Observação (terça-feira/09:00)**

Chego na sala e me sento no cantinho para poder observar, as meninas nem se incomodam comigo. A aula inicia com o aquecimento coreografado, a professora coloca a música e elas começam a dançar, assim que iniciam ela precisa sair da sala e deixa dançando. Enquanto estavam sozinhas nenhuma parou de dançar, fez tudo certinho. Duas chegam atrasadas e entram na sala e vão para o aquecimento. Tem uma das alunas que não havia ido na aula desde o dia em que estive observando, ela foi minha aluna no ano passado, e por conta disso ela me olha de vez em quando e sorri para mim, retribuo o sorriso.

A professora chegou no final do aquecimento e já foi para o som trocar a música e pediu para se deitarem no chão, elas deitaram e já começaram a sequência já coreografada para outras aulas, todas sabem já que a executam tem um bom tempo. A professora ficou o tempo todo falando, ditando o exercício e corrigindo. A expressão das meninas é de concentração, esforço, dor e serenidade. A professora corrige a postura de uma, afirmando que ela estava tensa e pede para outra tirar a blusa que estava por cima do collant. Outra delas exclama, “Tia o sol tá batendo em mim”, “Ah não tia, de novo não”, ela nem se importa com as reclamações. Ao término dessa sequência ela pede para as meninas ficarem deitadas e já vai ditando os próximos movimentos já que esse não era coreografado. É um exercício de força e flexibilidade, todas fazem tudo, ao terminar relaxam e fazem expressão de alívio. Repetem tudo, em alguns momentos algumas seguram as pernas para realizarem um movimento para ajudar. Uma delas estava com mais dificuldade e não conseguiu ir até o final. A professora corrige e explica a importância de se cuidar do joelho e da coluna.

Viraram de costas e fizeram um exercício para a coluna, o mesmo da aula passada, uma não faz e a professora não fala nada já que ela não faz porque está arrumando o coque que está desmanchando. Uma reclama, “ah não!!”, no final dessa parte, viram de barriga para cima e começam a realizar abdominais, no final da primeira sequência ouço e vejo várias expressões de esforço e cansaço. Fazem essa parte dos abdominais duas vezes. No final a professora pede para ficarem de pé, elas se levantam com moleza e dificuldade, a professora sorri e pede para irem para o fundo da sala e fazerem uma sequência já coreografada. As meninas se posicionam rápido e dançam. Uma delas vai até a professora e reclama de dor de cabeça, ela afirma que é normal, por causa do calor, do esforço e da sinusite, ela concorda, mas vai para o lugar fazendo caretas. Uma delas vai ao banheiro.

Nesse momento a secretária da academia entra na sala para falar comigo a respeito de uma mensagem que a diretora que está viajando me mandou. Fico uns cinco minutos na sala conversando com ela. Durante esse momento a professora termina essa sequência e pede para elas irem beber água. Metade desce a outra fica na sala. A metade que fica na sala a professora pede para irem ao centro da sala e relembra a coreografia parte nova que ela passou aula passada, faz isso principalmente porque a que mencionei anteriormente ficou muito tempo sem ir a aula. Elas vão ao centro e executam o que lhes foi pedido, com expressão de suavidade e concentração, uma delas corrige a amiga, advertindo que ela está com um pé errado. A professora brinca que daqui a pouco vão fazer um show de axé, e elas sorriem achando engraçado. Uma diz que a perna estralou, a outra fica dançando livre enquanto a professora passa, uma delas tira dúvidas, passam todas juntas e a professora diz que não foi legal e a maioria fica tentando se justificar.

Depois disso inicia uma outra parte nova da coreografia, umas apresentam mais dificuldade do que as outras. Ela geralmente ensina, faz junto e depois pede para fazerem sozinhas. Uma delas vira para a amiga e diz que é muito rápido e acelera mais fazendo os movimentos descoordenados, e a outra concorda sorrindo. Repetem várias vezes. Enquanto a professora corrige uma, elas ficam fazendo brincadeiras, dançando a sequência nova do jeito que querem, duas tentam fazer a coreografia e uma as ajuda. A menina que está com dor de cabeça, faz as coisas com o corpo mole, não finaliza os movimentos, ela afirma para a professora, “tia estou passando mal”, ela fala tenta pelo menos, e ela então continua. Ela pede para passarem tudo de novo, e elas reclamam, mas, se levantam e dançam, até que uma delas pergunta que horas vão passar a coreografia inteira, e a professora diz que só quando essa parte estiver bonita. Elas fazem, mas percebo que hoje estão mais sem energia, cansadas, com calor. A com dor reclama de novo, e a professora diz para ela se concentrar e pensar que está tudo

bem, duas se aproveitam da situação e ficam sentadas fazendo corpo mole. A professora adverte dizendo que odeia ter que pedir para se levantarem e que se continuarem vai perder a paciência, e que se não fizerem direito vão repetir a mesma coisa até o final da aula.

Pede então para passarem desde o começo, elas festejam, “até que enfim”, “sem música tia?”, “sim”. Elas gostam de dançar tudo, uma acrescenta que faltou muitas meninas e a professora concorda. Ela vai contando e as meninas vão fazendo, umas com expressão de alegria, outras com corpo mole. Vai parando a coreografia e corrigindo movimentos e colocações. Enquanto a professora pausa para olhar no seu caderno elas brincam de criar movimentos diferentes e afirmam: “Ai que dor”, “esse caderno maravilhoso da tia”, “a tia tem tudo anotado aí”.

Continuam fazendo tudo sem música, o coque de uma delas se desfaz e a menina afirma que está sem prendedor de cabelo que vai ter que ficar sem coque, uma amiga diz “faz seu coque”, “tem grampo seu no chão”. A professora sem falar nada sobre o incidente e ainda comentando sobre a coreografia vai até a menina a prende seu cabelo. Após isso a professora pede para passarem com música e elas vão para os seus lugares. Ela muda de ideia e fala vamos sem música de novo, e todas elas reclamam, a professora fala calma, estou pensando é um momento importante e pede para passarem de uma colocação do meio para a frente. Vai corrigindo as partes que estão piores. Uma delas estava realizando o movimento errado e a professora me mostrou como ponto de referência, e elas sorriem para mim. Uma delas corrige a amiga para a tia, “tia ela está fazendo com a perna dobrada”, ela só olhou e não falou nada.

Pede para passar com música e se levantaram imediatamente para o lugar do começo. Depois de dançarem, uma delas fala, “tia eu misturei toda a sequência”, e ela afirma “eu sei”. Deixa elas beberem água, uma delas fica falando sem fôlego o que fez de errado. Uma conta história sobre o cachorro que morreu, a professora ouve e não diz nada. Coloca a música de novo e dançam tudo. A aula finaliza as 10:05.

#### **4º Dia de Observação** (terça-feira/09:00)

Entrei na sala as 09:00 e a professora estava esperando as meninas saírem da aula de circo, elas saíram e beberam água e já entraram na sala de dança. Eu conversei com a professora até elas entrarem, quando entraram ela contou quantas que faltaram, em torno de 3 alunas até o momento. Uma delas veio me perguntar qual cor eu preferia vermelho ou roxo, respondi roxo e ela não gostou, mas não me explicou o porquê, é uma brincadeira dela. A professora chamou e elas se posicionaram para fazer o aquecimento.

Fizeram o aquecimento coreografado, o mesmo de todas as aulas. Todas fizeram até mesmo as que vieram depois de um tempo, duas eu ainda não conhecia até o momento.

Terminado o aquecimento a professora chamou para passar a coreografia e elas gostaram e comemoraram. Se posicionaram e passaram sem música a última sequência da música, as três que a professora pensou que faltaram, acabaram de chegar. Passaram a sequência seguindo a professora e depois sem ela, uma delas tirou uma dúvida e mostrou o movimento e ganhou um sim e um elogio sobre sua ponta de pé, ela sorriu. Na pausa de uma parte para a outra da coreografia, três delas ficaram brincando saltando no lugar, uma perguntou sobre um passo. Quatro delas foram chamadas para se posicionarem na frente do espelho e foi pedido que elas executassem um movimento de acrobacia em dupla que exigia força e confiança. Quase todo restante ficou conversando, no momento, em que ela passava com as quatro, duas ficam quietas prestando atenção.

Foi pedido para as quatro tentarem fazer sozinhas o movimento, uma dupla conseguiu e a outra não, a professora não importou falou para continuar tentando e deu sequência para outra coisa. Enquanto ela estava ocupada com as quatro, uma delas, bem sapeca, ficou pulando o tempo todo, outra ficou treinando pirueta, algumas pedem para se sentar e é concedido, outras rolam no chão, conversam, duas quietas prestam atenção. Nesse momento uma chegou atrasada e veio apreensiva falar com a professora e ela diz que tudo bem.

A professora passa a parte nova para as meninas que estavam esperando, e as quatro da acrobacia ficam conversando e treinando a parte nova que acabaram de aprender. A menina mais eufórica que comentei anteriormente, fica fazendo “estripulias” o tempo todo. Tem uma dupla que fica fazendo carinho uma na outra, e tem duas que são bem caladas, praticamente não ouço a voz delas. A professora para toda a sequência nova só marcando. Deu uma pausa para que elas pudessem treinar, umas treinaram e ajudaram as amigas, outras conversaram, uma se deitou no chão e ficou fazendo graça. A professora não se importou com essas atitudes e chamou todas para juntar tudo, já que cada dupla e o grupo de quatro meninas iam fazer coisas diferentes, mas ao mesmo tempo. Ficam eufóricas depois de passarem tudo.

A professora chama todas novamente e dá andamento na coreografia, elas se acalmam e prestam atenção no que é dito, duas delas tem dificuldade em executar um passo, então a professora para tudo para ir ajuda-las, elas gostam e fazem tudo, gostam da atenção dada, enquanto isso o restante conversa, uma senta, outra pede para beber água, o que lhe é negado. Em todo o momento de pausa elas se expressam, cada uma a seu jeito. Brincando, dançando livre, fazendo movimentos que mais gostam, conversando, tocando a amiga e a elas mesmas.

A professora perde um pouco a paciência com elas, pois hoje estão bem brincalhonas e também não ficam no lugar da coreografia quando lhe é pedido, ela afirma que assim nunca vai conseguir arrumar os lugares se elas não pararem nos lugares que ela está pedindo. Todas

se calam e fazem o lhe foi mostrado e comunicado. Elas gostam muito de se sentar ou se deitar, a professora sempre tem que pedir para se levantarem.

A professora neste momento arruma as colocações e elas prestam atenção, mas não ficam paradas, balançam o corpo, coçam a mão, a cabeça, dentre outras. Testa a ida aos lugares depois de um movimento e vê que não está dando tempo de uma delas chegar, então concerta o passo anterior. Nos lugares passa a sequência final da coreografia, na qual está quase terminando. Todas fazem sem hesitar, elas sabem tudo, mas ainda não fazem juntas, por isso a professora pede para passarem várias vezes e vai corrigindo para que fique igual. Quanto mais elas erram, mais, ela pede para repetirem. Depois disso pede para passar tudo de novo sem música, elas reclamam porque querem beber água, mas, mesmo assim a professor pede para se organizarem e inicia contagem da coreografia. Vai pausando a contagem conforme os erros apareciam, uma delas diz “eu atrasei tia “, e faz uma expressão de “sem jeito”, “sem graça”, a professora diz, “muito né, olha aonde está o seu grupo”, uma delas diz algo e a professora fala, não quietinha e a menina faz careta. Quando alguma menina erra mais movimentos, a professora corrige de maneira individual, elas fazem expressão de “sem graça”, sorriem, mas fazem o que é corrigido. Ela troca uma menina de lugar, e esta não diz nada, mas faz uma expressão visível de desaprovação, balança a cabeça e faz sinal de negação, ninguém viu. Ela é uma das meninas que falta muito. Uma erra com frequência, e a professora exclama, “fulana de deus!”, e elas sorriem olhando para a amiga.

Elas fazem tudo, mas algumas demonstram estar mais cansadas, não lhe é dado muito tempo para respirarem. Elas sempre terminam a coreografia bem ofegantes e pedem para beber água, a professora deixa, mas pede para não demorarem, umas ficam na sala e outras descem. Vão bem rápido e assim que entram na sala já coloca a música para dançarem. A que faltou muito e que eu conheci só hoje, fica bem perdida com os lugares, tem uma delas que dança sempre sorrindo, a maioria que dança com expressão de esforço e perdas. A coreografia não ainda não está organizada para elas, ainda precisam decorar. Terminam de passar com música, a professora só diz algumas correções, elas finalizam sempre muito ofegantes, umas fazem expressão de esforço e cansaço, mas, mesmo assim se organizam para passar.

Solta a música e a professora vai ditando algumas coisas erradas que ela vê. As expressões são só de cansaço e ofegantes, a coreografia é bem rápida e cheias de altos baixos, os planos do espaço são bem trabalhados. Ao final de tudo elas estão “mortas”, uma pergunta quantos minutos tem a música, elas deitam e a professora pega o caderno e dá continuidade, passando coisas novas, pede para se levantarem e coça a passar. Uma fica se abanando por

causa do calor, quatro delas ficam em frente ao ventilador, uma pede para ligar o outro ventilador, enquanto isso a professora não dá atenção e continua organizando os lugares, uma alega que não estava com nenhum lugar fixo, e ela explica que ela ainda não estava fazendo aula naquela turma quando ela montou. Após cinco minutos ensinando coisas novas ela finaliza a aula, passou do horário.

#### **5º Dia de Observação** (quinta-feira/09:00)

As meninas vão saindo da aula de circo e vão entrando aos poucos na sala de dança. As que vão entrando primeiro, vão dançando livre e comemorando porque uma delas disse que elas vão dançar duas coreografias. A professora pede para se posicionarem na sala e que vão fazer o aquecimento de chão, uma reclama, “ah não tia”, a professora coloca então a música, como é coreografado, ela incentiva e corrige só quando é necessário. Elas fazem com expressão de seriedade.

Ao final pede para virarem de costas para o espelho e fazer a sequência do “plié”, uma reclama muito, “ah não!”, outra fala “por que a gente virou?”, outra diz para a amiga “pode chegar mais para lá!”. Ao realizarem umas apresentam mais dificuldades do que outras, duas fazem careta de esforço. A que conheci aula passada tem mais dificuldade e a professora a ajuda mais, e ela responde consentindo para o que lhe é proposto. Tem uma delas que é bem concentrada e as partes de ballet que são mais lentas ela faz expressão de leveza, sorriso e suavidade no semblante. Ao final da sequência, uma diz “Ah!!”. A professora então chama para fazerem a da pirueta, e outra mais uma vez fala, “ah não!”, este é um exercício de maior dificuldade, algumas se saem melhor do que as outras, mas todas não conseguem realizar corretamente a técnica do movimento. Pede para virarem de frente para o espelho e faz as correções necessárias, elas prestam atenção e tentam se corrigir, uma brinca ao fazer o movimento errado, pergunta, “não pode fazer assim?” e a professora responde que “não”. Vão para a diagonal fazer a sequência coreografada de saltos, ao realizarem ela elogia uma afirmando que ela melhorou muito na execução do movimento, a menina sorri e comemora satisfeita. A professora fica na diagonal falando o tempo todo, elogiando, incentivando e corrigindo, elas finalizam a sequência e voltam para fila para fazerem novamente, repetem umas três vezes para os dois lados, direito e esquerdo. Quando se deslocam de volta para fila, vão conversando e brincando, uma afirma estar com pé doendo, ela se senta e fala, “tia, espera só um pouco”, a professora nem se importa e chama elas para frente do espelho e faz as correções individualmente.

A professora comunica que vai passar o final da coreografia, e elas já se posicionam em seus devidos lugares e ficam conversando sobre os passos. Uma delas, a que estava com

dor no pé, é corrigida pela professora e depois vai até ela se justificar, por ter feito errado. Muitas coisas se repetem, em praticamente todas as aulas sempre são as mesmas que conversam, as que se sentam, as que ficam quietas e caladas. A hiperativa que comentei em outras aulas, continua, do mesmo jeito, e hoje particularmente está bem agitada, fazendo brincadeiras, falando coisas para a professora, dançando livre, toda vez enquanto tem pausa, durante as passagens da coreografia ela se comporta. Mas a professora em muitas vezes tem que pedir para ela ficar quieta e fazer silêncio.

A aula continua nas colocações da coreografia, a professora faz algumas mudanças de colocação, uma fica perguntando se agora ela é no lugar em que ela está. Uma das meninas durante esse período fica repetindo o que a professora fala, o que quase sempre é engraçado já que ela diz coisas divertidas sobre os passos. Ela fica um tempo bom arrumando os lugares, uma exclama “tia, mas que tanto de filas”, a tia diz “sim”. Pede para levantar a mão quem é fila um, dois e três, e elas se levantam brincando umas com as outras. Começa a passar uma sequência nova, o final da coreografia. Ela chama um movimento de gelatina e as meninas gostam do nome e ficam repetindo sorrindo. Passa outro movimento de flexibilidade que é desafiador, todas gostam e ficam treinando. A professora adverte uma delas “olha o pé, que vergonha”, as amigas riem dela e ela não se importa. Treinam os movimentos várias vezes.

A professora espirra, e uma diz, “saúde” e ela não diz nada. É bem rápida essa parte nova, duas comentam, “é bem rápido, mal deu tempo de eu abrir a abertura”. A professora responde, “essa é a intenção!”, elas se batem por estarem bem perto, mas ela não se importa, afirmando para ela mesma, “vai dar certo”. Uma pede para beber água e o pedido não é concedido. Elas ficam um tempo corrigindo os movimentos, mas como elas se batem na abertura, decide mudar algumas coisas na colocação. Ela faz poses no lugar agora, são para a pose final. As meninas dão palpite e gostam do que fazem. Cada dupla fazem um movimento diferente.

A professora tem mania de pensar fazendo barulho e elas brincam a imitando, ela não resiste e começa a rir. Vai testando os movimentos conformes elas fazem melhor. Uma imita de novo e ela sorri novamente. Uma pede para beber água, e ela deixa afirmando que é bom, pois enquanto isso vai pensando no que vai fazer. Decide mudar as poses que fez antes, de repente uma mostra um movimento de acrobacia que aprendeu no circo e a professora gosta muito e coloca na sua pose final, a menina adora. Esse momento é uma farra, a maioria interage com a professora e umas com as outras, elas sorriem, brincam, conversam. A maioria é bem flexível e as poses são praticamente todas de movimentos de flexibilidade da dança. Tem um passo que a professora não gosta e elas a ajudam a pensar em outra coisa, assim

começa um debate, umas pedindo que ela faça o que mostram outras perguntam o que a amiga sabe fazer, a professora não dá importância para a pequena bagunça e já modifica a pose conforme ela deseja.

Acontece um acidente uma bate a perna na outra, a professora afirma, “tadinha, hoje é o seu dia de apanhar”, uma acrescenta, “hoje é dia de gato preto”, a maioria sorri, a professora pergunta se está tudo bem, e ela diz que sim acenando com a cabeça. Ela então mostra como deveria ir para o lugar, e elas fazem “graça” imitando a professora, todas gostam e sorriem. Elas treinam como vão ficar paradas na pose até a luz do palco apagar, e elas ficam se desequilibrando, mas se divertem.

A professora deixa ir beberem água e depois pede para passarem tudo na música. A aula passa um pouco do horário, já que são 10:00. Passam desde o começo com música, com a professora contando o ritmo e os passos o tempo todo. Ela gosta se diverte em ensinar, ao final, uma fala “finalmente acabou”, ela as chama e as dispensa.

### **Turma 3 – academia de dança**

#### **1º Dia de Observação**

Dia da Semana: quarta-feira

Quantidade de Alunos: 07.

Idade: 11 a 17 anos.

Horário: 19:15 hs.

Turma só de meninas.

Entro na sala e converso com a professora e ela me explica o que vão fazer na aula hoje, pergunto a elas a idade das meninas, elas já estão próximas a professora, me respondem e brincam em relação a isso. Elas se posicionam para o aquecimento em frente ao estúdio à frente, quando ela passa um exercício que precisa colocar a mão no chão e mexer os quadris, uma delas olha para a amiga e sorri, apresenta também mais dificuldade na parte do alongamento, que exige mais flexibilidade. A professora fala para elas ficarem nessa posição porque vão fazer abertura na coreografia, elas fazem expressão de preocupação. Uma chega atrasada entra na sala e já se posiciona para se aquecer. Duas delas são mais sérias e concentradas, que sorriu antes fica várias vezes sorrindo sem motivo. Ela faz careta, sorri, conversa com a sua amiga que está ao seu lado. O som está muito alto e como estou perto dele não ouço tudo com clareza. Passa algum tempo e então ela se levanta e abaixa o som. As duas meninas que já comentei fazem tudo, mas sempre comentam algo uma com a outra, elas brincam e sorriem, principalmente na hora que apresentam mais dificuldades em realizar os movimentos de flexibilidade. A professora adverte essa menina um momento, chamando a atenção dela para a aula, que se perdeu um pouco com a conversa. Ela também corrige a outra

pedindo para ela dobrar mais a perna de trás, fala duas vezes, a menina alega que está dobrando e sorri para ela, a professora então fala que ainda está tranquila que nem mandou esticar o pé ainda que na hora que fizer elas tem de ficar espertas.

Finaliza o aquecimento e diz “vamos lá que temos muita coisa para fazer”, uma delas vem falar com ela sobre o ensaio extra que terá no sábado, afirma que vai chegar atrasada, mas vai, três delas ficam conversando, uma se alonga. A professora vai ao centro da sala e esboça as correções feitas por ela sobre a coreografia de final de ano, todas a seguem e prestam atenção, ela muda um passo, e uma reclama, “ah não era a parte que eu mais gostava”, a professora diz que mudou porque vocês não estavam fazendo bonito. Elas vão até a barra e pegam a saia que usam para ensaiar, já que a roupa da apresentação será uma saia longa também. Conversam com ela sobre o ensaio extra que terá, nesse momento uma das professoras entra na sala, ela fará o personagem principal do ballet e tem algumas intervenções com as turmas, as meninas nem se importam com sua presença, já estão acostumadas. Uma delas chama a professora de tia, e ela brinca que não tem sobrinho nenhum, que não tem nem filho ainda mais sobrinho daquele tamanho. As meninas sorriem. Coloca a música e as repreende porque conversam muito enquanto esperam para começar a dança.

A coreografia tem uma parte que tem encenação que elas dublam as vozes das personagens do filme e elas conversam de verdade nessa hora e não apenas dublam, então a professora pede para não conversarem. Fazem todas as encenações não ficam com vergonha, dançam com sorrisos nos rostos e interpretam a personagem e passagem do filme que elas representam. O filme é a Bela e a Fera e elas dançam o início, a parte da vila. Elas se perdem em um momento, mas continuam dançando, uma delas fala “agora ficou bonitinho né?”, a professora não fala nada. Ela retira a música e corrige as partes que fizeram errado e passa uma parte nova, o final que estava faltando. Elas prestam atenção e a ajudam a lembrar os lugares de quem faltou. As duas meninas que mencionei anteriormente sempre estão juntas e a que sorri, continua se expressando assim durante as variadas situações. Uma tem dúvida e pergunta a professora e ela responde. Olha o vídeo do filme para lembrar uma parte que quer passar para elas, uma das meninas alega que podiam ver também, e então a professora as convida e todas assistem. Assistem concentradas e trocam olhares umas com as outras, mas nada dizem, finalizam o vídeo e retornam para o meio da sala e então terminam a parte nova e a coreografia. Ela faz um salto mais complicado, e uma delas pergunta, “como que faz esse salto?”, a professora explica com mais tranquilidade. Coloca a música e fazem só essa parte na música. Uma exclama, “e agora!”, todas dançam. Elas esquecem, inclusive a professora,

mas continuam até o final, ainda não decoraram, ao terminar a música ficam eufóricas e comentando os erros umas com as outras. Duas continuam treinando e se esforçam para decorar, enquanto isso ela passa uma parte para uma delas. Tem uma parte da música que fala, “isso é bacon”, a professora fala que vai ajeitar na música depois, porque quer que elas façam um movimento específico exatamente nessa parte. Elas acham isso engraçado, e vão perto do som tentar escutar essa parte, mas não conseguem. Uma pergunta, “desde o começo?” ela diz sim, mas acaba corrigindo alguns movimentos sem música, uma levanta uma dúvida que é sanada. Coloca a música e passam mais uma vez, a professora só assiste e intervém quando necessário. Dançam sorrindo e encenando, gostam de fazer isso, é perceptível. No final ela fala que precisa decorar a parte nova, elas ficam eufóricas, uma pede para beber água, e deixa todas irem. Três não vão e permanecem na sala treinando a parte nova. A professora também vai beber água, e quando retorna comenta, “já não aguento mais ouvir essa música eu ouço sempre”.

A professora chama uma das coordenadoras do espetáculo para poder ver como que está a coreografia, coloca a música e elas dançam. Ela corrige com maior frequência agora durante a dança, fala para encenarem mais e dá exemplos a elas, estas brincam, encenam e se divertem dançando. Ao final ficam eufóricas e a coordenadora dá o seu parecer sobre o que apresentaram, afirma que elas precisam treinar mais na música, pois ainda não fazem todas juntas na contagem certa. Colocam uma outra música que também vão dançar, são três coreografias que vão dançar, passam agora a segunda, dançam certinho agora e se esforçam porque tem gente assistindo. No final a coordenadora bate palmas e fala as suas considerações, sobre as pontas dos pés, fala de dar as costas para o público na hora da encenação, dentre outras. Elas estão ofegantes por terem acabado de dançar e prestam atenção a tudo o que ela fala. A professora também dá a sua consideração, em um momento ela brinca com uma situação e todas sorriem, ela falou sobre a parte nova também, e uma das meninas se justifica alegando que passou hoje que ainda não decoraram. Dançam agora a terceira coreografia, a maioria sabe, só uma que fica meio perdida e sorri sem graça por estar errando, mas continua dançando. As expressões são suaves e alegres. Terminam a música e corrigem de novo as partes que não foram boas, a professora então as libera e pede para que ajudem a fechar as janelas, elas ajudam e vão embora.

## **2º Dia de Observação** (segunda-feira/19:15)

Chego na sala de aula com 10 minutos de atraso. Quando entrei as meninas haviam acabado de iniciar o aquecimento, estavam sentadas no chão e a monitora que estava ministrando a aula. A professora não estava presente. Silêncio de todas elas, até da monitora,

todas faziam o aquecimento, nesse momento, uma bocejou, duas conversam uma com a outra de vez em quando. Expressões de concentração por parte de todas, uma com expressão de preguiça, outra comenta sobre o músculo da perna estar alongando, duas tem mais dificuldade do que as outras e não ficam por muito tempo na posição. Todas se levantam e continuam o aquecimento. Ela dá exercícios de saltos e as meninas ficam se olhando no espelho e rindo delas mesmas, como o braço fica quando saltam. O aquecimento finaliza. A monitora chama as meninas para fazerem a coreografia que vão dançar no final do ano. Pegam a saia que vão dançar e se vestem, uma esquece e fala com a monitora e ela diz que tudo bem. Ela pede para uma das alunas mostrar como é que faz a parte nova, e avisa as outras que isso vai acontecer. A menina começa a demonstrar e pede atenção e as amigas começam a rir dela e fazer brincadeiras, a monitora as adverte por causa da conversa. Ela mostra, mas uma delas fica interferindo e tentando ajudar falando junto, devido a isso vira uma bagunça, pois todas começam a falar no mesmo momento, todas tentando lembrar o que teriam que fazer, cada uma dá um detalhe e informação diferentes. É preciso a monitora intervir e dizer que é apenas uma que vai mostrar. Não fazendo junto, mas uma delas está bem distraída, para de fazer e fica mexendo na unha, olhando para outro lado. A monitora aguarda o término da parte e pede então para dançarem com música, uma se aproxima dela e pede para ver um detalhe na música, e ela diz que não que vão depois durante a música.

Elas esperam a música começar, uma delas fala que todas tem que canalizar as energias na coreografia e conversam até começar, quando começa a música dançam a tudo desde o começo. Elas dançam certinho e encenam nas partes que precisam, seguem geralmente duas delas que sabem mais. Uma erra e exclama alto “oxe!” e sorri. Elas aparentam gostar e se divertir. Uma faltou na aula passada e fica bem perdida na ordem dos movimentos, faz caretas e sorri quando não lembra. A monitora retira a música e fala que foi para lembrar né, porque foi horrível. Elas mesmo se corrigem e relembram, a que sabe mais para as amigas e a monitora só olhou, e a menina mesmo fala que foi horrível. A monitora corrige o que ela viu de errado. E as meninas prestam atenção, uma com a mão na boca, a outra saltando e treinando o passo, uma olha para o chão. A que sabe mais falou que é só quatro passos para uma parte da encenação, porque outras turmas vão fazer com elas. A monitora fala vamos passar de novo, então uma pergunta “só o final?” e a monitora responde “não, desde o começo”, e acrescenta “cuidado com as encenações, porque tem hora que se perdem”. Vão para o canto da barra e aguardam a música. Passam novamente. A que faltou se perde em algumas partes, a amiga tem que ficar levando ela para algumas colocações.

Quando se perdem ou erram sempre dão um sorrisinho. Uma passa a mão no cabelo sempre para se arrumar. A música termina e a monitora faz as correções. Três prestam atenção e ficam fazendo junto, treinando. Duas ficam só olhando, outra bebe água. A monitora fala “vamos passar a segunda música”, então se posicionam e fazem. Essa parte está melhor. Ela é pequena e no final, elas ficam ofegante. A monitora corrige as partes que ela viu que está desigual, uma fala que teve gente que não fez a perna correta, e acrescentou o que a professora disse sobre os lugares. Nesta ficam mais sérias e quando fazem as encenações suavizam o semblante. A professora fala a “terceira música agora”. A outra fala “a do Gaston agora”. Uma fica saltitando no lugar e se posiciona, outra toca na colega para ela ir para o lugar. A música começa e elas dançam. Essa música é mais animada. Os semblantes mais suaves. Duas dançam copiando as outras.

A monitora alerta que não podem mexer no cabelo ou coçar enquanto dançam. Uma delas é bem quieta nem ouço a voz dela. Duas se perdem, e erram a contagem. Terminam a música, e uma então fala que ela tem que marcar ensaio extra com a outra turma que vão dançar com elas. A monitora diz que vai marcar e relembrar a parte que erraram, uma fala nunca lembro, mas também não passamos faz tempo. A professora corrige e passa tudo, uma se senta e a amiga adverte para ela se levantar. Então todos fazem os movimentos juntos com a professora e prestam atenção. Uma só olha, e a outra só marca. Ela pergunta “certo?” E nenhuma responde, e fala “o que mais?” E uma fala “essa parte”. Elas se corrigem sempre que alguma faz errado. Tiram dúvidas e acrescentam sobre os, passos e contagem. A que eu falei que é quieta fica só olhando e fazendo, não fala nada. Um momento apenas acrescentou o que se fazia, afirmando para elas não se corrigiram durante a coreografia, para continuarem e não mostram que errou. Todas concordam e sorriem, fazem piada e passam com a música de novo. Elas participam, conversam sobre o que é necessário e preciso, tentam melhorar. Só duas que demonstra preguiça na hora de dançar, parece que não faz o melhor, e erram de novo, esquecem a parte. A professora para a música e corrige, a menina fala “aham!” E a amiga brinca com ela e fala que está se irritando. Coloca a música de novo, então uma acrescenta, “cara de desenho como diz a professora!” A que está perdida, para de dançar as vezes para mexer na unha e no cabelo.

Acertam dessa vez. Uma fala “a gente faz agora, a gente faz agora”, e a outra a adverte, deixa elas fazerem do jeito delas. No final, elas estão um pouco eufórica e conversam, perguntam quando vão passar lá na sala de cima? Quando vão passar com o personagem da música? A monitora sai da sala e sobe. As meninas ficam sentadas e conversando. Uma fala que está cansada das mudanças e ficam falando de outras coisas

corriqueiras, duas saem para beber agua. A professora volta e a menina “qual vamos passar?” Ela nada diz. Então a outra menina pergunta, e ela responde “ele já está vindo”. A professora sai de novo e elas conversam, fazendo grupinhos e brincando com um menino pequeno que apareceu na porta da sala. O personagem então chega e entra na sala, a professora as chama e pede para não conversarem e coloca a música. Elas gostam de passar com o personagem. Uma fica sorrindo vergonhosa. Elas o acham bonito e fazem tudo. Ele as pega no colo e elas gostam. No final quando tira a música ficam eufóricas e a professora se despede delas as liberando e entrega a autorização que eu levei. Explico para que serve e que vou pegar na próxima aula. Elas se despedem de mim e da professora, e saem.

### **3º Dia de Observação** (quarta-feira/19:15)

Começou as 20:20 porque as meninas enrolaram para entrar na sala. A professora teve que ir busca-las. A professora buscou elas e chamou para começar o aquecimento. Seguiram a professora e iniciaram o aquecimento, a professora foi fazendo e elas copiando. Entrou uma menina nova na turma. Todas concentradas. Uma delas ficou fazendo careta na hora de um passo, a outra falou “olha a cara da fulana!” E riu dela. Essa mesma menina ficou cantando partes da música enquanto alonga. Umam mostram mais dificuldades do que as outras nas partes que exige mais flexibilidade. Desequilibram. Aa que começou hoje se desequilibrou e me olhou sem graça. A que gosta de sorrir fica sorrindo de vez em quando e as vezes conversa com a amiga do lado.

A professora vai corrigindo quando necessário. A menina que iniciou hoje fez tudo, é concentrada, e tem a feição tranquila, feliz, atenta. As duas ficam trocando comentários e sorrisos de tempo em tempo. A professora não fala nada. As professoras se levantam para forçar as meninas no alongamento, elas se soltam e começam a reclamar porque dói, a professora fala que se reclamarem vai ficar forçando mais tempo. Elas sentem dor e ficam sorrindo, umas falam, “Ahh!” A novata fala “nossa!” Ela chama a atenção de uma menina para largar de moleza e alongar. A secretária chega e chama uma menina para tirar medidas. A professora deixa e continua o alongamento. A professora fala desce devagar, uma fala “ish desci tudo!” Elas ficam exclamando o tempo “Ah!”, “Ai!”, “graças a Deus”. Quando o alongamento exige ficar na posição estática por muito tempo, elas não conseguem, se mexem de vez em quando. O aquecimento termina e a professora fala que vão passar a coreografia inteira para liberar a personagem (professora). E explica para a novata para assistir primeiro e que depois ela iria aprender, ela pergunta por que elas colocam saia longa, e ela explica. Outras meninas tiram dúvidas com a professora e ela responde. As meninas conversam perto da barra até a música começar, e a música começa, fazem silencio e iniciam a dança. Elas

fazem as encenações certinho, gostam disso. E dançam com o semblante suave e feliz. A que estava perdida aula passada, está melhor, mas de tempos em tempos olha as outras para copiar. A novata observa curiosa. A que errou sorri. A professora fala que vai limpar essa parte ainda e acrescenta “vamos passar a outra coreografia”, a menina, “qual delas?” A professora organiza os lugares de uma parte, explica que vai mudar. As meninas tiram as dúvidas, e a novata aprende a parte. Elas só passam, e a professora diz do começo, e elas vão. A novata assiste. A professora então chama elas para treinar uma parte que está terrível, se posicionam, e uma fala “amiga onde você está indo?” E a menina fala “acho que tá dormindo”.

A professora diz o nome do passo do ballet e o momento da coreografia, “pas de bourre de iniciante”. A novata segue para aprender. Elas seguem e vão tentando fazer. Umas com mais dificuldades. Me olham de vez em quando, repetem várias vezes. A professora as organiza de duas a duas, para cada uma passar sozinha essa parte e para ver se decoraram, se estão realmente sabendo. Elas então começam a treinar ficam treinando juntas, em duplas e conversando. A professora deixa realmente pouco tempo, e já chama elas. Tem uma que apresenta mais dificuldade e dança olhando para os pés. A professora diz que é para treinarem em casa que ela vai cobrar, e acrescentou para a que tem maior dificuldade, que ela vai conseguir, e então sorri.

Passa outra parte limpando, elas ajudam a professora a lembrar uma parte. Dão palpite e falam o que é, e a contagem, a professora conserta e elas dançam. Elas vão fazendo, tem duas que fazem mais, só que marcando com moleza. A professora diz que vai passar com a música do começo e põe a novata para aprender, copiar as outras. Elas se posicionam e esperam a música. A novata é mais nova que as meninas. Ela segue as meninas com entusiasmo e alegria, sorri enquanto copia com toda a concentração que consegue. Se esforça do seu jeito e se movimenta da sua maneira. A professora para no meio da música e diz que vai chamar o personagem para fazer essa hora. Desatam a conversar, a falar do personagem do filme e da roupa do filme. Uma treina pirueta e alongamento. A novata fica se movimentando livre. Uma fala quero fazer um salto, ela treina com a amiga e a novata as seguem. Elas vão bem extrovertidas nessa parte. A professora volta e diz que ele não poderá vir e então faz sua parte e coloca a música. Elas continuam dançando. No final da música, uma fala “eu tenho que treinar essa parte”. A professora afirma que a monitora vai dizer como foi. A monitora fala dos pés, joelhos e braços, elas só ouvem. A professora concorda e as corrige, aponta quem fez errado ou não. Uma se desculpa e diz que não chega a tempo, e a professora diz que tem de estudar e repetir muitas vezes.

A outra tenta justificar porque fez errado e mostra para a professora, e ela presta atenção. Uma pede para ir beber água. Todas bebem e voltam para a sala aos poucos e vão se sentando, conversando sobre a coreografia. Uma se senta na barra, a amiga fala “fulana!” E ela “o que foi? Sou preguiçosa a esse ponto!” Uma pergunta se não vão passar a terceira coreografia, fala duas vezes e a professora só responde a segunda vez. Ela fala vamos passar a segunda coreografia e elas demoram a se posicionar com preguiça, e a professora fala só mais uma vez e eu já libero vocês. Elas dançam e não fazem muito bem. A música termina e a professora diz de novo. As alunas acrescentam, “mas não era só uma vez?” E sorriem, fazendo graça. A professora fala “não, de novo, vocês fizeram feio, foi errado a perna”, e solta a música de novo. No final corrige uma parte e fala “ok?” E elas “ok!” Uma questiona, “pode ir?” A professora diz que vai liberar elas mais cedo só hoje. E dá recado que não terá ensaio esse sábado, e no próximo sim, que não podem faltar de maneira alguma.

#### **4º Dia de Observação** (segunda-feira/19:15)

Não teve aula.

#### **5º Dia de observação** (quarta-feira/19:15)

Uma menina faltou. O som deu um problema e a professora ficou uns cinco minutos tentando arrumar, as meninas ficaram conversando. Uma ficou se alongando. Ela consegue arrumar e as chama para aquecer. A novata continuou fazendo as aulas. Todas agora seguem a professora, concentradas. Duas conversam de vez em quando e sorri uma para outra, estão uma do lado da outra. A professora pede para ela ficar em posição e vai corrigindo elas, ela fica um tempo na novata, esta sorri e se esforça para fazer.

Força uma por uma numa posição de flexibilidade, elas esboçam esforços, soltam grunhidos. Uma se levanta e fica mexendo na pulseira. As duas que mencionei conversam uma vez ou outra. Termina o aquecimento e uma continua se alongando e as outras conversando. Passa um movimento na diagonal, para treinar para a coreografia. Ensina a que é novata porque ela nunca fez ele, as outras já fizeram. Enquanto faz isso, uma fica treinando, e as outras encostam na barra para conversar. A monitora não diz nada. Vai uma de cada vez. As que não vão fazer ficam encostadas na barra. Elas têm mania de se olhar no espelho quando fazem. Tem uma que apresenta mais dificuldade. A professora vai corrigindo o movimento, principalmente os pés. Quem já fez se dirige para a outra diagonal e fica treinando o lado esquerdo. Conversam e treinam e se alongam, não ficam quietas. A que falei que se alonga não para de treinar os passos de ballet. A novata tem dificuldade e a professora fica mais tempo com ela. Na esquerda fazem dois a dois. Uma que tem mais dificuldade

dança olhando para o chão e os pés da colega. A novata faz melhor, ela é esforçada e presta atenção em todas as correções.

Posicionam no lugar da coreografia. A diretora chega e abre a porta, conversa com a professora e pede licença para dar um recado para as meninas. As meninas se aproximam e prestam atenção e retiram algumas dúvidas. A respeitam.

Ficam resolvendo coisas da roupa, ficam uns cinco minutos. A professora deixa ir beber água. A menina esforçada bebe água e vem tirar dúvida com a professora e ela explica certinho. Trocam a frente da sala, antes dançavam de frente para o espelho, agora dançam de frente para a parede. Ficam confusas e com dúvidas, a professora passa só as colocações para não ficarem perdidas. Elas vão fazendo.

Para os erros elas justificam a troca de lado. Uma erra e a amiga a corrige e a que errou fala “calma gente” e sorri. Uma pisa no pé da amiga e pede desculpa, e ela só olha para ela. A professora brinca com uma menina e todos sorriem. Erram uma parte e uma fala ““Ah!” “É mesmo!”. A diretora chega de novo para dar o recado. A novata fica perdida, mas segue as demais, corre atrás, só não sei se ela vai apresentar ou não. Uma erra e a professora grita “Ah, não é esse passo agora”. Ela faz sorrindo e fala “Ah é verdade!” fica sem graça. Terminam e ela fala vamos tentar passar virado para cá, elas ficam preocupadas, e sorriem, uma delas (a que se alonga) dá instruções as colegas.

Uma pede para beber água e lhe concedido, duas delas vão também. Dançam com a música. Dançam direitinho, algumas erram nas pequenas partes. No final a professora fala “foi”, a outra acrescenta, “pelo menos foi”. A outra “isso inverteu o meu cérebro”, e fica eufórica. A professora pede para passarem a segunda coreografia. Elas estão ofegantes e falam do ventilador umas com as outras. Elas se posicionam e põe a música, mas não dá certo, e tira a música para treinar as posições, e acaba treinando os movimentos também. Prestam atenção, a professora fala “o charme é segurar e cair com o peso em cima de uma perna”, uma fala “é para cair literalmente né”, e faz expressão de desagrado, ninguém comenta.

Uma está suada e se olha no espelho e fala “gente olha aqui” e mostra a amiga. A professora chama, “vamos com a música”, e a que alonga fala, “vamos né!”. A professora retira a música e fala que o desempenho foi médio e as libera, elas se despedem e pegam os recados do ensaio de sábado.

## ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
Programa de Mestrado em Educação Física

## Carta de Autorização para Realização de Pesquisa

Ao Coordenador/Diretor instituição de ensino\_\_\_\_\_.

Eu Fernanda Machain Silva Tannús, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física – a nível de mestrado, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – MG/Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira, estou realizando a pesquisa intitulada **“CORPO QUE DANÇA, CORPOREIDADE QUE VIVE”**

Esta investigação tem por objetivo investigar se o corpo da criança que dança vivencia a corporeidade, comparando os ambientes formais e não-formais de ensino da dança na cidade de Uberaba-MG.

Para tal, solicito autorização para aplicar a técnica de análise do fenômeno situado nos alunos que atuam em sua instituição de ensino, durante as aulas de dança. A técnica contém três etapas e não haverá ônus nem para a instituição e nem as crianças e seus responsáveis sendo que os dados serão sigilosos e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Sem mais, agradeço a atenção e me coloco a disposição para esclarecimentos.

Atenciosamente.

Fernanda Machain Silva Tannús  
Aluno do Programa de Mestrado

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira  
Orientador

**ANEXO II**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
Programa de Mestrado em Educação Física

**Autorização para a Realização de Pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro estar  
ciente da pesquisa que será realizada sobre a concepção da dança e corporeidade nas ações  
educativas que estão presentes na formação profissional em Educação Física e autorizo a  
participação da instituição de ensino .....denominada como  
..... da cidade de Uberaba/MG.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura da direção

## ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
Rua Madre Maria José, 122, 2º andar, bairro Nossa Senhora da Abadia, Uberaba, MG. CEP  
38025-100

Telefone: (034) 3318 5776 — e-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo *Corpo que dança, corporeidade que vive*.

O objetivo deste estudo investigar se o corpo da criança que dança vivencia a corporeidade, comparando os ambientes formais e não-formais de ensino da dança na cidade de Uberaba-MG e caso você participe, será necessária autorização do acompanhamento do pesquisador durante as aulas de dança aplicada. Não será feito nenhum procedimento que a seu filho/a qualquer desconforto ou risco à sua vida, porém caso ele/ela não se sinta à vontade durante o período da coleta, sua participação no estudo poderá ser interrompida imediatamente. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento.

Pela participação de seu filho/a no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e de seu filho/a não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ele/ela será identificado com um número.

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que será submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a participação de meu filho/aa qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome e de meu filho/a não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro pela participação do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade

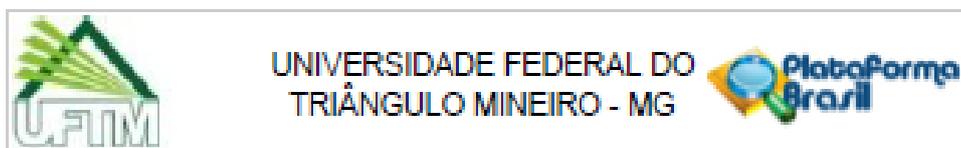
\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

**Telefone de contato dos pesquisadores):** [fernandamtannus@hotmail.com/](mailto:fernandamtannus@hotmail.com)  
**(34)991445572.**

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone 55-34- 3318-5776.

## ANEXO IV



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PROCEDIMENTOS EDUCACIONAIS EM ESPAÇOS CURRICULARES E EXTRACURRICULARES: AÇÕES E REAÇÕES

**Pesquisador:** Regina Maria Rovigati Simoes

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 50087115.6.0000.5154

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.343.988

## Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

"O processo educativo está relacionado a vários fatores que vão influir tanto nos sujeitos que o ministram, quanto naqueles que o recebem. Em relação aos professores como também os diferentes profissionais, é relevante destacar a experiência, o campo de atuação, as condições de trabalho, a motivação e em especial a formação inicial e continuada. As constantes mudanças ocorridas nos campos de atuação exigem que o processo formativo seja cada vez mais dinâmico, esteja atento aos avanços científicos e tecnológicos, seja aberto a novas metodologias e práticas educativas e, principalmente, reconheça as novas formas de reconstruir, continuamente, a formação no sentido de oferecer maior qualidade e compromisso com a busca da cidadania.

Tardif (2002, p. 190) afirma que o professor deve ser capaz de:

Analisar situações complexas referentes a várias formas de interpretação, de escolher, de maneira rápida e refletida estratégias adaptadas aos objetivos e as exigências éticas, de extrair, de um vasto repertório de saberes, técnicas e ferramentas, que mais são adequados e estruturá-los em forma de dispositivo, de adaptar rapidamente seus projetos por ocasião das interações formativas; enfim de analisar de maneira crítica suas ações e os resultados delas e, por meio dessa avaliação aprender ao longo de toda a sua carreira.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
 Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
 UF: MG Município: UBERABA  
 Telefone: (34)3316-5776 Fax: (34)3316-5776 E-mail: cep@ceapcg.ufmg.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.340.868

Não é uma tarefa simples mobilizar saberes que possibilitem a melhor formação, mas, as constantes transformações presentes nos documentos que regem as profissões, no processo formativo em geral, no ambiente escolar, entre outras, só serão percebidas se houver, concomitantemente, uma atitude positiva do professor e ou do profissional educador.

Neste processo, os saberes perpassam por várias esferas, como por exemplo, o entendimento de teoria e prática e a solução dos problemas na atuação profissional pelo futuro professor/profissional (BORGES; DEBBIENQ, 2005). Essas preocupações parecem ser adquiridas por percepções anteriores ao ingresso na universidade e permanecem durante e posteriormente à formação. Borges (2001) afirma que tanto na prática pedagógica, como no processo formativo, são construídos saberes que tem relação com as experiências de vida e da profissão. A mesma entende que estes saberes instituem um saber-fazer ou que (in)formam suas ações e, dessa forma, o professor e ou o profissional educador estabelece relações com o conhecimento sistematizado.

As diferentes áreas de conhecimento, em especial a Educação e Educação Física, perpassam por momentos conturbados quando se trata de formação profissional e, conseqüentemente, de atuação profissional. Neste contexto, é necessário analisar quais os rumos que tem sido tomados neste processo. Projetos políticos pedagógicos, propostas curriculares e planos de ensino foram alterados para se adequarem ao novo contexto imposto pela legislação brasileira.

Ao mesmo tempo, a população que recebe o processo educativo é diversa e hoje, no mundo globalizado e com a internacionalização tomando conta de alguns espaços, nos leva a refletir como estes sujeitos estão absorvendo o processo educativo.

A ideia proposta com esta pesquisa caminha no sentido de desvelar as conjecturas da formação profissional, assim como a atuação profissional, em especial na área da Educação e da Educação Física. Também se preocupa em conhecer as reações daqueles que recebem estes ensinamentos, com vista a ter um diagnóstico destas ações e contribuir para a formação de profissionais aptos a trabalhar em diversos campos de atuação, com capacidade para atender as demandas existentes da área e a população de uma forma geral."

#### PERGUNTAS DA PESQUISA

"1. As atuais normatizações e documentos oficiais têm possibilitado garantir qualidade no processo educativo de diferentes área de conhecimento? 2. As instituições formadoras estão propiciando uma formação que atenda aos anseios da sociedade em relação à Educação e à Educação Física e Esporte? 3. A formação profissional inicial e continuada tem conseguido de fato

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
UF: MG Município: UBERABA  
Telefone: (34)3316-5778 Fax: (34)3316-5778 E-mail: oep@oepqg.uftrm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.343.898

7. Identificar qual a concepção de corpo presente nos discursos e práticas educativas de docentes e discentes pertencentes aos espaços formais e informais de ensino e aprendizagem;
8. Identificar os fatores de adesão e permanência da escolha e prática profissional docente.
9. Buscar reconhecer os motivos que propiciam a realização de tarefas acadêmicas e práticas de exercícios físicos sistematizados por alunos na escola formal e em espaços não formais de vivências corporais, assim como os motivos de permanência e evasão.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo os pesquisadores:

"No que diz respeito aos benefícios, primeiramente, permitirá compreender como a Formação e a Atuação Profissional em Educação e em Educação Física e Esporte vem se configurando nos diversos campos de atuação deste profissional nos Estados supracitados no decorrer do projeto e conseqüentemente o fortalecimento da relação Universidade e outros setores da sociedade através do Programa de Mestrado em Educação e em Educação Física da UFTM.

Também avalia a comunidade que está recebendo este processo educativo em diferentes setores.

Destacamos ainda que com os resultados coletados, a partir do momento que o coordenador do projeto e os envolvidos tiverem os resultados em mãos, dependerá apenas deles tomar medidas que tragam benefícios para a comunidade dos projetos investigados."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de relevância temática. Trata-se de parecer referente a pendência anterior. Pesquisadores atenderam todas as recomendações do CEP-UFTM.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos de apresentação obrigatória adequados.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, após a aprovação do projeto pelo CEP Institucional, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil o início do mesmo, bem como efetivar os relatórios parciais (semestrais) e final.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122

Bairro: Nossa Sra. Abadia

CEP: 38.025-100

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3318-5775

Fax: (34)3318-5775

E-mail: cep@cepqg.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.340.686

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado em reunião de Colegiado do CEP-UFTM em 27/11/2015.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_595216.pdf	23/11/2015 00:41:37		Aceito
Outros	CEP_Educa_2015_Resposta_Diligencia.doc	23/11/2015 00:40:50	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Questionario_Educa.doc	14/10/2015 20:09:33	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Escola_Lau.doc	14/10/2015 20:08:49	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Hospital_Ara.doc	14/10/2015 20:08:22	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Escola_J.doc	14/10/2015 20:06:35	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Escola_F.doc	14/10/2015 20:03:57	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.doc	14/10/2015 20:01:51	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Educa.doc	04/10/2015 18:12:49	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investidor	CEP_Educa_2015_Final.doc	21/09/2015 13:37:57	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito

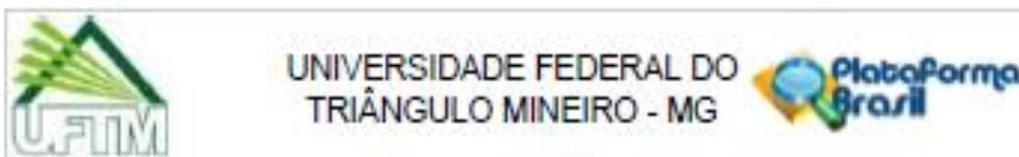
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
UF: MG Município: UBERÁBIA  
Telefone: (34)3315-5775 Fax: (34)3315-5775 E-mail: cep@pwwpg.uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.343.890

UBERABA, 30 de Novembro de 2015

---

Assinado por:  
**Marily Aparecida Spadotto Balarin**  
(Coordenador)

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
UF: MG Município: UBERABA  
Telefone: (34)3318-5776 Fax: (34)3318-5776 E-mail: cep@psecpq.ufm.edu.br